PEDRAZUL
EDITORA

SHURA



Nermin Bezmen

PEDRAZUL
EDITORA

SHURA

Nermin Bezmen

CARTA DA AUTORA
CAPÍTULO 1
ADEUS, SEYIT
CAPÍTULO 2
SAUDADES E LEMBRANÇAS
CAPÍTULO 3
UM AMOR SOLITÁRIO
CAPÍTULO 4
VALENTINE
CAPÍTULO 5
YKATERINA NICHOLAEVNA
CAPÍTULO 6
KURT SEYIT
CAPÍTULO 7
UMA AMIGA DO PASSADO
CAPÍTULO 8
ESTÁ NA HORA DE TERMINAR?
CAPÍTULO 9
UMA NOITE DE NEVE EM BEYOĞLU
CAPÍTULO 10
O QUE RESTOU
CAPÍTULO 11
TESTEMUNHAS SILENCIOSAS
CAPÍTULO 12
RUSSOS BRANCOS EM PARIS

CAPÍTULO 13
UM DIA NA IRFE
CAPÍTULO 14
RASPUTIN E MARIA RASPUTIN
CAPÍTULO 15
UMA NOITE NO LA DÔME CAFÉ
CAPÍTULO 16
UMA REUNIÃO FELIZ EM NICE
CAPÍTULO 17
UMA NOITE MISTERIOSA
CAPÍTULO 18
VANGUARDA PARISIENSE
CAPÍTULO 19
NOTÍCIAS DE GRIŞA SEMYONOVIÇ
CAPÍTULO 20
O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA RÚSSIA?
CAPÍTULO 21
O SALÃO DE GERTRUDE STEIN
CAPÍTULO 22
UM SONHO, UMA ORAÇÃO E UM REENCONTRO
CAPÍTULO 23
UM NOVO ANO EM PARIS
CAPÍTULO 24
A LUTA PELA VIDA EM LENINGRADO
CAPÍTULO 25

GRIŞA REAPARECE
CAPÍTULO 26
UM NOVO TEMPO, UM NOVO AMOR?
CAPÍTULO 27
DO PESADELO À FELICIDADE
CONCLUSÃO
FICHA CATALOGRÁFICA

CARTA DA AUTORA

Caros leitores:

Já faz muito tempo que vimos Shura em Istambul, na primavera de 1924, ocasião em que nos despedimos dela em *Kurt Seyit & Shura*. Sei que os fiz chorar quando lhes contei a vida de Kurt Seyit. Como chorei ao dizer adeus ao meu avô! Então sempre vocês me perguntavam: “O que aconteceu com Shura? Como ela viveu? Amou de novo? Comunicou-se com Seyit novamente? Será que o esqueceu? Apaixonou-se novamente? Voltou a Istambul?”

Aqui trago respostas a centenas de perguntas. Eu escrevia sobre a vida de Shura a partir das memórias de minha avó, mas sempre senti que faltava algo e, finalmente, as respostas chegaram quando conheci a irmã mais velha de Shura, a baronesa Valentine von Jurgenzburg, Valentine Taskina, a sua amada Tinochka. Eu, antes limitada ao que estava escrito em cartões postais, às memórias de minha avó, tinha me deparado com um extenso material. Não era tarde para nos encontrarmos. Mais uma vez, minhas noites se misturaram aos meus dias, meu humor voou para o céu e mergulhou na profundidade do oceano. A sensação de rir e chorar com Shura era intensa. Eu estava segura de minha escrita e muito animada.

Estou pronta para compartilhar com vocês agora a história de Shura, de sua primeira aparição na vida de Kurt Seyit, os anos em Paris, a sua partida para os Estados Unidos. Mas deve-se saber que este não é um documentário histórico. À luz dos fatos que descobri, tentei capturar a jornada da vida da minha heroína e sua aventura nessa vida. Desde 1990, quando comecei a escrever, sentia-me tão

profundamente ligada a Shura que as partes e palavras esquecidas por mim ela derramava na minha caneta. Era como se segurasse a minha mão ou sussurrasse em meus ouvidos.

Desde a infância, eu ouvia falar de Kurt Seyit e de quando conheceu Shura. A mulher magnífica em quem pensou durante toda a vida. Seus dias, suas emoções, suas tristezas, suas conversas. É possível conhecer seu espírito? É possível conhecer suas emoções?

O importante é que, toda vez que escrevo, digo o que ela pensa, em sua integridade e sinceridade. Shura, mesmo depois de sua vida com Seyit, quando escapou da Rússia com ele e com ele morou, continuou com a coragem que demonstrou o tempo todo. Afirmo essas palavras através de sua irmã Valentine. Não fiquei surpresa quando ouvi isso. Quando examino sua vida, sempre tenho a mesma convicção de sua forte postura.

Embora sempre aparentando suavidade, calma e emoções retraídas, Shura sempre foi determinada e desafiadora. Um capricho temporário de sua posição ou pura juventude. Mesmo nas condições mais difíceis, em lugar de facilitar sua vida, vejam, em sua história, o que fez para sentir seu poder e prová-lo.

Minha admiração por ela só aumentou. O mais necessário para amar e ser amada é a dignidade. Ela não aceitou nenhum relacionamento com o qual não podia lidar de coração e alma. Tampouco fiquei surpresa com isso.

Nas minhas pesquisas, na fase de escrita, coletei detalhes extremamente importantes com meu querido amigo Alexandre Vasilyev para a história dos russos na Europa e na América. No seu livro *Beauty In Exile*, escrito em Istambul, ele relata a saga dos seus

conterrâneos que se espalharam pela Europa e pela América. Mas, na época, não encontrei o nome de Shura (Alexandra Zhulianovna Verzhenskaya) em seus escritos. Então, a base do meu romance foi o que Valentine (Tina) Zhulianovna Verzhenskaya, baronesa Clodt von Jurgenzburg, me disse.

Segundo Valentine, Shura se tornou modelo de moda na marca IRFE, do príncipe Felix Yusupov e da princesa Irina Alexandrovna Yusupov, em Paris. Shura, então, esteve envolvida com pessoas ligadas à moda, com artistas e escritores que se tornaram seus amigos, como Ernest Hemingway, Ivan Bunin (Ivan (Vanya) Alekseyevich Bunin), Picasso, Matisse, George Balanchine, Igor Stravinsky, Pavel Tchelitchew, Gertrude Stein, Glenway Wescott, Nina Berberova, príncipe Felix Yusupov, princesa Irina Alexandrovna e muitos outros.

Por fim, saliento que este livro é um romance baseado em fatos históricos. Não somente uma história de vidas reais. Portanto, é completamente vívido, escrito e com base nos detalhes falados e em profundas pesquisas.

Acredito que escrevi uma boa história. Espero que gostem. Vejo vocês nas linhas a seguir e desejo uma leitura agradável. Estou enviando o meu amor.

Nermin

CAPÍTULO 1

ADEUS, SEYIT

Primavera de 1924, Istambul.

As primeiras luzes da manhã incidiam timidamente pela janela de cortinas de cetim, revelando um mosquiteiro que cobria a cama de latão, uma colcha que havia escorregado para o chão, um console de lareira, um espelho, um frasco de perfume, um conjunto de colares de pérolas e um casal nu. Tudo começou a adquirir aparência e cor com o nascer do sol.

Shura abriu os olhos e virou-se para olhar o homem deitado ao seu lado. Inconscientemente, suspirou sob o peso dos conflituosos pensamentos que massacravam seu cérebro. No final da noite anterior, sob a influência de alguma bebida entorpecente e uma extrema vontade de virar uma página de sua vida, ela estivera sorrindo.

Seu amante também acordou e a acariciou, beijando-a nos ombros e nos cabelos. Os dedos dele tocavam a parte de trás do pescoço dela suavemente. Shura, de costas, fingia que ainda dormia, pois temia se virar e revelar a cortina de nuvens em seus olhos.

Eles tinham se conhecido há seis ou sete meses e Alain se mostrara atencioso e apaixonado por ela. Na época vulnerável, Shura deixara-se levar e fazia de tudo para retribuir esse amor, a ponto de convencer a si mesma de que o amava. Ela forçava uma alegria e um calor que não possuía, pois por baixo dessa camada de boas sensações havia uma profunda tristeza, uma saudade e uma dor que não queria compartilhar com ninguém.

Toda a sua história com Seyit já estava começando a parecer um conto de fadas de um tempo longínquo, como um sonho doce e, por vezes, como um sonho amargo. Mas tudo seria enterrado em um canto de sua mente. Ela não queria falar ou ver ninguém que se associasse a Seyit, pois não podia viver daquela forma. Pois um passado inteiro fora manchado pelo casamento dele.

Mas como ignorar sua história? Era como parar de respirar. Como apagar os doces momentos? Tampouco era possível separá-los e ignorar os fatos ruins. Era uma necessidade. Era preciso manter o novo e trazer o outro o mais próximo possível de sua nova vida. O difícil era controlar a memória e estagnar a dor em seu peito, que parecia acordar a cada manhã.

O dono das mãos continuava a acariciar amorosamente os cabelos e o corpo dela, e uma dúvida cruel perpassava a mente do amante. Ele queria saber. A incerteza que estava enfrentando machucava-lhe o coração apaixonado. Com Shura, ele sempre dera passos cautelosos. Por outro lado, Shura pensava que não poderia cometer o mesmo erro mais uma vez. Ela não podia suportar aquela fadiga espiritual novamente. Shura, de repente, sentiu o abraço apertado de Alain, lembrando-se de que estava na hora de ele sair e ir embora. Ela se virou para ele. A voz sonolenta murmurou em francês:

— Bonjour, mon amour.

— Bom dia — respondeu Shura forçando um sorriso e segurando as mãos do homem, que estavam em sua cintura. Shura tentou ler o olhar dele, pois era como se Alain quisesse dizer alguma coisa. Depois que o jovem deu um beijo na palma da mão dela, ele começou a falar, de maneira pensativa:

— Shura...

— Sim?

— Você viria para a França comigo?

— Para a França? Por quê?

— Você está tão sozinha aqui... Não quero deixá-la.

Shura, que estava com o homem apenas para tentar curar sua solidão, teve um sobressalto. Aquele convite para a França, sem aviso prévio, tinha mexido com seus sentimentos. Ela respondeu com a voz mais determinada possível:

— Não estou sozinha. Valentine está aqui e eu tenho amigos.

— Shura, Valentine está casada e seu velho amigo também está casado, certo?

Ela o encarou com raiva por trazer o fantasma de Seyit para o meio deles, e pegou a mão do homem que envolvia sua cintura e a levantou, revelando uma aliança de casamento no fino e gracioso dedo anelar. Seu rosto era como o de uma criança, cuja ferida começava a doer novamente. Como ele ousava falar do casamento de Seyit? Que diferença os dois homens tinham nessa situação?

— E eu não vou ficar sozinha na França? Diga-me — murmurou com uma voz longe de ser uma queixa. Em seguida, esticou o braço direito sobre o travesseiro e o ajeitou sob a cabeça. Seus olhos vagaram para algum lugar entre as dobras da cortina. Era como se procurasse por alguém. Ela continuou, devagar: — Estive sozinha a vida inteira. Onde? Isso não é importante. Tomei essa decisão há muito tempo. Não se preocupe comigo.

— Mas não quero deixar você, Shura. Você sabe que eu a amo mais do que esse anel.

— Vamos, Alain. Pare de me machucar. Você não me deve nada. Tem esposa e filhos e voltará para eles. Seu caminho sempre irá para esse lado. Talvez nos encontremos de novo, quem sabe?

— Ainda o ama, não é?

— Não sei... Qual poderia ser o limite do amor... Tudo o que amo e deixei para trás, Kislovodsk[1], os pinheiros nevados, o ressoar do sino... Tudo isso está ligado a Seyit. Isso está além do amor. É como respirar, é uma necessidade, Alain, você entende isso? Seyit é como uma imagem viva do meu país para onde não poderei mais retornar. Mesmo que não o veja nunca mais, é o suficiente saber que ele caminhou por alguns lugares na minha Rússia.

Alain a puxou em sua direção. Sua doçura melancólica o comovia. Ele examinou os olhos dela com cuidado. Sim, ela estava dizendo a verdade.

— Olha, querida! — exclamou ele —, não estou dizendo para abandonar suas lembranças. Mas vamos tentar. Venha comigo. Venha em uma nova jornada. Acredite, entendo muito bem o que Seyit significa para você, mas quero que me dê uma chance, por favor.

Quando percebeu que a jovem estava segurando o dedo anelar persistentemente, ele continuou balançando a cabeça:

— Isso não significa nada, Shura. Estou com minha esposa há seis anos e quase nunca ficamos juntos. Quis me separar, mas fiquei preocupado com as fofocas interferindo na minha promoção, só isso.

— E agora? O que mudou?

— Tudo. Agora você está na minha vida e eu quero mantê-la na minha vida. Foda-se o casamento! — Alain tentou tirar a aliança do dedo.

— Deus, droga! — ele disse e Shura levou a mão aos lábios do homem e o beijou.

— Alain, por favor. A remoção desse anel não mudará nada. As emoções e memórias incorporadas em nossa alma não saem assim tão facilmente. Vamos apreciar este momento, o resto do nosso tempo juntos.

Alain ainda tentou convencer essa mulher de que ela deveria ir com ele, mas Shura estava irredutível. Ele, com uma expressão triste, inclinou-se sobre o rosto dela e beijou seus lábios. Sussurrou, olhando-a nos olhos:

— Tenho muito pouco tempo, Shura. Eu não poderia ter o suficiente de você novamente. Preciso ir.

Logo estava vestido com seu uniforme, carregando a bagagem até a porta. Abraçou Shura pela última vez:

— Minha querida — disse. — Espero por você em Paris. Eu a amo, Shura. Quando decidir ir, me avise. Montarei uma casa para nós e seremos felizes. Prometo a você.

— Também o amo, Alain. Mas essa... essa é uma sensação completamente diferente...

— Entendo. Mesmo assim, espero por você.

— Adeus, Alain — ela murmurou.

Alain deslizou silenciosamente pela porta e desceu as escadas. Virou-se várias vezes e olhou para Shura, em pé na porta, vestida em sua camisola transparente. Quando desceu um andar, acelerou os passos para compensar o atraso. Enquanto isso, nos

degraus, quase colidiu com um jovem que estava subindo. Os dois homens pararam por um momento e se entreolharam. Alain reconheceu Seyit. Finalmente conhecia o homem de quem Shura não conseguia se livrar. A aparência e a expressão facial de Seyit brilhavam nos olhos de um azul-escuro e sua atitude autoconfiante confrontou seu rival.

Seyit, pelo som da porta se fechando no andar de cima, a do apartamento de Shura, deduziu que esse homem de uniforme devia ter saído de lá. O que ele estava procurando lá? Valentine havia se casado e Shura estava sozinha, Seyit sabia disso. Um homem estranho saindo de manhã da casa de uma mulher sozinha, com sua mala nas mãos. Aquilo foi como um tiro em seu cérebro. Aquele maldito de uniforme tinha passado a noite com a mulher a quem ele pensava o tempo todo com remorso por ter se casado com outra e a deixado. Seu cérebro e coração estavam ardendo. Ele subiu o restante dos degraus como um louco. Quando chegou, estava sem fôlego. Não que ele estivesse cansado, mas sua ganância, seu ciúme, o estavam matando.

Shura foi para a janela para assistir à partida de Alain. Ela estava pensando enquanto brincava com as dobras da cortina. Ela o amava? E se fosse para Paris com ele? Era algo com que sempre sonhara. Paris, o principal centro de migração dos russos brancos. Na verdade, ele tinha razão, ela estava sozinha em Istambul. Mas ela sabia que isso não aconteceria. E Seyit? Ela também sabia que ele não iria embora. O toque persistente da campainha a tirou de seus pensamentos.

— Alain deve ter esquecido algo — murmurou. Correu na direção do corredor e, quando abriu a porta, permaneceu como que

congelada. Seu coração disparou. Ali, na sua frente, o único homem com quem poderia suportar todos os desafios.

— Seyit! — exclamou.

De repente, notou a faísca nos olhos do homem como chamas azuis. Shura imediatamente entendeu o que estava acontecendo. Os homens tinham se encontrado nas escadas. Seyit não lhe deu a oportunidade de dizer mais nada, empurrou a porta, entrou e depois a fechou com força. Então a agarrou pelos ombros e a balançou.

— O que são essas travessuras? Quem era aquele homem?

— Pare, Seyit! Está me machucando.

— Diga-me, quem é ele? Há quanto tempo estão juntos? Ele é o homem com quem você estava quando me deixou e desapareceu, certo? Naquela época, quando acabei por me casar... Quero dizer, você se lembra? Diga-me! Você estava com esse homem enquanto eu estava esperando por você, não é?

Ele não conseguiu se segurar e não deu a Shura a oportunidade de pensar, responder, e continuou falando:

— E agora? Agora que ele se foi você está comigo de novo? Ou alguém virá a seguir? Diga-me!

Lágrimas escorreram dos olhos de Shura. Ela não podia acreditar nas palavras que ouvira. O homem que ela sempre amou e a quem dedicou sua vida a chamava de vadia? Que direito tinha sobre ela, se ele mesmo havia se casado com outra? Mas as mãos de Seyit agarravam com força seu corpo delicado, enquanto ela tentava se libertar. Tentou falar:

— Seyit, ouça... ouça-me, por favor.

De repente, nas duas bochechas, ela sentiu a palma da mão de Seyit, uma atrás da outra. Seu rosto ficou marcado. A pele, os

olhos brilhavam; o cérebro zumbia; ela podia sentir o inchaço. Cambaleou, não se aguentou de pé, e caiu. Shura entrou em colapso onde estava. Seyit também estava aterrorizado com o que fizera. Abaixou-se, agarrou Shura e a trouxe para cima. Em desespero, tomou o rosto agredido da mulher que amava entre suas mãos e a puxou para ele, lamentando seu erro e muito envergonhado. O lábio da jovem estava sangrando, as faces tinham as impressões digitais dele e o rosto estava inchado. Ele se sentia enojado e enjoado pelo que havia feito. Shura mantinha-se calada, chorando e ofendida. Ele a abraçou com lágrimas nos olhos.

— Perdoe-me, perdoe-me, minha Shura, por favor, me perdoe. Acredite, não sei o que aconteceu comigo. Não consegui me segurar. Devo ter enlouquecido. Eu não deveria ter feito isso. Como pude levantar as mãos para você? Deus, o que está acontecendo comigo?

Shura podia sentir seu coração se despedaçando. Ela falou, levando uma mão à face e tentando dominar sua voz:

— Não há motivo para pedir perdão, Seyit. Você estava certo em seu palpite. Passei a noite com ele. E outras noites também.

Ela se desvencilhou dele lentamente e caminhou em direção ao banheiro. Seyit foi para o quarto atrás dela e viu a roupa de cama espalhada e as toalhas de banho jogadas sobre uma cadeira. O perfume do homem ainda pairava pelo quarto. Por que ele fora ali logo hoje? Por que escolhera aquela hora? Seria um jogo do destino para separá-los de vez, tornando-o tão selvagem? Devia ser a última partida daquele jogo, já que ele ofendera tanto a mulher que amava e até a tinha ferido fisicamente. Agora, tinha que tomar uma decisão sobre esse relacionamento.

Shura veio pressionando uma toalha encharcada no rosto machucado e sentou-se na borda da cama. Seyit continuava parado no meio do quarto, como que engessado, perdido em suas próprias reflexões. O quarto lhe lembrava o outro homem. Ele não suportava mais ficar ali e perguntou:

— Não podemos nos sentar no corredor e conversar?

A jovem, com a toalha cobrindo o rosto, não se moveu. Depois, respondeu com voz rouca:

— Você pode se sentar onde quiser.

Seyit estava prestes a sair do quarto, mas se voltou, puxou uma cadeira e inclinou-se para Shura.

— Shurochka... ouça-me... precisamos conversar.

Shura descobriu lentamente o rosto, mas não olhou para ele. Seus olhos estavam imersos no canto mais distante do quarto, como se quisesse fugir o mais longe possível do horror que experimentara. Ela falou com uma voz quase inaudível:

— O que resta falar, Seyit?

— Shura... minha Shura... por favor, me perdoe pelo que aconteceu. Sei que é difícil, mas pelo menos tente, por favor. Meu motivo ao vir aqui... — continuou olhando para ela com uma expressão pensativa. Então, murmurou: — Enfim... encontrei o cara na escada. Quem era ele? Há quanto tempo vocês estão juntos?

Shura respondeu como se quisesse dar os últimos cortes em seus ferimentos incuráveis:

— Alain... o capitão do navio de cruzeiro francês. Estamos juntos há seis meses, talvez sete.

— Ele a ama?

Shura, com espanto, olhou para ele.

— Tem certeza de que deseja saber a resposta?

Seyit disse a ela que não havia com o que se preocupar. Ele repetiu em tom amoroso:

— Sim. Diga-me, ele realmente ama você?

— Sim. Ele diz que me ama.

— E você o ama? — perguntou.

Shura começou a chorar.

— Seyit, eu amo você.

O jovem pegou as mãos dela entre as palmas das suas mãos, mas as soltou em seguida. Levou alguns minutos para falar. Sua tristeza era evidente e seu estado, miserável.

— Minha Shura, minha querida Shura, não há nada de bom comigo... Do quanto esse cara a ama, você pode ter certeza?

— Ele quer me levar para Paris.

Seyit se levantou da cadeira e sentou-se na cama ao lado dela.

— Quando ele vai? — O navio dele parte hoje à tarde.

Seyit levantou-se com uma decisão repentina e gentilmente a puxou.

— Venha, arrume suas coisas, Shura. Você também vai.

Shura insistiu em voltar a se sentar e soltou a mão da dele.

— Para onde vou? — perguntou, surpresa.

— Para Paris. Sim, vai para Paris. Você irá com aquele homem que a ama.

Shura começou a chorar.

— Não! Não pode me enviar a lugar nenhum.

— Você deveria querer isso para você, querida.

— Não! Se eu quisesse já teria ido.

Seyit, com sua dupla vida amorosa em Istambul e sua teimosia em permanecer com as duas, temia que Shura o colocasse em apuros. Ele bateu a mão na cama:

— Vai viver assim por toda a vida? Esperando por um homem que virá quando quiser? Você se admirará? E quando esse homem não vier mais? Estará sozinha. Quanto tempo pode levar sua vida assim, Shura? Dez, vinte anos... o que acontecerá depois que você envelhecer?

Shura se jogou na cama e chorou desesperadamente. Socando o travesseiro, com revolta, balançava a cabeça. Seyit se aproximou dela e a abraçou. Acariciou os cabelos dela. A última vez em que fizera isso, os cabelos estavam longos e espessos. Agora, estavam encurtados, modelados com cachos macios, e batiam nos ombros. Ele enfiou os dedos sob a massa espessa e os moveu entre seus fios macios e sedosos. Em Istambul, a sorte deles estaria tão perdida quanto seus dedos. Enquanto continuava acariciando a cabeça dela com ternura, falou:

— Shura, você é muito importante para mim. Mas muito tempo se passou e as coisas não são mais as mesmas de quando chegamos aqui, não é mesmo? Nós dois compartilhamos muitas coisas, mas você não é mais somente minha e nem eu sou apenas seu. O que aconteceu conosco, Shura? O que fizemos um ao outro? Quebramos tudo. Como nos separamos assim? Também não tenho as respostas para essas perguntas. Tudo o que sei é que quero a sua felicidade. Quero isso, Shura. Quero ver você estabelecer sua própria vida agora. Você se deve essa oportunidade, querida. Nós dois rompemos com o nosso passado e criamos uma nova vida. Estou perdido para você, Shura. Precisamos encarar a realidade.

Acredite em mim, querida, onde quer que esteja, você sempre será a minha metade. Até o meu último suspiro...

Shura não estava mais chorando. Virou-se lentamente para ele e a expressão de seu rosto mostrava sua miséria, mas ela estava aceitando seu destino.

Shura estava deitada de costas e Seyit, apaixonado, olhou-a com olhos indefesos. Ela estendeu os braços, segurou o homem a quem estava vinculada pelo amor verdadeiro e o puxou em sua direção. Ele também a abraçou com força, envolvendo o corpo delicado juntando-a ao seu. Como despedida, como se quisessem guardar a temperatura da pele um do outro para sempre, eles se agarravam. Choraram baixinho nos ombros um do outro e ficaram sem falar por muito tempo. Seyit sussurrou em seu rosto:

— Perdoe-me, querida.

A voz de Shura foi ouvida entre os soluços:

— Perdoe-me também, querido... vamos nos encontrar novamente?

— Por que não? Nós nos encontramos em Moscou sete anos atrás, não foi? O destino está preparando uma nova surpresa para nós, Shura.

Quando Seyit disse isso para confortá-la, percebeu que estava procurando consolo para si mesmo.

— Gostaria de estar em Moscou agora — disse Shura. Então suspirou e Seyit pensou na separação definitiva. Mas a ideia de perder sua namorada para sempre o mortificou. Quando seus olhos se encontraram, eles se abraçaram e começaram a se beijar como loucos. Um toque na pele que lembraria um ao outro por toda a vida. Com lágrimas silenciosas, fizeram amor pela última vez.

Seyit desvencilhou lentamente os braços do corpo de sua amante, saiu da cama e foi ao banheiro. Shura logo depois fez o mesmo. Ambos estavam em silêncio. Ela se lavou e escolheu um lindo vestido azul. Passou uma leve maquiagem no rosto para esconder o trauma e um batom pastel nos lábios. Seyit, sentado, observava-a. Assistia com admiração os movimentos da linda mulher. Ela pegou as malas e abriu as gavetas do guarda-roupa. Cada passo dela a aproximava mais da separação final. Shura colocou seus pertences nas malas, calçou os sapatos com tiras de seda coloridas e prendeu parcialmente os cabelos. O homem a observava com olhos amorosos. Ela fazia tudo com movimentos calmos, como se estivesse sonhando. Estaria Shura agindo friamente? Seyit levantou-se, e foi até ela, e falou, enquanto acariciava o rosto macio:

— Como azul combina com você, querida. Está agora exatamente como estava no inverno de 1916. Você é como uma garotinha, Shura.

Shura tentou sorrir e disse: — Lembra-se, Seyit? Daquela noite no jardim? O que você me mostrou e disse?

— Eu lembro, querida.

— Pode dizer o mesmo agora?

— Claro.

— Diga, então. Sei que não muda nada, mas quero ouvir.

Como na noite romântica de neve de 1916, Seyit a abraçou, deu-lhe um longo beijo e disse:

— Eu gostaria de me congelar quando estou neste estado com você. Então você estaria em meus braços e me beijando para sempre.

Shura começou a chorar novamente, mas se dominou. Enxugou as lágrimas com a mão, saiu dos braços de Seyit e pegou suas luvas e o casaco. Olhou para dentro de casa pela última vez e se encaminhou para a porta. Era uma pessoa diferente quando saiu. Não era a mesma mulher que chorara nas últimas duas horas, que derramara lágrimas por um amor perdido. Ela caminhou para sua nova vida com passos tristes, porém determinados.

O táxi parou em frente à casa da irmã. Shura desceu e foi se despedir dela. Dez minutos depois, voltou e logo estavam no ancoradouro. O navio partiria às duas horas. Seyit pegou as malas e a seguiu. Quando chegaram à rampa, ele segurou a mão de Shura com força, mas rapidamente dominou suas emoções e se controlou. Quando chegaram ao atendente na porta, Seyit disse que não era passageiro, mas que Shura era a esposa do capitão. Então, acompanhado por um marinheiro, teve permissão de acompanhar Shura até a cabine onde estava Alain.

Alain estava analisando um mapa quando bateram à porta da cabine.

— Entre — disse, sem levantar a cabeça da mesa. O marinheiro esticou a cabeça para dentro da cabine e disse:

— Capitão, sua esposa chegou, senhor.

— Minha esposa? — Alain, surpreso, perguntou novamente e retomou:

— Minha esposa?

Seus olhos se abriram com espanto. Algumas horas atrás, nas escadas do apartamento de Shura, ele havia esbarrado nesse jovem, que reconheceu como Seyit. Agora, o mesmo homem

entrava em sua cabine puxando Shura pela mão. Ele falava muito bem francês:

— Sim, sua esposa, capitão. Eu a estou enviando com você nessa condição, de se casar com ela. Vai prometer fazer isso?

Alain se sentiu um pouco constrangido, mas o importante era que estaria com Shura. Ele olhou para ela com alegria e olhos amorosos e, com gratidão, estendeu a mão para Seyit.

— Prometo, monsieur Eminof.

Seyit ficou surpreso ao ouvir o nome dele na boca do estranho. Então, virou-se para Shura com um olhar indagador, mas ela deu as costas para os homens e foi para a janela.

— Quero confiar em sua palavra — continuou Seyit —, porque quero que ela esqueça tudo o que sofreu e seja feliz. Ela é muito especial para mim.

Ali, naquele navio, um homem chamado Seyit fez o que não podia fazer, pois amava aquela mulher, mas a entregou a outro homem. Alain sabia que aqueles dois se amavam. Ele podia sentir que tinha laços completamente diferentes com Shura. Mas não hesitou em admitir para seu rival que também a amava.

— Eu a amo muito, monsieur. Mas acredite, não sei se ela aceitará a felicidade.

— Como assim? — perguntou Seyit.

— Não sei como a convenceu e a trouxe aqui. Apesar do meu convite e apelo, lamentavelmente não consegui convencê-la. Ela escolheu ficar com você — Alain deu um sorriso amargo. A garganta de Seyit deu um nó. Que grande notícia para ele. O que ele poderia oferecer para Shura agora? Seu coração estava sangrando. Com ternura, olhou para a mulher que amava. Shura, no entanto,

continuou a recusar-se a olhar para ele, seus olhos estavam longe dali.

Seyit, segurando firmemente a mão do capitão, continuou sem tirar os olhos de Shura:

— Esta é uma razão ainda maior para você fazê-la feliz.

Então ele foi até a janela e, segurando levemente os ombros de Shura, murmurou:

— Adeus, Shurochka.

A jovem respondeu sem se voltar: — Adeus, Seyit.

Ela não podia ver além da névoa acumulada em seus olhos. Queria ficar sozinha e chorar. Ela queria gritar e chorar até morrer.

Quando Seyit saiu no píer e olhou para trás, ele a chamou, mas não conseguiu mais ver o rosto dela. Estava arrasado, seu coração estava esmagado, quebrado, mas por outro lado sentia um pouco de paz interior. Teria ele se desconectado de seu passado agora? De suas memórias, de seu grande amor?

Após a partida de Seyit, Alain, com compaixão, foi até Shura e sussurrou no ouvido dela:

— Tudo vai ficar bem, querida. Vou fazê-la muito feliz.

Então chamou o mordomo e entregou os pertences de Shura. Ele agarrou a jovem e beijou sua bochecha: — Vamos querida, você está tão cansada — disse ele. — Acomode-se na sua cabine e descanse um pouco. Irei até você depois que terminar aqui.

Shura enxugou as lágrimas com as pontas dos dedos da mão direita e tentou sorrir. Ela tocou a face do homem com seus lábios e saiu atrás do mordomo. Quando entrou em sua cabine, ouviu os apitos do vapor. Estavam prestes a zarpar. Era como se ela tivesse sido banida. Olhou para fora e o navio estava saindo do porto. Abriu

a mala e deixou-a sobre a cama. De repente, sentiu a respiração diminuindo. Era como se fosse morrer. Pegou um xale cor de rosa, pois ventava muito, e saiu correndo da cabine, encontrou o caminho para o convés superior. A maioria dos passageiros já estava lá. Embora o tempo não estivesse frio, Shura sentiu um calafrio percorrendo seu corpo. Isolou-se em um canto e começou a assistir às águas verdes e azuis do Bósforo. Por um momento, pensou que estava mergulhando naquele mar. Então, estremeceu. Como lidaria com aquilo?

Shura, diligentemente, tirou os olhos das ondas e observou a praia. Lembrou-se da Crimeia, da noite de um dia quente e de lua. A vida, novamente, dava uma estranha reviravolta. Pela segunda vez, estava navegando com um homem para um novo país, com possibilidades assustadoras. Olhando Istambul que ficava para trás, foi inevitável não se lembrar de sua primeira chegada à cidade: a miséria, a ausência da família, os dias brutais que eles tinham passado. Apesar de tudo isso, nunca estivera tão infeliz quanto agora.

De repente, pensou ter visto Seyit acenando para ela. Então, de repente, uma névoa cobriu todo o lugar. Os pinheiros, as faias seculares, tudo se tornou branco. Ela viu Seyit galopando sobre um cavalo vindo em sua direção. Ela o viu vindo de uma colina de neve. Abriu os braços, esperando. Seyit se inclinou e a agarrou pela cintura e a levou dali. Shura abraçava com força seu amante. Eles estavam voando como em cavalos alados sobre a neve. Os sinos da igreja em Kislovodsk soavam. Longe ela ouviu o barulho da Troika, viu Valentine em algum lugar. Logo viu Seyit desaparecendo atrás

dos pinheiros. Shura deu de ombros. Mesmo em seus sonhos ele estava condenado à solidão. Ela estava chorando e repetindo:

— Adeus, Rússia; Adeus, Istambul... Adeus, Seyit... Meu único amor...

Enquanto isso, Seyit estava subindo a Banks Street e o peso de seus sentimentos estava prestes a detê-lo. Ele sentiu isso. O calor, o espírito e as memórias do seu corpo agora estavam indo para Paris. Sua pequena Shura estava indo embora. O que ele havia feito? Entrou em desespero. Sua ausência seria sentida por toda a vida; por toda a existência, ele lamentaria sua decisão; para sempre, sabia disso. Lembrou-se de quando tinha doze anos e foi deixado sozinho na academia militar em São Petersburgo. Estava sentindo algo parecido agora. E ele era um homem adulto, e estava tendo crises de solidão como um garotinho. Os apitos do navio foram ouvidos e ele murmurou para si mesmo: — Adeus, querida. Adeus, meu único amor.

CAPÍTULO 2

SAUDADES E LEMBRANÇAS

Dezembro de 1924, Paris.

A primeira neve de Paris caía pesada. Nas ruas laterais da cidade, nas ruas principais, nas janelas onde toldos elegantes protegiam as calçadas e cujas lâmpadas de ferro forjado iluminavam os vitrais, a neve cobria tudo, espalhando-se em direção às margens do rio Sena. Eram cinco horas da tarde, mas o crepúsculo há muito já caíra. As luzes nebulosas que vazavam através da brancura que cobria tudo dava ao cenário um quê de conto de fadas.

Um pássaro tardio parecia atordoado pela súbita mudança de ar, sobrevoando a cidade com batidas pesadas de asas e pousando em um telhado de uma antiga casa. De repente, mudou de rumo e pousou em um galho, debaixo do que restara de algumas folhas, e olhou para uma varanda. Ele parecia olhar para o antigo piso do magnífico apartamento que brilhava, resplandecendo aquela brancura.

Entre as cortinas de veludo dessa casa misteriosa, uma jovem loira aproximou-se da janela e colocou a palma da mão direita e a testa no vidro. Olhou para o lado de fora, tão escuro quanto seu coração. Seus pensamentos estavam distantes dali, nas mesmas nuvens que um dia sobrevoaram Kislovodsk, na Rússia. Será que a neve havia congelado a estrada, o lago? Pensou. Como estaria sua amada mãe? Há anos não a via e sequer recebera alguma notícia dela. Estaria ainda em Kislovodsk? E sua irmã Nina? Talvez elas tivessem sido arrastadas para diferentes partes da Rússia.

Como sentia falta delas... Shura chorava quando seus pensamentos se voltaram para Istambul, para sua amada Tinoçka, e para Seyit. O rosto de seu amante, de quem sentia falta com um amor e uma saudade que lhe queimavam o coração, passou diante de si tão nítido quando a neve que caía à sua frente. Ela murmurou para a neve, pedindo que os flocos acariciassem os rostos de seus amados e levassem um sussurro de seu amor a Seyit, que amava a neve, Shura lembrou-se, e um soluço seco saiu-lhe da garganta. De repente, como se os mesmos pensamentos perpassassem a mente de seus amados tão distantes dela, uma brisa chegou como um fogo ardente e envolveu seu corpo. Como se estivesse sem fôlego, Shura abriu a janela e respirou profundamente. Sentiu no rosto e no pescoço os flocos de neve, mas o frio não suprimiu o fogo que a consumia por dentro. O cheiro de que sentia falta, os sons, a saudade... Não havia nada de que não sentisse falta, nenhuma música, tudo lhe faltava. Ela sentiu que a saudade lhe apunhalava o coração.

Precisava voltar a Istambul, mesmo que somente em pensamentos, ou enlouqueceria. Shura viu-se dentro de uma carruagem passando pela ponte Gálata. A neve, como em Paris, caía, deixando as ruas de Istambul todas esbranquiçadas. Ela e um homem de lindos olhos azul-escuros estavam a caminho de Pera. Shura apoiou a cabeça nos ombros dele e não sentiu medo de nada. O quarto do hotel em Pera estava frio, mas a lareira de ladrilhos no canto estava acesa e emitia um calor reconfortante. Depois de um tempo, ela se aqueceu e abriu a cortina de tule. Descansou a testa na janela e seu hálito quente deixou rastros na vidraça. Olhou para baixo e viu um empregado do hotel limpando a

neve da entrada. Seus olhos vagavam por tudo: pelos becos; pelos edifícios; pelas mansões; pelos estreitos pisos de pedra que ainda apareciam nas estradas. De repente, alguém desceu de uma carruagem. Era um homem... Como tudo aquilo era estranho para ela! Uma memória irrepetível do passado congelou todo o seu corpo. Estava cercada pelo calor de suas grandes lembranças.

De volta a Paris, a frieza da sua pele, naquele momento, era como pedaços de gelo. Ela se sentia entorpecida pela dor. Uma voz dizia para voltar para casa. Mas qual casa? Rússia ou Istambul? Lágrimas precipitaram-se de seus olhos. Ela, que havia jurado não chorar mais. Chorar não ajudaria a cuidar de sua vida, mudar seu destino. Shura já tinha aprendido que seu desígnio não iria mudar, mesmo se gritasse e implorasse, pois já tinha feito as duas coisas.

Duas cadeiras de ferro forjado numa pequena varanda em frente, levou-a novamente para Kislovodsk, para uma parte remota do jardim de sua família. Seus sonhos foram substituídos novamente. Subitamente, estava de volta ao inverno de 1919 em Istambul olhando pela janela do hotel em Pera. De repente, sentiu uma corrente quente, dos dedos dos pés ao rosto. Era um coração que mergulhava na lasca de outro coração. Ela gemeu, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás. Braços compassivos e fortes abraçaram sua cintura, e mãos a puxaram para um peito, que envolveu todo o seu corpo em chamas. Ela estremeceu de prazer e de emoção. Memórias tão frescas a torturavam... Estavam tão longe agora! Mas os sonhos eram como um amante invisível que a mantinha viva.

Shura passou seus braços sobre os braços do homem. Ele lhe beijou os lábios e o pescoço com beijos apaixonados. Ela

estremeceu. Quando ele adicionou o som de que sentia tanta falta, ela foi capaz de ver seu mundo real. A sensação de formigamento do beijo no lóbulo da orelha, as palavras derramadas dos lábios do amante trouxeram o que acontecera em certa noite de inverno, ocasião em que Seyit dissera que a amava. Como naquela noite em Pera, ela tocou a própria face como se estivesse acariciando o rosto do homem a quem amava. Com rosto pálido, olhos fechados, murmurou:

— Eu também o amo, querido, também o amo... — disse ela, enquanto tentava derrotar as lágrimas que se acumulavam em seus olhos. — Seyit... Seyit... Onde você está, meu amor? Abraça-me... Seyit...

CAPÍTULO 3

UM AMOR SOLITÁRIO

Alain havia tirado o inquilino do apartamento do pai e o cedera a Shura. Quando estava em Paris, passava todo o tempo com ela. Ele estava quase retornando de uma viagem e eles passariam o Natal e Ano Novo juntos. Alain, com todo o amor e simpatia, fazia de tudo para tornar Shura feliz, para suscitar nela o esquecimento e a dor, mas chegara atrasado ao seu coração. Embora amasse aquela mulher, pouco sabia de sua história e pouco ouvira a respeito do passado de Shura, de suas esperanças e sonhos. Shura havia guardado suas recordações somente para ela e não queria dividir suas expectativas com outro que não fosse Seyit.

Alain a sobrecarregava de presentes, mas nada disso tinha qualquer valor para aquele coração torturado de Shura. Para ela, entre eles tudo era muito monótono. Ela não o amava. Gostava dele com um sentimento calmo, equilibrado, sem altos e baixos. Com Alain, não havia aventura a ser lembrada no futuro. Era um sentimento desprovido de tristeza e de entusiasmo. Alain sentia que ela não o amava como a Seyit, mas seguia sua vida como se houvesse um programa escrito. Por meses, não tiveram qualquer surpresa ou imprevisto. O homem do mar, na agitação de sua vida, via em Shura uma fuga pacífica após as tempestades da natureza.

Mas com o passar dos meses a apatia de Shura passou a incomodá-lo. Ele lhe dera um asilo, amor e proteção. Entretanto, apesar de todo o amor e preocupação havia algo com que ele não estava satisfeito em seu relacionamento. Seyit parecia viver entre eles e zombar dele. A convicção de que Shura pensava em Seyit enquanto estava com ele começaram a ser frequentes:

Quando nos beijamos e tiramos as nossas roupas pertencemos um ao outro? Ele se perguntava. Quanto a Shura, sua mente repousava num relacionamento calmo. Seu corpo e coração estavam estagnados. Ela não poderia estar satisfeita com aquilo. No entanto, neste novo país, longe de sua família, de seus entes queridos, à beira de uma nova luta, tinha de se sujeitar àquela vida. Não era hora de se preocupar com as deficiências de ontem. De alguma forma, ela estaria sempre sozinha.

Alain ainda não cumprira a promessa feita em Istambul. Não havia conseguido se divorciar de sua esposa, que tinha desistido do divórcio ao saber de Shura. Por um tempo, ele tentou resolver a questão da separação com advogados caros, pois havia prometido a Shura. Alain acreditava que em breve estaria livre para se casar com ela.

Shura lidava com todos os tipos de problemas causados pela esposa de Alain e, ainda assim, relevava. Buscava forças dentro de si baseada no seguinte preceito: ame a si mesma e não tente mudar o equilíbrio da vida do homem que cuida de você. Ela também não queria forçá-lo a tomar uma decisão. Orgulho não a levaria a lugar nenhum. Ela, obviamente, mantinha uma esperança secreta de que o divórcio de Alain saísse e almejava o dia em que ele traria um anel para ela. Por outro lado, um sussurro vindo de um canto do seu coração dizia para que ela não aceitasse tal anel.

Ela pegou uma grande taça, colocou dois cubos de gelo, preencheu-a com vodca russa até a borda e adicionou limão. Ouvindo os concertos de piano número 2 de Rachmaninoff[2] no Gramofone,[3] acendeu um cigarro. Nesses últimos oitos anos, Shura havia mudado seu estilo de vida. Ela sorriu. Se sua querida mãe a

visse agora ficaria surpresa. Seus antigos cabelos longos, arrumados em duas tranças compridas, estavam agora cortados na última moda de Paris. O mesmo país havia colocado uma tonelada de esmalte em suas unhas e batom vermelho nos seus lábios. O tecido de seda que cobria seu corpo era cheio de lantejoulas; com seu cigarro entre os dedos, a Shura de Paris estava muito distante e diferente da Shura da Rússia de 1917. Ykaterina Nicholaevna provavelmente cairia de costas se visse a filha assim.

Sentada no sofá em frente à varanda, Shura riu ao pensar em como sua mãe ralharia com ela, mas o riso morreu nos lábios ao lembrar-se do pai: elas o tinham perdido para o câncer ainda no começo dos conflitos na Rússia. Suspirou e percebeu o quanto se sentia sozinha. Mesmo cercada por pessoas, ainda se sentia solitária.

Tragou o cigarro e a fumaça que se formou rodopiou até o teto da varanda de vidro. Os assentos de ferro forjado, todos brancos, pareciam acenar para ela. Na sua solidão, ela acenou de volta. A neve continuava a cobrir Paris em seu ritmo máximo. Shura, por um momento, parecia assistir a seu destino passar diante dela e rodopiar como aquela névoa levada pelo vento. Um frio vindo das profundezas a fez estremecer. Era a solidão de uma alma em desespero. Durante anos, apenas com Seyit ela compartilhara seus segredos, agora não tinha ninguém com quem pudesse compartilhar suas derrotas ou sucessos. E estava longe dele. Seus pensamentos novamente voaram para Istambul e lá ficaram por horas. A campainha melódica da porta a trouxe de volta ao mundo real. Ela se levantou com um tremor, como se acordasse de um sonho profundo, deu um último gole, deixou o copo na bandeja e caminhou

até a porta. Sabia que era Alain. Embora tivesse sua chave, sempre tocava a campainha e esperava que ela a abrisse. Ela como se pedisse permissão para entrar no mundo misterioso de Shura.

A jovem olhou pelo olho mágico e viu o rosto que estava esperando. Alain, em seu uniforme de capitão, com sua boa aparência habitual, a esperava com um sorriso que combinava muito bem com ele. Quando ela abriu a porta, a expressão de amor apaixonado estava estampada no enorme buquê de orquídeas brancas que ele trazia na mão. Abraçou-a com saudade e beijou a jovem e bela mulher. Shura retribuiu o beijo e os sonhos que a vodca tinha trazido quase se tornaram realidade. Jogou os braços em volta do pescoço do homem e, ligeiramente embriagada, sorriu lentamente e jogou a cabeça para trás. Ele a trouxe bem próximo a seu corpo e murmurou em seu ouvido:

— Não vai me deixar entrar?

Shura de repente recuou e, rindo como uma criança, retirou as flores das mãos de Alain e as cheirou. Alain entrou, tirou o chapéu e deu-lhe um beijo rápido na bochecha.

Enquanto ele falava, ela disse:

— As flores são lindas, muito obrigada. Vou colocá-las num vaso imediatamente.

— Procurei íris azuis para você, mas acho que não é a época delas — disse ele, sorrindo.

— As orquídeas são lindas, obrigada — ouviu-se a voz de Shura, que foi à cozinha e já voltava com um vaso e as flores. Ela o colocou sobre a mesa de café.

— Verdade. Estas também são lindas, querido.

— Mas você gosta mais de íris.

Alain tirou o casaco e o colocou no encosto de uma cadeira. Ele estava feliz, pois tinha vindo para os braços de sua amante. Segurou a cintura da jovem e seus lábios acariciaram-lhe a nuca e os cabelos. Ele murmurou:

— Sempre quero poder lhe dar as coisas que você mais ama.

Shura carinhosamente acariciou a face do homem.

— Nenhum de nós dá constantemente suas coisas favoritas a ninguém. Mesmo que eu fosse você... mesmo que eu fosse... — um tom de tristeza permeava sua voz e imediatamente ela pegou o vaso com uma voz alegre e se virou:

— Mas posso dar a você uma bebida que você ama.

Alain a puxou pelos ombros e beijou-lhe a testa.

— Aceito sua bebida, por enquanto.

— Não vai ser difícil — Shura riu, indo em direção ao corredor com passos graciosos que deixavam marcas no tapete, embora seus pés fossem delicados. Seu corpo, também delicado, requebrava ligeiramente. Alain não pôde deixar de assistir a seu passeio com prazer. Mas enquanto ele admirava a graça daquela jovem mulher com um prazer irreprimível, percebeu que ela estava experimentando a dor. Shura, embora o tivesse recebido com calor e beleza, estava triste. Ela possuía sentimentos frágeis e voláteis e era transparente.

Shura foi até o console de bebidas e derramou o líquido em seus copos e depois colocou o gelo. Alain a observava. Sabia muito bem que o sonho de Shura era outro. Ele era um convidado, estava de passagem em sua vida e deveria aceitar aquilo e ficar pelo tempo que ela quisesse. Era um tipo de relacionamento que jamais tivera com nenhuma outra mulher. Essa situação, diferente da sensação

que ele conhecia o estava machucando. Amar tanto e ser tão solitário! Shura estava presente, podia senti-la com suas mãos, mas não compartilhava seu mundo com ele, tampouco seu coração. Ela lhe dava o seu corpo, mas o que era um corpo quando se sente necessidade de ter a alma?

Alain se sentia cada vez mais solitário. Em contrapartida, seu desejo estava ficando cada vez maior. Ele estava desesperadamente cativo. A silenciosa rejeição dela parecia ser um ímã para ele. O que ele queria provar? Que poderia fazê-la amá-lo mais do que aquele turco? Não queria nem pensar naquele nome.

Shura levou os copos e sorriu para ele. Alain deu de ombros, deixando os tumultuosos pensamentos de lado. Estendeu uma mão e pegou o cálice estendido pela linda e graciosa mão, enquanto acariciava a bochecha de Shura com a outra.

— Meu Deus! Como você é linda! Como senti sua falta...

A jovem não disse nada, apenas deu um fraco sorriso. Alain a abraçou. Shura levantou o rosto para o homem, retribuiu o abraço, e disse:

— Bem-vindo, querido.

Alain deixou aquele tipo de preocupação, que nunca havia conhecido antes, e entregou-se ao prazer daquele abraço. Pelo menos tinha momentos como aquele e não queria desperdiçar sua quota de felicidade. Seus lábios cobriram os lábios de Shura.

Shura aninhou-se nos braços de Alain como costumava fazer com Seyit, quando procurava conforto para seu corpo e sua alma. Ela murmurou o nome de Seyit baixinho e uma nebulosidade apareceu de repente nos olhos do homem. Shura realmente havia chamado o nome do outro ou ele teria imaginado? Teria escapado

em espírito? Alain parou de acariciá-la por um momento e olhou ansiosamente nos olhou da jovem. Shura disse a ele:

— Eu não queria....

Lágrimas escorreram pelo rosto dela e, apesar da decepção e do desejo, Alain sentiu pena da jovem. Eles não tinham um passado, ela tampouco tinha entusiasmo para construir um futuro com ele. Uma perseguição doce e convidativa trazia as lembranças de Seyit para suas mentes, sobretudo para a de Shura. Ela jamais o esqueceria. *Maldição!* Pensou Alain.

— Eu havia bebido bastante quando você chegou, pensei que estava em Istambul, na Rússia; perdoe-me, Alain.

Com um sorriso, ela cruzou os braços em volta do pescoço dele, encolhendo-se feito um animal que temia sofrer uma represália do novo dono.

E Alain sobrepujou a rejeição e as lembranças, o que machucou ainda mais seu coração.

Algum tempo depois de terem se deitado, Shura escutou um som que vinha do gramofone. Abriu os olhos. O som crepitante continuava, como se tivesse um poder nobre sobre ela, que não sabia se estava dormindo ou acordada. Há quanto tempo estaria ali? Levantou a cabeça e a única luz do quarto vinha da sala, iluminando-o parcialmente. Alain dormia um sono profundo ao seu lado. Ela apoiou os braços e se levantou lentamente. Deslizou em silêncio para fora da cama, sentindo um leve tremor enquanto caminhava em direção ao guarda-roupa na ponta dos pés. Passou os braços em volta do corpo quando viu sua imagem refletida em um espelho. Seu corpo delicado estava ainda mais magro. Abriu a porta do guarda-roupas e, como se quisesse escapar do espelho,

tirou rapidamente o roupão de um dos cabides. O tecido de seda escapou da escuridão do armário e, com vários movimentos delicados de mãos, envolveu o corpo de Shura. A jovem foi até a sala e levantou a agulha crepitante do gramofone.

Então, por alguns segundos, apenas o silencio reinou. Logo depois, um piado de pássaro cortou o silêncio como um choro. *O que quer fazer?* Shura se perguntou. Talvez ela pudesse dormir se voltasse para a cama novamente. Mas queria ficar acordada. Queria sonhar acordada, mas Shura estava cansada de seus sonhos. Tinha que criar sonhos novos, sabia disso, e necessitava disso intensamente, mas como? Tudo o que vinha à sua mente era a vida que abandonara. Tudo o que fazia era lembrar-se de seu passado e experimentá-lo novamente em pensamentos, dolorosos pensamentos. Ela não suportava mais mexer naquelas feridas. Sempre que colocava a cabeça no travesseiro, as imagens vinham e ela jamais adormecia em paz, não era possível.

Sua vida pregressa era como um óleo que não se ajustava à máquina de sua nova vida. Pensamentos doloridos passavam por sua mente. Ela caminhou e parou em frente à porta da varanda, cruzou os braços e levantou a cabeça em direção ao céu, olhando a precipitação dos flocos de neve. De repente, estava claro para ela com aquela neve, aqueles flocos no chão jogados pelo vento, os que se acumulavam nos telhados e nas árvores, os que se acumulavam às margens do rio Sena, quem ela aquele pássaro... Era ela, tão perdida quanto ele, tão congelada por dentro, tão fria, tão... Ela fora dispersada e espalhada pelo vento.

De repente, foi em direção ao sofá, mas ainda observando a varanda. Sentou-se à procura do delicado pássaro, mas ele tinha se

integrado à noite. Shura percebeu que os vasos, as luminárias e as cadeiras na varanda estavam cobertos pela neve, que a neve, embora os moldasse, não suas formas. Eles eram como almas, e essas almas podiam pertencer a qualquer lugar: Grosny, Novorossisk, Kislovodsk, Novoçerkask, São Petersburgo, Mosbalde, Riazan, Narzan, Alushta, Sinop, Istambul... Todas essas cidades estavam agora naquela pequena varanda. Em um momento, a mente e o coração de Shura tiveram uma certeza. O pássaro piou e voou. Foi tão breve como a jornada da memória, pois não havia nenhum lugar para pousar tempo suficiente... como na vida real. Isso estava acontecendo. Ela não podia se apegar a nenhum deles. Como se as aves migratórias de todas essas cidades voassem para longe e todo mundo não pudesse mais se encontrar a partir de agora. O pássaro levou todas as lembranças com ele. Deixou um calor doloroso em sua dor. Lágrimas escorriam pelos olhos de Shura. Paris estava doendo.

CAPÍTULO 4

VALENTINE

Na mesma noite escura de inverno em Pera, Istambul, o som crepitante era ouvido da Mesquita de Ağa. Valentine ainda não havia dormido quando o som começou a se espalhar. Sentada numa poltrona na sala, iluminada pela tênue luz da pequena lâmpada noturna no corredor, Tina moveu-se inquieta e fechou a caixa de couro que trazia ao colo. Por um instante, contraiu as sobrancelhas e prestou atenção ao som. Pensou que a música vinha do quarto, mas, ao prestar mais atenção, nenhuma ação foi ouvida no tranquilo aposento. Ainda assim, ela não estava confortável. Colocou a caixa sobre a mesa de café e lentamente se levantou. O fogo da lareira na parede oposta já estava extinto. Com frio, endireitou o xale ao redor do corpo.

Caminhou em direção ao quarto com os pés descalços sobre os azulejos frios e estremeceu. Abriu a porta e perscrutou o interior onde o marido estava deitado. Valentine não queria acordar Alexander Alexandrovich e voltou para a sala a passos silenciosos.

O homem, momentos antes, tinha passado a mão sobre a cama à procura de Valentine, murmurando que o lugar estava vazio. Obviamente, o chamado para a oração e a ausência da esposa estavam ligados, foi o que concluiu, voltando a dormir.

A jovem mulher sentou-se, recostou-se no banco e pegou a caixa que havia deixado há pouco. Era uma caixa antiga e Valentine a segurou com um toque delicado, como se o objeto possuísse pele e fosse uma criatura que pudesse ser ferida. Abriu-a e um cheiro se espalhou pela sala. Valentine fechou os olhos e absorveu o odor suave. Era a fragrância de um perfume masculino. Passou os dedos

da mão direita pelo amontoado de envelopes profundamente atados por uma fita. Engoliu em seco, uma vez que sua garganta ameaçava se fechar por uma forte emoção. Começou a abrir os envelopes. Quem sabe quantas vezes até agora já fizera aquilo? Ela sabia tudo o que continha ali de cor. Mas há quatro anos não as lia. Estava empolgada com a sua releitura, como se tivessem acabado de chegar. Com um telegrama nas mãos, Valentine voou rapidamente do seu tempo real para Kislovodsk, para outubro de 1919.

As duas frases no papel telegráfico continham, em seu idioma, a promessa de uma grande paixão, como uma declaração de amor a Valentine. Quando o telegrama foi enviado, ela conhecia o homem que o enviara e sabia por que ele fizera aquilo, sob que condições aquele telegrama fora escrito.

Konstantin o enviara a Kislovodsk em 1 de outubro de 1919 para Valentine Zhulianovna Verzhenskaya, com a mensagem: *“Estou a caminho até o dia 5 do mês. Aqui está tudo bem”.*

As palavras que Konstantin escrevera anos atrás fizeram o coração de Valentine saltar no peito. Foi o suficiente para aquecê-la do frio daquela noite. Ela estava tão quente como se estivesse sob o sol de agosto de 1919. O sangue estava fluindo agora, seu coração estava batendo muito veloz novamente. Ela se sentia viva de novo, como há muito não se sentia.

Mas aquele fora o momento decisivo na vida de Valentine. O ano da guerra, do conflito, do medo, da ansiedade, do sangue, da morte e do horror... Mas, ao ler aquelas palavras, era como se o amor por Konstantin também estivesse ali, envolvendo-a em uma cortina de tule romântica, que se mostrava através das lembranças mais bonitas. Aquele fora o ano em que a onda bolchevique se

espalhou rapidamente pelo Cáucaso. Os russos caíram rachando como um grande terremoto no domínio czarista de séculos. Valentine lembrou-se da noite em que os bolcheviques cercaram Kisine, em Kislovodsk, e atacaram tudo. Apesar da inexperiência de seus dezoitos anos, lembrou-se de que era corajosa e destemida.

Eles moravam naquela enorme casa de conto de fadas. Lá elas cresceram numa família amorosa, com um pai e mãe que se amavam. A vida significava a Rússia para ela, e ela era belíssima; ninguém podia destruir uma vida linda, pacífica e tão perfeita. A jovem Valentine não pensava em nada além de se casar com Konstantin, o homem a quem amava.

O que é ruim, feio, um dia certamente terminará e tudo voltará ao normal. Era o que pensava a Valentine de dezoito anos. Mas a vida linda estava mudando em Kislovodsk. Na verdade, tudo havia mudado e muito, mas ela não queria enxergar aquelas mudanças. Seu irmão mais velho, Pentelêmona, o Pola, estava lutando na fronteira. O irmão do meio, Nicholas, o Cola, tornara-se tenente da Academia Naval de São Petersburgo, no final de 1915. Ele se juntara ao exército com sua patente. O irmão mais novo, Vladimir, o Vola, acabara de terminar a Lovodsk High School e estava na Universidade de Moscou. Dizia-se que ele foi chamado para a frente caucasiana. Depois de um tempo, soldados e oficiais feridos migraram para Kislovodsk, aquele canto épico do paraíso do Cáucaso. Era a tragédia da guerra.

Como uma excelente anfitriã, Ykaterina Nicholaevna cedera os quartos de sua mansão, que se tornou um centro de atendimento e reabilitação para tratamentos de soldados feridos. Naqueles anos, Kislovodsk, que havia lutado apenas na retaguarda e cuidado dos

soldados feridos, não estava longe de ver o terror. Valentine, com a família, fechou a casa e saiu dela várias vezes à procura de abrigo. Tiveram que se refugiar, mas Valentine tinha esperança de voltar para sua casa. Em Novorossiysk, ela foi levada ao palácio de seu tio Ataman Bogayevsky.

Lembrando-se de que o cérebro humano é estranho, Tina pensou que a mente sempre quer o melhor, o mais bonito, e ela não poderia aceitar a ideia de perder. Naquela época, Valentine jamais pensava que a dor viria em breve e para ficar. Porque, apesar do crescente caos das pessoas dia após dia, sua felicidade continuava. Ela estava apaixonada por Konstantin. Além disso, até aquele dia não conhecia outra vida que não boa e elegante.

Para uma jovem aristocrata, mesmo durante aquele grande terremoto, não era possível pensar em um modo de viver diferente. No meio da guerra, com os horrores do conflito à porta, com familiares envolvidos em algumas frentes, alguns em áreas mais seguras, mesmo que estivessem distantes de suas casas, a família ainda tinha força financeira. Konstantin tinha seu título e títulos lhe eram familiares, eles lhes eram confortáveis.

Anos depois, naquela noite do inverno em Pera, Valentine, com o telegrama na palma da mão, o releu novamente: *“Estou a caminho até o dia 5 do mês. Aqui está tudo bem”.* Ao ler as duas frases minúsculas, ela sentiu como se estivesse em 3 de outubro de 1919 na casa de sua família, em Kislovodsk. Sentiu mais uma vez a excitação que o telegrama havia criado nela outrora. As memórias de Konstantin eram tão frescas que o telegrama poderia ter sido enviado ontem. Valentine sentia cada pulsar daquele amor tão próximo dela e, ao mesmo tempo, tão distante... Nunca mais o veria,

pois a ponte que ligava ela e Konstantin não mais existia, aquelas vidas foram deixadas para trás, pois Konstantin estava morto.

Como um relâmpago, Konstantin e o amor tinham entrado em sua vida, mas da mesma forma, inesperada e abruptamente, tinham lhe tomado tudo. E ela agora estava em Istambul.

Os pensamentos de Valentine saíram de Pera e voltaram no tempo, quatro anos atrás. O dia em que conhecera seu grande amor voltou-lhe à memória de forma tão nítida e vívida que ela sentiu o cheiro das coisas à sua volta, não dali, de Istambul, onde ela estava de corpo presente, mas do local onde estava em alma e espírito, Kislovodsk.

Ela e a família tinham sido convidados para o casamento de Tatyana Keller com um oficial envolvido com o comandante do regimento Klasist, um suspiro no meio da guerra e do conflito em nome da felicidade. Tatyana era filha da irmã mais velha de Ykaterina Nicholaevna, Nadya, com o primeiro marido de Nadya, o barão Keller. Ykaterina e a filha Nina, Tina, e os filhos de seu primeiro casamento: Pola, Cola e Vola foram à cerimônia. A ausência do pai, Zhulien Verzhensky, e, claro, de Shura, que estava em Bogayevsky, foi sentida. O casamento de Tatyana Keller ocorreu numa capela no segundo andar do palácio. A festa foi no magnífico jardim, uma celebração da glória regada a champanhe, em que o champanhe fluía como água. Os jovens dançavam acompanhados por música Çigan, como se o mundo fosse acabar na manhã seguinte.

Valentine estava feliz assistindo a sua prima Tatyana dançando e, quando se virou, viu um jovem bonito, entre os jovens oficiais aristocráticos, olhando para ela. Ele foi em sua direção e nada

conseguiria detê-lo, pois, naqueles dias, o destino estava preparando um inesperado encontro surpresa para aquele jovem casal.

Foi em uma ótima noite de agosto, em um lindo e épico casamento, a ocasião em que Valentine conheceu o homem a quem amaria a vida toda. Depois disso, ela, sua mãe e irmãos retornaram para Kislovodsk. Tempos depois, a baronesa Anna Clodt von Jurgenzburg e Konstantin (Kostya), barão Clodt von Jurgenzburg de 22 anos, pertencente ao exército czarista, vieram de Odessa visitá-las. Quando Valentine os viu, ficou tão impressionada que se ele a pedisse em casamento ela aceitaria no mesmo instante. Em algum lugar, no fundo de seu coração, ela queria ser sua esposa. Emocionada, Tina sentiu a garganta seca e as bochechas ardentes.

Estava muito empolgada com Konstantin e essa empolgação não era unilateral. Os dois jovens tinham se apaixonado à primeira vista, tomados por uma tempestade chamada amor.

Durante a refeição, eles se sentaram de lados opostos da mesa, mas, secretamente, se seguiam com o olhar, sorrisos envergonhados, e sentimentos compartilhados. Na despedida, Konstantin gentilmente pegou a mão de Valentine e a levou aos lábios. Naquele momento, a jovem pensou que o coração lhe sairia do peito. Seu coração era como as asas de um pássaro e queria voar de tão emocionado! Naquela noite, ela não dormiu, recapitulando cada detalhe do encontro.

Naquela época Shura, que já estivera em São Petersburgo, já conhecera Kurt Seyit e, portanto, já estava apaixonada pelo belo tenente da Crimeia. Valentine sabia muito bem dessa paixão da irmã caçula, embora Shura tentasse esconder. Toda vez que sua irmã

falava de Kurt Seyit ela ficava com as bochechas vermelhas e os olhos ardentes, com o brilho inconfundível do amor. Shura não podia conter aquelas demonstrações, porque é impossível conter algo inconsciente. Agora Valentine podia entender por que Shura estava tão retraída e melancólica. Talvez por ter experimentado um amor tão instantâneo entendesse o que a irmã estava experimentando em seu mundo secreto.

Mas o amor que ela sentia por Konstantin era correspondido e logo um novo encontro foi marcado pelas famílias. Desta vez, Valentine e Konstantin foram colocados um ao lado do outro na grande mesa. Um prato delicioso foi preparado para o jantar e de sobremesa havia sêmola de cereja ácida e bolo de mel, mas Valentine não conseguiu comer. Estava emocionada, eufórica. O coração lhe saltava tanto no peito que ela temia que Konstantin percebesse. Ele, por outro lado, também não comeu. Konstantin não era diferente dela. Eles nem tocaram na comida; em lugar disso, contaram suas vidas um para o outro. Falavam constantemente. Quanto mais conversavam, mais encontravam afinidades. Descobriram que seus gostos musicais eram compatíveis, que a música que mais amavam era a mesma. Falaram também de suas dores, pois ambos tinham perdido seus pais amados. Graças ao efeito do vinho tinto que bebiam, o interesse de um pelo outro, aos olhos da emoção, não foi escondido.

Para surpresa de Valentine, sua mãe e a sua futura sogra pareciam aprovar o relacionamento com doces sorrisos. Isso não passou despercebido pelo jovem casal. Agora eles tinham certeza de que a família aprovaria a união. Depois do jantar, Valentine foi até o piano na sala de música e pressionou os dedos sobre as

teclas para reproduzir uma composição de Tchaikovsky. Konstantin a acompanhou no violoncelo. A música foi um reforço ao amor instantâneo deles. A canção carregava naquele momento todas as emoções que eles não podiam dizer em palavras. Aqueles que os assistiam notavam a sintonia daquele jovem casal e o amor que começava a nascer.

O toque gentil, mas caloroso, e o olhar de despedida naquela noite eram os indícios de que eles queriam se encontrar novamente o mais rápido possível. De fato, alguns dias depois, a família de Konstantin enviou uma carta a Valentine convidando-a para um show de música clássica. Ela estava ansiosa para revê-lo. Quando o jovem que ela amava se aproximou, Valentine pensou que precisava de um sinal. Estendeu a mão para ele com uma atitude tímida. Ele gentilmente pegou-lhe a mão, segurou-a e não mais soltou. Naquele momento, Valentine sentiu o coração quase parar. Era difícil não chorar de felicidade. Ela deixou a mão na palma da mão de Konstantin.

Na separação, criou-se uma oportunidade para que os jovens se despedissem a sós. Depois da refeição, quando saíram para o jardim, deram as mãos. Para Valentine, foi como se seu corpo fosse envolvido por uma brisa quente. Valentine, junto com Konstantin, para ela o homem mais bonito do mundo, aquele a quem amava e com quem queria passar mais algum tempo a sós – quem sabe uma vida toda –, teve a alegria de viver a magia daquela noite de agosto. Eles caminharam ente os canteiros de flores sentindo o sabor úmido e impressionante das flores e a emoção do amor. Atravessaram o jardim e, quando ficaram sob o mandril, Konstantin pegou as mãos da jovem, puxou-a para ele lentamente, curvou-se e deu-lhe um

beijo suave nos lábios. Eram namorados. Naquele momento, o mundo parou para Valentine. Ela amava Konstantin. Ele era o homem com quem queria viver e ter filhos.

Mas a Rússia, diferentemente, experimentava todas as tempestades, caos e terror vividos por ela. Uma guerra estava à espreita ameaçando a felicidade daquele casal, que sonhava tão esperançosamente com um futuro. Quão difícil seria para eles! Mas para a jovem e inocente Valentine, seria um amor sem obstáculos. De fato, depois de mais alguns encontros, em um dia quente de verão, o jovem barão estava à frente de Valentine. Ajoelhou-se, pegou a mão dela entre as suas e a pediu em casamento, solicitando-lhe que aceitasse o amor que oferecia. A jovem estava ansiosa por aquilo, pelo pedido. Não podia imaginar que seria tão feliz!

Enquanto o som do seu coração tocava trombetas em seus ouvidos, ela disse a palavra “sim”. Konstantin também estava muito feliz e se certificou de ganhar um abraço e um beijo.

Ykaterina Nicholaevna, que mantinha a família e a casa depois da morte do marido, sentiu que tirava um peso de seus ombros. Quais eram as possibilidades financeiras diante da incerteza do mundo, do futuro? Ela se preocupava com as filhas. Pelo menos Valentine teria um casamento amoroso. Além disso, a família do noivo pertencia a uma das mais importantes famílias aristocráticas da Rússia. Ter uma filha ligada a eles a deixava muito feliz e ela não escondia essa felicidade.

Era o primeiro Dia dos Namorados de Valentine e Konstantin. A menina de dezoito anos estava loucamente apaixonada! Shura, por outro lado, vivia um amor impossível e secreto.

Eles logo marcaram a data do casamento. Escolheram a data de aniversário de Zhulien Verzhensky, 7 de janeiro. A propósito, Konstantin teve que ir a Odessa para acompanhar a venda de um terreno da família. Dessa vez, para Valentine, foi mais difícil dizer adeus, mas ela se apegou ao fato de que eles logo estariam juntos para reunir suas vidas para sempre, porque tinham certeza de que nunca se separariam. Havia uma estranha confusão de alegria e tristeza na despedida deles.

Em 1º de outubro, Konstantin mandou aquele emblemático telegrama, dizendo que até o dia 5 do mês chegaria e que tudo estava bem com ele. Ele mostrou a data em que a jornada de volta começaria e Valentine, tomada de emoção e de amor, continuou com os preparativos para o casamento.

Mas chegou o dia marcado e Konstantin não apareceu. No telegrama que enviou de Odessa, Konstantin afirmava que já estava a caminho. Fora a última notícia dele. Dias e semanas se passaram. Valentine estava muito preocupada. Todas as manhãs, acordava na esperança de ser aquele o dia de seu regresso, mas chegava a noite e suas esperanças caíam por terra. Ela não mais dormia. Por que o noivo não lhe mandava uma carta? Outro telegrama? Talvez não mais a amasse. Semanas, meses se passaram, e Valentine estava perdendo as esperanças, pois não havia nenhuma nova notícia de Konstantin.

Bem, pelo menos até que uma notícia definitiva chegasse, Valentine decidiu manter uma atitude positiva. Sua família, e especialmente ela, fazia um esforço para manter seu moral elevado. Falava com esperança, sem atrasar os preparativos do casamento. Tudo continuava na mesma velocidade. Os preparativos com os

alfaiates que vinham a sua casa todos os dias, bordadeiras, fabricantes de chapéus, de peles, a pesquisa do modelo do vestido, as provas do vestido de noiva, tudo estava aparentemente normal, exceto pelo desaparecimento do noivo.

Mas as palavras não podem descrever o que se passava na mente de Valentine e em sua casa. Fora um período de estragos. Chegou um tempo em que os preparativos para o casamento tiveram que cessar, pois onde estaria o noivo? O tempo todo o noivo estava na mente de Valentine. Perguntas e preocupações sobre sua vida e seu futuro em comum.

Faltavam três semanas para o Natal e Kislovodsk estava sob a neve. Além do fato de ainda não haver notícias de Konstantin, várias notícias de cidades queimadas pelos bolcheviques chegavam a todo momento: não eram mais um boato, e sim fatos. A verdade era dita por quem viu o que aconteceu com seus próprios olhos. Logo os sons do ataque dos bolcheviques chegaram a Kislovodsk. Começaram a ser ouvidos em todas as casas. Ykaterina Nicholaevna manteve a calma que preservara com grande determinação até agora. Mais uma vez, tinha que tomar uma decisão difícil. A vida de suas filhas corria perigo e elas eram mais importantes do que qualquer coisa.

Poucas horas antes do Ano Novo, Valentine pegou os caixotes com seu dote e algumas sacolas com itens especiais e estava prestes a ir à casa de seu tio Bogayevsky em um trem de carga. Dizer adeus à mãe e à sua irmã Nina nunca foi tão difícil. Mas a previsão de Ykaterina Nicholaevna era de que a vida em Kislovodsk não era mais segura. Ela própria sofreu muito com essa separação. Seria mais lógico para ela enviar sua Tina para um lugar mais

seguro. A jovem insistiu para que todos fossem juntos, mas a casa estava cheia das lembranças de sua mãe, marido e filhos e ela não queria abandonar seu lar. Nina, aos 27 anos, ficaria com a mãe. Ela era filha do primeiro casamento de Ykaterina e possuía uma deficiência que a tornava ingênua e vulnerável. Ykaterina tinha escolhido mantê-la sob as asas da maternidade por causa de sua natureza infantil.

Quando Valentine chegou a Ekaterinodar, cumprimentou o irmão mais novo, Vladimir Lissenko, que estava com o tio. Com o irmão, Valentine viu outros oficiais uniformizados. Pensou que encontraria seu amado entre eles e seria uma doce surpresa para ela. Mas um nó na garganta lhe sobreveio e mais uma vez ela se decepcionava, Konstantin não era um dos oficiais. Todos os jovens oficiais tentaram de tudo para agradá-la, mas foi impossível. O coração de Valentine era de Konstantin. Mas ali ela soube que as estradas estavam fechadas devido aos conflitos e que por esse motivo Konstantin não pudera cumprir o que dissera no telegrama.

Quando recebeu a notícia de que as estradas estavam bloqueadas, Valentine sentiu uma grande alegria. *Deixe o destino correr enquanto você já planejou sua vida*, pensou. Konstantin não a tinha abandonado, não daquela vez.

Valentine ainda soube que o noivo estava a caminho de Kislovodsk. Ela estava a um dia e meio de distância dele e eles viajaram rápido tentando alcançar Konstantin antes que ele chegasse a Kislovodsk. Ela esperou por ele em uma estalagem na estrada, enquanto o irmão e um servo saíram à procura do noivo. Quando se encontraram, com muitas saudades devido à separação, ao medo da morte, abraçaram-se por vários minutos. Por fim foram

deixados a sós para que conversassem e decidissem o que fazer dali em diante.

Essa estranha reviravolta do destino e esse encontro milagroso fizeram com que o casamento tivesse que ser adiado. Konstantin explicou que o motivo de seu atraso foi uma greve em Odessa e nos arredores, devido a que a comunicação e o transporte foram completamente interrompidos, motivo pelo qual Valentine não recebera suas cartas e telegramas.

Enquanto isso, notícias chegaram do exército russo branco no Cáucaso: os bolcheviques tinham sido afastados de Kislovodsk. Então o casal decidiu retornar a Kislovodsk de trem em vez de ir para Bogayevsky. Passaram uma semana em seus vagões particulares e a ameaça bolchevique era um pesadelo. Os oficiais amigos de Vladimir faziam turno em torno dos jovens noivos para protegê-los. Eles estavam fazendo o possível para deixá-los confortáveis.

Doze dias depois, entravam no portão da residência dos Verzhensky. Shura, a quem Tina não sabia que veria novamente, voou para os braços da irmã cheia de alegria quando a viu. Novamente os filhos e o futuro genro de Ykaterina estavam reunidos em casa.

Por enquanto a vida parecia relativamente normal na cidade, que havia sobrevivido ao cerco bolchevique, à perseguição do Exército Vermelho. No entanto, a ameaça ainda pairava sobre eles e todos eram cautelosos em gozar da liberdade, pelo menos por enquanto.

Valentine sentiu como se tivesse nascido uma segunda vez. O homem a quem amava e a vida que compartilharia com ele lhes

foram devolvidas. Os preparativos para o casamento, interrompidos, recomeçaram. A data tinha sido adiada e Ykaterina Nicholaevna marcou nova data para a cerimônia de casamento.

Se o marido estivesse vivo, tomaria todas as providências, mas ele estava morto e, na ausência de um homem na casa, ela teria que fazer um grande esforço para não sentir o aperto financeiro. Em 22 de janeiro, o casamento teve lugar com uma cerimônia magnífica, como um conto de fadas, Valentine em seu magnífico vestido de noiva. Pelos elogios que recebeu, certamente era um vestido muito bonito, feito para se admirar. O mesmo poderia dizer Valentine, que se recordou de que ficou encantada quando viu o noivo. Konstantin vestia uma jaqueta azul-marinho, com dragonas brilhando no peito, calça preta e botas de couro. Estava lindo! Roubou o coração de Valentine mais uma vez. Konstantin, por outro lado, estava cheio de vida por causa do casamento com a jovem que lhe roubara o coração à primeira vista. Pensava que sua perseverança e destemor valeram a pena por ele estar se casando com Valentine. Estava apaixonado pela noiva e seu olhar e atitude para com aquela que era sua esposa deixava isso bem claro.

Devido ao casamento, Konstantin conseguiu uma permissão e ganhou um mês de folga para desfrutar da união deles. Mas como todo sonho lindo está fadado a chegar ao fim, segundo um boato os bolcheviques mais uma vez se aproximavam de Kislovodsk. Uma mensagem urgente chegou até eles, relatando que os bolcheviques estavam a uma hora da cidade. O jovem casal imediatamente se preparou para a fuga. Desta vez, toda a família deveria escapar junto. Konstantin acreditava que deveria ser assim. Embora fosse possível que o Exército Branco vencesse os Vermelhos, Konstantin

queria ver a esposa e os familiares dela em segurança, longe de Kislovodsk. Se os bolcheviques tomassem a cidade, todo mundo poderia adivinhar o que aconteceria em Kislovodsk. Casas, mansões seriam saqueadas e os residentes ricos, aristocratas e oficiais czaristas seriam abatidos.

Mas Ykaterina Nicholaevna disse que não sairia da casa onde vivera muitos anos e bastante feliz com o marido. Mas desta vez Nina e Shura deveriam ir com sua irmã e o cunhado. Mas a resposta de Nina já estava clara: ela ficaria com a mãe. Desta vez, todos estavam cientes de que ocorreria um rompimento e de que não voltariam a se encontrar. Havia bem pouca esperança em cada um deles de que um dia isso ocorresse novamente. Shura e Tina insistiram com a mãe para que não fizesse aquilo, mas Ykaterina sussurrou que não seria pega.

Valentine e Konstantin disseram que o tempo estava ficando mais curto. Depois de dizer adeus a Verjenskaya repetidamente eles saíram da casa e chegaram à estação de trem. Uma multidão também estava esperando para escapar. Konstantin disse que quando o primeiro trem para Novorossiysk chegasse, embarcariam nele. Mal eles saíram da carroça, jogaram-se no trem em uma viagem miserável que durou dias.

Os bolcheviques não vinham apenas queimando e destruindo os lugares por onde passavam. Também confiscavam os governos locais dos lugares em que entravam e matavam os czaristas.

Valentine, de repente, sentiu um frio, como se uma chuva fina molhasse todo o seu copo. Comprimiu o telegrama que ainda estava em suas mãos. Sentia-se exausta pela dor que as lembranças que saíram da caixa de dote trouxeram a sua alma. Lembranças de um

tempo tão perdido quanto o som dos seus pés descalços no corredor.

Valentine tocou com o dedo indicador direito o rosto de cada um dos policiais que posaram na foto tirada em frente à gigantesca igreja na qual ela se casara e buscou em sua memória os nomes deles. Seu irmão mais novo Vladimir Lissenko estava ao lado de Konstantin. Tinha visto muitos dos amigos do irmão, que vieram da escola, pela primeira vez naquele dia, e a maioria, pela última vez. Os momentos mais recentes de seu amado Konstantin passaram por seus olhos: ele sentado em cima de um cavalo sorrindo e acenando para ela... ele ao lado do trem que estava indo para Kahovka na última linha de tiro com os bolcheviques.

Lembrou-se de que conversara com o marido até o trem desaparecer. Lembrou-se do momento em que apertaram as mãos. Ainda podia sentir o calor agora, exatamente como se ocorresse de novo. Sentiu os dedos formigarem. Suspirou. Se ao menos o limite de suas memórias pudesse trazê-lo de volta... Konstantin não sobreviveu à ofensiva.

Alguns dias depois, amigos em comum já sabiam que Konstantin estava ferido e que fora capturado. Talvez tivesse escapado; talvez ainda estivesse vivo; talvez estivesse escondido em algum lugar; talvez um dia seu apelo pudesse surgir; talvez; talvez; talvez... Ela não sabia dizer se ele... Mas então o novo casamento dela, a sua vida atual...

Como explicaria o segundo homem? Se eles se reencontrassem novamente, deixaria ela Alexander e voltaria para Konstantin? Pensando nisso, o coração de Valentine acelerou

loucamente. O homem por quem ela ainda estava apaixonada era um sonho.

Konstantin fora o único homem de quem ela queria ser esposa. Mas a estrada da vida, o último trem, os separou. E quanto a Konstantin? Iria querer Valentine como sua esposa novamente?

Valentine, com um toque pesado da tampa da caixa em seu colo, enxugou as lágrimas com a mão. Quando foi para a cama, parte de sua alma e de seu corpo pareciam estar dentro da caixa que acabara de fechar.

Alexander se virou, passou o braço em volta do corpo dela e lhe deu um beijo no ombro. Mas Valentine ainda segurava o telegrama e a foto de Konstantin em suas mãos. A vida estava doendo.

CAPÍTULO 5

YKATERINA NICHOLAEVNA

Na manhã da mesma noite, Petrogrado, a capital do czar russo por duzentos anos, a cidade espiritual que já abraçara inúmeros maravilhosos invernos, acolhendo o novo dia com sua capa branca, estava tomada pelos bolcheviques. Uma névoa escura, como uma nuvem sombria, cobria toda a cidade, abrangendo as pontes, as ruas, os prédios, as pessoas e os envolvendo em um tule frio e triste, qualquer que fosse sua cor.

St. Petersburgo, que tivera seu nome mudado para Petrogrado desde a guerra de 1914, amanheceu chorando. O sangue dos revoltosos, que não queriam adotar o novo sistema comunista, escorria, manchando o branco de vermelho. Toda a cidade estava com medo.

Quando os bolcheviques partiram para a revolução, estavam dispostos a derramar sangue e se dedicaram a isso. O Czar Nicolau II, representante de um império gigante, teve a família assassinada. Apenas algumas semanas após o ocorrido, os bolcheviques anunciaram o seguinte:

“Mate os inimigos sem mostrar misericórdia. Deixe seu próprio sangue se isso for necessário, mas inunde a burguesia com o sangue de Lenin e de Uritski, deixe-os morrer como em uma inundação”. O revolucionário bolchevique Gregory Zinovyev, desde o início, anunciou claramente a morte de dez milhões de burgueses.

“Dos cem milhões de pessoas da Rússia, noventa milhões manteremos com vida. Quanto ao resto, devem ser destruídos”.

No entanto, por mais massacres que cumprissem, os bolcheviques não estavam saturados de sangue e, depois de

assumirem o governo e amarrarem as mãos da Rússia, continuaram com suas execuções. Os assassinatos e as perseguições continuaram a acontecer. Foram mortos a chamada burguesia; a aristocracia; quem tinha alguma riqueza e títulos e aqueles, adeptos do czar, que não fugiram.

O lema Igualdade e Liberdade, introduzido por Lenin como um sistema que traria felicidade, foi uma tragédia, visto que esse mesmo sistema destruiu os sonhos do povo russo, a amizade, o parentesco e os relacionamentos. Ninguém confiava mais em ninguém e todos estavam esgotados. Lenin fora o arquiteto desse sistema. Agora, todos viviam com medo de ser denunciados e eliminados. Até mesmo amigos mais próximos ou membros da família poderiam servir de informantes para ganhar os privilégios do novo sistema.

Com toda essa perseguição, o regime comunista de Lenin trouxe o caos para a Rússia, exceto para a população que se rendeu ao comunismo, acreditando que esse sistema traria igualdade, liberdade e felicidade às pessoas. Foi uma grande decepção para quem viu isso como um sistema. Pessoas brutais, emocionais e ambiciosas, que prestavam serviço incondicional a Lenin, causaram verdadeiras carnificinas. Os intelectuais foram mortos para que suas vozes não fossem ouvidas. A Rússia vivia um despotismo cruel e uma repressão impiedosa. Depois que os comunistas assumiram o controle de todo o sistema, não foi mais possível parar. O despotismo estava cada vez mais difícil, brutal, cheirava a sangue, e o povo estava experimentando uma grande decepção. Todos estavam sujeitos à perseguição.

A fome havia chegado, pois toda a produção de alimentos fora confiscada pelo governo. Não havia o que comer, o que mais o povo poderia comer? Ratos, baratas, pequenos ou grandes animais, o que quer que se encontrasse era comida. As pessoas experimentavam a miséria: milhares, dezenas de milhares, centenas de milhares, milhões morreram de fome. Não houve cerimônia nem enterro para o povo, tampouco para a alma.

A fome mais assustadora que surgiu na Rússia comunista causou até o canibalismo. As pessoas comiam as carnes de seus próprios familiares. Aquilo passou a ser considerado normal, sendo uma luta pela vida. Milhões de pessoas tornaram-se animais selvagens.

Os bolcheviques tomaram o poder, eliminando a aristocracia. Mas o nacionalismo e o patriotismo pregado por eles era um senso de controle, poder e força.

Todos os que se opuseram foram brutalmente perseguidos e mortos.

Em 1918, uma decisão tomada por Lenin estabeleceu a política de abolição da propriedade. O mais importante disso foi que as terras dos camponeses passaram para a nação e houve a total remoção de culturas. Militantes bolcheviques, a polícia do CEKA, as tropas do Exército Vermelho saíram pressionando aldeias por toda a Rússia. A única fonte de subsistência para os camponeses que viviam, já em condições precárias, foram retiradas de suas posses. Os bolcheviques roubavam as colheitas à mão armada. De 1921 a 1922, 29 milhões de pessoas morreram de fome na Rússia.

Quando a fome foi ouvida pela opinião pública mundial, países organizaram campanhas de ajuda. Mas já era tarde demais, o povo

já tinha sido exterminado. Os bolcheviques também proibiram a divulgação de notícias sobre a fome e negaram veementemente a existência de tal evento.

Fugir para um lugar onde milhões de pessoas miseráveis pudessem encontrar comida. Esse era o sonho da maioria. O povo corria para a estação de trem mais próxima na esperança de poder escapar. Mas o transporte foi impedido, porque Moscou foi fechada até julho de 1921. Então, nas estações o trem nunca chegava. Para o socialismo de Lenin, a fome não era apenas uma cura, mas uma crença em Deus. Lenin rompeu o compromisso das massas com a religião através da fome.

Em meio a tudo isso estava Ykaterina Nicholaevna, com a bolsa e o casaco escuro, pronta para sair atrás de provisão. Estava prestes a abrir e sair pela porta do quarto quando um grito a fez recuar. Ao seu lado estava Nina, que começou a soluçar.

— Mamãe, papai — chamou Katya, a neta de Ykaterina, filha de seu filho Nicholas, o Cola. Ykaterina correu e se sentou na beira da cama da neta. Ela sussurrou, acariciando os cabelos da menina:

— Shhhh... shhhhh... estou aqui, Katiosa, estou aqui, minha querida. Shhh... shhh...

Katya abriu os olhos, mas não se acalmou. Ykaterina Nicholaevna inclinou-se para ajudá-la a acalmar a tristeza desesperada e sussurrou suavemente em seu ouvido enquanto a acariciava, gentilmente.

— Minha querida, em breve todos nós vamos nos encontrar novamente com seu pai, com sua mãe, seremos uma grande e bela família. Uma família grande e bonita... Shhh... shhhh...

Enquanto falava, seus olhos estavam presos às paredes. Temia que a neta lesse a verdade estampada neles. A menina se acalmou, emitiu um longo soluço e adormeceu novamente. Ykaterina Nicholaevna escutou os últimos soluços de sua neta e uma lágrima escorreu por sua face. O que ela dissera à menina sabia que não aconteceria. Ela não sabia o que tinha acontecido com seu filho e sua nora, sequer sabia se ainda estavam vivos. Temia que não estivessem. Também estava ciente de que não conseguiria encontrar uma solução para seu desejo, assim como não lograria encontrar seus filhos...

Ykaterina acariciou os cabelos de Katya com grande tristeza. A menina tinha oito anos e já presenciara o desespero. Estava tão distante dos seus pais como ela de seus filhos. Um por um... Pola, Cola, Vola, Tina, Shura... Apenas Nina estava ao lado dela. Quão pacífica, amorosa e confiável era Nina... Ao contrário da neta, seus filhos nasceram em um mundo de paz, de vida, e viveram a infância por direito. Mas as crianças daquela geração perderam essa paz na mais tenra idade. Quanto aos seus filhos, Shura era a caçula. Todos eles já tinham deixado a infância para trás, os primeiros anos da juventude. Tiveram que abandonar suas casas, deixar sua terra natal. Shura estava perto de completar 17 anos e Tina estava na casa dos 20. Mas para uma mãe, seus filhos, não importa a idade, serão sempre crianças. Seus outros filhos tinham 34, 27 e 25 anos. A Rússia comunista havia acabado com o relacionamento com eles. Viver na Rússia era muito perigoso. Mas ela precisava seguir para apoiar Nina e Katya, as duas que estavam com ela.

O regime deu a ela um único dormitório. Seu filho Pola e sua esposa Eustalia, chamada de Tanya, estavam na Alemanha com a

família de Tanya. Era no que queria acreditar. Não tinha como ir encontrá-los, pois era muito difícil escapar de Kislovodsk. Viviam em condições muito difíceis e perigosas. Já Nicholas e Tatyana tinha escapado para a Alemanha, mas havia rumores de que estavam na França. Tinham deixado Katya com a avó. Não era seguro levar a filha. O casal sabia que as estradas estavam repletas de miséria e a menina estaria mais segura em Kislovodsk. Eles não tinham como protegê-la das atrocidades dos bolcheviques. Um dia sonhavam em buscar o restante da família, mas Ykaterina sabia que aquilo era impossível. Ela sabia que muitos daqueles que tentaram fugir muito provavelmente foram capturados e mortos.

Ela se lembrou de quando Tina e o marido tomaram o trem a caminho de Ekaterinodar. Apesar de toda a insistência de seu querido genro, não quisera ir. Não podia deixar aquela casa, onde criara seus filhos e vivera com Zhulien. Era nisso que acreditava. Mas agora... anos depois, à medida que o tempo passava e o desejo de ver seus familiares aumentava, ouvir suas risadas, receber seus abraços, seus beijos, ela se arrependia... Além disso, tivera que deixar Kislovodsk e a casa também, com seus pertences.

Ela estava longe daquela casa que os bolcheviques tomaram e onde queimaram tudo. De que adiantara sua rigidez? Eles a afastaram da casa, das terras, de suas memórias... Ela apenas levara algumas fotos que conseguiu colocar em uma pequena sacola. O mesmo que fizeram Shura e Tina quando partiram, levando com elas alguns álbuns e pequenas lembranças. Alguns itens de valor apenas espiritual. Nina e Katya eram tudo o que lhe restava na vida. Seu maior patrimônio era Ninoçka e Katyoşa: a

primeira, que escolheu ficar com a mãe, e a neta, que foi deixada com ela.

Em meio a todo esse cheiro de sangue e saudade as duas foram as duas joias que lhe restaram, além da luta pela sobrevivência. Embora Nina tenha trinta e dois anos, é uma criança e não consegue trabalhar. É tão boa quanto um anjo: é calma, não se queixa de nada, é ingênua e não tem grande percepção do que está acontecendo. Mas é ótima irmã para a pequena Katya. No sistema comunista na Rússia czarista, a família aristocrática de Katya, da qual ela faz parte, é uma inimiga. Ykaterina Nicholaevna estava preocupada, pois Katya estava crescendo e seria vista como inimiga. Os bolcheviques queriam exterminar qualquer membro da aristocracia, grande ou pequeno.

O estado tê-la deixado viva e com a neta foi um milagre. As crianças burguesas e aristocratas eram tiradas de seus pais e entregues a orfanatos, quando não mortos de fome. Talvez o Exército Vermelho estivesse usando a neta como isca para pegar seu filho. Se eles estivessem em casa já teriam sido executados e Katya, inevitavelmente, seria enviada ao orfanato. Esta era sua vida: uma viúva morando sozinha com a filha e a neta. Mas a maior razão para sua sobrevivência era ela e a neta servirem de iscas. Ainda era aristocrata no sobrenome. O fato de os filhos terem fugido para o exterior ainda exigia muita atenção. Cada passo que desse para encontrar os filhos, obter notícias, toda intenção que demonstrava era vigiada. Se resolvesse seguir a trilha dos filhos, isso seria um desastre para eles. Não se passava nem um único dia sem que recebesse um aviso, uma ameaça de detenção caso recebesse

alguma notícia e não os delatasse. Mas não havia mais notícias da maioria deles: o destino de seus filhos era desconhecido dela.

Não importava se tratasse de homens ou mulheres, jovens ou velhos, o comunismo era uma ameaça a todo comportamento que o sistema achasse que podia ser um indício de bravata. Qualquer um seria punido imediatamente. Ykaterina Nicholaevna sabia disso e se mantinha o mais quieta possível. Por esse motivo, o que ensinou a Katya é que, definitivamente, ela deveria ficar em silêncio. Engolir as palavras e jamais emitir qualquer reprovação ao sistema.

Mas agora, pelo menos, estavam em São Petersburgo (Petrogrado), morando em um quarto de um apartamento. Elas tinham o direito de viver. Não podiam comer como estavam acostumadas a fazê-lo, não podiam se vestir e estavam cansadas da tortura, do exílio, à mercê de prisão e da morte. Tudo era muito assustador. Mas Ykaterina, como se alimentada pelo ódio pelo sistema, se sentia mais forte a cada dia.

Certificou-se de que a neta estivesse dormindo e, lentamente, saiu da cama e pegou a bolsa, o casaco e saiu do quarto. Beijou Nina e disse:

— Katya está confiada a você. Vou sair e volto logo — disse Ykaterina.

— Pode ser um dia difícil hoje. Mais uma vez sua mãe vai precisar de você, filha — Ykaterina deu um sorriso preocupado, porém amoroso.

— Não se preocupe, mãe. Agora Nina vai tomar conta de sobrinha.

— Sim, querida. Estou atrasada. Vou à casa de Darya Ivanovna e já volto.

— Darya Ivanovna — repetiu Nina com um sorriso. — Não há czar no país, ela ainda pensa que é uma princesa? — a inocente moça falou daquilo que era proibido.

A mãe rapidamente levou a mão aos lábios de Nina e a silenciou, mas não pôde deixar de rir do que a filha dissera.

Quando Nina entrou no quarto onde estava a sobrinha, Ykaterina saiu para o corredor do apartamento e, dali, para a porta da rua. Um trabalhador que saía de uma das salas que se abriu para o corredor cumprimentou a dama. Ykaterina não viu o olhar vingativo da mulher gorda e mal-humorada que estava do lado de dentro da porta. Na verdade, era apenas esse homem e essa mulher que ela evitava encontrar quando saía. Ykaterina não confiava neles.

Darya Ivanovna morava em uma das casas mais bonitas da cidade. Filha de uma família muito rica e aristocrática, Darya Ivanovna era um de suas boas e velhas amigas. Após o conflito, quando sua magnífica casa em Kislovodsk foi tomada pelos bolcheviques, a amiga lhe ofereceu sua propriedade caso ela quisesse levar a filha e a neta com ela. Mas isso provocaria os comunistas.

O que Ykaterina não sabia era que Darya Ivanovna, cuja mente já estava estragada, aliara-se aos comunistas para manter sua fortuna. Quem sabe quanto tempo ela iria esperar sob a neve?

CAPÍTULO 6

KURT SEYIT

Nos mesmos dias, em Istambul, Seyit estava novamente às vésperas de tomar novas decisões. Fazia sete anos desde que chegara à Turquia e ainda era um cidadão russo. Em breve, com o advento da República da Turquia, ele precisaria optar pela cidadania turca, se quisesse permanecer em Istambul.

Continuava com saudades de casa, mas como não podia voltar à Crimeia, tampouco à Rússia, sem ser morto, sua esperança agora era a América. Através de uma associação chamada Leginatsa, pretendia ir aos Estados Unidos com a família começar uma nova vida. Havia juntado o dinheiro para pagar as passagens dele, da esposa e da filha. Seyit já sonhava com o emprego que poderia encontrar na América. Talvez tivesse que começar de novo lavando roupa; escrevendo cartas para os oficiais russos brancos que haviam ido antes dele; ser motorista de táxi; trabalhar em hotéis. Se tivesse sorte, seria um funcionário técnico em óperas ou teatros. Ou daria aula de esgrima ou tênis em clubes particulares.

Estava cansado de Istambul, de ser dono de restaurante, dono de pastelaria — isso também não importava — e de ver suas empresas escoarem pelos dedos. Obtivera algum sucesso em Istambul, mas alguma coisa acontecia — parecia uma maldição — e ele quebrava de tempos em tempos. Já tivera uma vida confortável e elegante, mas uma vida elegante para ele, muitas vezes, estava muito além de suas possibilidades financeiras. Ele estava se acostumando a cinzas. Mas se podia ter sucesso em Istambul, podia ter na América, a terra das oportunidades. Talvez abrisse

novamente um pequeno restaurante, com comida da Crimeia e da Rússia. Certamente isso seria um sucesso na América.

Murka, ao contrário de Shura, estava acostumada a uma vida mais simples. Ela perseverava sem reclamar. Trabalho não era problema para sua esposa. O difícil era conhecer coisas, lugares e pessoas novas. Essas coisas faziam com que ela se sentisse insegura. Até este mero pensamento a deixava nervosa. Por conhecer sua esposa muito bem foi que Seyit postergou dar a notícia da América para ela. Ele sabia que estava apostando alto, mas se não tentasse, não se perdoaria.

Seyit sabia que o maior ciúme de sua Mürvet era a coragem que Shura tivera de se juntar à vida dele sem questionar, de se juntar à vida de seu homem. Murka acreditava que a autoconfiança de Shura era tudo para Seyit e a crença de que nunca se pareceria com Shura a matava de ciúmes.

Shura deixara a terra natal, a família, o passado, tudo, e fugira ao lado de Seyit na mira das balas bolcheviques. Eles desbravaram os mares, foram para outro país cuja cultura não conheciam. A Turquia os recebeu com seus passados aristocráticos e os acolheu para que recomeçassem suas vidas. Mas Shura fora para Paris e Seyit estava farto de Istambul.

Seyit imaginava que quando Murka soubesse sobre a América, se jogaria em seu pescoço e pularia de alegria. Acreditando nisso, ou mentindo para si mesmo, seu coração estava disparado de emoção e ele acelerou em direção a sua casa. Queria dar as boas novas à esposa o mais rápido possível.

Empolgado, Seyit contou para Mürvet que a associação Leginatsa, que enviava emigrantes para a América, os tinha

selecionado. E que ele, a filha e ela estavam na lista dos que partiriam em breve. Mas sua Mürvet sentiu-se, de repente, prestes a desmaiar. Era como se todo o sangue fosse retirado dela. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Murmurou:

— Estamos indo para a América? Nós?

— Claro, nós iremos... Você, eu e nossa filha, todos iremos juntos. Hoje investi o dinheiro da família na compra de três passagens.

— Não posso, não posso — Mürvet começou a gritar. Seyit se levantou e abraçou os ombros de sua esposa.

— O que aconteceu, Murka? O que faz você chorar assim?

A jovem respondeu entre soluços:

— Não quero ir para a América. E tampouco nunca quis isso. E Seyit, você não está cansado da imigração? Sou uma criança migrante, você é um imigrante. Pelo menos, nossa filha agora é dona de um país e conhece o seu lugar.

A situação de Seyit era pior do que ele pensava. Percebendo isso, puxou a cadeira para o lado da esposa.

— Murka, escute-me... você vai parar de chorar, por favor. Ouça-me. Olha, aqui não há espaço para eu fazer uma vida como quero. Tudo é muito diferente do ambiente ao qual estou acostumado. Ainda me sinto um estrangeiro aqui. Sabe há quanto tempo estou sonhando com a América? Ou para a América ou... — Seyit queria dizer: “ou para a França como fez Shura” —, mas desistiu e continuou: — Se formos para a América, colocarei minha vida em ordem. Acredito nisso. Pessoas trabalhadoras têm oportunidades na América, pois é um país que se abre para os estrangeiros. A Turquia tem um novo comando. As condições estão

difíceis, as oportunidades são poucas. Até agora nunca ouvi falar de nenhum dos meus amigos que migraram para a América que não esteja muito bem. Minha responsabilidade com você e nossa filha e meu desejo de lhe proporcionar uma vida segura e confortável sem interrupção, faz da América uma escolha certa para mim.

Seyit se lembrou de que há muito tempo mesmo sonhava com a América. Ainda quando estava com Shura, começou a planejar. Continuou:

— Lá eu poderei fazer fortuna.

Mas Mürvet começou a dizer que ele queria ir atrás de Shura e Seyit percebeu que ela estava presa naquele período de tempo relacionado a Shura. Sentiu necessidade de afastá-la desse foco e se concentrar no tópico principal:

— Se você estivesse certa, eu teria encontrado o caminho da América enquanto estava com ela.

Pareceu funcionar. Mürvet fechou os olhos por um momento. Pareceu descartar o sonho de Shura.

— Quero que me apoie, Murka — disse ele. — Você, eu e nossa filha.

Mürvet abraçou o pescoço do marido e disse: — Seyit, não posso deixar minha mãe e meus irmãos aqui.

Seyit lembrou o poder efetivo que Emine, que havia esquecido por um tempo, tinha sobre sua mulher. Certamente ela não gostaria de enviar a filha para a América. Mas essa deveria ser uma escolha de Mürvet.

— Murka — disse Seyit —, as pessoas não podem viver para sempre com a mãe, o pai. Você fez uma escolha ao se casar comigo. Com quem você se casou e teve uma filha? Agora temos

uma família. Nossa vida só a nós pertence. Somente nós somos responsáveis por nós mesmos: nossa dor, nossas posses e, claro, pelas decisões que tomamos.

— Mas não quero sair daqui. Não posso morar em outro país, entre pessoas que não conheço.

— A América, minha querida Murka, é aberta a pessoas de todo o mundo. Lá, como nós, estão aqueles que migraram, fugiram ou navegaram. Lá é terra de muitas pessoas procurando por aventura. Repito, muitos amigos foram para lá e estão muito bem. Eles voltariam se não estivessem satisfeitos.

— Eu não os conheço. Minha mãe, meus irmãos estão aqui. Não posso deixar minha mãe.

A atitude teimosa de Mürvet deixou Seyit muito triste. Ele voltou para a cadeira de encosto e inclinou-se. Enquanto virava o copo, sua esposa estava com o rosto em lágrimas, mas a principal dor era a que ele agora sentia em seu próprio coração. Seyit lamentou por Mürvet, mas tinha que ficar com raiva. A mulher que escolhera para realizar seu maior sonho, em lugar de ajudá-lo, estava em um campo separado.

Por que sua esposa não podia estar com ele no dia em que mais precisava? Era difícil viver com uma mulher que vivia entre a mãe e o marido.

Depois de tomar um gole de raki, Seyit disse, com uma voz amargurada:

— Você não pode deixar sua mãe... Bem, vai me deixar?

Mürvet entrou em pânico. A pergunta inesperada a alarmou. Ela não conseguia imaginar que Seyit a deixaria. Isso seria terrível.

Começou a chorar novamente e falou: — Seyit, por que está fazendo isso? Devo necessariamente escolher um de vocês?

O jovem acabara de fazer a mesma pergunta a sua esposa.

— O que acontecerá se ficarmos aqui juntos?

Ele mal terminou a frase e Mürvet estava se afogando em soluços. O medo de perder Seyit a levou ao fundo do poço. Ela não conseguia imaginar uma vida sem ele, mas ainda não conseguia se conformar com a escolha do marido e ousar embarcar em uma aventura como aquela.

Seyit saiu da mesa sem dizer nada e pegou o cigarro. Foi para a janela. Seus sonhos foram destruídos. Tanta perseverança e dinheiro teimosamente adornando seus sonhos durante a noite, o sonho da América, de esquecer sua vida cotidiana, a insônia... Tudo se foi em um som de choro caprichoso. Ele poderia ir. Ele realmente poderia ir? Deixar a mulher e a filha?

Sua filha Leman estava dormindo profundamente. Seyit apagou o cigarro no cinzeiro e saiu da sala, entrando no quarto onde a filha estava. A pequena Leman estava enterrada no colchão de penas, as mãos minúsculas que se encaixavam profundamente nos dois lados da cabeça. Seyit estremeceu enquanto acariciava a bochecha da filha. Inclinou-se, pegou sua mãozinha na palma da mão e a beijou: um cheiro quente de pureza, sabonete e infância exalava de sua pele. Enquanto Seyit a observava, seu coração tomou uma decisão: ele não podia abandonar Leman. Percebeu que estava cheio de um sentimento novo. Como deixar sua filha para trás? Não fora o suficiente deixar seus entes queridos na Crimeia? Deixar Shura ir embora? Nada do que ele perdera estava voltando, tampouco nenhum deles tinha sido substituído. Desta vez, ele não

cometeria o mesmo erro. Não. Não deixaria nem Murka, nem Lemanuçka. Com elas, onde estivessem, tentaria viver. Ela cobriu a filha e saiu do quarto, voltando para o corredor. Murka, como sempre, ainda estava chorando. Seyit falou em voz baixa, tocando gentilmente seu ombro com a mão:

— Se assim for, não vamos para a América. Pare de chorar.

Ele não disse mais nada. Pegou a jaqueta e encaminhou-se para a porta. Uma migalha de esperança nele dizia que Mürvet mudaria de ideia.

Seyit acendeu outro cigarro, colocou-o entre os lábios e saiu pelo portão da rua. Enquanto caminhava em direção a Tepebaşı, sentia-se destruído e muito solitário. Ficara ofendido com a reação que vira em Mürvet. Viver em um mundo diferente do seu, com pessoas que não o entendiam, o estava matando.

Quando se sentou no Orient Bar em Pera Palas, só queria beber e esquecer. Naquela noite haveria uma cama para ele dormir, o que o atrairia, e o abraçaria, e lamberia. Alguém que poderia livrá-lo de sua ansiedade. Bebeu a vodca que vinha com a alegria do rosto familiar do barman, como se fosse um remédio que curasse sua dor. Depois outra... outra... A jovem loira e delicada que entrou no salão de repente o lembrou Shura. Se não estava com ela agora, quantas escolhas fizera para aquele resultado. Convidou a recém-chegada a beber com ele para comemorar. Comemorar o que mesmo? Mas ele queria esquecer a América... Então cantou e dançou com a outra. Então ficaram loucos por horas, em homenagem às suas novas vidas. Fizeram amor. Ele imaginou que ela era Shura, se o passado com sua amante não estivesse com um oceano entre eles; e que ele sabia que não podia mais alcançar;

assim como a casa do seu pai, de sua família. Todos estavam perdidos para ele e a América também.

No final, havia um sentimento de vazio. E aquilo tudo estava doendo.

CAPÍTULO 7

UMA AMIGA DO PASSADO

À medida que o Natal se aproximava, Paris ficava cada vez mais encoberta pela neve. Desde a infância de Shura, o jardim da casa de seu pai, em Kislovodsk, também ficava completamente branco, e olhar para aquele mundo lívido só aumentava a saudade que ela sentia. Shura sentia falta de Istambul, de Alushta e até de Sinop. Enquanto refletia em como a saudade causava até uma dor física, pensou: Este é meu primeiro Natal em Paris. Onde me encontrarei no próximo? Qual será a cidade destino de minha última parada nessa jornada? Acho que é Istambul. É errado sonhar com isso?

De uma coisa Shura tinha certeza: não importava qual destino viesse, ela teria mais cuidado para não levar consigo os desejos e os sofrimentos do passado. Do que adiantava estar na linda Paris se seu passado trágico estava sempre entre ela e a cidade?

Por mais que gostasse de viver em Paris, seu sofrimento estava aumentando exponencialmente. Talvez sua vida estivesse fadada a ser sempre assim. Um destino em que ela subsistiria comendo, dormindo e revivendo suas memórias. Seria possível ter um futuro sem ter que ficar o tempo todo comparando-o com o que já vivera?

Shura estava farta daquilo, aquilo não era uma vida. Vivendo assim, seu corpo delicado estava a cada dia mais magro e ela estava definhando. O peso que sua alma carregava minava cada pedaço de seu corpo. Era visível o quanto o sofrimento estava cobrando seu preço.

De repente, esses lúgubres pensamentos que dia e noite a esmagavam despertaram em Shura uma determinação absoluta de buscar a paz. Por um tempo, sua mente sofreu um impasse, quase entrou em colapso pelo desespero, mas ela precisava fazer alguma coisa por si mesma, escapar daquela inércia. Finalmente, o caminho se mostrou a ela muito claramente. Decidiu que deixaria Alain. Não o amava e forçar-se a viver com ele a estava levando ao fundo do poço.

Desde que saíra de Istambul, ela vinha tentando se apegar a Alain. Mas, por mais esforços que fizesse, não conseguia se apaixonar por ele. Ela tinha que admitir para si mesma aquilo que estava claro para todo mundo, inclusive para Alain. Ele fora apenas uma tábua que a salvara do afogamento. Estava cansada daquela relação. Sentia-se como em um redemoinho, como se o controle estivesse fora de suas mãos. Aquilo era absolutamente contrário ao seu caráter. Não podia mais tolerar viver com o homem de outra mulher. Aquele, absolutamente, não deveria ser o seu destino. Ela pelo menos viveria em seu próprio mundo, pequeno e calmo. Deveria ser capaz de viver por conta própria. Com Alain, enquanto ele permanecesse com ela e mesmo se casassem, ela sentia que a mulher dele sempre seria uma sombra em suas vidas, e ela já possuía fantasmas demais em seu caminho.

Enquanto Shura pensava nisso, em deixar Alain, já se sentia melhor.

A simples decisão já mudara algo dentro dela. Ela percebeu que havia confessado para si própria uma verdade que vinha tentando esconder, e essa confissão lhe fizera bem. Foi a primeira vez depois de muito tempo que sentiu uma paz profunda. Uma

alegria estranha por dentro, como se a porta de uma prisão estivesse sendo aberta. O alívio que essa decisão trouxe a surpreendeu.

Mas a decisão era apenas a metade do caminho. Ela despedaçaria o coração de Alain, mas estava convencida de que essa escolha era a melhor para os dois. Tinha que ser. Shura sabia muito bem que aquilo era o certo. Ela não queria viver com o homem de outra mulher.

Apesar de sua determinação, ela sabia que sofreria. Não se curara ainda das feridas antigas e já faria novas. Enquanto pensava que não seria fácil falar com Alain, escutou a campainha tocando. Avançou rapidamente em direção à porta. Quem seria? Não fazia ideia. Mesmo que não soubesse quem era, aquilo era um sinal de que a sua decisão de deixar Alain era a correta. Quase nunca alguém a visitava. Seu doce sorriso veio aos lábios e os olhos brilharam. Assim que abriu a porta com muita curiosidade, os olhos se descerraram com surpresa.

— Lúcia!

— Shura!

Elas se abraçaram com força. Shura, segurando a mão da hóspede, a puxou para dentro do apartamento.

— Venha querida, entre. Venha, deixe-me dar uma olhada em você. Você está deslumbrante! — exclamou Shura.

— Obrigada, querida, mas estou sempre condenada a ficar atrás de você nesse quesito — Lúcia riu.

— Quando chegou?

— Faz três dias, mas vim assim que pude.

Lúcia definitivamente não era uma jovem mulher com a beleza de Shura. Mas manifestava na postura, no olhar e nas roupas que usava, uma autoconfiança muito grande. Vestia sempre roupas caras. Naquele dia trajava um visom branco de pelo que custara muito mais do que Shura poderia, no momento, sonhar em pagar. Shura, segurando as mãos de Lúcia, olhava-a amorosamente. Enquanto assistia a outra, falou:

— Deixe-me olhar para você! Quanta falta senti de você, querida Lúcia. Diga-me, como foi em Nova York? E como está seu irmão, o Boris.

— Nova York está ótima, querida. Aplaudindo o sucesso de Kappa. Tanto os russos quanto os americanos o admiram. Você sabe, ele escreve com a pena do diabo. E Boris está como sempre, levando a vida de esbanjador. Acha que ainda é o mocinho rico de antes.

Shura riu e disse: — Kappa não teria pegado você de outra maneira e Bala, meu amigo de infância querido, é o que é, nunca mudará. Mas eu o amo assim mesmo.

Lúcia se sentou numa poltrona ao lado da mesa de café e ficou olhando para os álbuns à sua frente.

— Estava arrumando as fotos? — perguntou.

Shura assentiu com um sorriso irônico, dizendo “sim”.

Por um momento, uma nuvem passou pelos olhos de Lúcia.

— Parece cansada — ela disse.

— Praticamente não dormi à noite. Às vezes não acredito que todos esses anos se passaram — Shura apontou para as fotos.

— Sim, querida. O ontem já é muito remoto.

— Exatamente — disse Shura, com um sorriso amargo. Sinto como se o tempo... bem, eu estava olhando as fotos na noite passada e não percebi que dormi; quando acordei hoje de manhã, senti como se a noite estivesse perdida. Queria reviver as memórias para não esquecer os rostos, mas olhar para essas fotos só me faz sofrer. Não sei por que faço isso comigo mesma. Sinto que a vida foi injusta.

— Não pense assim, querida. Alguns de nós só querem esquecer o que nos machucou. Excluir momentos que não acrescentaram nada a nossas vidas. Não faz sentido se culpar por isso.

Shura, de repente, levantou-se como se lembrasse de algo que havia esquecido.

— Perdoe-me — disse ela. — Nem perguntei se queria beber alguma coisa. O que posso lhe oferecer?

Lúcia se levantou também. — Você não vai me oferecer nada. Vá se vestir, pois vamos sair juntas. Precisamos comemorar este encontro.

— Mas você acabou de chegar.

— Vim para encontrá-la. Encontrei, e agora a convido para jantar. Tem outro compromisso?

— Não, não tenho outros programas, mas...

Shura quase disse: “Alain foi encontrar a esposa”. Shura não queria falar sobre a esposa de Alain com Lúcia. Pelo menos por enquanto. Mesmo quando decidira que iria terminar o relacionamento que já se arrastara tanto. Ela definitivamente havia tomado a decisão final. Shura continuou sua sentença, que foi interrompida por um momento:

— Não tenho outro compromisso, mas não estaríamos mais confortáveis aqui, sozinhas? Além disso, temos champanhe na geladeira.

— Você está certa — disse Lúcia, sentando-se novamente. — Por um momento, fiquei com vontade de comemorar. Mas não está mais aqui quem sugeriu sair nesse frio e não quero ninguém escutando a nossa conversa — disse Lúcia e acrescentou, sorrindo: — Isso é quase impossível em restaurantes em Paris.

Shura olhou para a mão de Lúcia e admirou seu anel de casamento, que brilhava intensamente. Parabenizou sua amiga de infância, que havia se casado com Kappa Davidoff. Ter tido um obstáculo para o casamento foi o suficiente para responder à obsessão de Lúcia.

Elas puxaram os banquinhos sob a bancada de mármore da cozinha. Enquanto Lúcia começou a contar sobre sua jornada em Nova York, Shura colocou a garrafa de champanhe e os cubos de gelo numa bandeja. Lúcia, brincando com um elegante brinco de rubi, continuou falando:

— Você adoraria conhecer Nova York, Shura. O poder clássico de Paris não tem nada a ver com sua peculiaridade e cultura. Especialmente se comparado a nossa pequena Kislovodsk. Lógico, nossa terra natal tem seu próprio charme, mas Nova York é outro mundo, uma cidade animada. Claro, se eu não fosse uma simples turista, talvez não tivesse a mesma impressão. Fiz muitos novos amigos entre os intelectuais e ricos de Nova York.

— Kappa é a companhia ideal quando se pensa nisso — disse Shura. — Ele conhece Deus e o mundo — riu —, e Kappa é um homem especial.

Lúcia, por um momento, ficou em silêncio com seus próprios pensamentos. Talvez pensasse se o marido merecia todos aqueles elogios. Parecia que ela não conseguia decidir se sim ou não, pois parecia procurar por uma resposta. Hesitou em dizer o que estava acontecendo. Então, respondeu, pausadamente:

— Não podemos dizer que compartilhamos muito a vida com ele. Além disso...

Lúcia não foi clara o suficiente para explicar o que queria dizer. Shura não insistiu. Ela mesma estava guardando seus segredos. Tomando a bandeja que segurava na mão, moveu-se em direção ao corredor.

Era claro que Lúcia estava sendo cautelosa. Sentenças inacabadas eram um claro sinal de que ela queria falar, mas temia algo. Depois de levar Lúcia de volta para a sala, Shura encheu os copos e elas tomaram o primeiro gole. Brindaram a Paris, a Nova York e ao futuro.

— Sim, não tenho muito o que compartilhar de Kappa... — Lúcia riu, tomou outro gole e acrescentou: — A melhor parte de se casar com Kappa é curtir Paris e Nova York, estar perto dessas pessoas incríveis, passar o verão fora da colônia russa...

Shura disse animadamente: — Por que quer fugir da colônia russa?

— Não havia um dia, desde que cheguei aqui, que não estivesse com meus compatriotas. Lógico, é bom estar com uma pessoa familiar, mas é ótimo estar em um canto completamente diferente do mundo. Foi tudo uma nova surpresa. Ah, Shura! Você se lembra da Sonia? Sonia Finkelstein.

— Talvez — Shura esforçou-se para se lembrar melhor do nome. — Acho que a conheci em Moscou quando fomos à cirurgia do meu pai — disse Shura.

Lúcia acrescentou, rindo: — Você certamente se lembra. O apelido de seu pai era rinoceronte da Rússia. Ele foi barão.

— Ah! Lembro-me melhor agora — disse Shura.

— Qualquer que fosse o barão do peixe arenque — disse Lúcia. — Bem, se você recebesse convites da parte do czar encontraria todos os nobres da Rússia.

— Você os encontrou? — perguntou Shura.

— Sim, a Sonia. Ela está em Nova York e o pai ainda é barão. Mas eles deixaram a Rússia antes do conflito. Gostaria que pudéssemos ter feito a mesma coisa. Não pudemos escapar com fortuna, mas apenas com uma mala.

— Não tínhamos para onde ir, Lúcia. Nosso país era a Rússia.

— Você está certa. Temos que deixar o passado no passado.

Mas Shura voltou às suas lembranças, as mesmas que lhe tiraram o sono à noite, embora não quisesse prolongar esse sofrimento.

— Como ela chegou à América? — Shura tentou mudar o assunto para o mundo de Sonia novamente.

— Então...? Ela teve um casamento de curta duração depois da guerra na Alemanha, mas soube como tomar decisões rápidas. Parece que se apaixonou loucamente por algum americano.

Quando Lúcia falou sobre o amor louco de Sonia, foi como Shura se visse a si mesma. Foi inevitável não pensar em Seyit. Será que o amor apaixonado de Sonia seria sem lesões?

— Ela se entregou nos braços do homem e mudou-se para a América...

Shura mal prestava atenção no que Lúcia falava. Depois de alguns minutos, preocupada com o fato de que Lúcia percebesse que estava dispersa, voltou-se para a amiga. Mas Lúcia também havia parado de falar. Uma palavra qualquer a remetera à sua própria história. Então, de repente, voltou a falar como se tivesse acordado de um sonho.

— Bem, como eu estava falando, ela começou seu casamento louco e muito apaixonado, embora conhecendo o homem há pouco tempo, casaram e se estabeleceram em Nova York.

— Mas ela está satisfeita com a vida? — perguntou Shura.

— Muito. É o que parece. O marido comprou cinco acres de terra em Oyster Bay, em Long Island. Sonia está cercada por arquitetos e empregados. Evidentemente, russos brancos — Lúcia riu. — Os russos estão por toda parte, minha amiga. Não há como fugir deles, mas Sonia os adora. A Bielorrússia será o paraíso dos artistas — disse Lúcia.

— Um pouco ambicioso demais, não é?

— Não, minha querida. Com tanta riqueza, o marido de Sonia pode fazer o que quiser. Ela me contou que começou a colecionar obras de arte. Em 18 de março, no Grand Central Palace, houve uma exposição aberta com artistas da Rússia, desculpe-me, da União Soviética.

— Você foi?

— Sim. E pude ver que toda a colônia russa branca estava lá. Tanto as obras dos pintores clássicos que conhecemos, como as pinturas dos novos pintores soviéticos.

— Como é a atitude dos americanos para conosco?

— Com os russos, você quer dizer? Eles são muito simpáticos. Estão sempre se aproximando para conversar. Os americanos têm um interesse especial na aristocracia, nos russos do czar. O que aconteceu com os Romanov[4] foi uma história trágica para eles, parece um romance, e eles veem os russos brancos como parte disso. Tendo em vista o que fez a Rússia comunista com os milhares que morreram e nós que fugimos... É por isso que esta exposição fez tanto sucesso.

— Sim. Imaginei isso também — disse Shura.

— Afinal, faz apenas sete anos do conflito e as histórias aterrorizantes ainda estão frescas.

— Os americanos podem ter pensado que suavizariam essa dor apreciando a arte de quem sofreu.

— Algo assim — concordou Lúcia. De qualquer forma, Sonia obteve pinturas maravilhosas daquela exposição. Pinturas de Sergei Vinogradov, Mikhail Nesterov, Alexander Morayov, Boris Kustodiev e outros.

— Mas estes são os pintores do nosso tempo — disse Shura.

— Sim. Como são soviéticos, foram incluídos na exposição, como eu disse. Shurochka, entendo que todo mundo sofreu com o novo sistema. Se alguns pintores estavam contra o czar, arrependeram-se e fizeram as pazes com a aristocracia. Então, acreditando ou não, agora são membros do grupo soviético e são artistas. E não poderia haver uma melhor apresentação para o local, afinal, eles já tinham fama internacional.

— Fico feliz — disse Shura, sem muita expressão, apenas para dizer alguma coisa.

— Pode ser uma chance para os soviéticos terem suas fortunas removidas da Rússia, mas mesmo que isso nunca ocorra, acho muito agradável ver uma avaliação tão significativa dos artistas russos.

— Em que sentido?

— Se você olhar para a própria narração de Sonia, ela diz que “deixou a Rússia apenas com seus uniformes e livros escolares”.

— Talvez apenas diga isso como uma expressão de uma condição física, quando eles foram para a Alemanha. A riqueza de seu pai provavelmente os espera em algum lugar.

— Não sei. Enfim, quando vamos para Nova York? Teremos uma casa nos esperando na ilha — disse Lúcia, muito empolgada.

— Se você fosse se estabelecer na América, onde você preferiria morar? — Shura perguntou, enquanto enchia suas taças de champanhe:

— Acho que em Nova York... Palm Beach ou Los Angeles... Sempre pode haver uma casa para nos hospedar, de acordo com a estação — disse Lúcia.

Shura riu.

— Lúcia! Sejamos humildes, por favor.

— Por quê? — perguntou Lúcia, mas não esperou pela resposta e continuou: — Você verá o apartamento de Alice em Nova York. É como uma mansão. Não estou falando da casa dela em Palm Beach. A casa de Nova York é um filhote de palácio na costa do oceano. Você se lembra de Alice DeLamar, não é? Quando o pai morreu, deixou dez milhões de dólares para ela. Alice e Sonia estarão em Paris em breve. Definitivamente as encontraremos.

Lúcia adorava falar do luxo. Ela sentia prazer nisso. Afinal, na infância fora rica, depois da Revolução perdera tudo e vivera dias ruins, praticamente na miséria. Até que ponto isso mudou depois do casamento? Mas se há uma coisa certa é que Lúcia via seus amigos ricos como sua propriedade. Vangloriava-se das possibilidades financeiras deles. Para Lúcia, embora Shura não fosse mais rica, sua beleza e a identidade russa branca dela eram quase como um símbolo de nobreza e ela poderia obter alguma vantagem nisso. Lúcia não era má, apenas tola. Para Shura, isso significa que muitos bielorrussos ao seu redor não tinham o caráter tão bom assim. Embora Shura visse o caráter de Lúcia claramente, recebia a amiga de maneira amorosa e acrítica. Além disso, apesar de todas as diferenças entre as duas, Lúcia era sua melhor amiga. Por outro lado, Shura sabia muito bem que, especialmente para quem tivera um título de nobreza e necessitara abandonar sua fortuna, coisa comum entre os bielorrussos que precisavam ganhar a vida com trabalho, isso era muito difícil. Gabar-se das fortunas e da estreita amizade com nomes importantes como George Balanchine, Tamara Geva, Vladimir Nabokov e outros, era a identidade da Sra. Kappa Davidoff.

Enquanto Lúcia tagarelava, contando a vida de seus amigos ricos, Shura estava com os pensamentos longe dali. O que estava passando por sua mente a uma grande velocidade, Lúcia nem imaginava. Para Shura, nem Alice, nem Sonia, nem a maravilhosa vida que elas possuíam tinha a menor importância para ela. Shura não sentia o menor ciúme ou inveja. Seu pai fora o barão da mineração czarista. Sua mãe, uma Stragonov, era também de família aristocrata. Ela nascera e morara em um palácio de conto de

fadas. Crescera com babás e professores particulares. Até em comparação a muitas outras crianças aristocráticas ricas, tivera uma vida mais afortunada, pois em sua família havia sentimentos calorosos. Nascera em uma família amorosa, crescera em uma casa cercada por cuidados. Zhulien Verzhensky, seu pai, fora o melhor homem que já existira, na opinião de Shura. Tina e Shura eram as filhas do segundo casamento de seu pai. Ele e a esposa, e todos os seus quatro filhos, Pola, Cola, Nina e Vola, viviam em paz no seio familiar e ele nunca se separou de suas duas filhas. Zhulien Verzhensky também tinha amor por seus enteados e se interessava por eles. Shura era a menininha de Pola, de Cola e de Vola e ela amava os irmãos. Os irmãos tinham o sobrenome Lissenko, do pai deles, e não Verzhensky, de seu padrasto.

Lúcia falava algo sobre Alice DeLamar, enquanto Shura tinha um sorriso doce nos lábios: supostamente ela ouvia, mas vagava nas memórias de sua infância. Ela pensava muito nos irmãos, especialmente em Nina, que era doce, gentil e suave como algodão. Era nove anos mais velha que Tina e dez anos mais velha que Shura, mas a mãe de Shura e o pai, ou os irmãos mais velhos, colocaram um escudo de proteção em torno de Nina. Shura lembrou-se do motivo disso com compaixão. Tão infantil era a querida Nina... Naqueles dias difíceis em Kislovodsk, a família, como se houvesse um contrato entre eles, nos ambientes em que Nina estava, tentavam falar tudo o mais suavemente possível para não alarmá-la. Mas a realidade era contada a Tina e a Shura. Nina não precisava saber das situações perigosas e tristes.

Shura tinha apenas cinco ou seis anos quando perguntara à mãe por que Nina falava tão devagar. Ela se lembrava tão

profundamente de cada palavra que sua mãe dissera como se tivessem sido ditas ontem:

— Porque Deus quis assim — dissera sua mãe.

— Bem, devo falar como ela? — Shura perguntara.

— Não, Shurochka — respondera a mãe, — ou então Nina pensará que a está imitando e isso pode partir o coração dela.

— Mas por que seu coração deveria partir? — a menininha insistira. — Nina fala muito bem. Ela nunca se apressa. Não posso falar assim, mamãe?

A mãe pegou suas mãos nas palmas das mãos dela, olhou nos olhos de Shura e respondeu com voz amorosa:

— Minha querida, Deus está em todos os nossos corpos, todos têm suas próprias vozes, seu próprio caráter, sua maneira de falar e suas maneiras de fazer as coisas. Por exemplo, Tina e você sabem tocar piano...

— Mas Tina toca muito melhor do que eu — Shura interrompeu a mãe e Ykaterina Nicholaevna assentiu, sorrindo: — Sim — ela respondeu —, porque o coração de Tina está nas teclas do piano. Ela coloca um pedaço maior de si mesma ali, um pouco menos que você. Mas isso não a faz menor ou menos importante. Conforme você crescer, encontrará algo que fará melhor que Tina. Ainda descobrirá seu dom, minha querida. Além disso, todas vocês são muito especiais individualmente.

Shura assentiu. De fato, sua mãe e seu pai, independentemente da idade, do sexo e da capacidade de cada um deles, sempre os trataram de forma muito especial. Eles os fizeram sentirem-se amados.

— Nina só que quer viver a vida mais devagar que nós, não é, mamãe?

— Sim, filha. E não há nada que possamos fazer. Mas você não precisa se preocupar. Apenas a entenda e a deixe em paz. Mais para a frente, quando você crescer, compreenderá.

Para Shura, que estava num verão em Kislovodsk, no jardim, com sua mãe e com Nina, parecia que a voz de Lúcia vinha de outro mundo. De repente ela não conseguia entender do que Lúcia falava e a amiga lhe perguntou:

— O que há com você, Shura? Não escutou nada do que eu disse? O que há de errado? Pois há algo errado. Você está muito estranha.

— Estou largando Alain.

Lúcia avançou em seu assento e encarou Shura. Parecia muito surpresa.

— O que está dizendo, Shura?

— Disse que estou deixando Alain.

— Quando decidiu isso? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Na verdade, talvez tenha acontecido muita coisa. O que importa é que já tomei a minha decisão.

— Por que não disse nada desde que cheguei? — Lúcia parecia ter esquecido Nova York e os contos de fadas. Era óbvio que estava muito interessada no problema de sua amiga. Levantou-se e foi até Shura e se sentou ao lado dela, abraçando-a. Lúcia perguntou:

— O que posso fazer por você?

— Nada, querida Lúcia — Shura murmurou. — Não há nada que alguém possa fazer. Esta é a minha decisão.

— Alain sabe?

— Ainda não.

— Quando tomou essa decisão?

— Pouco antes de você chegar.

— Não posso acreditar. Você tinha tomado uma decisão tão importante e não me disse nada desde que cheguei. Deixou-me tagarelar sem parar...

Shura sorriu, pensando que havia acabado de interromper o discurso da amiga para dar essa notícia.

— Não é nada engraçado — respondeu Lúcia.

— Não, claro que não é engraçado, querida. Apenas não queria estragar o prazer de sua visita, sua empolgação por Nova York, com os meus problemas.

— Shurochka, isso é muito mais importante do que qualquer coisa que eu disse. Minha querida, quem sabe o quão difícil está sendo para você... Mas por quê? Alain não a faz feliz?

Shura segurou o braço de Lúcia com um toque amigável.

— A questão não é se ele pode me fazer feliz ou não. Gosto muito dele e sei que ele está apaixonado por mim. Mas...

— O que mais você poderia pedir, então?

— É sobre se estou feliz.

— E você não está?

— Não...

— Pensei que estivesse feliz. Parecia.

— Não estou feliz, Lúcia. Só quero ser feliz. Minha vida é tão pesada que, quando a felicidade chega, eu a perco.

Lúcia deve ter achado que o que Shura falava era muito complicado, pois piscou várias e vezes e nada disse.

— Enfim — disse Shura —, queria compartilhar isso com você.

— Fez muito bem, querida. Claro que iria compartilhar comigo. Mas, infelizmente, você diz que não há nada que eu possa fazer.

Shura levantou-se devagar, caminhando em direção à porta da varanda; por fim falou:

— De fato, há muito tempo que estou tentando tomar essa decisão. Mas o que eu disse é verdade. Decidi minutos antes de você chegar. Foi quando, claramente, enxerguei que não havia outra saída.

— Shura, tenho dificuldade em entender o que quer dizer, querida.

Shura sorriu um riso triste.

— Eu tinha coisas na cabeça, Lúcia. E não conseguia ser feliz. Eu me questionava constantemente... Depois de todas essas experiências que vivi, há algo que sei muito bem: se eu tiver dúvidas ou preocupações em relação a algo é porque estou indo na direção errada ou fazendo algo errado. Eu não me sentia em paz com Alain.

— Não percebemos nada disso em você... — Lúcia murmurou. Shura esperou que ela completasse o que queria dizer e Lúcia continuou: — Parecia tudo tão perfeito... Mas a verdade é que a gente não sabe da vida privada das pessoas. Por exemplo — Lúcia continuou depois de refletir alguns segundos: — Kappa e eu... tenho tantas perguntas sobre ele, sobre o nosso casamento na minha cabeça... mas deixo as perguntas onde elas estão.

— Sim — Shura disse com um sorriso. — Você está certa. Somos diferentes em relação a isso. Não consigo ser como você.

— Talvez esteja fazendo melhor que eu, Shurochka... Quando vai contar a ele?

— Hoje... quando ele voltar.

— Na véspera do Natal? Você é tão cruel!

— Acho que não, Lúcia. Quanto mais cedo, melhor. Toda celebração, todo bom compartilhamento enriquece as experiências e dificulta a mudança.

Lúcia não conseguiu entender, mas admitiu com um movimento de cabeça.

— Você sabe o que é melhor para você.

Então acrescentou, como se para quebrar aquele clima desagradável:

— Então, para seu Natal e o seu Ano Novo, definitivamente precisamos fazer outros programas.

Embora não tenha vindo de dentro, Shura riu:

— Por quê? — ela perguntou. — Por que outro programa? Eu deveria ter algum?

— Deixe isso com sua amiga. Vou organizar as mais belas celebrações do ano. Você terá outro programa que a manterá entretida. Tudo bem?

— Acho que prefiro passar sozinha, Lúcia. Não serei boa companhia para ninguém.

— Está louca?! Seria muito estranho passar o Natal e o Ano Novo sozinha. Seria um horror.

— O que há de tão estranho nisso? Que surpresas desagradáveis e dolorosas tivemos em nossos dias mais bonitos e especiais...

— Mas nesse dia muito especial, esse ano, podemos fazer nossa própria escolha e nossa própria celebração.

— Sentiremos dor, saudades, solidão e lamentaremos nossas perdas, Lúcia.

— Claro que isso não será fácil, mas tenho certeza de que doerá muito mais se você ficar sozinha.

— Não sei — disse Shura.

— Estou certa de que Alain levará um grande choque.

— Como eu disse, Lúcia, pensei muito. Desde que vim de Istambul, tenho pensado muito nisso. Se eu estender essa situação, haverá maiores decepções. Quero minha vida sozinha. Eu realmente preciso disso.

— Entendo, querida. Se precisar de apoio financeiro...

— Obrigada, querida Lúcia, acho que posso lidar com... vou procurar a Irina Romanov[5] e pedir um trabalho. Acredito que talvez eu possa trabalhar como modelo e me manter em Paris.

— Com seu ganho como modelo, seria muito difícil manter-se neste endereço, Shura.

— Sei disso e não me importo. Moro aqui apenas porque é a casa de Alain. Mas posso arrumar uma casa em ruas mais afastadas. Não me importo com isso, Lúcia.

Lúcia olhou para a amiga com certa inveja daquela força moral:

— Não tem medo... de viver uma vida mais pobre? — Lúcia perguntou.

— Eu algum dia tive medo, Lúcia. Mas quero ser dona de minha própria vida. Ter um homem apenas para assistir minhas necessidades, pagar minhas contas... sem amor... a simples ideia de viver assim me perturba.

— Sim, querida. Eu a entendo — disse Lúcia, embora não entendesse.

— Você ficará realmente surpresa, meus planos são reais — disse Shura.

— Mas o que realmente quero dizer é que, quanto mais ricos nossos homens são, mais permanecem no nosso pé — disse Lúcia.

— Quero ser livre para buscar meu próprio destino, para conhecer um homem a quem realmente entregue o coração e não ficar com alguém por medo de estar sozinha. Devemos ter liberdade de escolha.

— Talvez você tenha razão — disse Lúcia, pensativa.

— Estou feliz que pense como eu — disse Shura.

— Sim, mas podemos combinar de eu te apresentar a alguém? Não vai se trancar em um convento, não é?

Shura sorriu em silêncio.

— Depende de quem.

— Nunca negligenciei as possibilidades que eu tinha de uma nova conexão.

— Você é mais corajosa que eu — disse Shura.

— Acho que o tempo passou e me ensinou isso.

Lúcia não sabia o que Shura tinha feito depois de deixar Kislovodsk e ir para a casa do tio em Bogayevsky. Shura tinha pouco a dizer sobre sua vida passada. Todas as histórias que ela contara para Lúcia foram superficiais e inespecíficas. Lúcia sabia que, certamente, Shura tinha experimentado coisas mais profundas do que o que ela compartilhava. Ela fez a primeira pergunta que tinha em mente:

— Existe alguém de quem não consegue esquecer?

Shura murmurou com um sorriso agridoce:

— Foram sete anos, querida Lúcia... em sete anos podem ter acontecido muitas coisas inesquecíveis.

Essa foi a resposta de Shura sobre os últimos sete anos, mas levaria mais alguns anos para Lúcia descobrir seu significado.

CAPÍTULO 8

ESTÁ NA HORA DE TERMINAR?

Nenhuma separação é fácil e essa também não seria. Shura sabia muito bem. Mas não podia permanecer com um homem apenas para viver uma vida confortável. Gostava de Alain com um tipo de afeto diferente daquele com o qual amara Seyit. Mas Shura sabia que se permanecesse com Alain aquele afeto que sentia por ele faria com que uma esposa ficasse sem o marido. E essa era uma culpa grande demais para se administrar até a morte. Alain não era o homem com quem ela queria estar, com quem queria ter um filho, pois, sim, ela deseja dar à luz uma criança.

Alain era carinhoso e compreensivo. Ela gostava dele, isso tem que ficar claro. Não desgostava de seu amor e sua compaixão por ela e estava encantada com isso. Mas era tudo. Não havia borboletas na barriga nem pássaros no coração. As asas de seu coração não batiam quando pensava nele, mesmo quando ele estava por perto.

Indubitavelmente, as emoções de Alain se desenvolveram de maneira diferente, ela sabia disso muito bem disso.

Agora, mais uma vez, talvez por sua própria decisão, estava cometendo um grande erro ao escolher a solidão novamente. Mas, para satisfazer seu medo, não podia dar a Alain mais esperança, pois no dia em que fosse incapaz de lidar com as emoções, aí sim, causaria um erro maior, uma grande destruição.

Desde que Lúcia se foi, Shura estava lutando com essas questões em sua mente.

Poderia ela planejar sua vida sozinha? Estaria largando uma vida confortável para saltar no escuro? Será que conseguiria se

manter sozinha? Ficar com um homem por causa disso poderia até ser o caso de muitas mulheres, mas Shura não queria que fosse assim com ela. Quando pensava nisso, a resposta era sempre a mesma: “Saia o mais rápido possível dessa relação! Siga o seu próprio caminho!” Então, por que o medo? Estariam suas emoções querendo boicotá-la? Mas Shura lutava bravamente, buscando formas de encorajar-se a fazer o que, para ela, era o correto. Pensou nos momentos difíceis que já passara, as ocasiões em que tivera de ser forte. Ela ficou surpresa ao pensar quantos eventos já vencera.

A ocasião em que a mocinha frágil e delicada tivera que largar mãe e irmãs e viajar sozinha lhe veio à mente. Jovem e inexperiente, um mundo assustador se descortinava diante dela. Um calafrio tomou conta de seu corpo ao recordar-se de quando foi acordada com o tiroteio da revolução em Kislovodsk, em 1917: os bolcheviques atacaram no meio da noite para provocar saques. Aqueles, sim, foram tempos cheios de terror e medo. Todas as moradias da cidade foram saqueadas e homens foram presos e mortos. Ela ainda podia ouvir os gritos das mulheres e das crianças de Kislovodsk. Gritos terríveis. Shura não queria mais se lembrar daqueles gritos, tentou bloqueá-los em sua mente, mas os sons dolorosos, impossíveis de descrever, também eram impossíveis de serem esquecidos. Estavam presos em sua mente.

Os bolcheviques espalharam cadáveres por toda a cidade. Seus rostos foram cortados e ficaram irreconhecíveis. Uma brutalidade sem fim. A razão para as pessoas não pararem de gritar tinha que ser entendida. Foi onde a barbárie prevalecera. Mas Shura recordou-se de como ela e Tina haviam escapado sob o fogo

da barragem sobre Kislovodsk. Ainda sentia o cheiro amargo de pele queimando. Ela se viu correndo por uma longa estrada fora da cidade, sem saber para onde estava indo, quando ouviram o galopar de cavaleiros. Tina disse: “Estamos mortas agora!” Shura recordou daquele instante com lágrimas nos olhos. Mas, felizmente, não eram os soldados do Exército Vermelho, mas sim os soldados do czar, informando que, por ora, os bolcheviques tinham sido derrotados e elas e os demais podiam voltar para casa. Na época, ela os viu como soldados mensageiros que trouxeram a cura, mas não podia prever que seus pesadelos estavam apenas começando.

Shura, ao regressar para casa com Tina, encontrou sua mãe e Nina vivas em frente à lareira. Tinham sido salvas por um milagre de algum anjo que protege os inocentes. Foi o que Shura pensou na época ao lembrar-se de Nina e de sua pureza. Mas essa foi a última visão da lareira da casa de seu pai. Ela possuía uma mala preparada por sua mãe e tivera de se despedir às pressas desta última, de Nina e de Tina, todas em lágrimas, mas não havia outra saída: tinha que ir para a casa de um tio se quisesse viver. Shura ficou olhando para a casa da família até desaparecer numa esquina, esquina que sepultara para sempre seus lindos dias de infância e a fizera amadurecer precocemente. Fizera tudo isso mordendo os lábios para não chorar, mas ainda assim chorando.

Assim que chegou à estação, com os olhos cheios de medo, tentou escapar da morte entrando no compartimento de espera. Para onde ir e o que fazer? Centenas de pessoas que não sabiam o que podia acontecer estavam na mesma situação que ela. Quanto desespero, quanta solidão! À medida que os minutos se passavam, Shura sentia que a multidão em torno de si só crescia. Mas teria que

se acostumar àquela multidão. Embora não tivesse tido qualquer preparação para aquela viagem, a estação de Kislovodsk estava prestes a levá-la a uma jornada que mudaria para sempre a sua vida completamente. E Shura sentia isso.

Assim que o apito do trem foi ouvido lá longe, foi um puxa dali, empurra daqui, pessoas tentando abrir caminho com os cotovelos para fugir de Kislovodsk a qualquer custo. Aquilo a deixou atordoada e desesperada, mas ela não tinha tempo de parar para se dar conta das lágrimas que banhavam seu belo rosto. Quando o trem parou, percebeu-se que seus vagões já estavam lotados, pois ele parara em estações anteriores. A multidão enlouqueceu ao ver aquilo. Foi a primeira vez na vida que Shura se sentiu à deriva. Ela ouviu o apito do trem e foi como se flutuasse levada por centenas de mãos. Ela foi jogada para dentro do trem pela multidão entre sacos, sacolas, pilhas de madeira e palha. Por sorte não soltara a bagagem. Pessoas estavam alinhadas como em uma pilha de peixes, era assim que se sentia.

Shura lembrou-se do terrível compartimento de trem e da barragem do medo numa noite de inverno com o céu azul-escuro. Quando olhava para cima, para trás, para rostos que nunca riam, tinha a sensação de que nunca mais seria feliz. Aquelas pessoas pareciam ter nascido com rostos tristes e sombrios. Mas Shura as compreendia: o que haviam experimentado tornaria a vida de qualquer um daquela forma. Quantos ali tinham deixado para trás cadáveres em vez de vida? Shura reviu a guerra e seu conflito em Kislovodsk, pessoas que viveram as mais desastrosas e sangrentas experiências, que testemunharam atrocidades, como rir? Ela sabia que não poderia ser. Embora estivesse longe da vida segura e

abundante que tinha — poderia estar indo em direção à pobreza —, havia deixado sua mãe e irmãs vivas, e isso era uma vitória. Mas a verdade era que naquele trem ninguém era diferente, todos eram iguais. Pobres e ricos, a vida de todos estava ligada pelo horror, pelo medo da morte e pela obscuridade.

Aquele fora um dos momentos mais importantes da vida de Shura. Foi quando amadureceu. Tornou-se adulta de uma hora para outra. Ao pensar naquela jornada, naquele trem, como comparar com a vida que essa jovem elegante vivia agora? Ela sobrevivera e isso era lindo.

Shura assistia a sua jornada como se estivesse assistindo a uma peça de teatro.

À medida que as horas avançavam, o ar dentro do trem ficava mais pesado. Apesar do frio, o cheiro de pele, do suor e da ureia deixavam Shura sem fôlego. Mas, em meio aos caixotes e corpos, por fim ela arranjara um lugar onde pôde respirar confortavelmente. E entre aquelas pessoas aguçadas pela agressão, provocadas pela insegurança e pelo medo, encontrara um companheiro tão amigável que deixara Shura relativamente confortável.

Em determinada parte da viagem, rumores de que os bolcheviques estariam esperando pelo trem em determinada estação começaram a circular pelo vagão. O jovem companheiro de Shura foi fundamental naquele momento. Ele lhe deu coragem: “Não os escute”, dissera: “se ouvir essas pessoas, vai ficar infeliz ou até obscurecer sua mente. Nós criamos nossos próprios caminhos. E por que não acreditar em um futuro melhor? É necessário acreditar, pois as pessoas perderam a esperança...” Shura escutava esse companheiro calmo e estranho, mas nunca soube para onde ele foi.

Acreditava que eles iriam viajar juntos por dias. Mas no terceiro dia de viagem, para conseguir algo para comer, o jovem saiu e não mais voltou. O trem tocou a sirene da partida, Shura entrou em pânico, temendo que ele se movesse e seu amigo ficasse para trás. Gritou, esperou que ele viesse, mas nunca mais o viu. Em sua mente, ela gostava de pensar que ele se acomodara em outro vagão. Jamais pensava que algo ruim tivesse acontecido com ele.

Entretanto, Shura se sentiu desprotegida durante o restante da viagem. Quando, por fim, depois de vários dias indescritíveis, de verdadeira tortura e até fome, escutou o nome da estação Novorossiysk, onde encontraria seu tio Bogayevsky, pensou: “Meu Deus! Não acredito que cheguei!” Mas essa viagem de trem foi apenas a primeira.

De fato, dez dias depois, quando chegou a Novorossiysk, soube que nada era garantido. Não havia ninguém esperando por ela. Será que seu tio tinha sido morto? Estaria sozinha? O que faria naquela cidade desconhecida, para onde iria? Shura não sabia o que poderia lhe acontecer. Enquanto vagava de um lado para outro na estação de Novorossiysk, totalmente perdida e sem rumo, em grande agonia pensava naquelas que havia deixado para trás: sua mãe, Nina e Tina, e que tinha que ser forte por elas. Mas ao mesmo tempo pensava que os bolcheviques poderiam voltar, atacar e matá-las. Ao mesmo tempo que pensava que elas poderiam estar feridas ou mortas, pensava em Seyit, o homem por quem se apaixonara. Onde ele estaria? Seu querido amor. “Seyit, onde você está?”, pensou, sentada em cima de sua bagagem e enroscada em seus joelhos. Teriam suas cartas chegado até ele? Shura não tinha certeza de nada. Se ele estava de volta da guerra, ela não sabia.

Com tantos pensamentos conflituosos, Shura saiu de seu sonho e retornou à sala da casa em que estava em Paris. Agora se sentia mais forte do que nunca. Agora seria muito mais fácil contar sobre sua decisão a Alain.

Como se estivesse programado, no momento em que Shura reuniu esses pensamentos ouviu-se a campainha da porta. Era óbvio que Alain estava chegando. Ele nunca entrava sem bater, embora aquele apartamento fosse dele. Parecia que temia perturbar. Alain agia dessa forma para não pressionar Shura. Ela realmente teria coragem de fazê-lo voltar às escadas? Quão difícil seria tudo... Mas Shura havia adquirido forças na jornada que acabara de fazer e, naquela noite, inevitavelmente alguém ofendido iria sair por aquela porta.

CAPÍTULO 9

UMA NOITE DE NEVE EM BEYOĞLU

Você deve voltar no tempo, para algum momento de dezembro de 1920, em Istambul.

Todo o trajeto da praça Taksim a Pera foi feito sob a neve. Em frente ao restaurante Taikan, as ferraduras dos cavalos atolavam. Eles progrediam com dificuldade, às vezes escorregando, mas sempre havia passageiros à espera de condução, de forma que o som do chocalho nos pescoços dos animais enchia o ar de música e dava à cidade um quê de encantamento, de um conto de fadas.

Em uma daquelas conduções, puxadas por cavalos, estavam Tina e Shura, àquela época ainda morando em Istambul. Olhando para a neve e os cavalos, elas relembravam a infância. Ambas olhavam os animais com admiração. Shura apertou a mão da irmã um pouco mais forte e um sorriso doce se espalhou por seus lábios. Nesse momento, cada uma delas sabia muito bem o que estava se passando na cabeça da outra. De repente, tinham voltado no tempo. Estavam lá atrás, em Kislovodsk, na estrada para Narzan Water. Haviam retornado àquela jornada, com pinheiros siberianos por toda parte, a troica puxada por três cavalos, cobertos de pele de bezerro; elas sentadas lado a lado envoltas em astracã[6] e casaco de visom, enquanto brincavam com os flocos de neve que estavam voando. Quanto tempo se passou... elas pensaram.

— Quão perto e quão longe, não é Tinochka? — Shura sussurrou.

— Sim, minha querida — Tina respondeu. — É como se tivesse acontecido ontem, como um conto de fadas...

Na altura do bairro Galatasaray, Tina pediu ao cocheiro que parasse em frente ao Taikan. Na ocasião, o crepúsculo caía sobre elas e as luzes azuis do Tokatlıyan Hotel se espalhavam calorosamente pelos bancos de neve.

— Como as noites turquesas da nossa infância! — exclamou Tina.

Shura, por outro lado, olhando para aquela noite pintada de azul, teve uma sensação completamente diferente. Lembrou-se do inverno de 1916, quando estava no teatro Bolshoi com Seyit ao seu lado, na magnífica noite de São Petersburgo. Seu coração vibrou e as borboletas sobrevoaram-lhe o estômago. De repente, estremeceu.

— Está com frio? — perguntou Tina, e, gentilmente, puxou Shura e a envolveu com seu braço.

— Sim — Shura murmurou, evitando os olhos da irmã. Ela se lembrava de que Seyit lhe fizera a mesma pergunta em uma noite tão gelada como essa:

“Não diga que não está com frio, posso sentir que está tremendo!”, ele lhe havia dito e ela não conseguira falar nada, apenas tremia de emoção. As palavras dele continuaram ecoando em sua mente: “Sabe, gostaria de poder trocar de lugar com eles. Gostaria de ser congelado com você nos meus braços enquanto a beijo. Então você ficaria nos meus braços, beijando-me por toda a eternidade”.

“Então você passaria frio por toda a eternidade”, dissera e Seyit parou, a segurou pelos ombros e respondeu:

“Minha querida! Com você nos meus braços? Não acho que isso seria possível”.

Shura se lembrou de que foi separada muitas vezes do seu amado, achou que estivesse ferido ou morto. Tivera outros homens, mas nenhum a fizera queimar como Seyit. Com nenhum a separação tinha doído tanto. Ela ouviu a voz de Seyit: “Quando você anseia por uma pessoa sente frio...”

Quando Shura e Tina entraram no restaurante, dois anjos do jardim do Éden, retratados na requintada pintura no teto, esticaram os braços para as duas jovens recém-chegadas. Pareciam querer abraçá-las.

***

Istambul, dezembro de 1924.

A lembrança daquela noite brilhante estava fresca na mente de Tina. Instintivamente, ela se abraçou apertado e mergulhou nos sonhos com um olhar pensativo e triste. Shura estava tão longe agora! A amorosa e meiga irmã, o anjo Shura... Tina suspirou, enquanto era incapaz de impedir que as lágrimas caíssem. “Perguntei a ela: ‘Você está com frio’? Então ela me respondeu: ‘Quando sofremos de saudades sentimos frio’. Elas não tinham falado sobre Kurt Seyit naquela noite, mas Tina sabia que ele estava na mente da irmã. Havia percebido muita coisa naquela noite. O desespero, a dificuldade no amor, podia ver a situação deles muito claramente e Shura estava muito chateada, mas ela não lhe dera espaço para Shura abrir seu coração. Shura nunca a culpou, ela sabia disso, mas sua própria consciência o fazia. Além disso, era sua única irmã, apenas um pouco mais velha e com as mesmas

dificuldades, vivendo no mesmo lugar desconhecido e tendo que buscar forças para lutar contra as intempéries da vida. Tina pensou que deveria ter dado espaço para Shura se abrir naquele dia.

Mas agora Shura já tinha uma nova vida para si. Escolhera ir embora de Istambul. No entanto, Tina sabia, Shura ainda poderia voltar. A razão de tudo era esse louco homem da Crimeia, Kurt Seyit.

Shura, com seus segredos, tinha ido para Paris. Tina decidira ficar em Istambul.

Elas agora se comunicavam através de cartas. A distância ou o amadurecimento parecia que as tinha deixado mais confortáveis para se abrirem uma com a outra. Agora elas podiam falar sobre seus conflitos, sofrimentos e desejos. Podiam tratar as deficiências e feridas que tinham criado para si mesmas. Talvez elas se aproximassem mais do que nunca. Essas questões eram discutidas em cartas, cartões de felicitações e de comemorações.

A admiração que Tina nutria por Istambul também valia para Shura. Ela sempre pensou que Shura amava Istambul. Sua ida para Paris fora tão repentina... Tina achava que Shura, com aquela decisão, estava fugindo mais uma vez. Além disso, a mais ousada aventureira entre elas era Shura mesmo, sabia disso.

Mas Shura, com seu caráter suave, a surpreendeu pela coragem e a calma e pela inesperada determinação de ir para outro mundo desconhecido. Fora líder, abrira suas asas e partira para a luta. Kurt Seyit havia se casado com outra mulher, os olhos azuis-escuros da Crimeia haviam ferido sua irmã. Shura provavelmente permaneceria em Istambul se nada disso tivesse acontecido. Então, tudo poderia ter se desenvolvido de maneira muito diferente.

Será que Shura estaria mais feliz hoje em Istambul do que em Paris? Ou se Kurt Seyit não tivesse se casado com outra de uma maneira ou outra eles se decepcionariam?

Tina não tinha essas respostas, mas torcia para que a irmã refizesse a vida em Paris.

Mas ela acreditava que alguma coisa difícil e desagradável se passava com Shura, e podia sentir isso. Tina tinha certeza disso. Será que Shura também intuía algo a seu respeito? Tina lembrou-se da carta que havia recebido de Sergei, o irmão mais novo de Konstantin. Tirou a luva da mão direita e pegou a carta na bolsa. A carta já tinha sido aberta e lida por ela. Novamente tocou no envelope. Foi como se tivesse atingido o fogo naquele momento. Tina pegou a carta, puxando-a para fora da bolsa e, por vários minutos ficou olhando para o envelope. O papel ainda a queimava a cada toque, a cada leitura. Seu corpo, seu coração... ela tremia... Poderia Konstantin estar vivo? Querido Kostya... O amor da sua vida, seu único marido... Nunca mais ouvira falar dele, ele não voltara e ela achava que seu amor tinha morrido... Mas, e se estiver vivo? E se voltar? Se ela deparasse com ele algum dia e ele lhe dissesse: “Estou em casa de novo”?

Tina foi tomada por uma emoção quando a frase “Fui detido. Estava preso” lhe veio à mente como uma remota possibilidade. O que diria a ele se isso viesse a acontecer um dia? Diria que tinha se casado com outro homem? O que diria para justificar tal coisa? “Eu estava tão sozinha, meu Kostya... Estava me sentindo tão sozinha... Eles disseram que você estava morto...” A respiração de Tina estava acelerada, ela se engasgou, queria chorar e gritar. Tina elevou as duas mãos ao rosto para esconder as lágrimas que o banhavam.

Ela gostaria de nunca ir adiante com esta carruagem dos sonhos, ao mesmo tempo que desejava que isso nunca terminasse. Mas a voz do cocheiro foi ouvida e os cavalos pararam.

Tina passou as mãos pelo rosto e rapidamente enxugou as lágrimas.

— Olivo Pass, senhora — disse o cocheiro. Tina esforçou-se para retornar à realidade da vida. Levantou o queixo, desceu da carruagem, pagou o cocheiro e vestiu as luvas. E entrou na entrada estreita de Olivo Pass. Agora, as memórias e os sonhos teriam que esperar à margem. De qualquer forma, ela os encontraria novamente.

Logo depois, as teclas do piano foram ouvidas. Seu corpo delicado gradualmente foi fortalecido por sua música. A neve branca e a luz azul haviam tomado conta de tudo. Pera estava cercada pela mesma luz e coberta com a mesma neve de outrora; Tina sorriu, embora aqueles a quem amasse estivessem muito longe dali: a música a tinha feito esquecer, mesmo que por ora.

O piano de Valentine no Rejans era sua tábua de salvação. Quando se sentava em seu banquinho, sentia que sua paz interior retornava. Ela estava pronta. Sempre fora assim. Sua música fazia com que as almas deixassem os corpos e se perdessem dos problemas, das dores. Com a música, ela podia alcançar lugares e pessoas. Tocava canções do lugar de origem daquelas pessoas. Seus dedos no piano tinham as chaves dos corações dos exilados de suas pátrias. Ali eles experimentavam a emoção para refrescar suas memórias. Não era suficiente, Tina sabia disso, mas sua música era um alento. Ela podia fazer isso.

Seu patrão, o imigrante russo Mihail Mihailoviç, no passado tinha um restaurante chamado Turquoise. Seu novo restaurante para russos brancos era o Rejans, um dos lugares favoritos de Beyoğlu. Possuía uma elegância exagerada e refinada, uma orquestra de Balalaicas e requintados pratos clássicos russos e da cozinha francesa. E tinha uma nobre pianista, ela, Valentine Zhulianovna Verzhenskaya, baronesa Clodt von Jurgenzburg. As pessoas iam ao Rejans para ouvir uma baronesa tocando durante as suas requintadas refeições. Clientes que queriam boa música, comer bem e dançar, procuravam o Rejans. Era um lugar especial, onde eles se sentiam na Rússia.

As garçonetes Vera Protoppova e Vera Çirik eram também mulheres russas que chegaram a Istambul devido à revolução. Naquela noite, o Rejans recebia pessoas que tinham ido lá comemorar o Natal. Clientes e funcionários estavam empolgados, já haviam começado a sentir a alegria e a emoção da celebração. Essa emoção havia se espalhado para todos: mesmo aqueles que tinham problemas sentiam vibrações positivas no ar. Tina também estava procurando aproveitar aquelas horas no Rejans.

Valentine olhou para os clientes sentados às mesas e para aqueles que estavam dançando. De repente, uma sensação calorosa tomou conta de seu corpo. Aquele país a recebera de braços abertos. Ali, ela era livre. Aquele país lhe dera a oportunidade de viver, de trabalhar e ganhar seu pão. Amava muito aquela cidade. Afastava o menor pensamento de sair dali. Viver em Beyoğlu era ter paz, trabalho e prazer, embora ela também sofresse. Isso era inevitável em qualquer lugar. Mas ali encontrara senso de propriedade, de pertencer a algum lugar. Seria muito difícil, mesmo

se fosse possível encontrá-lo em qualquer outro lugar, poder misturar tanto a tristeza quanto o prazer. Em Pera vivia o poeta, o escritor, o pintor turco, o chefe da missão estrangeira, suas esposas e familiares, junto com seus amigos. Tudo parecia estar embrulhado com entusiasmo.

“Amo essas pessoas”, pensou Valentine. A felicidade da multidão a havia contagiado. Pessoas aplaudiam; escutavam-se risos e gargalhadas. Um jovem de pé disse “olá” para ela. De repente, ela viu Kurt Seyit em uma das mesas ao lado da porta.

O sorriso congelou em seus lábios. O homem que havia moldado o destino de sua irmã. Um olhar para ele foi suficiente para mostrar que estava muito pensativo e que não estava feliz. Tina havia pensado nele na carruagem há pouco e sentiu como se o tivesse chamado com seus pensamentos. Ela olhou para o outro homem sentado ao lado de Kurt Seyit. No momento em que perceberam que Valentine estava olhando para eles, pararam de falar por um momento. Tanto Tina quando Seyit sentiam a ausência de uma pessoa que tanto amavam. Tina tinha certeza de que, ao olhar para ela, Seyit pensava em Shura. Os olhos dele diziam isso. Eles se cumprimentaram com um sinal de cabeça.

Tina não podia escutar o que se passava na mesa de Seyit, mas acontecia esse diálogo:

— Quando vai voltar para sua casa? — Yahya perguntou para Seyit.

— Desculpe-me. O que você disse? — Seyit disse ao tio.

— Perguntei quando vai voltar para casa.

— Em breve. Em breve...

— Você não se alongou um pouco, Seyit?

Seyit não respondeu. Tomou um gole de seu copo de vodca. Yahya continuou:

— Repito, Mürvet é apenas uma criança, não seja teimoso com ela e não se arruíne.

— Repito também, Yahya, sou teimoso com a vida, não com Mürvet. A vida aceitará minha luta tanto quanto eu seja com ela.

— Ela sabe disso? Entende por que você se comporta assim?

— Não — Seyit murmurou enquanto balançava a cabeça desesperadamente: — Acho que não...

— Você está tão disperso depois do ocorrido na Leginatsa...

— Leginatsa era um símbolo. Eu, meus sonhos, minhas paixões... Estou frustrado e ofendido porque não consegui. A culpa é de Mürvet.

— Não está sendo muito injusto, Seyit?

Seyit olhou para Yahya como se dissesse: “O que está dizendo?” Yahya continuou com um movimento de cabeça: — Você compartilhava com sua esposa seus sonhos desde o começo? De ir para a América? Aposto que não. Você criou um pequeno mundo para si, com seus sonhos, mas uma mãe, uma filha que cresceu com a proteção da família, é natural que se oponha. Veja como essa mudança seria difícil para Mürvet.

— Economizei esse dinheiro por anos e estava tão empolgado...

— Mas ela está acostumada à sua cultura, a seu mundinho. Cada coisa nova a assusta, por mais perfeita que seja.

Seyit suspirou profundamente e disse: — Eu sei...

Então o tio olhou para o sobrinho com um sorriso amoroso.

— Obrigado, Yahya. Obrigado por ouvir meus problemas.

— Está tudo bem, Seyit. Sabe que pode contar comigo.

Enquanto isso, os dedos e Tina estavam nas teclas do piano. Ela tocava uma peça de um romance russo de exílio e a plateia explodia de emoção. Não sabia por que escolhera aquela peça. Não estava no programa, mas sentiu vontade de tocá-la.

Kurt Seyit e Yahya também estavam exilados de sua terra natal. Tina via tristeza no azul dos olhos de Seyit. Ele via as margens de Alushta, os lagos das florestas de Yalta, podia apostar. Mas por algum motivo, não se solidarizou com a tristeza dele.

CAPÍTULO 10

O QUE RESTOU

Despretensiosamente, uma luz noturna queimava do outro lado do corredor. Exceto pela luz suave emitida, o salão estava escuro. Shura, encolhida desconfortavelmente no sofá, estava imóvel como se quisesse se esconder daquela noite e de Alain. Ele, por outro lado, estava esperando ela dizer alguma coisa. Mas o único sinal de que Shura estava lá era sua silhueta inerte na penumbra. Ele obviamente nunca deveria ter batido àquela porta naquela noite.

Shura estava em silêncio, mas Alain podia adivinhar o que estava em sua mente: ela queria terminar o relacionamento deles. Mesmo ela estando no escuro, pôde ver isso em seus olhos quando abrira a porta para ele. Desejou nunca ter conhecido aquela mulher.

Shura, em seu canto, pensava que sempre acreditou que aquilo nunca daria certo entre eles, embora tivesse tentado se enganar. Sabia melhor que Seyit quando a enviara, quando tivera de dar adeus ao seu amor verdadeiro. O que sentia por Seyit era muito, muito maior do que apenas gostar de Alain. Não podia nem se comparar.

O silêncio perturbador foi rompido por um suspiro inquieto de Alain. Shura achou que ele iria dizer algo. Mas o homem se levantou sem falar e foi até ela com passos pesados. De pé, na beira do assento de Shura, uma mão acariciou-lhe os cabelos. Shura, por um momento e por amizade a ele, queria pegar-lhe a mão e beijá-la. Mas desistiu. Seria um ato inocente, mas alteraria o significado do que ela falaria e a decisão que tomara não podia ser alterada. Não podia fazer com que Alain tivesse esperança.

Eles se entreolharam como se estivessem presos. Em silêncio. Finalmente, a voz ressentida de Alain foi ouvida:

— Você quer um tempo para pensar, não é?

Shura balançou a cabeça negativamente e disse:

— Quero terminar a nossa relação, Alain. Já pensei demais.

— Tem certeza, Shura? — ele estava muito surpreso.

Dessa vez, Shura apenas sussurrou:

— Sim.

Alain, mais uma vez, insistiu educadamente:

— Talvez alguns dias para pensar...

Shura o interrompeu em um tom gentil:

— Não, Alain... Minha decisão não mudará depois de alguns dias. Muito obrigada pela sua compreensão e paciência, mas minha decisão é definitiva.

— Não diga isso, minha querida. Acredite em mim até eu explicar para você. Eu lutei. Quero que saiba que não é fácil para mim...

— Sei que não é fácil, Alain. Mas não quero mais...

— Entendo — disse Alain. — Não posso condená-la por não aguentar esperar mais, mas não pude controlar a outra parte da minha vida como eu pensava que seria possível e desejava.

Shura olhou para ele quando ele disse “a outra parte da minha vida”.

— Você não tem culpa, Alain — respondeu. — Acredite em mim. Não estou culpando você. Além disso, minha decisão não mudaria, mesmo se você pudesse deixar sua esposa. Eu apenas sentiria uma responsabilidade maior em relação a você e seria mais difícil abrir meu coração.

— Você sabe o quanto quero me casar com você, Shura — disse Alain.

Shura se levantou lentamente e ficou na frente dele. Ela pensou que ele iria abraçá-la a qualquer momento, mas eles estavam cada um em sua gaiola, e, embora próximos, havia um espaço entre eles. Shura sentiu que ambos estavam compartilhando o mesmo frio sentimento. Suas emoções estavam desconectadas. Ele se afastou. Havia uma força invisível entre eles, um sentimento doloroso, que ia além do físico, e criara uma ruptura entre eles. Nada tinha a ver com o amor apaixonado com que se despediu de Seyit. Ela não pôde deixar de comparar os dois rompimentos. Quando ela e Seyit se despediram, ainda em seu apartamento, quando a decisão de viver vidas diferentes fora tomada, mesmo quando sabiam que seus caminhos tomariam outros rumos, o tempo todo eles respiravam juntos, abraçavam-se com entusiasmo e o desejo fluiu entre eles. Com seus corpos, espíritos e corações unidos, eles fizeram amor pela última vez. Desta vez com Alain não seria assim. Shura não queria que fosse assim. As horas de amor com Seyit na despedida permaneceriam privadas. Nada do que havia experimentado com Seyit seria repetido com Alain.

Ela diria adeus a ele, mas toda relação deve ter sua própria cor de despedida. Especialmente se houver um amor tão grande. Mas embora não houvesse amor por Alain, ele merecia uma despedida honrosa. Ela o queria como amigo, se isso fosse possível. Entenderia se ele não pudesse oferecer sua amizade, pois não iria ficar sozinho.

Enquanto tudo isso passava por sua mente, Shura se perguntou o que Alain estava pensando naquele momento. Ele

estendeu a mão e pegou a dela entre as palmas das suas. A mão do homem estava gelada. Ela não se afastou e, por um breve momento, os dedos dele envolveram firmemente a mão delicada dela.

— Você será capaz de me perdoar? — perguntou Shura.

— Você não fez nada que eu devesse perdoar, Shura. Não posso forçar você, não posso mantê-la no meu navio, mas lembre-se de que tentei fazê-la sorrir. Quem me dera que eu tivesse tido sucesso, talvez hoje estivéssemos em qualquer outro lugar, menos nos despedindo. Mas não pude afastá-la de seu passado e do seu mundo interior, Shura. Você nunca me deu a chance de envolvê-la completamente.

— Não podia ser, Alain.

— Não. Na verdade, nunca fui capaz de alcançá-la. Fui incompetente — disse ele.

— Acredite, você não poderia fazer nada a esse respeito. Esse é o meu destino. Minhas experiências me ensinaram a me proteger assim. Não se culpe, por favor. Você me fez feliz, me protegeu: você fez o seu melhor. A paz que você me deu... nunca esquecerei o que fez por mim.

Alain riu baixinho: — Paz para você? Se eu fosse capaz de dar a você paz de espírito, não estaria me deixando.

— A paz de espírito de que estou falando, Alain... Você me deu. Mas minha voz interior... do que não quero nessa vida sempre me disse algo a mais...

— Pode pelo menos me dizer o que essa voz dizia ou diz?

Shura não esperava por aquela pergunta e não gostaria de magoar mais aquele homem, mas as palavras saíram de seus

lábios.

— Ela dizia que eu não estava feliz o suficiente para fazê-lo feliz.

Alain se moveu em direção à janela. Obviamente, não tinha força para ficar cara a cara com Shura naquele momento. Shura estava ciente de que ele estava muito despedaçado. Ela se moveu em sua direção e tocou-lhe o braço: — Alain, não posso continuar com essa vida assim... Pensei que pudesse, mas, acredite, isso não é para mim. Sempre fui uma entusiasta. Preciso da saudade e do entusiasmo do amor. Só então posso sentir minha felicidade e só então posso ser feliz. Tenho medo de transformar nossa relação em uma tonelada de palavras, lamentações, amargura...

— Você nem tentou, Shura.

— Ainda bem, pois só traria desgraça. Você deixaria sua esposa. Talvez tivesse que se separar de seus filhos. Por fim, poderia odiar a mulher cuja vida você mudou. E eu não seria capaz de dar o amor que você merece...

Shura parou de falar por um momento e olhou para fora da janela. Acariciando a face de Alain, que olhava o Sena, continuou:

— Alain... está me ouvindo? Não tenho o direito de causar tanta dor. Agora, talvez, eu o empurre para o curso de sua vida. Você terá a chance de refazê-la com sua esposa.

— O que vai fazer da sua vida, Shura?

Com esta pergunta, Alain mostrava-se realmente preocupado com ela.

— Vou procurar a princesa Irina Alexandrovna Yusupov e pedir trabalho. Ela e o marido têm uma marca de roupa famosa, como deve saber.

— Gostaria de ajudá-la até que você se acerte.

— Muito obrigada, Alain, mas não há necessidade disso. Vou encontrar trabalho como modelo.

— Então pelo menos fique neste apartamento.

Shura terminava a relação com aquele homem e estava ciente de que durante toda a noite lhe dera respostas negativas, e mais uma vez, com hesitação, disse “não”.

— Não — falou resolutamente. — Como Alexandra Verjenskaya, preciso cuidar de mim mesma. Quero poder ficar sozinha. Preciso disso.

— Então... onde você vai morar? Não pode viver naquele gueto de imigrantes.

Shura deu um sorriso doce e suave.

— Cuidarei disso, não se preocupe. Ficarei na casa da Lúcia até encontrar um lugar adequado. A maior parte do tempo ela estará na América. Não haverá problemas.

— Você falou com Lúcia sobre isso? — a voz de Alain estava decepcionada. Aquilo o fez sentir-se humilhado e ele sentiu a dor da rejeição. — Apenas me diga. Você falou para Lúcia sobre me deixar?

— Lúcia passou aqui hoje. Ela acabou de voltar da América. Também ficou surpresa.

— Enfim — o homem murmurou: — Agora não faz mais sentido. Você tomou sua decisão e será como o deseja. Não posso forçar...

Por um momento, ele pensou se deveria ou não continuar. Hesitou, agarrando os ombros de Shura gentilmente.

— Você não precisa ir hoje à noite — disse ele.

Shura ficou calada.

— Para quê? O que vai mudar?

— Você está certo...

— Pode ficar o quanto quiser, o tempo que precisar.

— Acho que estarei na Lúcia em um dia ou dois.

— Você é quem sabe — respondeu ele.

Quando Alain se moveu em direção à porta de saída, sua linguagem corporal passava a sensação de que estava arrasado. Shura o seguiu, na necessidade de abraçá-lo e confortá-lo. Por outro lado, sua voz interior lhe sussurrou a inutilidade desse gesto.

Alain, parado na porta, com o casaco no braço, virou-se e perguntou, quando estava prestes a sair:

— Sei que isso é irreversível, mas preciso escutar de você pela última vez...

— Sim, é definitivo — respondeu Shura.

Eles se abraçaram... Se separaram... Alain apenas tocou os cabelos de Shura com os lábios e disse “adeus”, enquanto se retirava.

— Adeus, Alain...

— Por favor... — Alain a silenciou com um sinal com a mão e repetiu:

— Adeus.

Enquanto ele virava as costas, Shura o observou como em um sonho. Havia deixado o homem a quem Seyit a havia entregado, e ele também estava saindo de sua vida. Alain continuou a descer as escadas. Shura ouviu os passos dele nos andares distantes até o silêncio prevalecer. Ela fechou lentamente a porta. Foi devagar em direção à janela do corredor. Queria ver a partida de Alain através

do vidro. Quando Alain curvou uma esquina, Shura sentiu que aquele capítulo de sua vida tinha acabado. O que viria a seguir?

CAPÍTULO 11

TESTEMUNHAS SILENCIOSAS

Em Pera, outra noite tinha início e a música, vinda das igrejas, enchia o ar de harmonia, mas, como o resto da cidade, logo se renderia ao silêncio. Havia nevado durante todo o dia e a noite estava muito fria. Enquanto caminhava pelas ruas em direção a sua casa, Valentine agia de forma indolente, como se estivesse cansada, pesada e pensativa. Um faeton duplo, puxado a cavalo, passou por ela, que fez sinal para que parasse. Entrou nele e logo chegava ao número 46, em frente à sua casa. Desceu da carruagem e olhou para o terceiro andar. Naquele momento, entre as cortinas do apartamento, um pequeno raio de luz se espalhava. Alexander Alexandrovich aguardava por ela. Um hábito que eles criaram juntos.

Se ele não trabalhasse, definitivamente esperaria por sua esposa todos os dias até que esta voltasse para casa e se encontrasse à porta. Mas hoje ele não pôde sair para trabalhar porque estava com febre. E, apesar disso, ele certamente a encontraria à porta.

Quão gentil, atencioso e protetor era Alexander para com Valentine... Desde o dia em que se conheceram, ela sentiu o quanto ele era amoroso e, portanto, aceitou a oferta do casamento. Alexander Alexandrovich era uma daquelas pessoas calmas, que ficam em seu canto e não demostram seus sentimentos, exceto alegria. Mas tristeza, raiva e decepção ele escondia para si. Estava em seu caráter ser sensível, atencioso e cuidadoso. É como se tivesse que ser gentil mesmo contra o mal e a injustiça.

Valentine nunca o tinha visto ficar com raiva. Era quase como um herói dócil das histórias de Chekhov,[7] em que uma pessoa de vida difícil, que havia se acabado, é encontrada e suas esperanças, antes esgotadas, renascem. Foi assim com ela. Tina estava à espera de que o passado retornasse e Alexander Alexandrovich foi sua salvação naquele período.

Valentine estava subindo as escadas em direção à entrada quando a porta foi aberta e o marido a recebeu com uma sobrecapa de veludo.

— Bem-vinda, Tinosya.

Valentine sorriu e entrou nos braços que ele abriu para recepcioná-la. Ela entregou seus lábios num beijo de boas-vindas.

— Senti sua falta — Alexander sussurrou ao fechar a porta.

— Você não devia ter saído da cama — disse ela, uma doce bronca em sua voz. — O ar está gelado. Ficará pior amanhã.

Quando Alexander abraçou a esposa com um braço e subiu as escadas, ele disse: — Estava esperando você para me aquecer.

— Podem nos ouvir — ela sussurrou, mas Alexander apertou um pouco mais sua cintura e puxou-a em sua direção. Subiram as escadas e entraram pela porta aberta do apartamento no terceiro andar.

O local estava aconchegante, aquecido pelo calor da larga lareira. Alexander retirou o chapéu de sua esposa e, ao abrir os botões do sobretudo, olhou nos olhos dela e perguntou:

— Como foi a noite? Estava lotado o Rejans?

Ela tinha visto Kurt Seyit, mas sobre esse tópico ela preferia não falar nada. Eventos passados deviam ser esquecidos. Manter casos passados frescos na mente era como viver constantemente

as vidas de outras pessoas. Seyit devia estar pensando a mesma coisa assim que a viu. Tina tirou aquele episódio da mente. Agora era hora de ficar a sós com o marido.

Ao entrar, respondeu: — Foi muito bom, como sempre. Vi diversos rostos que conhecemos. Você sabe, com tanto tempo no Rejans a gente já conhece todo mundo. É especialmente um prazer tocar lá.

Alexander pegou uma garrafa de vodca no console de mármore e disse:

— Eu sei — ele sorriu, servindo a bebida em dois copos.

— Eu teria adorado estar lá com você hoje à noite.

Valentine se sentou no sofá e tirou os sapatos. Estendeu os braços e falou, enquanto pegava o copo que o marido lhe oferecia:

— A estação está apenas começando. Teremos muitas noites como essa para você ir.

Alexander se sentou no sofá ao lado dela, pegou as pernas de Valentine e, gentilmente, colocou-as em seu colo. Com uma das mãos, massageou os tornozelos dela e com a outra, ergueu o copo:

— Bem-vinda, minha querida.

Tina riu um pouco. Era como se tivesse estado muito tempo ausente ou tivesse vindo de muito longe.

— Sinto sua falta, Tinosya.

Valentine inclinou-se para a frente da almofada em que estava encostada, beijou-o na bochecha e depois puxou as pernas para baixo, sentando-se como uma gata enrolada sob a pata.

— Eu também — murmurou. — Mas quero que me faça uma promessa.

— O que é?

— Quando estiver doente assim de novo, tente se cuidar.

— Estou me cuidando, só me levantei da cama agora para recebê-la.

Valentine lembrou-se de como o amor de Alexander por ela havia mudado tudo em sua vida; entretanto, havia outras verdades ocultas em suas vidas, sobretudo na dela. Não havia contado ao novo marido a respeito da carta que recebera de Sergei. Para que deixá-lo preocupado? Certamente ficaria. Eles já tinham outras preocupações, suas necessidades por cada centavo, por exemplo. Sentindo-se culpada por Sergei, Tina temera ter ofendido o marido e estava ansiosa para se retratar:

— Mas assim que você melhorar e voltar ao trabalho, preciso que se cuide. Está bem?

— Irei com você amanhã.

— Sente-se bem o suficiente para trabalhar?

— Como pode ver, estou bem.

Valentine levou a mão à testa do marido e esperou: — Ainda está com febre, Alexander — disse ela.

— Amanhã estarei ótimo. Alguém tomou meu lugar hoje à noite? Roubaram meu emprego?

— Eles não chamaram ninguém para substituir você, meu querido, não se preocupe. Toquei sozinha.

Alexander murmurou, enquanto acariciava e beijava os cabelos da esposa:

— Estou preocupado com você, Tinosya, está trabalhando muito. No Rejans, no Majestik. Receio que algo aconteça com sua saúde.

A preocupação sincera na voz de Alexander era óbvia.

— Nada acontecerá comigo, não se preocupe — respondeu a jovem e levou o copo aos lábios. Ela continuou: — Trabalhar é bom para mim, Alexander. Além disso, estou fazendo aquilo que amo muito. Na verdade, às vezes penso que tive sorte em ganhar dinheiro tocando piano. Tocar não é um trabalho que me exige muito esforço, isto é, não faz com que eu me canse, você me entende, acredito... De certa forma, meu querido, a música me salvou. E tanto o Rejans quanto o Majestik são restaurantes muito elegantes. No Majestik sou acompanhada pela orquestra Balalaica e no Rejans, tenho a sorte de trabalhar com você. Eu amo a música, sempre amei.

— Sei que ama, minha Tinusya, minha Tinochka, minha Tinosya nunca descansa — Alexander inventava dezenas de apelidos carinhosos para sua amada.

— Ganho a vida assim. Graças à música, consegui permanecer viva. O que mais posso pedir?

Na verdade, o marido salvara sua vida e estava por trás de tudo o que ela dizia, mas Valentine não falou o que ele queria ouvir. Alexander a resgatara quando ela chegara a Istambul, doente, faminta e sem teto.

— Tinusya... você é feliz?

Valentine se inclinou um pouco mais sobre o ombro do homem e disse: — Sim. Sim, estou feliz.

— Gostaria que você dissesse isso sem que eu perguntasse — disse ele.

Valentine pareceu surpresa: — Não estou dizendo?

— Não. Você sempre responde quando pergunto.

— Mas você sabe que sou feliz, certo? Sente isso, não é?

— Sei que não é infeliz, querida. Mas estou tão feliz que quero ter certeza de que você também é feliz comigo.

— Alexander, querido, se eu não estivesse feliz, não estaria com você — Valentine virou-se para o marido, os finos contornos faciais desossados, a testa larga, os cabelos ruivos partidos ao meio, olhos tão claros quanto o céu nos dias de verão, e o beijou. Alexander acariciou-lhe a face. Então, ele pegou as palmas da mão dela e beijou cada uma individualmente.

— Eu te amo, Alexander Alexandrovich — disse Tina. Ela abraçou o marido com mais força.

Quando se abraçaram, Alexander esforçou-se para acreditar no que Valentine dissera. Mas, embora Tina evitasse pensar, quase podia sentir a presença de Konstantin no ambiente. Ela parecia sentir a nuvem de calor irradiando, como se o jovem homem estivesse prestes a explodir. O corpo de Alexander queimava com o fogo do amor. Quando ele adormeceu, Valentine lentamente saiu da cama e foi para a sala. Fechou a porta da sala de estar e sentou-se em sua cadeira. Queria reler a carta de Sergei, aquela que havia chegado alguns dias atrás e ela escondera de Alexander. Com uma expressão ressentida e triste, Tina caminhou em direção à bolsa, abriu-a e puxou o envelope. Muitas vezes, desde o dia em que aquela carta chegara, sentiu seu coração estraçalhar, sentiu-se humilhada e despedaçada lendo-a. Mas, por alguma razão, recusava-se a destruir a carta. Ela não conseguiu jogá-la fora. Não podia queimá-la apesar da grande dor que ela lhe causava. Além da dor, a carta trazia dezenas de perguntas e preocupações, mas, ainda assim, Tina a leria mais uma vez. Valentine queria acreditar

que seu grande amor não morrera. Ela queria tanto acreditar naquilo... o quanto da escrita do irmão de Konstantin era verdade?

Uma jovem mulher com semblante triste levou a carta de duas páginas, que havia retirado do envelope, para perto da luz e passou a relê-la. Em segundos, Valentine já estava longe de sua casa em Aynalı Çeşme. Respirando fundo, seus olhos começaram a vagar pelas linhas que Sergei Clodt von Jurgenzburg, o Seryoja, havia lhe escrito:

"7 de maio de 1923, Praga.

Tinochka, não pude responder imediatamente à sua última carta. Especialmente, esperei um pouco para deixar você mais confortável. Acredite, minha intenção não é culpá-la; de verdade, eu não quero culpá-la, pois sei que você viveu um período muito difícil e sofreu muito. Eu, do fundo do meu coração, anseio apoiá-la, confortá-la e dar forças a você. Percebi, em suas últimas cartas, que você estava travando uma guerra emocional e vejo ainda que está ansiosa e nutre sentimentos nostálgicos.

Você sabe que tenho por você uma profunda simpatia. Admiro o seu caráter vigoroso e sua força espiritual. Certamente, foi isso que a apoiou em tempos difíceis. Mas confesso que sua última carta me sacudiu. Você tem um cônjuge? Eu nunca teria pensado que você apagaria tão rapidamente de seu coração a memória de meu irmão, que a memória do seu ex-marido fosse tão fraca. Eu nunca teria pensado nisso.

O aspecto mais importante é que seu comportamento denota a morte de meu irmão em seu coração. Para você, ele não vive mais.

Mas ele ainda não está longe, lembre-se do seu passado. Ainda ontem você acreditava em sua vida... Agora o pensamento daqueles dias foi substituído por outro pensamento... Você o mudou? Você acredita na morte de Konstantin, mas ninguém confirmou essa morte. Não há nenhuma evidência. Nem você, nem eu, nem nenhum de seus parentes recebeu qualquer notícia da morte de meu irmão. Estou tentando ficar longe de qualquer palavra contrária a isso. Continuo acreditando que Kostya está vivo. Quanto a você, talvez não lhe importe mais que meu irmão esteja vivo, preso, onde está, etc. Você rompeu todos os laços com ele e o jogou fora.

À medida que aprendemos a respeito da vida, vemos o que as pessoas fortes, sinceras e de lealdade profunda fazem, mas confesso que entendo muito pouco sua última atitude. Não tenho intenção de atirar pedras em você. Não tenho o direito de esperar pelas coisas. Seu comportamento ou sua atitude em relação a meu irmão é responsabilidade sua e não minha. Mas você pediu a minha opinião e eu não poderia mentir sobre os meus sentimentos. Mas a forma como penso importa para você? Se o que acho era de seu interesse, aí está minha alma aberta para você. Mas agora é tarde demais para eu dar a minha opinião. A escolha já foi feita. Apenas uma coisa me surpreende: você fez tudo furtivamente. Como se temesse que isso pudesse ser evitado, como se soubesse de sua culpa... Será que agiu honestamente? Você, certamente, citará seus muitos motivos para esse casamento. Então você decidiu que seu ex-marido estava morto, portanto, que sua licença estava morta. Quando se casou novamente o padre tentou examinar os detalhes? O que disse ao padre? E seu novo marido, como agiu? Ele não sabia o que está fazendo? Claro que sabia. Quando um homem

decide se casar com uma mulher que já foi casada, ele não pergunta se o tal marido está vivo ou morto?

Estou muito surpreso com esse seu comportamento. Algo a esse respeito caiu nos ouvidos de minha mãe e peço-lhe para não escrever para ela. Não vou falar sobre nossos relacionamentos futuros agora. Se nos encontrarmos novamente no futuro, agirei de acordo com minha consciência. De qualquer forma, não somos mais parentes. Um dia, talvez, você me entenda. Curvo-me com respeito.

Sergei Clodt".

A carta terminou, mas Valentine tinha todas as linhas presas a sua mente. Era como se a carta tivesse entrado dentro dela e estivesse presa no centro de seu coração, esmagando-o. E esta não era uma estadia voluntária. Todo o seu peso estava separado de seu corpo, apenas seu coração e alma estavam ligadas àquelas palavras. Quão educado e ao mesmo tempo quão distante e frio fora seu cunhado... As palavras brutais de Sergei se entrelaçaram e Tina vivia *O Inferno de Dante* mais uma vez com a corrente que ele criou. Por que ela não amassava e queimava aquela carta maldita? Mas essa opção não existia, só a miséria. Sergei tinha esperança... "Ainda acredito que Kostya esteja vivo... Quanto a você, talvez não se importe se meu irmão vive... Agora não somos mais parentes..."

Ela fora excluída daquela família porque se casara de novo; perdera o respeito de Sergei. Mas tinha que admitir que Sergei amava Konstantin, e ela? Como podia ficar magoada com ele se promovia, com aquela carta, sua esperança de que Konstantin estivesse vivo? Não eram essas as palavras que sempre a atraíam a reler aquela carta? "Ainda acredito que Kostya esteja vivo".

A mesma coisa acontecia toda vez que ela lia. Na primeira vez, Valentine chorou amargamente. Nas leituras posteriores, além das lágrimas fluírem como da primeira vez, havia algo mais, havia esperança. Se ela ainda não conseguia digerir as duras palavras de Sergei, e lágrimas ainda lhe caíam pela face, havia a esperança. Era naquela carta que ela buscava consolo.

Sergei dera seu julgamento sem máscaras. “Não importa mais para você a vida de meu irmão...” Como ele pôde ser tão cruel?

Valentine queria chorar novamente, queria gritar sua dor para todo mundo ouvir, mas havia tantas razões pelas quais não podia se rasgar em lágrimas! Ela, então, tentou se controlar. Respirou fundo, deixou a carta na mesa de café e foi comer alguma coisa. Logo depois, saiu da sala para o corredor. Logo trazia a caixa de seu dote na mão. Voltou e se estabeleceu no mesmo assento. De baixo do telegrama, das cartas e dos cartões postais, Tina tirou as fotografias. Olhar para a foto tirada na frente de sua casa machucou Valentine mais do que nunca. Seu irmão mais velho, Vladimir Lissenko, seu amado ex-marido, o barão Konstantin, e seu cunhado Alexander Clodt, com seus amigos militares de cujos nomes ela não mais se lembrava. Eles estavam olhando para ela como em um cartão postal e nenhum deles estava sorridente. Não havia sequer um esboço de riso naqueles lábios. Eles sentiam medo, medo que não contavam, eles não queriam contar os segredos de um vasto mundo oculto, o mundo da Revolução Russa. Valentine passou o dedo amorosamente pela face sépia de Konstantin e murmurou:

— Meu Kostya... Oh, meu Kostya! — tocou em sua boina, no capuz, enquanto passava o dedo pela pele que certa vez ela tocou e agora queria sentir nas pontas dos dedos. Abriu a pequena caixa ao

lado das fotos e vários pedaços de pano e fitas apareceram, além de sua agulha de costura. Ela se recordou da vez em que costurou o uniforme caqui do capuz militar de Konstantin. A pinça foi cuidadosamente removida do uniforme e da jaqueta dele. Mas, na palma de sua mão, agora, estavam os emblemas, os distintivos e o que restara de um uniforme militar. Ela pegou cada pedaço e cheirou um por um. Em todos esses pequenos objetos, o cheiro que se extraía era o de Konstantin.

Ela recordou as histórias dos últimos momentos com Konstantin. Através dele, soubera tudo o que queria aprender sobre esse tecido e as partes de metal. Tudo aquilo havia tocado o corpo de Konstantin até sua despedida, a despedida definitiva. Como ele se machucou, como sofreu, será que os bolcheviques o arrastaram e o mataram? Como teria sido seu último suspiro? Valentine não conseguiu mais aguentar. As testemunhas, algo naqueles tecidos, seu cheiro estava contando alguma coisa da frente sangrenta de 1920, mas não tudo. Ela murmurou:

— O que aconteceu com Kostya? Ele não pode estar vivo? Diga alguma coisa, o que aconteceu? — seu corpo se contorcia de dor e ela soluçava.

Soluçando, envolveu as últimas testemunhas da última frente, teimosamente silenciosas, enquanto as segurava no rosto. Obviamente, ela não dormiria naquela noite e a carta de Sergei a observava como uma testemunha dolorosa.

CAPÍTULO 12

RUSSOS BRANCOS EM PARIS

Na cosmopolita Paris, dezenas de milhares de imigrantes estavam chegando na tentativa de sobreviver da melhor forma possível nos milhares de hectares fragmentados da cidade. Muitos só pediam por uma cama onde pudessem colocar suas cabeças. Suas almas estavam caóticas, traziam nos corações e mentes traumas, que eram um contraste com a bela cidade que os recepcionava. Tinham deixado seu país para uma vida de ansiedade e incertezas e traziam no peito uma grande ansiedade pelos entes queridos que ficaram ou se perderam. Estavam cansados de lutar. Muitos estampavam nos rostos o esgotamento, pelo horror que se espalhara nos países que abandonaram. As lembranças de suas pátrias eram recordações de brutalidade, de sangue e de medo. Tudo em que até então acreditaram estava desfocado, nublado pela dor.

Em meio àqueles que trouxeram lágrimas sem fim e aos de espíritos pesados, havia também aqueles de espíritos espontâneos, os barulhentos, às vezes até anarquistas, tão coloridos quanto qualquer território da Rússia. Muitos achavam que estavam prestes a retornar ao seu país. Havia até quem mantivesse suas malas prontas. Na verdade, no início poucos imigrantes se sentiam confortáveis longe de suas terras.

Mas com o passar dos meses, ouviam-se risadas, brigas em apartamentos estreitos e, entre os gritos, as músicas, a balalaica e o som da guitarra. Aos poucos, seus sorrisos entusiasmados se espalharam por Paris. Essa mudança espiritual repentina é característica dos russos, também presente na cultura ortodoxa

deles. A coisa não tinha que estar doendo o tempo todo. Porque de acordo com suas crenças, a ressurreição foi a vitória após a morte, e todos acreditavam que após toda grande tristeza deveria vir uma nova causa de alegria, de felicidade.

Os franceses receberam os russos brancos em Paris como ruínas de um império gigante, vítimas de uma revolução, e estes últimos ganharam um lugar muito especial no mundo social de Paris: da mesma forma que influenciaram a vida de Istambul, fizeram-no em Paris. A Bielorrússia tornou-se o centro cultural e político de Paris. Surgiram revistas especializadas nesse público para matar a fome de leitura dos imigrantes; peças de teatros; uma forte comunidade de literatura e arte; escolas diurna e noturna para funcionários; restaurantes típicos. Enfim, criaram uma pequena Rússia em Paris, cercada pelo rio Sena. Saíram de sua pátria, mas não perderam a identidade.

No entanto, a mudança não fora apenas em relação ao passado deles. Assim como todo russo branco que fugiu do conflito e se estabeleceu em Paris, eles estavam tentando acompanhar e aprender a cultura da França, ainda que sonhassem em um dia voltar à terra natal, após os bolcheviques entrarem em colapso, o que era utópico: tão somente uma crença, um sonho que jamais poderia ocorrer. Mas muitos queriam acreditar que o comunista russo, que estava destruindo o país para assaltá-lo, que digerira e matara a sociedade, com certeza um dia também seria morto; muitos acreditavam, queriam acreditar. E essas crenças serviram de motivação para o fardo que tinham que carregar. Todo trabalho que faziam, fosse o que fosse, cada franco que ganhavam, era um passo a mais dado no esforço de estar mais perto da Rússia.

Em meio a esses russos brancos, estava a nossa heroína, Shura. Ela estremeceu ao descer a Rue de Grenelle, puxou para cima a gola de seu casaco de pele e cobriu o queixo, embora não estivesse mais muito frio. Paris tinha tido um de seus mais rigorosos invernos, mas a última neve que caíra e se acumulara teimosamente na beira das ruas tinha se desfeito em escorregadias poças. A cidade estava a caminho da gloriosa primavera.

Mas, a despeito da primavera que despontava, Shura ainda lutava para sair de seu inverno. Tinha um tipo de pensamento que a assustava, pois não conseguia se livrar da ansiedade que a atormentava. A ideia de ter que se mudar para o edifício onde moravam todos os outros bielorrussos a afligia. Foi esse sentimento que a fizera sentir frio. Teria que confiar a eles sua existência, viver com a história de seus passados e conectar sua esperança ao futuro deles. E ela não queria se lembrar do passado.

Todos os imigrantes que fugiram do exército vermelho estavam ilegalmente em Paris e vivendo socialmente sob as asas de Vasily Alekseyevich Maklakov, um advogado russo e orador parlamentar liberal, um dos líderes do Partido Democrático Constitucional e da maçonaria russa, notável por sua defesa de um estado constitucional russo, embaixador da União Soviética na França. Em outubro de 1917, Maklakov foi nomeado para substituir Alexander Izvolky como embaixador na França. Quando ele chegou a Paris, Maklakov soube da aquisição bolchevique; ele, no entanto, continuou a ocupar a esplêndida mansão da embaixada russa e ocuparia por sete anos, até que a França achasse necessário reconhecer o governo bolchevique. Ao longo desse período, as autoridades francesas consideraram Maklakov “um embaixador que

ainda não havia sido credenciado". Ele assumiu o controle de uma rede de escritórios russos que certificavam casamentos e nascimentos de emigrados russos em toda a França e realizava outros trabalhos normalmente realizados pelos consulados russos. Sua reputação de primeira linha e talento para mediação permitiram a Maklakov manobrar entre as muitas facções beligerantes que formavam a comunidade de emigrados russos e representar seus interesses nas negociações com o governo francês.

Mas Shura não podia viver para sempre sob as asas de Alekseyevich. Tinha pesadelos e estremecia ao pensar que ele podia enviá-la de volta à Rússia se ela não conseguisse se manter sozinha. Sem Alain, ela estava por conta própria. Shura sabia muito bem disso. Somente a ideia de que as pessoas a vissem sob a bandeira vermelha do regime congelava-lhe o sangue e um tremor indescritível tomava conta de seu corpo. Ela sabia que tinha que superar isso. Se ia morar em Paris, com a aceitação da França, tinha que conviver com a presença dos soviéticos e a sombra do perigo que isso trazia. Estava condenada à vergonha, assim como os outros bielorrussos... Ela sabia, mas ainda não conseguia escapar desses sentimentos desesperados.

Com esses pensamentos, Shura alcançou o número 79 na Rue de Grenelle. O vento de Paris tremulava a bandeira czarista pendurada em frente ao prédio e ela não pôde deixar de visualizar suas memórias de sua terra natal, a águia com cabeça de homem que representava suas vidas. Parou por um instante para olhar aquela bandeira: o pedaço de tecido vermelho em forma de foice voava na brisa. Por um momento, Shura sentiu náuseas. Para seu espanto e horror o símbolo do qual escaparam estava agora no país

para onde fugiram? Para ela, as pessoas tinham se mudado de lá e agora tinham que abandonar aquilo tudo e representar o país onde estavam hospedados, o refúgio para onde tinham ido e onde se estabeleceriam. Grandes generais, grandes artistas e políticos czaristas esperavam que a monarquia ainda voltasse na Rússia. O que eles sabiam que ela não sabia? Para Shura, não havia nenhum futuro na Rússia. Ela não se via mais lá.

Shura tentava esquecer, esforçava-se para deixar para trás a história que envolvia sua pátria, seu lar, seus entes queridos, mesmo aquelas jornadas difíceis que ela havia deixado desde a casa de seu pai. Tudo aquilo fora perdido. Ela sabia que precisava voltar a amar e buscar o seu final feliz. Ficar o tempo todo remoendo seu grande amor estava lhe causando uma grande dor. De repente, sentiu como se um vento forte tivesse atingido seu rosto. Ela não sabia quanto tempo ficara ali, talvez somente alguns segundos, talvez muito mais tempo, mas estava como que hipnotizada. Seria apenas uma sensação?

Não importava o que ela faria, ainda estava naquele país. Não importava o quanto ele a curaria, em nenhum lugar do mundo ela estaria em sua verdadeira casa. Não podia ser, não podia, ela podia sentir. Apesar de toda a sua inexperiência, uma voz lhe dizia que aqueles limites estavam fechados para sempre, e que ainda não conhecia sua pátria, aquela que pisaria e chamaria de sua terra. A voz lá dentro era tão alta que era o exílio dentro do exílio. Sentiu seus ombros tremerem e continuou andando novamente com movimentos graciosos. Mas a cada passo sentia que abandonava seus sentimentos ruins.

Quando Shura deu por si, estava parada na Rue de Grenelle no Boulevard. Estaria enlouquecendo? Olhou para o relógio quando chegou à esquina. Saíra para ir à Maison IRFE para encontrar-se com Irina Alexandrovna Yusupova. Isso estava fresco em sua memória. Mas por que fora parar tão longe do ateliê de Irina Romanov? Decerto porque caminhar um pouco lhe faria bem, pensou Shura.

Depois de deixar Alain, achou que tomaria as rédeas de sua vida, mas nunca foi assim, ainda dependia da ajuda de Lúcia. Da escassez ao orgulho da vida, na agitação de ser capaz de se sustentar sem sacrificar sua dignidade, ela estava vivendo tempos muito ocupados, tendo muito pouco tempo livre para fazer o que estava fazendo naquele dia. Shura tinha aceitado alguns trabalhos temporários para pagar suas contas. Fizera algumas fotos como modelo, alguns bicos que apareceram nessa área.

Por um tempo, ela não deu vazão a nenhum dos pensamentos do passado. O que era melhor, ela não sabia. Continuar com a mente, coração e alma presos naquele tempo, lembrando-se das memórias que havia deixado, arrancava lascas, era como facas em seu coração. Ela vivia afundada na dor e na saudade, em uma vida corrida e cheia de ansiedade, como se não houvesse tempo para nada. Por quanto tempo nunca houve tempo? Ela não sabia. Mas preferia essa luta. Ela dera seu consentimento. O passado nunca mais afetaria sua luta pela vida. Nunca mais se renderia ao passado, às lembranças, aos sofrimentos e às aspirações.

Seria verdade?

Sim, era, ela não o faria. Seu passado, seu destino, só serviram para deixá-la sentir-se sozinha, perdida, frágil e triste. Ela

considerava uma religião a oportunidade para se motivar.

Shura tinha chegado à *Esplanade des Invalides.* Parou e respirou fundo. Sentou-se em seu banco favorito e colocou as mãos nos bolsos e ficou olhando a paisagem tranquila da natureza. Olhou para as árvores que começavam a brotar, para o gramado que dava sinais de que voltaria a ser como sempre. Olhou para o céu, onde as nuvens eram levadas pelo vento e se escondiam atrás da cúpula. O céu em Paris! Estava azul como se alcançasse a eternidade. O jardim de sua casa em Kislovodsk lhe veio à mente. Ela concordou que o céu do caminho para Narzan Suyu era o lugar mais próximo dessas magníficas pinturas do céu de Paris. Foi inevitável, apesar de toda a sua determinação em não se lembrar, levar a mente para o céu nas colinas de Alushta, quando estava com Seyit, a mesma visão que tinha agora. Lá, a linha do horizonte se abria para o Mar Negro, ainda desconhecido por ela àquela época. No começo, ela se assustara um pouco. O calor, à medida que gradualmente se afastavam das terras da Rússia, acolheu-a como em um abraço. Por causa das colinas e as margens de Sinop, demoraram a chegar naquele país estrangeiro, de onde se observava o mar distante. Atrás do horizonte ela viu, com os olhos da mente, a casa da família, as estepes nevadas do país da espuma e das ondas.

Naquela época, o mar lhe parecia grande e implacável. Mas desta vez a primavera de 1924 tinha a aparência de um lago de conto de fadas ao lado do Mediterrâneo: Ekaterinodar, Alushta, Sinop, Istambul... todos eles eram um pouco mais agora que um conto de fadas para ela. O jovem casal caminhando sob as árvores com um sorriso agradável... ela sorriu um riso amargo. Os amantes estavam tão entrelaçados nos olhos um do outro... Estavam

perdidos em si mesmos, como se não estivessem caminhando; o vento os arrastava, uma vez que ele era sua grande paixão, sua louca aventura.

Shura suspirou e se levantou. As ruas de Saint Dominique e Université estavam à sua frente e ela escolheu a que levava à ponte Alexandre III. Amava aquela ponte, pois era o lugar de Paris onde ela se sentia mais perto de casa, a ponte que decorava o rio Sena e era a mais bonita entre as muitas pontes de Paris. A água adornando suas colunas e seus trilhos. Shura lembrou-se de que aquela ponte recebera aquele nome por causa do seu czar. Ela andava por onde seu czar andara há muitos anos. Estremeceu ao lembrar-se da perseguição e do massacre da família real. Ainda não podia acreditar naquilo, considerando que eles tiveram uma morte terrível. Apesar disso, como alguns dos russos brancos que tiveram que se refugiar na cidade, aquele lugar era o que eles tinham de mais próximo da Rússia czarista.

Quando Shura atravessou a ponte e quase entrou na parte mais agitada da cidade, murmurou: — Eu agora faço parte dessa história.

“Talvez alguém venha a escrever sobre mim, quem sabe?”, e esse pensamento trouxe um novo sorriso aos seus lábios. Como centenas de milhares de russos brancos desconectados da Rússia e espalhados pelo mundo, quem diria que naquela multidão ela seria a heroína de seu romance?

Shura atravessou a ponte e andou do outro lado do Sena, sua tristeza ameaçaram voltar. De que adiantava ser importante, ter nascido rico e com título? Ela lembrou-se das pessoas que viveram

e morreram vidas trágicas. A elegância da vida deixada para trás... Essa maneira de pensar sempre a ligava à vida e à esperança.

Quando Shura entrou na Rue de Duphot já estava mais confiante. Os séculos

XVII e XVIII reinavam em cada edifício alinhado, mas, devido aos seus habitantes, seu apartamento no interior era completamente diferente dos outros. Shura passou pela magnífica entrada decorada com esculturas do número 10 e bateu na porta do ateliê IRFE. Ela estava prestes a pisar no mundo do príncipe Felix Yusupov, o conde Sumarokov-Elston, e da princesa Irina Romanov. Felix Yusupov reinava sobre a pequena Rússia em Paris.

Quando a jovem mulher, parada na porta aberta como se fosse convidada, deu o primeiro passo para dentro da casa, experimentou a sensação de passar da França para sua terra natal. Felix Yusupov estava conversando com seu assistente no outro extremo do corredor e olhou para os olhos azuis de Shura com seus olhos azuis difusos e a cumprimentou.

Felix Yusupov pertencia à rica família imperial de São Petersburgo que viveram no Palácio Moika ou Palácio Yusupov, principal residência dos Yussupovs na Rússia. Seu pai, Felix Felixovich Smorokov Elston, sua mãe Zinaida Yusupova, eram de origem tártara da Crimeia. Felix Yusupov era o único e último filho de uma família de czaristas.

As raízes da família são como uma fábula: significa dizer que isso, juntamente com a sua riqueza, o fazia um homem quase lendário. Tanto é assim que a história deles possuía muitas gerações. Ele recebeu o título de príncipe Yusupov.

A princesa Irina Alexandrovna Romanov era filha do grão-duque Alexander Mikhailovich. Ele foi exilado pelo czar Nicholas II; portanto, a infância e a adolescência de Irina passaram-se no sul da França. Seis anos após o exílio, sua família retornou a São Petersburgo com Irina extremamente tímida e fechada. Embora fosse uma jovem que falasse seis idiomas, ela e a família não tinham autoridade contra o czar. Por esse motivo, o casamento da jovem, na posição de sobrinha do czar, foi anunciada por este, o que, de sua parte, era um comportamento inesperado.

Em 1913, foi um escândalo o anúncio do príncipe Felix Yusupov de que queria se casar com ela. Ela sofreu um choque e uma grande confusão, que não experimentava há muito tempo. A atitude do príncipe em relação ao casamento com Irina foi um choque real para toda a família.

Felix, oito anos mais velho que ela, ficou muito impressionado com sua beleza, seu silêncio tímido e a viu como uma pintura misteriosa.

Após esse encontro, os sentimentos de Irina por Felix foram despertados e quão surpreendente foi para sua família quando ela expressou sua decisão de se casar com ele... Eles pensaram que essa ideia de casamento seria uma ideia passageira; aliás, tinham certeza disso. Além disso, o nobre e rico Felix estava longe da disciplina e da vida doméstica. Em vez de se filiar ao exército, preferia ficar em clubes e festas de orgia. Como único herdeiro da família depois que o irmão morrera, a lei o isentara de se juntar ao exército e isso foi feito para mantê-lo vivo. Sua vida extraordinária parecia estar muito longe da que tinha a infeliz e quase tímida Irina. Mas aqueles que pensavam assim logo entenderam que o jovem

aventureiro, de identidade nobre, esbelto e alto e de grande beleza também tinha uma grande dignidade.

Irina, com seu jeito envergonhado, silencioso e determinado, encontrava seu destino. Outro fator que ligou Felix à jovem Irina, apesar de sua família ser contra, foi a coragem dela. Ele ficou tão impressionado com a atitude sincera e leal de Irina ao compartilhar com ele todos os seus segredos, em confiar nele, que isso o tocou profundamente.

Então, o único herdeiro da família mais aristocrática e nobre da Rússia, bonito, elegante, refinado o suficiente para virar a cabeça de qualquer moça, achara a parceira ideal para seu título. O “Garoto de Ouro” seria o satélite e o marido de Irina. Por outro lado, a determinação e a autoconfiança de Irina eram tão grandes que ela escolhera seu próprio marido. Os que os rodeavam viam essa admiração mútua e, embora Nicholas II não entendesse bem o vínculo estabelecido entre eles, finalmente desistiu e permitiu que se casassem. O casamento ocorreu no palácio Anichkov em fevereiro de 1914. Ninguém imaginava que uma guerra mundial estava à porta. Em 28 de julho de 1914, a guerra eclodiu.

CAPÍTULO 13

UM DIA NA IRFE

Irina Alexandrovna Yusupova e o marido tinham fundado uma casa de alta costura em Paris chamada IRFE, as duas primeiras letras dos nomes Irina e Felix. E o príncipe era quem desenhava os modelos das roupas.

Shura estava determinada a arrumar trabalho como modelo e decidiu procurar a princesa e se apresentar como sua conterrânea. Com toda coragem e determinação, chegou à famosa grife. Tinha marcado horário com Irina e assim foi convidada a se sentar na recepção, em uma sala de decoração exótica, e aguardar. Lá dentro estava a princesa Irina Alexandrovna Yusupova, manuseando uma revista de moda. O príncipe ainda se encontrava com seu assistente, tratando de alguma coisa muito importante. Fatos importantes cercavam aquele casal, líder da Bielorrússia em Paris, onde a princesa era chamada de condessa.

Em cima de um balcão longo, estavam os tecidos que se transformariam na coleção de primavera da IRFE: cetim, musselina, seda, rendas estampadas e de todas as padronagens e modelos; tecidos parisienses ou americanos que estavam prestes a renovar os guarda-roupas da sociedade europeia. Aqueles tecidos, que vestiriam suas clientes ricas mundo afora, representavam o bom gosto do casal.

As pinturas das paredes da sede da marca IRFE e a coleção de porcelana eram de uma das mansões do príncipe. Até a decoração do local fora inspirada em uma das casas da família dele. Ali eles viviam uma história oriental em miniatura.

Shura, através de Seyit, conhecera o palácio de Yusupov em Kokoz, na Crimeia. O Palácio do Khan, ou Hansaray, estava localizado na cidade de Bakhchysarai. Foi construído no século XVI e tornou-se o lar de uma sucessão de khans da Crimeia. O recinto amuralhado continha uma mesquita, um harém, um cemitério, alojamentos e jardins. O palácio, decorado com tapetes turcos preciosos e vitrais, combinava esplendor e magnificência.

O príncipe e princesa costumavam dar uma festa em Paris chamada East Nights[8] e incentivavam seus convidados a usarem roupas otomanas berrantes. Mantinham armários cheios dessas roupas e transformavam a casa no palácio da Crimeia, o favorito do príncipe Felix desde a infância. Fora um dos lugares onde ele se sentiu mais feliz.

Os nomes Felix Yusupov e Irina Alexandrovna Yusupov, donos da IRFE, representavam a Rússia czarista e a aristocracia em Paris. A casa deles era como um palco de teatro longe de sua amada pátria, deslumbrando seus convidados. A madeira da construção, os revestimentos cinza-claro, as paredes também cobertas com veludo cinza eram a cópia do que tinham deixado para trás. A sala de recepção onde Shura estava esperando possuía poltronas cobertas com um cretone com motivos florais em um fundo cinza e móveis de mogno, colocados em lugares estratégicos. Seda amarela nas janelas, cortinas de couro, gravuras antigas, objetos de herança de família estavam nas vitrines. O ambiente emitia um calor caseiro em uma decoração exótica. Os frascos de perfume de cristal assimétricos estavam próximos aos assentos. Os xales eram os toques pessoais da princesa Irina Yusupov na decoração.

Rolos de tecidos raros eram deixados aqui e acolá, aleatoriamente, mas próximos aos olhos das madames.

Shura involuntariamente colocou a revista sobre a mesa e voltou aos seus dias na Crimeia. A decoração, as cores, levaram-na de volta à casa da vinha, onde ela estivera com Seyit nas colinas de Alushta.

Era fevereiro de 1917: ela nunca se esquecia, porque fora seu último inverno na Rússia. Seyit e Celil tinham-na deixado e a Tatiana na vinha para ir visitar a família Eminof. As duas mulheres jovens, que não eram bem-vindas à casa Eminof, aos familiares de Seyit, ficaram desapontadas por serem deixadas sozinhas na noite em que chegaram, mas, ainda assim, beijaram seus amantes com amor.

Tatiana logo adormeceu, mas Shura não fechou os olhos, pois não queria dormir sem Seyit naquele lugar estranho. Ela saiu e sentou-se no escuro no mirante. Sentiu o cheiro de mar e das algas, o sabor fértil e fresco do solo misturado com água. O vento emaranhou seus cabelos e suas saias e os sons suaves que ele fazia contra o farfalhar das folhas era inesquecível... Enquanto isso, no final das vinhas, as ondas explodiam contra as rochas. O som do mar suprimia todo barulho. Ela estava assistindo à natureza selvagem. Shura abraçou seu casaco com um pouco mais de força. Seu rosto estava enterrado nele. Ela fechou os olhos enquanto sua mente vagava pela Crimeia.

A vida que vivera antes estava tão longe quanto aquele mar. Foram dias bons. Mas aquela fase de vida havia terminado. Não adiantava perder toda uma vida presa àquela que se findara. Agora ela estava em um lugar cujos costumes nunca conhecera; estava

entre as pessoas que não lhe eram familiares. E Kislovodsk jamais voltaria. Nunca mais... De repente, ela estava confusa e pensando em coisas que não poderiam ser e com raiva de Seyit. Shura abriu os olhos. Em vez de sonhar, agora ela tinha que experimentar o momento que estava vivendo. O que ela faria agora? De alguma forma, quando Shura pensou no que viria, seu coração começou a bater rapidamente e ela não pôde impedir as lágrimas de lhe rolarem pela face. Estava sozinha em Paris. Virou-se bruscamente quando ouviu uma voz muito doce:

— Aceita uma xícara de chá, Alexandra Verzhenskaya? Meu nome é Anna Petrovna, mas me chamam de Anoşka — a jovem lhe sorriu.

Shura, de repente, voltou da casa da vinha nas colinas de Alushta e sorriu docemente em meio às lágrimas. Rapidamente, enxugou o rosto. Respondeu à jovem que a estava esperando:

— Obrigada, muito obrigada.

Anoşka não tinha coragem de perguntar o que a entristecia. Mas a curiosidade estava estampada em sua expressão facial. Ela parecia querer entender a condição de Shura. Recompondo seu coração, Shura, envergonhada, se recuperou.

— Vou trazer imediatamente — e a moça correu em direção ao corredor.

Shura a viu deslizar na ponta dos dedos, como se dançasse balé, enquanto se lembrava de que mais uma vez fora contra aquilo que prometera a si mesma, havia recaído em seu próprio sonho. Perguntou-se até que ponto escapara de ser pega sonhando acordada e chorando. Somente a aparição de Anna Petrovna foi capaz de trazê-la para a realidade presente.

Ela estava enlouquecendo?

Anna Petrovna fugira da Crimeia em 1919 com apenas 15 anos de idade. Estava com vinte agora. Seu pai fora um oficial morto pelos soldados que se juntaram aos bolcheviques. Sua mãe e seus dois irmãos fugiram da Crimeia para Rodes. O irmão tinha morrido de tifo no inverno. Esta é a história que Shura sabia sobre ela. Além daquilo, não sabia mais nada. A não ser que, como ela, devia ter experimentado muitas dificuldades até ali. Então elas tinham uma jornada semelhante de lutas e frustrações, que a jovem não queria contar porque escolhera manter-se em silêncio sobre seu passado. Shura não queria intervir sozinha, fazendo-lhe perguntas. De fato, essa atitude servia para a maioria dos russos brancos no exílio.

Lembrar-se de quem perdera e da dor que experimentara não levava ninguém a nada. Algumas pessoas tinham uma nova identidade e uma nova vida em Paris. Anna, portanto, não estava ansiosa para contar nada sobre si mesma. Exceto para o Príncipe Felix Yusupov, que conhecia toda a sua história de vida desde a Rússia.

Um príncipe excêntrico. Shura sabia muito bem disso. Sua curiosidade sobre o assassinato de Rasputin[9] ainda estava fresca em sua memória. O príncipe era o principal suspeito, motivo pelo qual fora exilado.

Mesmo com esse mistério na Rússia, o príncipe Felix deu vida a IRFE em Paris.

Além disso, com o poder de pertencer à família do czar russo, foi capaz de assumir o controle de seu círculo íntimo e ninguém podia tocar neles. Além disso, a identidade de quem cometera o

assassinato ainda era um mistério. Com um assassinato pesando sobre sua cabeça ou não, a marca IRFE ia de vento em popa. As senhoras eram atendidas com hora marcada e o dia todo havia movimento intenso na grife. Shura testemunhou esse movimento.

Anoşka reapareceu na porta, mas suas mãos estavam vazias.

— Desculpe-me, Alexandra Verzhenskaya. Nonna Kalashnikova está esperando por você para tomarem chá juntas.

Shura saiu da recepção, cumprimentou as meninas no corredor, as mulheres que cortavam os tecidos, as bordadeiras, enfim, quem encontrou pelo caminho naquele labirinto de luxo. Quando chegou à área esperada, Nonna Kalashnikova fazia os retoques finais das tiaras estilizadas no estilo Coco Chanel na cabeça de uma modelo de pé no meio da sala. Assim que viu Shura, abriu os braços e seguiu em sua direção.

— Minha querida, que surpresa agradável!

— Bom dia, querida Nonna. Tenho uma entrevista com a princesa Yusupova.

— Eu sei, querida. Irina Yusupova acabou de sair pelos fundos. Foi a Boulogne e só volta à noite. Pediu desculpas, mas um pequeno acidente doméstico com sua filha a atordoou. Estou a par do assunto e ela me pediu para cuidar de você. Sente-se um minutinho, minha querida. Vou fazer o último retoque na tiara e tomaremos nosso chá e conversaremos.

Então, sussurrando para uma funcionária, saiu em direção à sala onde em breve ocorreria um desfile. As damas iam ao ateliê e modelos desfilavam para elas com exclusividade.

— Madame Whobee está lá dentro, esperando — uma outra funcionária informou o fato a Nonna Kalashnikova.

Shura virou-se para a modelo que experimentava um lindo vestido de noite com batique de seda e disse com voz calorosa:

— Bom dia, Miya. Que lindo ficou este vestido com essa tiara!

Miya, em seu país, fora a princesa Salomiya Obolenskaya. Ela estava parada como uma estátua, mas respondeu com um sorriso:

— Olá Shurochka. Como está? Desculpe-me. Não posso abraçá-la ou seremos ambas espetadas por esses alfinetes. Nonna pode enfiar uma agulha na minha cabeça a qualquer momento — disse Miya e todos riram. Nonna retornou e Shura, sentada no sofá, assistia às mãos hábeis de Nonna colocando as pérolas na tiara.

Anoşka, com a cabeça esticada na porta, avisou em voz lenta:

— Princesa Obolenskaya, é a sua vez.

Nonna Kalashnikova apressadamente ajeitou o vestido de Miya, com as pontas dos dedos, como se estivesse deixando um toque mágico, e disse: — Ok, você pode ir. Vá e arrase — e Miya, com seu corpo magro e delicado, com o cabelo preto curto, saiu da sala com seu vestido preto de noite brilhante e uma tiara de pérolas. Ela desfilaria para Madame Whobee.

Anoşka logo entrou com um serviço de chá numa bandeja de prata. Shura assistia em silêncio enquanto ela servia o chá em xícaras delicadas. Logo Nonna Kalashnikova, o braço direito dos Yusupov na IRFE, juntou-se a ela. A russa branca gerenciava a empresa. Era parente do príncipe Nikita Alexandrovich e de sua esposa, a princesa Mihail Illarionovna, que também estavam na organização da IRFE. Nonna desempenhava um papel importante com sua parceira Mihail Kalashnikov. Todos eles eram aristocratas. A equipe da IRFE tinha gostos refinados, um conhecimento muito bom do estilo de vida europeu. Mas apesar de todos estarem

ligados à empresa, nenhum deles era profissional da moda, não se podia dizer que haviam trabalhado com moda profissionalmente. Shura pensava nisso e Nonna parecia ler sua mente. Ela a serviu o chá para Shura e disse:

— Você não acreditaria, Shurochka, no ponto que alcançamos hoje se comparado ao que passamos no início — disse Nonna, enquanto entregava a xícara para Shura. As duas tinham se conhecido através de Lúcia.

— Mas a marca é um sucesso — disse Shura.

— Sim. Hoje. Mas no início... — Nonna fez uma pausa. — O príncipe Yusupov queria inaugurar este lugar com um tremendo desfile de moda. Não dá para lhe contar todos os preparativos, pois foram muitos, mas passamos noites em claro sem dormir preparando tudo. A decoração tinha faces de Napoleão Bonaparte esculpidas nas paredes, centenas de cachos de flores exóticas, uma iluminação quase mágica... — Nonna tomou um gole de chá e acrescentou: — Nossas modelos estavam todas prontas. Estávamos empolgados esperando os convidados e os críticos de moda.

— Que animado! — disse Shura com prazer.

— Sim, sim — Nonna Kalashnikova respondeu com um leve tom sarcástico: — Que emoção. Mas e o resultado? — ela olhou para Shura.

— O quê? Qual? — perguntou Shura com olhos espantados.

— O resultado, cara Shurochka, foi pura frustração.

— Por quê? Depois disso tudo que você me disse.

— Sim, foi uma grande decepção. Nenhuma pessoa apareceu, nenhuma cliente. Nem a sociedade parisiense nem nossos

aristocratas russos brancos. Nenhum servo de Deus da revista Vogue, nenhum dos críticos de moda bateu à porta.

Ela se inclinou para Shura e disse em voz baixa: — Porque o servo favorito do príncipe se esqueceu de distribuir os convites.

Shura estava ciente da seriedade do que aconteceu, mas não podia rir. Ela mal conseguia dominar a si mesma.

— Isso... — disse Shura — foi uma coisa terrível.

— Ah, sim, você está certa. Foi mais do que assustador... toda a preparação, as despesas e, claro, a expectativa — disse Nonna.

— Estou chocada.

— Sim Shurochka, vamos falar sobre o seu assunto agora. Irina Yusupova me disse que você precisa de trabalho.

— Sim, querida Nonna. Sempre que você precisar de mim estou pronta para trabalhar.

Nonna não esperava uma explicação de Shura, mas sua expressão facial pedia isso:

— Está tudo bem em sua vida?

— Ah, sim, está tudo bem. Eu só preciso de um trabalho. Eu preciso muito.

— Esta é uma notícia muito boa, Shurochka. Madame Barton não está querendo trabalhar tanto e acho que ela vai adorar dar-lhe as horas dela.

A senhora Barton fazia parte das camadas hierárquicas da aristocracia russa branca e era funcionária da IRFE. Mas a rígida disciplina da vida de modelo cobrada pelo príncipe e pela princesa Irina estava fazendo a senhora Barton recuar. Além disso, as relações públicas e o diagnóstico após o fiasco do convite, a cultura de protocolos da sociedade de Paris exigiam sempre inovação e

caras novas. A nova gerente de moda, a marquesa chilena Jorge, extremamente experiente e habilidosa, estava à procura de profissionais com o perfil de Shura. Depois do fiasco na inauguração, em pouco tempo, a IRFE cobria o segundo andar no mesmo prédio e atingia uma alta densidade de clientes.

— Ela também é russa? — Shura perguntou. Porque vira tristeza na expressão de Nonna.

— Sim, querida. Em 1919, ela fugiu para Budapeste com a família e se estabeleceu lá. Veio para Paris sozinha. Mas não é muito boa com disciplina. Não sei muito sobre a vida dela na Rússia e o que me disseram não foi muito convincente.

Shura intuiu que Nonna estava planejando demitir Madame Barton. Ela não a conhecia, mas sentia pena dela, de suas lutas; afinal, como ela, Madame Barton era uma russa branca. Talvez ela tivesse escapado do conflito, assim como sua família. Talvez não tivesse família. Talvez a família estivesse presa na Rússia ou tivesse sido morta pela revolução. Talvez tivesse um amante em Paris, talvez tivesse terminado com esse amante. Talvez o amante a tivesse deixado, talvez aquele amante...

Havia tantas possibilidades! Pensou Shura. O que quer que tenha acontecido, ela estava com pena da jovem que não conhecia.

— O que aconteceu? — perguntou Nonna Kalashnikova. — Não está contente com a oferta de trabalho?

— Não me interprete mal, querida Nonna, é claro que estou feliz. Mas não quero atrapalhar os negócios de ninguém. Não quero tirar o emprego de outra pessoa.

Nonna estendeu a mão e segurou a mão de Shura.

— Não pense assim, querida. Com você ou sem você, as contas de Madame Barton seriam fechadas nesta semana. Ela é uma garota muito engraçada, mas para a IRFE isso não tem valor. Estamos cansados de suas atitudes.

Nonna viu o olhar pensativo de Shura: — Acredite em mim, Shurochka, só conseguirá um emprego se merecer. Você é uma de nós, querida. Merece esse trabalho. Por exemplo, ela deveria estar aqui agora, temos um desfile, mas tenho certeza de que chegará atrasada novamente.

Alguém bateu à porta e a voz de Anoşka foi ouvida às pressas:

— Nonna Kalashnikova, Tania... quero dizer, Madame Barton...

Nonna interrompeu o que estava dizendo a Shura e perguntou:

— Tania Barton não veio para o desfile, não é?

Anoşka parecia envergonhada, como se fosse culpada. Balançou a cabeça confirmando o que Nonna dissera. Quando Nonna se levantou nervosa, virou-se para Shura e disse:

— Não falei, querida? Olha, estávamos apenas conversando. Tania Barton deveria estar aqui. O que acha, Shurochka, pode se preparar para tomar seu lugar no desfile?

Shura estava diante de uma perspectiva de emprego. Aquilo fora uma coincidência ou o destino cuidando dela? Nonna Kalashnikova perguntou pela segunda vez. E quando ela disse “eu acho...” e se levantou, Nonna interpretou como um “sim”.

— Vamos lá — Nonna bateu palmas delicadamente, como se quisesse acelerar o trabalho e expressar seu prazer em corrigir essa falha.

Shura, ao seguir Nonna Kalashnikova ao longo do corredor, parecia uma adolescente loira. A mulher que chegara de Istambul,

que trabalhara na lavanderia lavando roupa por meses, passando a ferro, estava entrando no mundo da moda de Paris. Todas as belas lembranças de sua vida passaram diante dela como vapor de ferro sobre a goma branca.

Naquele pequeno corredor que levava à sala onde seria vestida, ela relembrara um período muito longo de tempo. Quão mágica é a memória humana... ela contém um quebra-cabeça estreito e imprevisível.

Shura foi vestida por duas assistentes, que lhe colocaram um vestido de noite de musselina de seda verde-água, bordado com pequenas pérolas das costas aos tornozelos e na saia. Ela ficou extremamente satisfeita ao se ver no espelho dos pés à cabeça. Seu desconforto anterior foi substituído por uma doce expectativa. Estava muito animada e amava esse trabalho na IRFE.

As assistentes colocaram um cocar amarrado nos cabelos de Shura, cobrindo a testa e as orelhas. Um grosso colar de pérolas bordado foi colocado atrás de sua cabeça. Shura estava impressionada com a produção. Nonna Kalashnikova olhou para a jovem com prazer:

— Está linda, Shurochka! Ótimo... Vamos lá encantar, minha querida!

Quando Shura entrou na sala do desfile, sabia de seu dever e sabia que o vestido era perfeito. Portanto, demonstrou autoconfiança. Sentia-se maravilhosa. A modelagem era perfeita, embora ela não se imaginasse saindo produzida daquela forma, o modelo e a estreiteza de seu corpo passavam a imagem que todos da marca queriam. Na vida privada, suas roupas eram diferentes, mas ali ela era como uma atriz. Enquanto a argila embelezava seu

corpo, ela representava seu papel. Caminhou com graça, evocando na cliente o desejo de comprar. Ela consistia apenas em um cabide engenhoso e móvel.

Por meses Shura aprenderia os segredos de fazer essa diferença e modelar corretamente. Deixar o vestido em primeiro plano e ficar em segundo plano, representando, como uma atriz. Naquele primeiro dia, para dar coragem, tinha recorrido a uma dose de vodca num copo de cristal oferecida por Anoşka. Tomara-a num canto do corredor, sentada com as pernas cruzadas. Na plateia, a maioria das clientes era constituída de princesas, condessas, a aristocracia francesa e russa branca, assistindo às modelos aristocráticas exiladas a desfilar. Mas isso não comprometia o prazer que Shura sentia depois de passar na passarela. Enquanto aguardava sua vez, observava por uma cortina os corpos delicados e as roupas que passavam, as preciosas roupas nas modelos.

Viu o príncipe Yusupov conversando com uma dama. Seus braços e dedos enfeitados com anéis e pulseiras se moviam constantemente. De onde Shura estava, não podia ver o rosto do príncipe, pois ele estava de costas para ela, mas viu que ele fazia de tudo para impressionar suas clientes. O caftan que ele usava era o tipo que usaria na Rússia. Seu buldogue favorito estava lá com ele, vestido e enfeitado com vários disfarces.

Shura ouvira dizer que o príncipe gostava de exibir seu cachorro. Quem conhecia a natureza excêntrica dele e as coisas que ousava fazer, achava aquilo muito normal. Felix tinha uma fórmula inimaginável. Usava roupa feminina e trazia um cachorro como um bebê nos braços. Ele vagara por toda a Europa com seu “bebê”. Como se pressentisse que estava sendo olhado, o príncipe

virou a cabeça. Shura viu olhos pintados como os de uma mulher e ficou difícil não rir. Ela escutou quando madame Whobee, uma rica americana, disse: — Como você é impressionante, príncipe Yusupov — e, depois de levar uma taça aos lábios, acrescentou, rindo: — Você também não parece um assassino.

Quando Shura ouviu essas palavras repentinas, sem tato e até arrogantes, sentiu que ela e todas as outras modelos ficaram tensas. Mas o príncipe não se atrapalhou em sua postura, como se já tivesse posado para o mesmo álbum. Deu uma risada agradável e curta.

— Como esperava que eu me parecesse, senhora? — ao perguntar, luzes divertidas brilhavam em seus olhos.

Madame Whobee respondeu, arregalando seus já grandes olhos: — Ah, como eu deveria saber? Quando vejo as fotos de Rasputin, pelo contrário, penso que ele, sim, cometeria um assassinato. A aparência de Rasputin era assustadora. Aquele cabelo, aquela barba... Sim, ele poderia ter sido um assassino, especialmente com seu olhar. Já você, com essa nobreza, esse poder, essa roupa e atitude, é impossível... acreditar que possa ser um assassino.

Felix Yusupov encheu o copo de vodca, tomou um gole e olhou nos olhos da mulher americana. Ele falou, olhando para baixo:

— Madame Whobee, a senhora está certa, não posso ser chamado de assassino. Ou seria um estranho assassino.

Felix Yusupov desembrulhou o xale que estava em seu pescoço e o deu a uma modelo, declarando, com uma piscada, que ela podia sair. As modelos foram para trás da cortina, Shura entre elas, e de lá para os camarins.

Quando Nonna Kalashnikova viu Shura entrar, interceptou-a com um sinal.

— Espere, venha aqui. A senhora americana quer vê-la desfilar novamente neste vestido.

Quando Shura entrou, passou ao lado de madame Whobee, para apresentar o vestido de noite que ela usava. Mostrou toda a elegância caminhando para frente e para trás. Embora ela estivesse bem preparada, ela ainda estava nervosa. Mas madame Whobee ficou atraída pelo fato de Shura estar sorrindo e aplaudiu com entusiasmo e apreciação. Shura não sabia se a mulher a aplaudia ou se batia palmas para o vestido que ela usava.

— Querido príncipe, as roupas que vi hoje estão magníficas. Quero tudo isso.

Então, como se estivesse mostrando um item, com seu olhar e um gesto com a mão, apontou para Shura e disse: — Pode embalar todos os vestidos que ela usou.

Shura deu um grande sorriso para a mulher. Ela não conseguia acreditar. Como agradeceu madame Whobee mentalmente, embora ela fosse uma americana rica e mimada!

Madame Whobee tomou o último gole da taça e acrescentou:

— Ah, lembre-se, aquela famosa Kaminikova. Também quero os vestidos que usou. Alguns deles. E, príncipe, gostaria que aquela modelo russa branca saísse com um amigo nosso. Ele gostou dela e está disposto a pagar bem.

Shura não podia acreditar. Virou as costas sem saber o que o príncipe responderia à atrevida mulher. Quando voltou ao provador, as meninas esperavam por ela. Ela estava disposta a fazer qualquer coisa para viver, mas não se prostituir. A tristeza de repente se

transformou em nojo. Como uma pessoa poderia se humilhar tanto? Não havia desculpa para o estilo de vida dos barões. Uma jovem igual a ela que corria o risco de morrer de fome, mas jamais faria algo assim... Não comprometeria seus sentimentos, sua alma.

O desfile de moda para aquele dia acabou. Enquanto a equipe pendurava as roupas no salão o príncipe Yusupov continuou a contar para sua curiosa cliente a história sobre Rasputin:

— Rasputin tinha um grande poder hipnótico. Eu sabia que tinha que me aproximar e ganhar a confiança dele. A maneira mais precisa de se fazer isso era mostrar que acreditava nele. Tive que provar de sua hipnose. Rasputin me estendeu num sofá. Então olhou diretamente em meus olhos. Moveu as mãos suavemente pelo meu peito, pescoço e cabeça. Colocando as duas mãos na minha testa, murmurou uma oração. Seu rosto estava tão perto do meu que eu só podia ver seus olhos. Ele ficou nessa posição sem se mexer por um tempo. Eu estava cansado. Então, de repente, meu corpo se levantou sozinho. Como eu disse, Rasputin tinha um incrível poder hipnótico. Como se emanasse de uma fonte de energia ativa invisível, um fluxo quente desceu por todo o meu ser. Meu corpo ficou entorpecido. Tentei falar, mas não conseguia. Tudo o que podia ver era um anel de luz que se aproximava e se afastava. Eram como dois feixes de luz fosforescente...

Shura estava saindo da porta da IRFE quando escutou a narração de Felix Yusupov para a senhora Whobee e as palavras de incredulidade da americana. Ao colocar os pés na rua, sentiu-se feliz em sair dali. Podia continuar trabalhando para eles sem se envolver. Ela era saudável, não precisava se prostituir para sobreviver. Tinha braços fortes e voltaria à lavanderia se fosse

preciso. Mas estava feliz por ter um emprego para se sustentar, pelo menos por enquanto. Isso era o suficiente para ela. Sorriu para si mesma.

Ao dar poucos passos para se afastar da Avenue Duphot, número 10, viu uma jovem do outro lado da rua que sorria para ela. Seu sangue congelou. Por um momento, pensou que poderia estar enganada. No entanto, ela a conhecia muito bem: com tanta semelhança, não era possível que não fosse. Sua fotografia fora publicada na Rússia, depois nos jornais russos em Paris. Aquela mulher era Maria Rasputin e ela estava caminhando em direção ao ateliê IRFE.

CAPÍTULO 14

RASPUTIN E MARIA RASPUTIN

O misterioso Grigory Efimovich Rasputin era um camponês que reivindicara poderes de cura e de previsão e ganhara a confiança da russa czarina Alexandra.

A aristocracia russa não gostava daquilo. Via com maus olhos um lavrador numa posição tão alta. Por outro lado, os agricultores não gostavam dos rumores de que Rasputin dormia com a czarina. Rasputin então era visto como “a força escura” que estava arruinando a Mãe Rússia.

Para salvar a monarquia, vários membros da aristocracia conspiraram para assassinar Rasputin. Na noite de 16 de dezembro de 1916, eles tentaram. O plano era simples. No entanto, naquela noite fatídica, os conspiradores descobriram que matar Rasputin seria muito difícil.

O czar Nicholas II e a czarina Alexandra, o imperador e a imperatriz da Rússia, tinham tentado durante anos dar à luz um herdeiro do sexo masculino. Depois de quatro meninas, o casal real estava desesperado. Eles chamaram muitos místicos e homens santos. Finalmente, em 1904, Alexandra deu à luz a um menino, Aleksei Nicolayevich. Infelizmente, o menino que tinha sido a resposta às suas orações sofria de “doença real”, hemofilia. Aleksei começou a sangrar e nada o fazia parar. O casal real tentou freneticamente encontrar uma cura para seu filho. Mais uma vez, místicos, santos homens e curandeiros foram consultados. Nada ajudou até 1908, quando Rasputin foi chamado para curar o jovem herdeiro durante um de seus episódios de sangramento.

Rasputin era um camponês nascido na cidade siberiana de Pokrovskoye em 10 de janeiro, provavelmente no ano de 1869 e passou por uma transformação religiosa com aproximadamente 18 anos de idade, ocasião em que passou três meses no Mosteiro Verkhoturye. Quando voltou para Pokrovskoye, era um homem mudado. Embora fosse casado e tivesse tido três filhos (duas meninas, uma delas Maria Rasputin e um menino), começou a vagar como um peregrino ou andarilho. Durante suas andanças, Rasputin viajou para a Grécia e para Jerusalém. Embora muitas vezes viajasse de volta para Pokrovskoye, em 1903 encontrava-se em São Petersburgo. Lá ele se proclamara um homem santo que tinha poderes de cura e de prever o futuro.

Quando Rasputin foi chamado ao palácio real em 1908, provou que tinha um poder de cura. Ao contrário de seus antecessores, Rasputin foi capaz de ajudar o herdeiro. Como fez isso, ninguém sabe. Algumas pessoas dizem que Rasputin usara o hipnotismo; outros dizem que Rasputin não sabia como hipnotizar. Mas tendo provado seus poderes sagrados para Alexandra, Rasputin não permaneceu apenas como curador para Aleksei, logo se tornando conselheiro e confidente pessoal de Alexandra. Para os aristocratas, ter um camponês aconselhando a czarina, que por sua vez tinha uma grande influência sobre o czar, era inaceitável. Além disso, Rasputin amava o álcool e o sexo, que consumia em excesso. Embora Rasputin parecesse ser um homem santo e piedoso na frente do casal real, outros o viam como um camponês que estava arruinando a Rússia e a monarquia. Havia rumores de que Rasputin estivesse fazendo sexo com mulheres da alta sociedade em troca da concessão de favores políticos e muitos acreditavam que

Rasputin e a czarina eram amantes. Acreditam também que ele queria fazer a paz com os alemães. Rússia e Alemanha eram inimigas. Sendo assim, muitas pessoas queriam se livrar de Rasputin.

Na tentativa de alertar o casal real sobre o perigo em que estavam se metendo, pessoas influentes se aproximaram tanto de Nicholas quanto de Alexandra, contando a verdade sobre Rasputin e sobre os rumores que circulavam pela Rússia. Para grande espanto de todos, ambos se recusaram a ouvir. Então, quem iria matar Rasputin antes que a monarquia fosse completamente destruída?

Mas quem seria o assassino? Príncipe Felix Yusupov parecia um assassino improvável. Não só era o herdeiro de uma vasta fortuna, mas também era casado com a sobrinha do czar, Irina, uma bela jovem. Havia rumores de que as fantasias de Felix Yusupov eram normalmente ligadas ao sexo, muitas delas consideradas perversas, especialmente o travestismo e a homossexualidade. Mas muitos pensavam que esses atributos ajudaram Yusupov a enredar Rasputin. Outro improvável assassino era o Grão-Duque Dmitry Pavlovich, primo do czar Nicholas II. Pavlovich já fora noivo de filha mais velha do czar, Olga Nicholaevna, mas sua amizade homossexual continuou mesmo foi com Yusupov, o que fez o casal real romper o noivado.

Vladimir Purishkevich era um membro ativo da câmara baixa do parlamento russo, a Duma, e poderia ser o assassino. Em 19 de novembro de 1916, Purishkevich fez um inflamado discurso, em que disse: “Ministros do czar foram transformados em marionetes, tomados com firmeza na mão por Rasputin e pela imperatriz

Alexandra Fyodorovna, o gênio do mal da Rússia... que colocará um alemão no trono russo e um estrangeiro para governar nosso povo".

Yusupov ouviu o discurso e depois procurou Purishkevich, que rapidamente concordou em participar do assassinato de Rasputin. Outros envolvidos foram o tenente Sergei Mikhailovich Sukhotin, um jovem oficial convalescente do regimento de Preobrazhensky. Dr. Estanislau de Lazovert, amigo e médico de Purishkevich. Lazovert foi adicionado como o quinto membro, porque eles precisavam de alguém para dirigir o carro.

O plano era relativamente simples. Yusupov iria fazer amizade com Rasputin e depois atrair Rasputin ao palácio Yusupov para ser morto. Ficou decidido que o assassinato seria cometido na noite do dia 16 e nas primeiras horas da manhã do dia 17. Os conspiradores queriam a cobertura da noite para esconder o assassinato e a disposição do corpo. Além disso, Yusupov havia notado que o apartamento de Rasputin não era guardado após a meia-noite. Foi decidido que Yusupov iria pegar Rasputin em seu apartamento. Sabendo que Rasputin tinha amor pelo sexo, os conspiradores usariam Irina, a bela esposa de Yusupov, como isca. Yusupov diria a Rasputin que ele poderia encontrá-la no palácio com a insinuação de uma possível ligação sexual. Yusupov escreveu para a esposa, hospedada em sua casa na Crimeia, e lhe pediu para acompanhá-lo neste importante evento. Depois de várias cartas, ela escreveu de volta no início de dezembro, categoricamente, dizendo que não poderia participar disso com ele. Os conspiradores, em seguida, tiveram que encontrar uma maneira de atrair Rasputin sem

realmente ter Irina lá. Decidiram manter Irina como isca, embora sendo falsa a sua presença.

Yusupov e Rasputin entrariam por uma lateral do palácio com escadas que levavam ao porão, para que ninguém pudesse vê-los entrar ou sair do palácio. Yusupov tinha remodelado o porão como uma acolhedora sala de jantar. O palácio Yusupov ficava ao longo do Canal Moika, em frente a uma delegacia de polícia; portanto, o uso de armas não era possível, por medo de elas serem ouvidas. Assim, eles decidiram usar veneno. O cenário, a sala de jantar no porão, como se vários convidados tivessem acabado de sair com pressa, foi montado. Irina estaria no andar de cima à espera de Rasputin para uma consulta. Yusupov diria a Rasputin que sua esposa viria para baixo uma vez seus convidados tendo ido embora. Enquanto esperava por Irina, Yusupov iria oferecer a Rasputin cianeto de potássio misturado ao vinho e pastel.

Eles precisavam ter certeza de que ninguém sabia que Rasputin estava indo com Yusupov ao seu palácio. Além de instigar Rasputin a não contar a ninguém a respeito de seu encontro com Irina: o plano era Yusupov pegar Rasputin nas escadas de trás de seu apartamento.

Depois que Rasputin foi morto, os conspiradores embrulharam o corpo em um tapete e pensaram em jogá-lo em um rio. Mas o inverno já tinha vindo e a maioria dos rios próximos a St. Petersburg estavam congelados. Os conspiradores passaram a manhã à procura de um furo adequado no gelo para despejar o corpo. Encontraram um na Nevka do Rio Malaya.

Em novembro, cerca de um mês antes do assassinato, Yusupov havia contatado Maria Golovina, uma amiga de longa data

que também passou a estar perto de Rasputin. Reclamou de dores no peito que estava tendo e que os médicos tinham sido incapazes de curar. Ela imediatamente sugeriu que ele devia ver Rasputin por seus poderes de cura, como Yusupov sabia que ela faria. Golovina havia arranjado com Rasputin para ele atendê-lo em seu apartamento. A amizade artificial começou, e Rasputin começou a chamar Yusupov por um apelido: “Little One”. Rasputin e Yusupov se encontraram inúmeras vezes durante os meses de novembro e dezembro. Yusupov tinha dito a Rasputin que não queria que sua família soubesse da amizade deles e ficou acordado que Yusupov entraria e sairia do apartamento de Rasputin através de uma escada na parte de trás. Muitos especularam que mais do que apenas a “cura” aconteceu nestas sessões e que os dois se envolveram sexualmente.

Em algum momento, Yusupov mencionou que a esposa estaria chegando da Crimeia em meados de dezembro. Rasputin mostrou interesse em conhecê-la, de modo que eles organizaram para Rasputin atender Irina logo após a meia-noite em 17 de dezembro; também ficou acordado que Yusupov iria pegar Rasputin e deixá-lo do lado de fora. Durante vários meses, Rasputin tinha vivido com medo. Ele tinha bebido ainda mais do que o habitual e constantemente dançava a música cigana para tentar esquecer o terror. Inúmeras vezes Rasputin mencionava a pessoas que iria ser morto. Se isso era uma verdadeira premonição ou se ouviu os rumores que circulam em torno de St. Petersburg, era incerto. Mesmo no último dia de Rasputin vivo, várias pessoas o visitaram para avisar a ele que ficasse em casa e não saísse.

Perto da meia-noite, os conspiradores todos se reuniram no palácio de Yusupov na sala de jantar no porão recém-criado. Bolos e vinho adornavam a mesa. Lazovert colocou luvas de borracha e, em seguida, triturou os cristais de cianeto de potássio e colocara em alguns dos bolos e uma pequena quantidade em dois copos de vinho. Eles deixaram alguns doces não envenenados para que Yusupov pudesse participar. Depois de tudo pronto, Yusupov e Lazovert foram buscar a vítima.

Por volta de meia-noite e meia um visitante chegou ao apartamento de Rasputin pelas escadas de trás. Rasputin cumprimentou o homem na porta. A empregada ainda estava acordada e estava olhando através das cortinas da cozinha. Mais tarde, ela disse que vira que era Little One (Yusupov). Os dois homens saíram em um carro conduzido por um motorista, que na verdade era Lazovert.

Quando chegaram ao palácio, Yusupov levou Rasputin para a entrada lateral e desceu as escadas para a sala de jantar no porão. Como Rasputin entrou na sala, ele podia ouvir barulho e música no andar de cima, e Yusupov explicou que Irina havia sido detida pelos hóspedes inesperados, mas que desceria em breve. Os outros conspiradores esperaram até que Yusupov e Rasputin entrassem na sala de jantar; em seguida, saíram pelas escadas, esperando que algo acontecesse. Tudo tinha saído conforme o planejado até ali, mas aquilo não durou muito tempo. Enquanto estavam supostamente à espera de Irina, Yusupov ofereceu a Rasputin um dos doces envenenados. Rasputin se recusou, dizendo que eram muito doces. Rasputin não comeu nem bebeu nada. Yusupov começou a entrar em pânico e subiu as escadas para falar com os

outros conspiradores. Quando Yusupov voltou, Rasputin por algum motivo havia mudado de ideia e concordou em comer os bolos. Então eles começaram a beber o vinho.

Apesar de o cianeto de potássio ter um efeito imediato, nada aconteceu. Yusupov continuou a conversar com Rasputin, esperando que algo acontecesse. Percebendo uma guitarra no canto, Rasputin perguntou a Yusupov se queria tocar para ele. O tempo foi passando e Rasputin não mostrava que estava sentindo os efeitos do veneno. Eram agora cerca de duas e meia da manhã e Yusupov estava preocupado. Mais uma vez, deu uma desculpa e subiu as escadas para falar com os outros conspiradores. O veneno obviamente não estava funcionando. Yusupov levou uma arma de Pavlovich e voltou lá para baixo. Rasputin não percebeu que Yusupov tinha retornado com uma arma nas costas. Enquanto Rasputin estava olhando para um gabinete de ébano bonito, Yusupov disse: “Grigory Efimovich, você faria melhor em olhar para o crucifixo e orar a Ele”. Então Yusupov ergueu a pistola e atirou.

Os outros conspiradores desceram correndo as escadas para ver Rasputin caído no chão e Yusupov em pé sobre ele com a arma. Depois de alguns minutos, Rasputin “sacudiu-se convulsivamente” e, em seguida, morreu. Depois que Rasputin foi morto, os conspiradores subiram para comemorar e esperar até mais tarde da noite para que pudessem despejar o corpo sem testemunhas.

Cerca de uma hora depois, Yusupov sentiu uma necessidade inexplicável de ir olhar para o corpo. Desceu as escadas e sentiu o corpo. Ainda parecia quente. Ele balançou o corpo. Não houve reação. Quando Yusupov começou a se afastar, notou que o olho esquerdo de Rasputin estava aberto. Ele ainda estava vivo.

Rasputin ficou de pé e correu para Yusupov, agarrando-lhe os ombros e o pescoço. Yusupov lutou para ficar livre e, finalmente, conseguiu. Correu lá para cima gritando: “Ele ainda está vivo!”

Purishkevich estava no andar de cima e tinha acabado de colocar o revólver Sauvage no bolso quando viu Yusupov voltar aos gritos. Yusupov ficou enlouquecido de medo, seus belos olhos tinham saído das órbitas e estava em um estado semiconsciente, quase sem me ver; correu com um olhar enlouquecido.

Purishkevich desceu correndo as escadas, apenas para descobrir que Rasputin estava correndo pelo pátio. Como Rasputin estivesse vivo, Purishkevich gritou: “Felix, Felix, vou contar tudo para a czarina”. Purishkevich foi atrás dele. Durante a execução, ele disparou a arma, mas errou. Atirou de novo e errou novamente. E então ele mordeu a mão para recuperar o controle de si mesmo. Mais uma vez disparou. Desta vez, a bala acertou o alvo. Rasputin parou e Purishkevich disparou novamente. Desta vez, a bala atingiu Rasputin na cabeça. Rasputin caiu. Mas tentou rastejar. Purishkevich o tinha alcançado agora e chutou Rasputin na cabeça.

Em 19 de dezembro, a polícia começou a procurar por um corpo perto da Grande Ponte de Petrovsky na Nevka do rio Malaya, perto de onde uma bota sangrenta onde tinha sido encontrado no dia anterior. Havia um buraco no gelo, mas eles não conseguiram encontrar o corpo. Olhando um pouco mais, depararam com o cadáver flutuando em outro buraco no gelo. Quando o puxou para fora, eles encontraram as mãos de Rasputin congeladas em uma posição elevada, levando à crença de que ele ainda estava vivo sob a água e tentou desatar a corda em torno das mãos.

O corpo de Rasputin foi levado de carro para a Academia de Medicina Militar, onde uma autópsia foi conduzida.

Enquanto os assassinos acusados estavam sob prisão domiciliar, muitas pessoas os visitaram e lhes escreveram as cartas, parabenizando-os. Os assassinos acusados estavam esperando por um julgamento porque isso iria garantir que eles se tornassem heróis. Tentando evitar exatamente isso, o czar parou o inquérito e ordenou que não houvesse julgamento. Apesar de seu bom amigo e confidente ter sido assassinado, seus familiares estavam entre os acusados.

Yusupov foi exilado. Pavlovich foi enviado à Pérsia para lutar na guerra.

Embora o relacionamento de Rasputin com o czar e a czarina tivessem enfraquecido a monarquia, a morte de Rasputin veio tarde demais para reverter os danos. O assassinato de um camponês por aristocratas selou o destino da monarquia russa. Dentro de três meses, o czar Nicolau abdicou, e cerca de um ano mais tarde toda a família Romanov foi assassinada.

Em Paris, quando Maria Rasputin passou em frente à sede da IRFE, prendeu a respiração. Naquele endereço, vivia o assassino de seu pai. Seus pulmões estavam cheios de ar venenoso. Mas ela estava a caminho para uma entrevista de emprego. O que seu pai diria? Muito provavelmente, ele diria: “Deus queria”.

CAPÍTULO 15

UMA NOITE NO LA DÔME CAFÉ

O La Dôme Café era um lugar onde as celebridades se encontravam. Quem trabalhava lá estava acostumado a atender grandes escritores, poetas, pintores, escultores, críticos de arte e ricos colecionadores, bem como modelos famosas e a alta aristocracia da França. O lugar era o epicentro intelectual de Paris, mas também frequentavam aquele espaço os emergentes e imigrantes.

Naquela tarde, o garçom olhou para a porta e viu duas jovens entrando. Elas eram como a noite e o dia. Se fossem colocadas em um vaso, poderiam ser tulipas pretas e orquídeas. Uma delas tinha a pele branca, olhos cinza-azulados e os cabelos cor de mel ondulados em torno do rosto, naquele instante iluminado por um sorriso pacífico. Seu corpo magro e delicado estava vestido de chiffon verde-água. Shura era como o frescor da primavera.

Quando entrou, pareceu ao garçom que o calor do sol havia entrado com ela. Shura estava ciente da admiração que causara. Apesar disso, havia nela uma humilde simplicidade, que não ofuscava sua linguagem corporal e jamais usava sua boa aparência como um privilégio para se beneficiar.

Ao lado dela, estava outra mulher, Lúcia. Não se podia dizer que fosse bonita. Seus cabelos estavam presos em formato de um botão preto apertado na nuca e uma touca de crochê cobria sua testa estreita. A tristeza estava estampada nas grandes sobrancelhas negras, que se curvavam em direção aos olhos profundos. Os lábios eram finos e o rosto oval e o nariz chato davam a ela um quê de masculinidade. Lúcia não era uma mulher que se

destacasse e havia algo oculto em sua personalidade. Nos seus olhos, havia uma expressão de mistério que vinha de algum lugar profundo, espalhando-se e afetando aqueles ao seu redor. Aquela mulher era uma incógnita. Usava um vestido sem mangas de seda preta e um longo colar, composto por grandes pérolas barrocas brancas. Enquanto Shura trazia a brisa, Lúcia estava quase pronta para o inverno.

Shura transparecia algo que prenunciava o seu futuro, uma evocação de esperanças. Já a outra transparecia ambição. Lúcia tomou a frente, sem cumprimentar uma ou mais pessoas conhecidas sentadas por ali, e escolheu uma mesa para elas. Shura apenas sorriu e foi o suficiente para torná-la atraente, quebrando o gelo da personalidade arrogante de Lúcia, que não tinha aquela reputação à toa. Lúcia andava com a sensação de que era a proprietária daquele luxuoso espaço e isso estava refletido na linguagem corporal. Ela era a esposa do famoso escritor Davidov Katiss Lissenko, o Karp ou Kappa, e mesmo aqueles que não sabiam disso sentiam. Lúcia estava envolvida com a literatura, com a arte, e trafegava em meio aos mais famosos artistas europeus.

O La Dôme sempre fora um ambiente intelectual desde a sua criação em 1898. Era conhecido como o ponto de encontro dos artistas. Quem ia lá para tomar um café ou jantar podia se deparar com alguns dos mais renomados deles. Parte de sua fama já se espalhara além da França.

Shura olhou para o lado e cumprimentou as pessoas que estavam sentadas na mesa próxima a elas. Eram o pintor alemão Max Ernst, a poeta e classicista neerlandesa Ida Gerhardt e o pintor francês Moise Kisling. Eles retribuíram os cumprimentos. O pintor

Pablo Ruiz Picasso também estava sentado na mesa vizinha. Shura acenou para ele e Picasso acenou de volta.

— Hemingway[10] também está aqui em Paris — disse Lúcia, enquanto colocava sua bolsa de grife sobre os joelhos. Shura olhou surpresa para a amiga.

— Ele está morando aqui? — perguntou Shura, pensando que a vida de Lúcia era especular sobre as vidas de outras pessoas. Mas mesmo quando estava falando sobre as antigas colegas de escola, geralmente mal, Shura não conseguia parar de falar com ela. Embora visse esse lado não tão admirável, ela ainda sentia orgulho de ser sua amiga. E não deveria estar orgulhosa? Pelo menos Lúcia conhecia essas pessoas importantes e sabia sobre elas.

— Sim. Eles vieram antes de você, em janeiro de 1924: ele, a esposa e o filho pequeno. Está trabalhando como repórter no semanário Toronto Star. Moram num novo apartamento na Avenue Notre-Dame des Champs — Lúcia abaixou a voz.

— Você é feliz aqui, não é? — Shura perguntou. Lúcia não conseguiu entender sua pergunta que, de repente, havia mudado de assunto. Mas respondeu:

— Sim. Sim. Estou feliz em Paris.

— Estou ciente de que está se divertindo muito, querida. Mas está realmente feliz?

— Tenho uma boa vida, um bom ambiente. Vivo lindamente. Tenho amizades com artistas conhecidos, pessoas intelectuais. Paris é o paraíso, nesse sentido.

Este era o conceito de felicidade para Lúcia e parecia querer convencer sua amiga disso. No entanto, Shura não podia ficar

indiferente aos olhos que continuavam tristes, embora a amiga sorrisse.

— Mas — continuou —, sinto falta da Rússia. Mas sei que nunca vou ter a chance de retornar. Então, tenho que me conformar... — disse Lúcia. Como Shura ficou calada e parecia que aguardava que a outra dissesse algo, Lúcia disse: — Se você está perguntando se há alguma coisa, é claro que há.

Shura deu um sorriso de apoio e por um momento o rosto de Lúcia ficou sombreado, com uma linha minúscula que aparecia em sua testa. A expressão de seu rosto, com as sobrancelhas pretas em formato de arco, decaiu. Seus olhos, que ela sempre desviava, estavam cobertos por uma cortina de anseios. Shura lamentou a pergunta que fizera.

— Lúcia, minha intenção não era incomodá-la. Apenas percebi que estava triste — Lúcia estendeu a mão sobre a mesa em que estavam sentadas e segurou o braço de Shura com carinho: — Não se preocupe, Shurochka — disse ela.

— É claro que eu adoraria voltar, se pudéssemos ter esse consentimento. Nossa alma sempre deseja voltar para nossos lares, para nossa terra...

— Mesmo se pudéssemos voltar, não encontraríamos nada do que ansiamos ou perdemos, Lúcia. Tudo estará mudado, destruído. E isso nos machucaria mais ainda. Essa é nossa missão, Lúcia: reconstruir a nossa vida longe da Rússia.

— É o que estou sempre dizendo a mim mesma, minha querida. Se não temos mais nada a perder, por que voltar?

— Não sente falta das suas memórias? — Shura perguntou.

— Memórias... pelo nome, elas existem para serem lembradas.

As duas ficaram em silêncio enquanto esperavam que seus vinhos brancos fossem servidos. A garçonete era russa, mas existiam agentes russos infiltrados e elas não sabiam se podiam confiar nela. A serviçal falou sobre o menu composto de ostras da lendária cozinha do La Dôme e as duas amigas deixaram suas conversas íntimas para depois de fazer seus pedidos.

Assim que a garçonete se afastou, elas continuaram:

— Sim, o que eu estava dizendo? — Lúcia perguntou: — Ah, no que perdemos. Se nada mais existe, o desejo se torna mais fraco.

— Minha mãe e Nina estão sempre nos meus sonhos, Lúcia. Também sinto falta da Tinoçka. Foi uma grande injustiça para elas ficarem desamparadas e solitárias enquanto vivemos em países livres. Eu gostaria que pudéssemos ter convencido minha mãe a sair a tempo.

— Nenhum de nós sabia que essas separações não teriam retorno.

— Acho que minha mãe imaginou que isso jamais pudesse acontecer. Não posso viver sem minhas memórias. Como esquecer minha própria família?

— Deve haver uma maneira de trazer sua mãe para cá — disse Lúcia.

— Estou investigando. Não quero que isso vaze. Quando digo que vou tirá-las da Rússia, posso prejudicá-las. Além disso, talvez fosse mais fácil se minha mãe estivesse sozinha. Além de Nina, há também a pequena Katya.

— Elas ainda estão juntas?

— Não tivemos nenhum contato recentemente. A última vez foi no outono de 1923. Tinoçka escreveu para a organização de Socorro do Oriente, próxima a Istambul. Algum tempo depois Tina recebeu uma carta de Sarah Raindal e compartilhou comigo. Havia notícias do Cáucaso. De acordo com Sarah Raindal, minha mãe e as meninas moravam juntas em Kislovodsk. Mas agora, não tenho conhecimento de onde elas estão e em que condições. E Tina também não sabe de nada.

— Eles deram alguma outra informação? — perguntou Lúcia,

— Não. Meu sonho é que as três possam fugir para Istambul e lá o novo governo da Turquia em Ancara possa ajudá-las a permanecer. É necessária uma permissão especial do escritório de representação de Istambul. Passar pelo cônsul kemalista em Tbilisi para chegar a Istambul, mas o problema é como sair da Rússia. Eles não emitem visto e nem dão permissão. É necessário obter permissão do Secretário Geral. Tina está tentando as duas licenças. Enviou 250 liras turcas para o endereço de Pola em Tbilisi.

— Pola ainda está em Tbilisi? — perguntou Lúcia, surpresa.

— Não. Fugiu para a Alemanha recentemente com a esposa. Emigraram para Koeninsberg. Foi a última notícia que tivemos deles. Através de um amigo de Pola na companhia de transporte, fomos capazes de receber as notícias sobre minha mãe e a dele pela última vez. Agora, a quem perguntamos não sei.

Lúcia tomou um gole de vinho com uma atitude pensativa. Ela estava bastante hesitante.

— O que acha? — Shura perguntou.

— Pelo menos as três estão juntas — respondeu Lúcia.

— Até onde sabemos, sim. Espero que a situação não tenha mudado.

— Acho que algo não mudou. Se eles tirassem Katya de sua mãe, vocês já saberiam...

— Oh Lúcia! Como saberíamos? Minha mãe não suportaria. Não posso nem pensar numa coisa dessas. Foi um milagre ela ter reivindicado Katya e obtido permissão de ficar com a neta. Eles estão executando os pequenos residentes das famílias aristocráticas. Sei que centenas deles foram entregues para orfanatos ou mortos. Se ela pôde ficar com Katya, foi em retribuição ao anjo que minha mãe foi nessa vida; sim, deve ter sido a volta da parte do bem que ela fez por toda a vida.

Shura bebeu de sua taça em silêncio. A preocupação tinha se erguido em sua mente.

— Espero que viva, Katya.

— Se ela obteve permissão de ficar com a neta, creio que que não a tomarão de volta.

— Minha mãe deve ter fugido de Kislovodsk. Ela não ficaria à espera de eles virem buscar a neta. Essa é minha mãe. Acho que Nina e Katya a ajudam a mitigar a dor.

— Acho que você precisa de algo mais bonito para falar. Vamos mudar de assunto — disse Lúcia.

— Ainda assim, cada uma de nós tem muita sorte — disse Shura.

— Sim, depois do que aconteceu com muita gente — disse Lúcia.

Por um momento, as duas jovens ficaram caladas, bebericando. Os olhos de ambas estavam longe dali. No passado

muito semelhante por causa da infância que viveram juntas. Elas tinham memórias coletivas, sentimentos muito especiais que se conectavam. Esse vínculo ocorrera em Kislovodsk, na Rússia pré-revolucionária.

Apesar desse vínculo, ambas se respeitavam e não pediam para saber aquilo que não lhes fosse informado de bom grado. Elas eram muito discretas para explicar em detalhes as suas vidas e pelo que tinham passado.

Permaneceram sem falar, cada qual em seu próprio mundo. Suas mentes as levaram em uma jornada ao longo dos anos. A garçonete veio servi-las com os pratos de ostras; elas continuaram se refrescando com suas taças de vinho e pouco tempo depois aterrissaram no Café La Dôme com suas conversas.

— Estranho — disse Lúcia —, embora moremos na mesma casa, foi a primeira vez que falamos sobre essas coisas.

— Estou sempre em casa, querida Lúcia — Shura sorriu. Você deveria parar em casa de vez em quando.

Os lábios finos de Lúcia se abriram novamente com aquele sorriso doce e quente.

— Certo — ela disse —, mas acredite, não estou reclamando. Além disso, gosto muito de viajar.

Shura levantou a taça diante de Lúcia.

— Seja bem-vinda, então. Celebraremos seu suposto retorno e mergulharemos em tópicos completamente diferentes.

Enquanto Lúcia brindava com ela, Shura perguntou:

— Como foi na Alemanha?

— Foi legal, foi divertido e animado.

— Também... Na companhia de Diaghilev,[11] Balanchine,[12] Tamara Geva...[13] Foi o sonho de uma noite de verão; como você não estaria animada?

— Verdadeiramente, Shurochka, você deveria ter vindo conosco.

— Sabe que eu não pude.

— Eu sei, essa jornada seria meu presente para você.

— Lúcia, minha querida, você já está fazendo muito por mim. Não quero ser um fardo para você.

— Você não seria um fardo. Karp tem tanto dinheiro que não pode contar — Lúcia fez uma pausa. — E não questiona nada que eu gaste. Além disso, ele também ficaria muito feliz se você pudesse vir.

— Obrigada, querida. Além disso, essa temporada é muito movimentada na IRFE. Fui contratada em tempo integral e não quero dar nenhum motivo de eles se arrependerem de terem feito isso.

— Você está certa. Esse motivo é razoável para mim.

— No dia em que eu acreditar merecer, participarei de uma jornada com vocês. Prometo — Shura sorriu e levantou novamente a taça em um novo brinde.

— Você acredita que Balanchine, Alexandra Danilova[14] e Tamara Geva farão uma turnê da Rússia à Alemanha com o convite de Chilev para se juntar à comunidade dos Ballet Russes? — perguntou Lúcia.

— Sim, gosto quando ouço notícias como essa.

— Sim, é como se eles estivessem nos vingando dos soviéticos, certo?

Shura riu: — Nunca fui vingativa, mas acredite, isso passou por minha mente. Estou certa de que quando o time voltar, Moscou estará se envolvendo... Então, acrescentou, séria: — Mas e suas famílias e amigos íntimos que estão por trás deles? Estão acontecendo assassinatos, preocupo-me com isso.

— Shurochka, querida, não é mais o que nossas orações poderão alcançar, preocupamo-nos com os nossos sonhos, com a nossa dignidade. A Rússia é agora um mundo completamente diferente. Somos estrangeiros, distantes, incompreensíveis e até inimigos para nós.

— Quem ficou na Rússia não pode ser nosso inimigo.

— A Rússia nos cuspiu para fora, não nos quer. O resto que ficou lá não passa de um dispositivo soviético.

— Não penso assim — disse Shura, pensando em sua mãe, irmã e sobrinha. Então, ela voltou aos tópicos anteriores: — Me conta como foi a representação? — perguntou.

— Como não ser maravilhosa com esse time? Claro, foi ótima! Tamara estava no papel de Oberon e, como sempre, foi incrível. Seu casamento com Balanchine nunca a estragou. Tudo bem, poderia ter se espalhado por aí, dizendo: “eu me tornei a madame Balanchine”, mas não foi assim.

— Tamara Geva sempre será Tamara Geva. Ao passo que madame Balanchine...

— É verdade. Balanchine pode ser apaixonar por outra prima-dona — Lúcia riu e complementou: — homens vaidosos. Por enquanto, tudo ainda parece bem. Afinal, eles se casaram em 1923.

— Ela deveria ser muito nova — disse Shura.

— Tamara? Sim, tinha dezesseis anos quando se casou, mas quando subiu ao palco seu domínio era muito maior que a idade dela.

A própria Shura era muito mais madura e corajosa nessa idade. E Shura se lembrou dela mesma quando se entregara a Seyit, mas tudo o que pensou ficou para si, o que saiu de seus lábios foi:

— Você sabe, ela também era tártaro-muçulmana como o pai...

— De quem você está falando?

Shura percebeu que falara demais:

— De Tamara Geva.

— De quem mais você estava falando quando disse “ela também”? Falava sobre uma amiga em Istambul?

— Eu estava dizendo...

Lúcia ficou satisfeita ou optou por não ultrapassar os limites impostos por Shura.

— Não, eu não sabia que Tamara era... não importa a religião dela.

— Sim, seu pai foi criado como muçulmano, mas ela se tornou o que chamam de “livre-pensadora”.

— Que eu saiba, a família dela vem de gerações de sacerdotes ortodoxos. Soube que fabricavam roupas, abajures a óleo e acessórios cerimoniais.

— Sim, é verdade, mas o fato de serem de origem tártaro-muçulmana não impede isso. Um é a origem, o outro é o trabalho.

— Certo... Então vem do híbrido misterioso...

Shura sentiu a ironia no tom da última frase da amiga e um ligeiro ciúme.

Lúcia com ciúme de Tamara Geva? Tamara não estava com Balanchine? Haveria algo entre Tamara e Kappa Davidov?

— Eu acho — Lúcia continuou. — Acho que Karp está interessado em Tamara.

Shura baixou a xícara que estava prestes a levar aos lábios e olhou para os olhos de Lúcia.

— Estou falando sério — disse Lúcia.

— Vamos, querida Lúcia. Karp está apaixonado por você. Sempre esteve apaixonado por você.

— Ele estava apaixonado por mim, mas agora não está mais. Não sou mais a criança com quem ele se casou, Shurochka. Tenho vinte e cinco anos de idade.

Shura riu brevemente: — O que está dizendo, Lúcia? Quantas mulheres querem ter 25 anos hoje?

— Claro... Exceto Tamara Geva.

— Lúcia, querida, está exagerando. Você tem apenas sete anos a mais que ela. E é claro que ela terá vinte e cinco um dia.

— E então eu estaria com trinta e dois.

— Nunca pensei que você fosse tão sensível a esse negócio de idade.

— Eu não era.

— O que aconteceu, de repente?

— Vi Karp observando Tamara, Shura. Eu o conheço, não estou errada. Uma bailarina talentosa e bonita; mulher ou homem, todo mundo a admira no palco. Especialmente os homens. De admirador profundo para amante de verdade basta um acorde.

— Isso é diferente. Karp é patrono da arte. Você também pode conhecer a visão de Karp sobre outras bailarinas.

— Veja. Não é a mesma coisa. Ele olha para ela como olhava para mim anos atrás — Lúcia interrompeu a sentença e ergueu o copo para Shura: — Vamos beber. Tudo vai aonde tem que ir e nada podemos fazer para nos opormos ao destino.

Se estamos errados ou não, tudo vai acontecer assim mesmo.

— Você está tendo uma ilusão. Não se preocupe, por favor — Shura disse com um sorriso doce para confortar a amiga, mas a ansiedade de Lúcia tinha nascido muito recentemente e ela achava que, talvez, Lúcia não estivesse errada.

— Acredite, estou bem, querida. Para mim é importante estar com um homem conhecido e rico. Existe poder nisso. Enquanto o Karp for honesto comigo, se ele quiser outra mulher... Bem, todo mundo viaja no caminho de suas escolhas e eu não tenho problemas para escolher. Cada um deve ser livre para fazer aquilo que deseja. Por exemplo, Vera Sudeikin[15] e Igor Stravinsky[16] eram claramente amantes e Katerina Nonsenko[17] aceitou sentada. Talvez por causa dos filhos. Talvez para ter o título de esposa de um homem importante como Stravinsky. Ou talvez porque o amasse.

— Isso não pode ser amor, Lúcia. Corte o vínculo com alguém que a deixou por outra. Isso não é amor. Que tortura é viver assim... Você não será amada, ele saberá que você não o ama mais. Você continuará a viver na mesma casa com um homem dessa forma? A propósito, será capaz de estabelecer sua própria vida sem ele.

— Sim, querida, você está certa, mas nem toda mulher vê da mesma forma essa situação. Não importa o que seja, não pode ser benéfico para ninguém.

— Sim, viver com alguém que tem uma amante deve ser um inferno — disse Shura.

— E ser amante de um homem casado também deve ser um inferno. Não lhes darei paz e vou me vingar — Lúcia sorriu e Shura não soube dizer se ela brincava ou falava sério. Ao mesmo tempo, lembrou-se do seu antigo relacionamento com Seyit, um homem casado, de cujo caos e de cujo inverno que eles passaram e ela se livrou. Também foi inevitável não se lembrar de seu papel no casamento de Alain.

— Não sei — ela disse em um tom doce.

— Desculpe-me, minha querida. Fui indelicada — disse Lúcia. — Sou uma idiota...

— Sem desculpas, querida Lúcia. Não dói nada, fique tranquila. Não me arrependi nenhum dia pela decisão que tomei ao deixar Alain, e, com o passar do tempo, vejo que ele fez a escolha certa. Coloquei-me no lugar dela...

— Isso foi bom. Vamos, vamos beber para ficarmos de bom humor. E as duas jovens sorriram, cientes do que tinham e não do que sentiam falta. Beberam como se quisessem desfrutar de suas boas condições.

Outra noite terminava no Café Le Dôme. Nas mesas em que composições, poemas, histórias, resumos novos foram compartilhados, os artistas encontraram patrocinadores; alguns concordaram com seus editores; um deles vendeu um novo quadro e alguns colocaram seus sonhos noturnos nos bolsos. Aquela noite tinha sido promissora.

Elas partiram.

CAPÍTULO 16

UMA REUNIÃO FELIZ EM NICE

Se houvesse um dia no calendário para se comemorar o amor na cidade, aquele seria o dia ideal. Cada canto de Paris cheirava a amor. O amor estava no ar: estava no topo das árvores, nos galhos que ramificavam ao redor e nas flores que tinham brotado nas últimas semanas dando as boas-vindas ao auge da primavera. Nuvens de amor flutuavam e escorriam como óleo.

As primeiras luzes do dia atingiram a cama de Shura através da janela. Eram seis da manhã. A jovem mulher abriu os olhos e sorriu para si mesma. Estava contente. Levantou-se, foi até a varanda e se debruçou para ver a paisagem deslumbrante. Acenou para um pombo branco que acabara de pousar, como se ele fosse um velho amigo. Do parapeito da varanda, a Torre Eiffel estava emoldurada como um cartão postal, uma pintura de Paris. Os lábios de Shura se moldaram com um sorriso: uma doce excitação, cujo motivo ela não sabia, fez seu rosto brilhar. O pombo bateu asas e foi embora, Shura respirou fundo o cheiro da primavera e seus ouvidos capturaram os sons amenos da cidade que fluíam àquela hora da manhã. Um vento leve levava um grupo de nuvens brancas para lá e para cá e ela pensou que amava muito aquele apartamento. Era pequeno, mas cada centímetro pertencia a ela. O belo loft, lindamente mobiliado, no número 1800 do Boulevard Laumes, era o novo abrigo de Shura. Ela o alugou, a um preço muito razoável, de um amigo de Lúcia que se estabeleceu em Nova York. O apartamento era decorado com elegância refinada. Algumas peças decorativas especiais, acessórios que ela comprara dos joalheiros

de Montparnasse, foram harmonicamente combinadas com a atmosfera geral da casa.

O tempo que ela morou com Lúcia e Kappa foi importante, pois conhecera muitas pessoas. Compartilhara o iate do casal, as festas, mas o sonho calmo e privado que tinha agora ela não trocaria por nada. Era a primeira vez que vivia sozinha e estava se divertindo com isso. Quando deixara a casa do pai, ela primeiro compartilhara a vida com Seyit, nos lugares para os quais tinham se mudado no âmbito das oportunidades oferecidas pela vida. Em Istambul, morou com o tio Ataman Bogayevsky e com a tia Nadya e os primos no mesmo apartamento; e então os três irmãos moraram juntos: ela, Valentine e Vladimir, o Vola, no pequeno apartamento para o qual se mudaram. Sua vida em Paris começou com Alain e depois continuou na casa de Lúcia. Há apenas um mês ela entrava pela porta de seu próprio canto, onde tinha uma vida própria e podia fazer o que quisesse.

Hoje, pela primeira vez na vida, estava sozinha em seu aniversário. Mas, por incrível que pareça, isso lhe era muito bom. Dava uma sensação de integridade, não de exílio, não de uma migração. Estava sozinha e feliz em sua enorme Paris. Era responsável por si mesma e poderia viver uma vida livre. Sem pedir nada a ninguém. Ganhava seu sustento trabalhando, gastava no que julgava necessário e guardava parte do dinheiro para não ficar em uma situação difícil. Shura se sentia culpada quando fazia despesas extras, pois era muito econômica.

Com relação aos amigos, escolhia, bem como o fazia para suas férias, os convites que queria aceitar. Desfrutava de um sentimento de independência e prazer na solidão.

Pouco tempo atrás, estava um pouco intrigada por estar se sentindo muito cansada. No entanto, apesar disso, também estava feliz. Parecia ter descoberto outra Shura. Ela conseguira vencer por si mesma, estava economizando e se fortalecendo todos os dias. Podia sentir isso. Era um grande sentimento para uma mulher que completava vinte e cinco anos. Sorriu.

Shura foi até a pequena cozinha, fez café e o tomou sentada no sofá em frente à varanda. Vinte e cinco anos deixados para trás. Eram como aquelas nuvens. Quão intensa fora sua vida, tão cheia de eventos, e com que rapidez estavam passando...

Quantas memórias! E nenhuma delas poderia mais ser vista ou tocada. Enquanto o passado não pertencia a ninguém, o futuro pertence ao porvir, às esperanças e aos desejos de abrir seu próprio caminho. Shura, há muito tempo, tinha planos de criar algo. Tomando o último gole de café, olhou com emoção para o dia maravilhoso que a esperava. Ganhara dois dias de folga para comemorar o aniversário com seus entes queridos. Iria para Nice encontrar seus dois irmãos por parte de mãe, Vola e Cola.

Com um coração feliz, correu para se arrumar. Há muito tempo sonhava em conhecer Nice, ver a moderna capela-mor francesa e tantas coisas interessantes que escutara a respeito de lá. Estava na hora de fazer isso. Levaria treze horas de trem, mas ela estava disposta a passar o dia inteiro, a tarde e a noite num trem somente para chegar a Nice.

De repente, seus movimentos se aceleraram. Ela não queria perder o trem. Ao fechar a trava da porta, Shura partiu sem nenhum planejamento, levando apenas aquilo que era fácil de transportar: algumas peças de roupa e seus dois livros que lhe foram dados por

sua mãe quando ela deixara Kislovodsk. Sua mala de madeira minúscula coberta de couro era carregada na mão. Shura não queria se preocupar com bagagens neste dia especial.

Quando saíra de Kislovodsk, da casa do pai, e foi para Novoçerkask em um trem superlotado, numa viagem longa e cheia de medo, passou a olhar para os trens e para estações de outra perspectiva. Esses lugares sempre traziam um sentimento de imigração, e não de viagens comuns. Mas agora ela estava indo fazer uma viagem desejada há muito e na qual esperava se divertir.

Com esses pensamentos, ao entrar pela porta da estação de repente achou que conhecia o homem que passou por ela. Era um belo homem de cabelos negros que lhe caíam na testa. Ele se virou e a olhou. Ficou claro para ela que o mesmo se passara com ele e, por um momento, seus olhares se encontraram. Com alguns passos rápidos, o homem retornou, aproximou-se dela, e disse:

— Meu nome é Gazdanov, Gaito Gazdanov — disse, e esperou com uma atitude educada, mas relutante, a resposta de Shura. Ela agora sabia quem ele era: aproximou-se dele e o encarou com um sorriso sincero. Parecia tentar se lembrar dela e, de repente, um sorriso doce se espalhou pelo seu rosto triste.

— Alexandra Verzhenskaya. Sim, é você. Desculpe-me, não a reconheci de imediato.

— Não precisa se desculpar. Todos nós mudamos. Muito tempo se passou.

O rapaz usava uma roupa que, certamente, não tinha sido passada a ferro e, por um momento, pareceu estar ciente disso e não parecia muito confortável. Seus sapatos também já tinham visto dias melhores. Deu uma olhada para si mesmo e estava muito claro

para Shura que ele estava com vergonha de ser visto naquela situação.

— Estou surpreso de você ter me reconhecido nesse estado — murmurou, e sua voz estava triste.

Passava por condições muito difíceis e era impossível não ver isso. Com seu sorriso sincero, ela disse:

— É impossível esquecermos de olhos que jorram inteligência — sorriu abertamente e ele disse que ela estava sendo educada e que não poderia acreditar naquilo e que se eles se reencontrassem em uma situação em que ele estivesse bem-vestido, com uma roupa bem conservada, ela nunca diria essas palavras de consolo, mas que as palavras dela lhe fizeram bem.

Shura lamentava ver um homem bom, tão bonito, tão angustiado.

— Você continua muito bonita e muito elegante — disse Gazdanov.

— Obrigada. Mas sei que estou muito diferente de Istambul.

— Istambul... — havia dor no sorriso de Gazdanov quando repetiu o nome da cidade. — Foi quando nossos dias ainda estavam frescos. Eu era feliz e ainda estava à procura da felicidade. E agora? — murmurou.

Shura, ademais de o tempo estar muito curto, não queria falar sobre Istambul. Mudou de assunto:

— Ainda está escrevendo histórias?

— Quando encontro tempo fora do trabalho.

Então acrescentou, com um sorriso irônico: — Por enquanto, elas estão apenas na biblioteca Gazdanov — e apontou para sua cabeça.

— Tenho certeza de que um dia todos teremos a chance de lê-las. Estou surpresa, já que está em Paris, de nunca termos nos encontrado antes — disse Shura.

— Acho que os lugares que visitamos e nossas relações são diferentes.

— Ah, sim. Estou sempre com pressa, o trabalho, sabe como é — disse Shura.

Shura viu orgulho na atitude do rapaz e ele parecia ofendido com o destino que tivera.

— Acho que todos estamos com pressa — repetiu ela. De repente, uma verdade lhe veio à mente para salvar a situação: — Mas fiquei muito feliz por ter encontrado um amigo de Vola e de Cola. Estou indo encontrá-los em Nice. É a primeira vez que os verei desde que cheguei à França. Eles estavam na Alemanha...

— Maravilhoso! Diga que envio meu amor, por favor.

Shura estava preocupada em perder o trem para Nice e olhava o tempo todo para o relógio.

— Não vou segurar você — disse ele. — Você deve estar indo pegar o trem.

— Sim. Mas espero vê-lo em breve.

— Adeus, Alexandra Verzhenskaya.

— Adeus, Gaito Gazdanov.

Sob a emoção do efeito do breve encontro, Shura moveu-se rapidamente em direção às portas da estação. Veio a sua mente que ela não conseguira fazer nenhuma pergunta para Gazdanov. Não tiveram tempo, mas eles poderiam conversar profundamente em outra ocasião. Pensando nisso, deu-se conta de que se esquecera de pedir o endereço dele, e Gaito também não pedira

nenhuma informação sobre ela. Obviamente, fosse qual fosse a dificuldade que estivesse enfrentando, ele não queria abrir seu mundo para ninguém.

A jovem olhou para trás por um momento. Gazdanov estava na saída da estação olhando para ela. O olhar de Shura foi recompensado por um sorriso apressado e envergonhado. Ela o saudou com a mão e começou a se virar. Gaito acenou de volta.

Na verdade, eles tinham amigos muito próximos em Istambul. Gazdanov também havia fugido da Crimeia. Havia deixado Istambul e viera para a França muito antes de Shura. Estavam perto um do outro no país para o qual migraram, como centenas de bielorrussos tentando ganhar a vida. Shura se lembrava de que Gazdanov sempre tinha consigo um pequeno caderno: era um hábito dele anotar para não se esquecer e transformar o que quer que fosse em belas histórias. Mas ela estava assustada com a melancolia que vira em seus olhos, tão profundos, mas encharcados de langor, de saudades. De quem será que sentia tanta falta? Ou do quê?

Assim que o trem de Shura chegou, ela entrou no compartimento a caminho de Nice com um estranho sentimento causado pelo encontro com Gazdanov, mas ainda não tinha consciência disso. Entretanto, com o rapaz vieram muitas outras lembranças. Uma pessoa nunca está só, sempre acompanhada por seu passado e suas conexões, as lembranças que cada um traz consigo. Mesmo que esteja cega a elas, outra pessoa consegue lê-las.

Shura se sentou e ficou observando o rio Sena correndo a sua frente. Retirou um croissant meio seco do bolso da jaqueta de musselina e o mordeu. Fechou os olhos e esperou que ele

amolecesse e soltasse seu gosto. Absorveu lentamente o sabor, mas desistiu da segunda mordida; pegou a agulha de crochê embrulhada num jornal, mas também não estava com vontade de fazer crochê, e devolveu-a à bolsa. Do outro bolso, pegou um pequeno caderno e um lápis. Abriu o caderno, seu amigo e consolo de todas as horas, em cujas páginas constavam seus pensamentos, e anotou o encontro com Gaito Gazdanov na estação.

Quando chegou à estação de Nice, o encontro com Gaito Gazdanov foi afastado dos seus pensamentos e o sentimento de solidão em relação à infância também se foi. A excitação calorosa em meio às centenas de passageiros havia atingido seu pico. Ela desceu os degraus para sair do meio da multidão. Enquanto caminhava, procurava os rostos dos irmãos de quem sentia tanta falta. Mas quatro pares de olhos a observavam enquanto ela vinha daquela direção. Eles acenaram, chamando-lhe a atenção.

— Shurochka! — gritou Vola.

— Shura! — chamou Nicholas, cujo apelido era Cola.

Quando se aproximaram, Shura colocou a mala no chão, correu e abraçou os dois homens que abriram os braços para ela, com sorrisos estampados nos rostos.

— Querido Vola! Caro Cola!

Duas outras mulheres jovens, com grandes sorrisos nos rostos, estavam assistindo aos três irmãos se abraçarem. Quando chegou a vez delas, cada uma abraçou Shura separadamente. Todos eles já estavam em lágrimas.

— A França a deixou ainda mais bonita, Shurochka — disse sua cunhada.

Shura olhou com admiração para a esposa de Nicholas, Tatyana.

— Obrigada, querida Tatya. Você é que está ainda mais bonita.

— Você está parecendo uma linda parisiense — disse Margarita (Gula), esposa de Vladimir.

— Parece que isso não é um país, e sim um spa — interveio o brincalhão do Nicholas.

Vladimir pegou a mala de Shura e disse: — Então, vamos conversar aqui o dia todo ou vamos para casa? — e saiu andando enquanto os demais o acompanharam, Shura de braços dados com Tatyana e com Gula. Elas riam com prazer enquanto contornavam a multidão para evitar se separar. Atrás delas, Nicholas, que observava as mulheres, com seus risos infantis, disse: — Esta é uma noite para ser celebrada à perfeição!

Na saída da estação, eles pararam em frente a um táxi no estacionamento.

— Desculpe-me, Shurochka, não a receber em um carro particular. Adoraríamos ter um, mas não o temos — disse Vladimir. Shura apertou amorosamente as bochechas de seu irmão e o beijou.

— Ser recebida pelos dois homens mais bonitos do mundo, o que mais posso pedir?

— Você está certa, Shurochka. As damas de Nice consideram a mesma coisa. Pode ter certeza — brincou Tatyana, encarando o marido com os olhos risonhos.

Vladimir deu um beijo no rosto da mulher e de Shura, indicou o banco de trás do carro para elas e se sentou na frente, sorrindo, para não prolongar o assunto. Em seguida, eles entraram em uma

conversa acalorada. Estavam todos muito felizes e empolgados para comemorar a união.

— Temos que aproveitar esta noite e amanhã — disse Shura.

— Nós também temos um dia de folga no trabalho — disse Nicholas.

— Muito obrigada, querido. Quão feliz estou não sei dizer. O seu chefe deve ser uma pessoa muito elegante.

— Ele não apenas permitiu, mas emprestou o táxi — contou Tatyana.

Margarita estava prestes a dizer algo, mas Tatyana a interrompeu. Shura percebeu, mas sua viagem seria curta demais para se preocupar com qualquer coisa que não fosse matar a saudade da família. Seus irmãos tinham conseguido uma licença para comemorar o aniversário dela e mesmo que tivessem pagado alguma quantia para usar o táxi, ela poderia ajudá-los, se necessário.

— Planejamos um passeio por Nice amanhã, Shurochka. Para você conhecer a cidade — disse Cola.

— Tudo o que quero é passar o máximo de tempo possível com vocês.

Shura realmente queria ir para casa e conversar com a família. Não que não quisesse ver as belezas e curtir os prazeres da famosa cidade, mas antes de tudo queria saber notícias de todos de sua família. Tatyana interveio:

— Cola, acho que Shurochka deveria decidir isso.

— Sim — Margarita concordou.

— Nossa caçulinha veio para conhecer a cidade. Amanhã poderemos fazer um *tour* por Nice e depois a deixaremos no trem

novamente — disse Cola.

Na frente, Vladimir, sentado no banco do passageiro, interveio: — Ok, senhoras! Vamos perguntar a ela.

— O que quer fazer, Shura? — perguntou Vladimir.

— Os irmãos de Shura e suas esposas não devem lutar como crianças — brincou Cola. Shura sorriu ao responder: — Divino, você é muito gentil. Claro, vim apenas para vê-lo. Mas faremos um *tour*, mesmo que curto.

Os irmãos e seus cônjuges levaram Shura à parte mais antiga da cidade em Vieux Nice, a região mais vibrante da cidade, com ruas estreitas de paralelepípedos e construções em tons pastéis, cujas lojas vendiam sabonetes e tecidos provençais, além de carnes e queijos. Shura caminhou pela rua de pedestres Cours Saleya, pelo mercado, que oferecia produtos e flores, e viu os bares agitados e as lanchonetes ao ar livre, que serviam especialidades como a socca, um tipo de crepe, e ficou encantada com o arborizado Parc de la Colline du Château, no alto de uma elevação com vistas para a cidade e para o mar.

Os pequenos cafés nas ruas estreitas entre os edifícios, os bares eram tão convidativos que Shura se sentiu na época medieval. Cola, por fim, parou e os deixou na esquina de uma das ruas estreitas, em frente a um restaurante, cuja placa dizia que era de 1850. Eles entraram em um pequeno edifício e logo Shura percebeu que o charme mágico de fora não era o mesmo de dentro. A umidade deixava o ambiente nublado com seu cheiro. Mas os degraus em mármore, as balaustradas, tudo era muito bem conservado. Foram para o segundo andar e, de repente, tudo estava diferente.

— Eles fizeram isso junto com Cola e Vola — disse Margarita, apontando para a parede, cujos buracos eram de massa de vidraceiro, pintados em sua cor original.

— Gula e eu escovamos e limpamos o mármore dos degraus — disse Tatyana.

Shura sabia o quanto seus irmãos se amavam, mas também conhecia o contraste de suas personalidades para compartilhar estes mesmos contrastes no conforto de suas vidas. Certamente no passado fora muito mais fácil. Mas agora começar do zero, em suas vidas de imigrantes, dividindo a mesma casa... Era óbvio que eles estavam com problemas financeiros. Ou por que os quatro estariam vivendo na mesma casa? Será que poderiam viver harmoniosamente?

Eram dois quartos, uma cozinha, um banheiro e uma sala, onde ficava uma mesa. Quando Shura olhou para a mesa, pôde ver quanto esforço eles fizeram para entretê-la. Uma toalha de linho branca cuidadosamente engomada, pratos com anchovas, presunto, mostarda e molho de limão. Camarão, salada russa, ostras trituradas, ouriços do mar, carne assada e cozida. Que grande sacrifício deveriam ter feito para lhe proporcionar essa recepção... Peças de tecidos empilhadas em outro extremo do corredor, kits de costura, eram um sinal de que suas cunhadas estavam trabalhando para contribuir com suas famílias.

— Em sua homenagem — disse Nicholas. Shura abraçou e beijou o irmão com uma profunda gratidão.

— Obrigada, muito obrigada. Obrigada, Tatyana querida.

— Minha querida. Nós é que agradecemos por você ter vindo passar seu aniversário conosco e nos mimar com sua presença.

— Sou grata a todos vocês. Uma maravilhosa surpresa para um simples aniversário. Não poderia ser mais bonito.

— Venham para a mesa — chamou Nicholas, apontando para que Shura se sentasse num lugar entre ele e Vladimir. Depois de servir, Vladimir levantou a mão e todos pararam para ouvi-lo. Ele limpou a boca e começou a falar, olhando diretamente nos olhos de Shura, ele disse:

— Não sem música! — gritou Cola, e apontou para o gramofone em um canto da sala. Shura gargalhou. Embora houvesse apenas uma diferença de cinco anos entre eles, o olhar do irmão mais velho tornou a hierarquia muito óbvia. Cola foi colocar uma música e Vola esperou. Enquanto ainda estava lá, seu irmão Cola teimosamente levantou o copo na mão e disse: — Vamos ao discurso agora.

Vladimir se recuperou com a voz estimulante do irmão.

— Venha para a mesa, por favor. Senão chegará o próximo aniversário de Shurochka e não conseguirei falar o que ensaiei o dia todo.

Nesse ponto, as jovens não conseguiam se conter e riram.

— Sim — disse ele. — Onde estávamos?

— Na música — Shura disse e todos riram novamente. Alguém chamou Vladimir e ele pediu licença. O discurso teria que ser adiado. Para Shura, era um prazer estar com eles, que tinham muitas dificuldades ocultas entre eles, mas que se amavam, mesmo que não dissessem. Havia tantas dores escondidas neles... Nicholas voltou a olhar para Shura e disse:

— Como se sente aos 25 anos, Shurochka? É muito difícil acreditar que você atingiu essa idade. Está fresco na minha

memória o dia em que você nasceu, como se fosse ontem. Eu tinha voltado de São Petersburgo e quando cheguei em casa da academia militar, nas minhas primeiras férias de verão, vi uma menininha da pele de porcelana, com o cabelo amarelo e os olhos verde-azulados. Você nasceu em nossa casa como o sol, Shurochka.

Vladimir, que tinha acabado de voltar e ficara em silêncio atrás dos irmãos, assentiu como se quisesse mostrar que aprovava.

Quando o irmão o explicou sua infância, o calor de sua voz, que refletia a importância de seu profundo amor, influenciou profundamente Shura.

— Sim, você nasceu como o sol da nossa família e sempre foi o sol...

Nicholas parou por um momento e tossiu um pouco para impedir que sua voz tremesse. Lágrimas tremularam nos olhos de Shura.

— Então nuvens negras caíram no mundo de todos nós. Isso nos fez desmoronar. Mas estamos felizes em encontrar o nosso sol hoje. Espero e desejo que um dia nossos entes queridos que estão longe se reúnam com todos nós e todas as boas lembranças do nosso passado. Esperamos, minha querida Shura, que você obtenha toda a beleza, amor e felicidade que merece. Nós a amamos muito. Fizemos isso em homenagem a você, minha querida! Sem lágrimas hoje. À medida que a idade aumenta, as pupilas brilham mais.

Shura percebeu que qualquer palavra que ela dissesse agora seria insuficiente. Em vez disso, foi até o irmão e o abraçou e deu um beijo longo e amoroso em sua bochecha.

— Eu, que ensaiei um discurso, nada disse, e Cola, que sequer pensou no que iria falar, nos trouxe esse maná — disse Vladimir, sorrindo. Shura também o beijou e o abraçou. Sentaram-se para comer. Havia tanto a ser dito, a perguntar, mas todos temiam fazer a primeira pergunta ou dar as primeiras informações e quebrar aquele encantamento. Eles queriam primeiro aproveitar a ocasião. Não queriam pensar sobre o passado. No entanto, foi inevitável. Por um instante, houve silêncio na mesa. Aproveitando isso, Shura disse:

— Acho que encontrei uma saída para tirar nossa mãe da Rússia.

De repente, ao mesmo tempo, todos pararam de comer e olharam para ela com curiosidade.

— Está falando sério? — perguntou Vladimir. Shura fechou os olhos e assentiu.

— Mas quão bem sucedido pode ser? — perguntou Vladimir.

— Não sei. Quero tentar de qualquer maneira.

Nicholas, preocupado, apoiou os cotovelos na mesa e chegou para a frente e disse: — Shurochka, você está falando sobre algo quase impossível. Como vai organizar isso?

— Como pode ter certeza de que ela não vai ter problemas? E de que não arrumará problemas para você? — perguntou Vladimir.

— Não estou preocupada comigo mesma, querido Vola. Se não der certo, devem ser capazes de evitar danos à nossa mãe. Estou agindo discretamente e com cautela, junto com Tina.

— Você recebeu notícias de nossa mãe? — perguntaram os dois irmãos ao mesmo tempo.

— Já faz um bom tempo, mas, sim, recebi — respondeu Shura.

Os outros rapidamente se entreolharam.

— Deixe-me dar as boas-novas primeiro. Acho que não houve mudança desde então e assim o espero.

Tatyana disse, impaciente: — Diga-me, querida, quais são as novidades?

Com um sorriso pacífico, especialmente nos olhos, Shura disse:

— Katya e Nina estão com minha mãe — disse ela, olhando para Tatyana, que mordeu os lábios e foi incapaz de conter os soluços.

— Oh, minha filhinha Katya!

Margarita abraçou e acariciou os cabelos de Tatyana: — Acalme-se, querida, acalme-se — murmurou. — Ela está com sua avó. Estão juntas. Poderia haver notícia melhor do que essa?

No entanto, Tatyana não conseguiu se segurar. — Meu bebê, meu bebê. Estou com tanto medo...

Nicholas levantou-se e foi até a esposa, abraçou seus ombros, puxou a cabeça na direção dele e disse com ternura: — Não chore, não chore — ela está bem. Você verá que estarão aqui muito em breve. Vamos lá, agora que você está se recuperando, ouçamos Shura.

Tatyana, acariciando a mão do marido, disse: — Desculpe-me, Shura querida — e enxugando as lágrimas com a mão: — Há quanto tempo estou me segurando... Eu não queria chorar, mas é muito difícil...

— Eu sei, querida Tatya, eu sei. Acredite, meu coração está chorando com você por Katya. Mas acho que essa é a melhor notícia que podemos obter por enquanto.

— Sim, querida. Muito obrigada por compartilhar isso conosco. Como a carta de Tinoçka não nos chegou, nada sabíamos? Nossas comunicações com ele são sempre interrompidas por algum motivo.

— A carta demorou muito tempo depois de ter sido enviada para mim.

— É como cartas chegando com um mensageiro — disse Vladimir. — A realidade do que está escrito muda até a carta chegar ao seu destino.

— Como soube dessas notícias de lá? — Margarita perguntou.

— Através de Tina, que se comunicava com alguém de Tbilisi. Segundo as informações de lá, nossa mãe, Nina e Katya ainda estavam em Kislovodsk, e juntas. Acredite, se eu soubesse que vocês não sabiam, teria arrumado uma forma de compartilhar isso com vocês. Se a saída de Pola fosse adiada, haveria a possibilidade de ele se organizar e tirar nossa mãe. Mas as formalidades eram tão longas e difíceis que no dia em que a organização permitiu que ele deixasse a Rússia, acho que foi impossível para Pola e Tanya esperar.

— Ninguém pode esperar por ninguém naquele inferno — rosnou Nicholas. — Quem encontrar uma porta aberta tem que se jogar.

— Sim, não podemos culpar o Pola. Já, esse contato de Tina em Tbilisi, o endereço para o qual ela envia o dinheiro, me preocupa e muito. O envio desse dinheiro não é garantia de que nossa mãe

saia de lá — disse Vladimir. — Não é uma garantia para o futuro delas — complementou.

— Então que tipo de pessoa você encontrou, Shura? — perguntou Nicholas.

— Vou conhecer a pessoa em questão esta semana, Cola.

— Ele é confiável?

— Ainda não o conheço. Mas é alguém que tinha um relacionamento muito próximo com os bolcheviques.

— Oh, não! — disseram todos juntos.

— Bolchevique? — Vladimir disse com espanto. — Os bolcheviques separaram nossa família... uma geração separada graças a um bolchevique? Em que inferno você está se metendo, minha irmã?

— Não se preocupe, Vola. Estou sendo muito cautelosa por causa das mesmas preocupações. Essa mesma pessoa ajudou anteriormente outras pessoas a irem para Paris. Primeiro vou conhecê-lo.

Vladimir interveio com sua própria pergunta:

— Quem são essas pessoas e por que nos ajudariam?

— Porque passaram por várias tragédias como a nossa. Suas famílias foram dispersas. Eles não têm motivos para fazer as pazes com os bolcheviques. Além disso, são úteis.

— Minha querida Shurochka, os bolcheviques colocaram muitos homens infiltrados. Todos eles fugiram no último minuto e chegaram a Paris como russos brancos. Eles estão entre nós. Há apenas uma razão para a presença deles lá, nos seguir.

Se nossos familiares deixados para trás estiverem em contato conosco, será útil para eles e significará o fim de quem ficou.

— Sim, Shura, temos que ter muito cuidado. Em alguns desses trabalhos o agente ganha dinheiro e realmente ajuda algumas pessoas, mas como sabermos se não são agentes bolcheviques infiltrados? — indagou Nicholas.

— Mas eles já trouxeram outras pessoas — defendeu-se Shura.

— Para que pareçam bons e possam se misturar mais facilmente aos russos brancos. Eles os usam como peões no trabalho sujo — explicou Nicholas.

Shura ficou tensa com o que ouviu: — Você está certo — disse ela —, talvez eu nunca devesse ter esperado por essa saída.

— Você fez o mais natural, Shurochka — disse Vladimir.

— Nesse caso, não machuquei ninguém. Não houve nenhum desenvolvimento do plano. Absolutamente. Meus encontros com quem conhece essa pessoa foram sempre aleatórias, em lugares diferentes e por razões sociais. Nem o nome de minha mãe nem das meninas eu disse.

— Olha, isso foi muito bom — disse Nicholas. — Minha irmã é inteligente — ele sorriu. Estendeu a mão sobre a mesa e acariciou a mão de Shura.

— Não fique triste, querida. Mas assim que você disse “bolchevique”, todos os cenários de desastre foram trazidos à minha mente.

— Exatamente — Vladimir concordou.

— Senhores, senhores — Margarita disse. — Shura não é mais aquela garotinha. Ela vive sem nenhum de vocês há anos, certo? Duvidam de sua inteligência? Francamente, fiquei impressionada com você, cunhada.

— Nossa confiança nela e em sua inteligência são, sem dúvida, intermináveis — Cola disse: — Mas não confiamos nessas zebras bolcheviques. Jamais! Prefiro não ver nossa mãe e nossa filha nunca mais, desde que não causemos a morte delas e seus enterros num caixão soviético.

— Fiquem tranquilos — disse Shura —, nunca dou nenhum passo sem ter certeza. Mas vou ser ainda mais cautelosa a partir de agora.

— Confiamos em você, minha querida, mas na sua luta contra isso, nós, como seus irmãos, não temos como apoiá-la. Admiro a sua luta em querer salvar nossa mãe, nossa irmã e nossa filhinha — disse Nicholas. — O mesmo por Tinoçka. Sabemos muito bem que ela fez e está fazendo o seu melhor em Istambul por todos nós.

Pela primeira vez, Shura reparou como seu irmão tinha envelhecido. As marcas dos sofrimentos estavam estampadas em sua face. Ele era apenas doze ou oito anos mais velho que ela, mas parecia seu pai. Ao pensar em sofrimento, Shura se lembrou do encontro da manhã. — A propósito — disse ela —, encontrei o Gazdanov e ele mandou uma saudação para você.

— Gazdanov? — Vladimir perguntou. — Você se lembra de Gaito Gazdanov, irmã?

— Sim. Eu o conheci em Istambul.

— Ai, sim. Ouvi dizer que ele estava em Paris — disse Vola.

— Não me lembro. Quem era? — perguntou Nicholas.

— Era do Exército Branco. Mas é normal que Cola não se lembre. Gaito Gazdanov estava em Istambul. Onde você o viu, Shura?

— Em Paris, em frente à estação. Deveria estar vindo de algum lugar.

— Não acho que ele vinha de lugar algum.

— Por que não?

— Recentemente, na igreja, conversando com um dos nossos que trabalham na fábrica da Renault, em Billiancourt, ele falou sobre Gazdanov e que trabalharam juntos. Gaito era um carregador, mas foi mandado embora. Depois se tornou agente de limpeza, depois estava trabalhando na produção de chá, mas recentemente estava desempregado e morava nas ruas de Paris; sem-teto, sem casca, sem pano de saco, sem dinheiro. Coitado! Eu soube que ele estava completamente arruinado.

Shura, de repente, nesta manhã, estivera cara a cara com uma oportunidade de ajudar o homem. Agora ela entendia o motivo de suas roupas e o embaraço dele. Mas, quando o encontrara, não podia ter consciência disso.

— Se eu soubesse disso...

— Não poderia fazer nada — disse Vladimir. — Se ele soubesse, Shurochka, que você desconfiava de sua real situação, teria fugido de você. É muito orgulhoso. Talvez tenha conversado com você porque adivinhou que você não conhecia sua condição.

— Estranho. Perguntei: “Você ainda está escrevendo histórias?” Ele me respondeu que sempre que conseguia uma oportunidade no trabalho.

— O que ele poderia dizer?! Que está embaixo da ponte, morando no submundo de Paris? — respondeu Vola, muito triste.

— Sinto muito — Shura murmurou. Tatyana resolveu mudar de assunto e pediu a Shura que falasse um pouco sobre sua carreira

como modelo.

— Conte-nos sobre o seu trabalho. Quem você está encontrando? Tenho certeza de que não ouvimos poucas coisas de lá.

— Ah, sim — Shura riu —, não sei aqui, mas as fofocas de Paris são abundantes. Especialmente entre os nossos. Não há limite para elas.

— Mais é ótimo que todos transmitam esses segredos uns para os outros, só assim ficamos sabendo das notícias — riu Margarita.

— Quanto maior o segredo, mais rápido ele se espalha — disse Shura.

— A propósito, sabem quem eu vi em Paris? Vocês não podem adivinhar.

Todos a olharam com curiosidade.

— Maria Rasputin — disse Shura.

A reação não demorou. — Ah, sim! — exclamou Margarita. — Sabemos que ela está em Paris. Aquele homem com quem Vola falou na igreja, que disse a ele sobre o Gaito, falou sobre Maria Rasputin.

— Quem é esse homem, pelo amor de Deus? — riu Shura.

— Um dos oficiais do Exército Branco. Eu disse a você, aquele que trabalha em Billiancourt. Boris Soloviev, o marido de Rasputin, também estava trabalhando na fábrica da Renault. Tiveram duas filhas. Elas têm cinco e três anos — contou Vola.

— Ganhar a vida como operário de fábrica é difícil.

— Não acredito que você está presa a isso. É um trabalho honesto — disse Shura.

— E ele precisava — acrescentou Tatyana.

— Homem traiçoeiro... o assassino de Rasputin — disse Cola.

— Sim, e os vilões miseráveis que mataram os Romanov? — disse Vola. — Homens vis.

— Talvez toda a família fosse salva se eles não tivessem ido para aquele lugar, ou se tivessem fugido — comentou Margarita.

— Agora estariam vivendo vidas simples e tranquilas por aqui.

Tatyana não conseguiu mais dominar a voz que tremia, ela chorava.

— Ainda não há informações exatas sobre a morte deles, Tatyana — disse Margarita.

— Talvez as crianças estejam em segurança em algum lugar.

— Não espere por isso, querida — acenou com a cabeça Nicholas —, você sabe, do massacre.

— Um dos assassinos, Petr Voikov[18], vive em Varsóvia. Sabia disso? — perguntou Vladimir.

— Em breve estará em Paris. Não vamos nos surpreender se isso acontecer — disse Nicholas. — São protegidos sabe se lá por quem — complementou, num tom irado.

— Sim, milhares de pessoas, sem esperar ordens, vomitando ódio. Mas quando se trata dos Romanov? O czar e sua família? — disse Shura.

— A ordem com certeza veio de Moscou — respondeu Vladimir.

— O próprio Yakov Sverdlov era o herdeiro de Lenin na época. Diga-me como você vê isso. Encorajado em Ecaterimburgo. O leninismo não poderia querer brincar? — perguntou Vladimir.

Nicholas balançou a cabeça. — Acho que não, especialmente um homem que se prepara para o lugar de Lenin. Quando se trata da família imperial, isso fará pouco barulho. Os assassinatos foram recebidos de Moscou como mel. Ninguém pode me fazer acreditar que aconteceu de outra maneira.

— Você está certo — disse Vladimir. — De qualquer forma, não demorou muito para que ele conhecesse seu professor no inferno.

— Mesmo que sua morte não tenha sido causada por doença, tenho certeza de que ele não poderia substituir Lenin. Stalin não deixaria esse lugar para ninguém.

— Nenhum déspota, nenhum tirano guarda a memória do anterior — disse Vola.

— Oh, se pudéssemos tirá-las da Rússia o mais rápido possível! — Tatyana murmurou.

— Tatyana, querida, talvez não imediatamente, mas um dia elas certamente estarão conosco. Precisamos ser pacientes — disse Shura, em um tom tal que ela acreditava firmemente em suas próprias palavras.

— Não perdemos a esperança, Shurochka — respondeu Margarita.

O olhar de Margarita para o relógio na parede dizia que já era muito tarde e que o dia estava prestes a amanhecer.

— Devemos libertar Shurochka para dormir. Deve estar muito cansada.

— Como foi que não percebi que já era tão tarde? — perguntou Shura. — Tenho certeza de que algumas horas de sono serão boas para todos nós.

Então, quando se levantou, ela disse: — Muito obrigada, querida. Foi uma comemoração de aniversário feliz para mim.

— Mas havia tristeza — Vladimir acariciou a cabeça de sua irmã com carinho. Shura pegou-lhe da mão e a beijou.

Ela respondeu com um sorriso amargo:

— Tristeza, meu querido Vola, não durante a noite nem durante o dia, nós temos a nossa, sempre...

O olhar deles pareceu confirmar o que ela estava dizendo. A felicidade do encontro se mesclou com a tristeza das lembranças. Mesmo assim, Shura mostrou-lhes um sorriso agridoce nos lábios.

Dormiram pouco. Acordaram antes de o sol nascer com o desejo de viver o último dia. No curto passeio pela cidade que planejaram para esse dia, Vladimir os levou ao pequeno café da calçada. Tomaram café e comeram croissant, enquanto Shura observava o ambiente durante o dia. Paris também tinha ruas estreitas, prédios antigos; havia também bares, cafés e restaurantes, e pessoas animadas como em Nice. Mas em Nice o ar era diferente, mais calmo. Havia um sentimento que os convidava a viver mais pacificamente.

Tomando um café sozinho na mesa ao lado estava um idoso. Seus cachorrinhos estavam com ele; duas mulheres idosas conversavam fervorosamente enquanto tomavam sorvete; sentados na mesa do fundo, abraçados e compartilhando uma fatia de bolo de chocolate, estavam dois amantes. Ali, com aquela paisagem, o mar, o sol, e mais o cheiro do iodo, toda história tinha uma perspectiva diferente, pensou Shura.

— Tudo aqui parece ter a influência do sol de Nice — disse Shura com prazer. — Quanto conforto ele traz!

— Sim — respondeu Tatyana. — Isso me faz sentir muito confortável.

A praia de areia branca, palmeiras e árvores cítricas, banhada pelo azul do Mediterrâneo e as colinas subindo com curvas e camadas suaves e doces; hotéis elegantes na Promenade des Anglais paralelos à praia, que se estendia por quilômetros... A vida ali parecia sem tragédias e isso trouxe paz a Shura.

— Em que lugar lindo vocês moram! — exclamou ela. — Agora posso entender por que não se estabeleceram na Alemanha e nem em Paris.

— Paris é diferente. Mas há outro sol aqui — disse Vladimir.

— Eu disse a mesma coisa. O sol nos abraça... — Shura murmurou enquanto observava pela janela aberta do táxi. — Será por isso que nossos aristocratas amam tanto Nice? — perguntou, rindo.

— É o lugar favorito deles depois da Crimeia — respondeu Nicholas.

Shura olhou para o irmão. Ele esperou, desejando não ter falado na Crimeia.

A conversa imediatamente se voltou para outro tópico. Os irmãos a levaram até a Cathédrale Saint Nicholas, uma catedral russa. Eles não podiam passar sem mostrar sua catedral. A maior catedral ortodoxa da Europa.

— Por que uma catedral russa tão longe da Rússia? — Shura perguntou.

— Em 1859, havia mais de 45 mil russos aqui — disse Nicholas. — Além disso, a imperatriz Alexandra Feodorovna escolheu este lugar como destino de férias. Acho que ela teve

grande influência no nome da catedral. O nome foi em memória de Nicholas Alexandrovich, seu filho, Czaricich, que morreu aqui.

Enquanto Shura olhava para as cúpulas da catedral, veio-lhe à memória seu passeio por Moscou com Seyit anos atrás e ela evocou a narração de sua história. Passara tantas horas com ele sem ficar entediada, sem ficar cansada de ver prédios, igrejas...

— Este edifício deve ter feito Alexandra Feodorovna se sentir em casa... — alguém dizia, mas ela estava em Moscou. Não tinha certeza de que seus irmãos soubessem sobre Seyit ou do quanto sabiam. Até hoje, em qualquer conversa entre eles, ou através de cartas, seu nome nunca fora mencionado. Tina tinha sido testemunha de seu amor, de sua dor, e mesmo que ela escrevesse para eles, Shura acreditava que Tina optara por não falar da vida íntima da irmã caçula. Então, era possível que eles realmente não tivessem conhecimento de sua história com Kurt Seyit, um homem da Crimeia, e que falassem daquele lugar longínquo sem qualquer intenção camuflada.

Ao sair da catedral, os irmãos a levaram à Praça Rossetti, ao mercado de flores coberto por toldos com suas sombras. No mercado ao ar livre em Cours Saleya, pararam para almoçar.

— Planejamos um dia típico em Nice — disse Tatyana. — Vamos pegar nossas comidas e bebidas e ir à praia. Gostaria disso, Shura?

Shura bateu palmas de tanta alegria: — Você é demais! Não poderia haver programa melhor que esse.

— Há lugares muitos bons para comer por aqui, mas pensamos que seria uma pena ter um dia maravilhoso de primavera e não ir à praia.

Logo depois, a apenas cinco minutos de onde estavam, eles já estavam na praia, sob as barracas cobertas. Armaram um piquenique e entregaram sua alegria aos doces raios do sol.

— Gostaria que você não tivesse que voltar hoje à noite — disse Margarita. Shura ergueu a cabeça da pequena pedra em que repousava e se virou para ela: — Ah, eu também gostaria — lamentou —, seria ótimo. Mas tenho que estar na IRFE na sexta-feira à tarde. Mas estes dois dias estão me abençoando, sinto-me renovada, e voltarei na primeira oportunidade. É uma promessa. Como seria bom se vocês pudessem ir a Paris de vez em quando...

— É muito difícil para Vola e Cola obterem permissões ao mesmo tempo. Desta vez, de alguma forma, eles foram capazes de se ajustar. Um trabalha de dia e o outro, à noite. São como sol e lua.

— Sim — disse Nicholas, jogando as pedras na água. — Seja um oficial, lute contra os alemães, lute contra os vermelhos e, por fim, torne-se um taxista em Nice.

Pensando que o que o irmão mais disse iria perturbar Shura, Vladimir respondeu: — É um trabalho limpo. Não temos do que reclamar.

No curto espaço de tempo desde que Shura chegou, Nicholas havia bebido muito mais do que ela se lembrava. Era um copo de vinho atrás do outro. Parecia cansado e cada vez mais triste. Shura lembrou-se dele jovem, em seus dias saudáveis, bonito e esportivo. Ela sabia como seu trabalho deveria ser cansativo e, obviamente, sua aparência física fora afetada por seu mundo espiritual. Isso também a afetara, assim como afetara Tinochka, Margarita, Tatyana...

— Sobrevivemos aos bolcheviques, querido Cola — disse ela. — Estamos vivos e saudáveis. Graças a Deus todos temos trabalho, esperanças, sonhos...

— Temos sonhos? Não sei quanto a você, Shurochka, mas eu não tenho mais nenhum sonho, se quer saber a verdade.

— De onde veio tanto pessimismo? — interveio Tatyana. — Em um dia tão bonito, tão agradável para todos nós!

— Desculpe-me... Desculpe — murmurou.

Vladimir estava prestes a dizer algo a ele, mas devido ao sinal silencioso da esposa, desistiu, e ninguém disse nada, até que Gula falasse o mais alto possível: — Alguém tem um sanduíche de presunto? Você tem mais algum, Cola? — esta pergunta veio como um salva-vidas. Nicholas comprou um e entregou à cunhada. Ele se levantou, caminhou até a praia com os pés descalços e ficou entre as espumas, enquanto suas pernas ficavam molhadas. Permaneceu lá e a água continuou a subir. Seus pensamentos estavam cheios de pedaços de pedra e, tal qual elas, não podia escapar do naufrágio. Shura e Tatyana não tiravam os olhos dele. Estavam desesperadas. Onde ele estava era perigoso: aquelas pedras, aquelas ondas... Tatyana deixou o copo, e se levantou, e foi até ele. Ficou parada ao lado de seu homem. Ele a abraçou pela cintura e ela colocou a cabeça no ombro dele. Nicholas a puxou em direção ao peito e a abraçou com o queixo na cabeça da esposa. Shura tinha lágrimas nos olhos. Margarita estava nas mesmas condições e Vladimir sentia um gosto amargo na boca. Levantou o copo com um gesto e elas o acompanharam, silenciosamente.

Shura, encarando a espuma que lavava a praia, pensou que o mar não reunia nada, apenas separava, pois estava separando dela

seus entes queridos. Ele tirara seu amor... As águas beijam os seixos muito facilmente, mas trazem mais dor que alegria. Pelo menos fora isso que o mar fizera a ela e à sua família. Ela conhecera o mar na costa da Crimeia, o Mar Negro, o Bósforo, o Mármara e depois o Mediterrâneo.

As ondas batiam na areia com seu som natural, o sol estava agradável, e lentamente seus sentimentos foram substituídos pelo vento quente de Nice. O tempo passou e chegou a hora de ela partir. Seu sonho curto, porém intenso, estava acabando. Os irmãos a levaram à estação e se despediram.

— Sentirei muito a falta de vocês — disse ela quando eles se abraçaram.

Shura, na janela do trem, acenou muito tempo para seus entes queridos na plataforma até que a estação desaparecesse. O que ela vivera em Nice ficaria em sua memória.

Chegou a Paris pela manhã. Olhou à procura de Gazdanov, mas quem sabe em que lugar de Paris estaria o jovem? Os russos brancos eram orgulhosos. Embora existissem tantas organizações que davam proteção e auxílio, ele optara por viver sozinho nas ruas para não se abrir com ninguém. O jovem havia escolhido esse caminho. Shura se colocou no lugar dele por um momento e agradeceu a Deus por sua sorte.

Assim que a jovem entrou em seu apartamento, abriu a porta da varanda e deixou entrar o sol e a brisa suave. Paris vivia outro lindo dia de primavera, convidando as pessoas a viverem. No entanto, Shura colocou o café no fogão e desfez sua pequena mala. Acabara de sair do quarto quando ouviu um trovão. Quando o sol foi encoberto pelas nuvens, ela foi incapaz de entender. O vento quente

tornou-se severo e, de repente, o dia se transformou em noite. Telhados, edifícios, varandas, até as flores estavam cobertas por nuvens cinza-negras. A chuva caiu em gotas preguiçosas primeiro, mas logo acelerando para então, num piscar de olhos, tornar-se um aguaceiro. Shura foi para a sacada assistir a famosa chuva de abril em Paris. Relâmpagos cortavam o céu e eram seguidos por novo trovão. Molhada, tempestuosa, escura, mesmo em um dia quente de primavera, Paris era Paris... Até o cume da torre Eiffel era tal qual uma enorme nuvem negra, como um cogumelo de contos de fada. Quinze minutos depois, o vento levou as nuvens de chuva com ele e foi embora. Agora, as gotas nas janelas eram iluminadas por um sol doce e quente. O sol trouxe toda a sua energia de volta. Com o rádio tocando uma sinfonia de Mozart, Shura foi para a cozinha com passos de dança. Despejou o café na xícara e alegremente voltou para o corredor com a campainha tocando. Abriu a porta e um vaso gigantesco, cheio de íris, estava à sua frente. Era quase do tamanho do florista. O aprendiz, cujo rosto demostrava surpresa, perguntou:

— Bom dia, a senhorita é Alexandra Verzhensky?

— Sim, sou eu.

— Essas flores são para você. Está um pouco pesado. Se desejar, mostre-me onde devo deixar o vaso.

Shura mostrou o console em frente ao espelho no pequeno corredor, mas não cabia. Então, mostrou a mesinha redonda no corredor e o entregador foi naquela direção.

— Pode deixar aqui, obrigada.

O florista, feliz por ter se livrado do fardo, respirou fundo e sorriu. Shura deu a ele uma gorjeta com as moedas que tirara do

bolso e fechou a porta. As flores eram de Lúcia e de Kappa. No cartão, havia a assinatura de ambos.

“Nossa querida Shurochka está comemorando uma nova era. Desejamos-lhe um ano de paz e muito amor. Nós a amamos. Lúcia e Karp, 16 de abril de 1925”.

As flores encheram a pequena sala de Shura com suas cores e fragrâncias.

Shura acariciou-as com as pontas dos dedos e disse: — Como vocês são lindas! — murmurou enquanto caminhava. Suas flores favoritas, íris azuis, e aquelas eram flores raras. Ela não as tinha tido em casa até agora.

— Espero poder mantê-las vivas — disse ela às íris. Então, de repente, pensou que elas não iam durar muito dentro de casa e se arrependeu de não ter pedido para colocar o vaso na varanda desde o início. De qualquer forma, agora ela teria que fazer aquilo. Carregou o vaso para onde achava que as flores seriam mais felizes.

Aproveitou os últimos goles do café observando as flores. Que lindo aniversário tivera! Pensou, mesmo sem toda a família, apenas os dois irmãos e suas respectivas esposas. Mas fora divino e ela se banhara na costa de Nice sob o sol da bela cidade. Além do mais, tinha um bom trabalho e, o mais importante, tinha suas esperanças... Ah, e sua mãe. Se pudesse tirar a irmã, a mãe e a sobrinha da Rússia... De repente, a felicidade de que esse desejo pudesse ser realizado tomou conta dela. Ela se abraçou. Haveria de haver uma forma...

CAPÍTULO 17

UMA NOITE MISTERIOSA

Shura ainda não conhecia o bolchevique ou a ex-bolchevique que estava ajudando a tirar as pessoas da Rússia. Esse personagem, homem ou mulher — ela não sabia —, fora capaz de escapar do sistema e agora, por vontade própria, dizia que ajudaria a trazer quem ficara para trás.

Shura estava indo encontrar alguém próximo, que lhe apresentaria tal pessoa desconhecida. Tudo era envolto em muito mistério. Por semanas tentou marcar encontro com essa tal pessoa e comemorou com grande entusiasmo quando conseguiu. Mas nunca imaginou que ficaria tão nervosa. Havia negociações a serem feitas. Seu estômago doía de medo e ela ansiava por ter alguém com quem pudesse compartilhar suas angústias e medos; alguém em quem pudesse confiar para apoiá-la; que pudesse saber se ela estava tomando a decisão certa e até mesmo que pudesse segurar-lhe a mão. Ela precisava disso, mas este era um problema com que tinha de lidar.

Ao visitar Nice, as advertências de seus irmãos ficaram martelando em um canto de sua mente. Embora não tivesse desistido de seu plano, os irmãos tinham razão: sua esperança poderia sair pela culatra e, em lugar de ajudar a mãe, ela poderia colocá-la em grande perigo. O fato é que aquilo não lhe saía da cabeça e se muitos puderam deixar a Rússia, por que sua mãe, irmã e sobrinha também não o poderiam? Havia uma pátria dos bielorrussos em Istambul e em Paris e ela não podia suportar abandonar seus planos.

As pessoas que chegavam da Rússia traziam notícias aterrorizantes. Muitos foram mortos ou deveriam ser deixados para morrer de fome. Alguns foram enviados para a Sibéria para morrer de frio. As últimas informações que tivera da Rússia eram de que aquilo lá se tornara um verdadeiro inferno.

Assim estava a cabeça de Shura a caminho de Boulogne-Billancourt, uma comuna francesa não muito distante de Paris. Seu estado de espírito era caótico, e desde o primeiro dia em que pensou nesse plano que estava indo executar seu coração ficava apertado e sua alma, aterrorizada. A verdade é que ela estava muito indecisa sobre o passo que estava dando. Para se sentir mais confiante, Shura tinha posto no papel seus passos, como se quisesse prolongar o tempo, mas sabia que isso não era uma cura. Se algo acontecesse com ela, alguém, talvez Lúcia, que sentiria sua falta — caso algo ruim lhe acontecesse —, saberia o que ela fora fazer. Mas a solução estava nela. Ela poderia escolher ir ou não ir. Mas Shura pensava, ou terminaria o trabalho que iniciara ou todos aqueles preparativos teriam sido em vão.

Ela pegou um ônibus e chegou a Boulogne-Billancourt perto da meia-noite. Não era distante de onde morava, cerca de vinte a trinta minutos, no máximo. Havia marcado o encontro para aquela hora, mas temia andar sozinha pelas ruas àquela hora da noite. No entanto, ela pensou que se não fosse logo poderia desistir a qualquer momento e ela estava determinada. Enquanto avançava para o endereço que lhe fora dado, repensou todas as etapas do processo. À medida que reconhecia os sinais dos russos pelas ruas, como o cheiro de repolho saindo das casas, as flores plantadas em

vasos que ela viu em várias janelas, os lilases principalmente, que traziam o cheiro de Kislovodsk e da Crimeia.

Logo percebeu que entrava em um subúrbio. Shura pensava se não estaria caindo em uma armadilha.

Billancourt era uma área residencial completamente diferente de Boulogne. Não era possível compará-las em termos de vida e habitantes. Bois de Boulogne era como Paris, uma rua comprida e arborizada, enquanto Billancourt era empoeirada e feia. As casas de Boulogne eram de tetos altos, largas, com degraus e janelas que se estendiam do teto ao chão. Eram casas seculares, com seus lustres elegantes, construídas com o cuidado do início do século. As portas brilhavam e os edifícios eram adornados por varandas decoradas com trabalhos em pedra. Shura observou as fachadas dos restaurantes de luxo, a caverna em Boulogne, e os admirou.

Ao entrar em Billancourt, passou em frente à fábrica de automóveis Renault e a um cemitério. Todas as ruas de Billancourt, sem exceção, tinham nomes de um herói de um dos movimentos operários. Mas os apartamentos eram negligenciados, havia tabernas baratas aos montes, bares russos e franceses fluíam um ao lado do outro.

Billancourt tinha sido construída após a guerra. Os apartamentos eram pequenos e sem varanda. Possuíam sete andares e quartos tão minúsculos quanto uma cela. A qualidade da construção também era tão ruim que se um vizinho enfiasse as unhas na parede essas despontariam no apartamento lateral. Se uma das unhas quebrasse e caísse, o vizinho poderia facilmente assistir a tudo dentro de sua casa. Era uma vida precária.

Apesar de tudo isso, havia uma longa lista de espera para viver em Billancourt, o reduto dos russos brancos. Shura chegou à Rua Traversière, onde fora marcada sua reunião. Pelo jeito, naquela rua, havia barulho a noite toda, até de manhã. Era uma das maiores ruas de Billancourt, uma cópia mais simples e barata de Montmartre, um bairro boêmio de Paris. Era como se os russos dissessem: cultive sua própria cultura e fique longe da cultura francesa.

O local em que Shura havia marcado o encontro era uma espécie de cabaré. Estava lotado e uma mulher cantava num palco, enquanto outras dançavam danças russas, mostrando muito mais do corpo que o necessário, na opinião de Shura. A sensação de ansiedade prevalecia nela. Uma mulher, que já passara da meia-idade, foi atendê-la. Tinha um colar de lantejoulas no pescoço e uma roupa espalhafatosa. Shura olhou espantada para a mulher. Olhando atentamente, reconheceu-a. Ela trabalhara na costura de lenços na IRFE. Seu coração acelerou. Disse que estava esperando por Grişa Semyonoviç e a mulher respondeu que ele estava para chegar e que ela deveria esperar. Perguntou se queria beber alguma coisa e Shura pediu uma dose de vodca. Sentada a uma mesa, tomando vodca para relaxar, seus olhos estavam na porta. Ela podia ouvir as batidas de seu coração. Seria aquilo uma armadilha? Será que Grişa Semyonoviç era realmente o seu nome? Shura estava duvidando até de seu colega.

Quando Semyonoviç chegou, segurou a mão dela com um sorriso muito gentil.

— Boa noite, Alexandra Verzhensky.

Shura estava aborrecida com seu nervosismo, mas respondeu com um sorriso, tentando se livrar do pavor que estava sentindo.

— Boa noite, Grişa Semyonoviç.

Semyonoviç tinha cabelo preto, uma testa larga, sobrancelhas e olhos pretos que pareciam perfurar as pessoas. O nariz era longo e achatado; os lábios, largos e carnudos. Shura percebeu que suas roupas eram de qualidade. Logo atrás dele, ela viu que o acompanhava uma mulher sem maquiagem, de expressão dura e sem brilho. Usava uma saia e uma blusa, mas parecia um homem. Suas sobrancelhas viradas para cima em forma de arco pareciam questionar contínua e silenciosamente a pessoa a sua frente; o nariz, arqueado e longo, tinha a pontas para baixo; os lábios suculentos eram firmes e discretos; o corpo era magro e comprido e ela usava um corte simples e reto. Ela parecia uma estrangeira ao lado de Semyonoviç. Sua linguagem corporal era confiante, quase arrogante, e isso mostrava que ela não estava perturbada com a diferença.

Semyonoviç a apresentou como Nadejda Mihaylova. Shura apertou a mão da mulher e sentiu um calafrio ao olhar para o rosto de Mihaylova. Depois de dizer “estou satisfeita”, a estranha se sentou na cadeira em frente a Shura. O fato de ter o mesmo nome da mulher de Lênin, Nadejda, seria uma coincidência ou era apenas para deixar claro de que lado ela estava? Talvez não fosse nada, apenas uma coincidência, mas Shura estava apavorada. De repente, sentiu um enorme arrependimento por participar daquele plano. Ela tinha que sair dali. Semyonoviç pareceu ler seus pensamentos. Era como se sentisse as preocupações dela. Sentado na cadeira ao lado de Mihaylova, levantou-se e se sentou ao lado de Shura.

— Vamos pedir a comida primeiro? — perguntou, gentilmente.

— Obrigada — respondeu Shura. — Costumo jantar mais cedo e confesso que estou faminta.

— Tudo bem para você Nadejda?

— Estou com uma fome de lobo — respondeu a mulher. Shura percebeu que Grişa era íntimo o suficiente para chamá-la pelo primeiro nome. Primeiro, aquela expressão maçante, insensível, masculina, fria, a voz dura, e agora a analogia com um lobo faminto. Tudo isso somado cheirou mal a Shura. Mas ela confiava em Semyonoviç, a quem conhecera no seu local de trabalho, e queria confiar em Nadejda. Não tinha escolha, devia confiar neles.

O garçom, com uma expressão cansada, ordenou a comida e Shura se perguntava como perdera a entrada deles pela porta. Talvez estivessem lá desde o começo. Talvez quisessem ter certeza de que Shura tinha ido sozinha e de que não fora seguida. Talvez Nadejda tivesse hesitado sobre a reunião. Shura mantinha a mente ocupada, em vão, com coisas que não podia suportar. Decidiu tomar sua vodca e relaxar. Precisava se juntar a Grişa e à outra mulher.

Nadejda, como um homem, virava um copo de vodca em um só gole. Assim que o garçom enchia o copo, repetia o gesto. Shura se assustou. Seria aquela mulher um homem travestido? Ademais, como poderia uma mulher beber assim?

— Escreveu as informações detalhadas em um pedaço de papel? — Nadejda perguntou a Shura com aquela expressão gelada.

Shura sentiu-se como uma criança que não fizera a lição de casa. Mas não queria parecer desajeitada e covarde.

— Tenho algumas perguntas primeiro — respondeu ela.

— Devo lembrá-la de que este não é um bom lugar para se responder a perguntas sensíveis.

Shura, que quis que o encontro fosse em um lugar público, balançou a cabeça. Sim, ela negara que a primeira reunião fosse na casa de Grişa ou de Nadejda. Como poderia ir à casa de alguém que nunca conheceu? Então Grişa escolhera o lugar mais barulhento e lotado de Billancourt. Nadejda preferia não ser vista e em meio a muitas pessoas, mas ali todos passavam despercebidos. E Grişa lhe garantiu que poderia confiar em Shura e a convenceu. Se Shura não conseguia entender a relação entre eles, francamente não era problema deles.

— Eu sei. Mas há coisas que tenho que perguntar — ela olhou para Nadejda.

A mulher disse: — Tudo bem, pergunte.

Com os cotovelos sobre a mesa, os olhos questionadores de Nadejda estavam sobre a jovem. O que Shura faria para superar o desconforto? Não sabia. Tomou um gole de sua vodca e tentou formular a pergunta:

— Por que está fazendo isso? — soltou Shura.

Grişa parecia ter achado a pergunta absurda, mas Nadejda deu uma resposta muito clara e confortável:

— Porque também sou mãe.

Pareceu que um vento frio soprou no rosto de Shura. O mero sentimento de maternidade faria uma pessoa correr riscos para ajudá-la a encontrar sua família? Ela olhou para a mulher e seus olhos, inconscientemente, transmitiam o que se passava em sua mente. Mas Nadejda não revelava seus próprios sentimentos e se mantinha inalterada.

— Parece que você não pode acreditar — acrescentou. — Mas sim, sou mãe.

— Se você tem um filho, como pode se arriscar pelos outros?

— Uma mãe sabe o que pode sentir outra mãe que perde um filho.

Shura pensou que a mulher à sua frente ou escondia muito bem seus sentimentos ou era uma ótima mentirosa.

A mente de Shura se preparara há dias para fazer aquela pergunta e a resposta não a convencera. Enquanto isso a outra resumiu a situação em uma frase, sem dar outra oportunidade para Shura:

— Cara Alexandra Zhulianovna Verzhenskaya...

Shura ficou surpresa por a mulher saber seu nome completo. Mas teve que prestar atenção ao que ela dizia.

— Sei que você tem muitas perguntas e muitas preocupações — continuou Nadejda —, mas não posso dizer a você como elas virão e nem quando virão. Não posso dar informações sobre o que vou fazer. Porque também não sei. Mas mesmo que eu saiba, quanto menos você souber, melhor para todos nós e, principalmente, para sua família que está na Rússia.

Shura ficou desapontada. — Não fique chateada — disse Nadejda. — Apenas mantenha as esperanças e ore.

Novas perguntas começaram a ser adicionadas às perguntas sem resposta de Shura. Ao mesmo tempo, ela pensava que essa mulher não fora capaz de se tornar uma verdadeira bolchevique. Como um grande fanatismo, que prioriza a sacralidade da revolução acima de tudo, que pode levar à morte, pode ter um membro com fé em Deus? Aquele regime não acreditava na salvação e proibia a

crença em Deus. Uma pessoa que recomendava que se refugiasse no porto pacífico da oração não podia ser comunista. Shura, de repente, relaxou. Ela acreditava que Nadejda Mihaylova estava à frente de uma organização anticomunista. Ou ela poderia ser um membro dessa organização, ou possuía relações fortes e secretas na Rússia comunista. Mas Shura era incapaz de examinar o assunto que a deixava cada vez mais inquieta. Ela perguntou: — Você disse que não sabe quando podem vir.

Uma menina bonita, mas de aparência cansada, com dois pratos na mão, estava se aproximando. Eles pararam de falar e esperaram. A garçonete serviu o arenque defumado para Shura, a salada de salmão com ovos para Mihaylova, e serviu panquecas russas para Semyonoviç. Encheu os copos deles com vodca e saiu. Desta vez, Nadejda não virou o copo. Puxou-o para perto dela, mas não bebeu. A questão de Shura estava em aberto e Mihaylova se preparava para falar novamente:

— Exatamente, como eu disse. A prioridade é trazer as mães e as crianças. Os homens adultos podem ficar para trás. Na verdade, essa saída é muito difícil. A saída dos soviéticos para a Alemanha é relativamente mais confortável e sem problemas. Se você ou sua família conhecer um dos membros do Partido Comunista, ou uma figura bem conhecida, é possível que obtenha permissão. O controle governamental é muito rígido. É proibido até se mudar de casa sem autorização.

— Mas não temos um membro da família dessa natureza! — exclamou Shura.

— Mas no seu caso, existe um perigo oposto. Tanto para você quanto para o Partido Comunista.

— Você sempre diz algo para que eu sinta mais medo — objetou Shura.

— Suponho que sim.

— Acho que sei do que está falando — disse Shura.

— Sim, seus irmãos eram membros do Exército Branco, têm identidade burguesa, são da aristocracia. Isso cria uma situação bastante inconveniente. Não são simples cidadãos russos. Mas penso que conseguiremos levá-las para a Alemanha e de lá podem se mudar para outros países. Vamos ajustar a forma mais adequada para Katya, sua irmã e sua mãe.

Os olhos de Shura lacrimejavam. Como eles sabiam de sua sobrinha? Mas ela não tinha mais escolha, eles sabiam tudo sobre sua família. Pelo menos ela confiava em Grişa Semyonoviç, e essa reunião trouxe-lhe alguma esperança: estava se aproximando o dia em que abraçaria a mãe e a irmã mais velha.

Nadejda esticou o braço e tocou a mão de Shura levemente.

— Por favor, seja paciente — disse a mulher. Seu tom de voz estava mais suave.

— Sou paciente, mas... Mas é que passou tempo demais, acho que agora estou tendo dificuldades de suportar essa espera.

— Como eu disse para Grişa, não posso prometer nada. Mas tenha certeza de que farei o meu melhor.

Shura fez um sinal de cabeça, atestando que confiava nela. Teria que haver confiança entre os três. Havia esperança, embora fosse áspera, arriscada, mas havia. Aquela mulher era o elo mais próximo que poderia levar a resultados concretos.

— As pessoas com quem estou em contato também são sensíveis quando o assunto é crianças. Não importa se aceitam a

revolução, mas há aqueles que pensam que isso não é desculpa para separar uma criança da família. Mas a questão é que os adultos buscam refúgio no mundo capitalista.

Shura não conseguiu controlar o arrepio que se lhe espalhou pela pele. Aquela mulher tinha contato com os bolcheviques: uma linha muito fina as separava ou as unia. Ela ainda poderia desistir, mas, se desistisse, sua mãe, sua irmã e Katya jamais sairiam de lá...

— Como eu disse, nossa preocupação é com as crianças. Para os adultos, a situação é sempre mais incerta.

Grişa, que não se envolvera na conversa até então, falou precipitadamente:

— Cara Alexandra Verzhenskaya, você sabe que a revolução supostamente não perdoa aqueles que escaparam e retornam à Rússia. São mortos assim que entram na fronteira. Eles caçam essas pessoas como raposas. Pode imaginar o que acontecerá se formos pegos?

Shura, que já achava difícil dominar seus nervos até então, depois disso começou a tremer incontrolavelmente.

— Por esse motivo não podemos abrir nossos planos desnecessariamente.

Alguém da sua família sabe que você está fazendo isso? — a mulher perguntou.

Shura balançou a cabeça sem hesitar. — Não. Ninguém sabe — disse isso muito confortavelmente. Ela realmente falara em Nice para os irmãos mais velhos. Entretanto, não contara os detalhes e nunca mencionaram o assunto nas cartas que trocaram. Eles

acreditavam que ela havia desistido de seu castelo de sonhos e desse projeto.

— Isso é muito bom. Deixe assim, por favor — disse Nadejda. — Além disso, se receber notícias da Rússia, não compartilhe nada com ninguém, nem com aqueles que você acha que conhece muito bem, em quem confia, mesmo que lhe digam que estão trazendo notícias da Rússia e de sua família. Pode ser uma armadilha — disse Grişa. — Eles tentam de todas as maneiras saber se estão se comunicando com seus parentes às escondidas. Trazem notícias falsas, dizem que vão entregar as cartas, mas elas nunca chegam ao seu destino e, no lugar das cartas, as pessoas recebem o exército vermelho e suas espadas.

— Que assustador! — Shura murmurou. — Usar as esperanças das pessoas e depois...

Nadejda deu um sorriso agridoce.

— Não é uma piada. Tudo isso é verdade. Há espiões se fazendo de amigos em meio a nós. Sei que é horrível o que estamos lhe dizendo, mas deve ser cautelosa. Espero que não tenha outras perguntas. Porque eu lhe dei mais detalhes do que o necessário — disse Nadejda.

Shura não tinha mais perguntas? Claro que existiam muitas, mas agora ela percebeu que não deveria pedir mais nada.

— Obrigada. Acho que tudo o que tenho a fazer é ficar à espera de notícias.

— Não de mim, mas de Grişa. Você me viu hoje à noite, mas não me verá mais.

Shura olhou para os olhos glaciais de Nadejda e sentiu um arrepio. Que aquilo não fosse um mau presságio. Levou o copo de

vodca aos lábios, pois não sabia o que deveria dizer. Nadejda Mihaylova tinha que voltar com todos da sua família. Shura sentia que ela voltaria. Eles eram extremamente cautelosos com tudo, pois era muito difícil confiar nas pessoas. Por trás daquela atitude difícil e arrogante, estava uma mulher muito forte. Shura mais uma vez entendeu quão seriamente ela conseguira aquele contato. De repente, lembrou-se de que teria de pagar. Pegou a bolsa que estava junto à mesa, abriu-a, pegou um envelope e entregou a Grişa. Nadejda certamente sabia da quantia que havia naquele envelope, mas disse:

— Agora não — disse ela. — Depois, em outro lugar, você entregará para Grişa e ele transmitirá a mim. Também preciso de todos os nomes e endereços.

Obviamente, como Semyonoviç confiava na mulher, ela também confiaria.

— No entanto, tenho que levar dinheiro, infelizmente — Nadejda continuou —, para cada nome das minhas conexões. E essa quantia certa deve estar disponível.

Shura sabia que não tinha chance de barganhar. Ela juntara o dinheiro por meses. Para isso, renunciara a todos os gastos além dos estritamente necessários para sua sobrevivência. Embora estivesse agora com seu dinheiro, temia que ela pedisse mais. Os vermelhos da Rússia quereriam muito mais. Ela entendeu a situação e fez um sinal de cabeça mostrando que aceitava o acordo. Seus lábios se abriram com uma curva tão estranha que era como se ela estivesse hesitante entre ficar e fugir.

— É hora de partir — disse Nadejda, limpando a boca com um guardanapo.

Eles se levantaram juntos.

— Sairei antes e sozinha — disse Nadejda e seu tom era gentil.

Grişa beijou-a gentilmente no rosto, e disse: — Boa noite. Até logo.

Quando Shura apertou-lhe a mão para dizer adeus, as mãos de Nadejda estavam quase quentes. Shura disse:

— Obrigada mais uma vez, e desta vez, viu um sorriso duradouro nos lábios de Nadejda.

— É muito cedo para agradecer — disse ela e foi-se embora.

Shura não tirou os olhos dela, mas, ao se sentar novamente, um instante em que olhou para baixo, Nadejda Mihaylova havia desaparecido, da mesma forma que chegara, misteriosamente. Ela arregalou os olhos, muito surpresa, e olhou para o palco onde Praskovya Gavrilovna cantava sua última música. Parecia dar à espectadora a sensação de que a música fora escrita para ela.

Shura voltou para Paris no carro de Grişa Semyonoviç. Estava enterrada em profundo silêncio. Grişa também não falou nada. Curiosamente, agora que estava sozinha em um local seguro, no carro de Grişa, ela não queria mais fazer perguntas.

Temia ouvir as respostas. Não queria ouvir dos perigos que poderiam ocorrer, dos males; parecia que se não se falasse a respeito, eles nunca seriam revelados: tudo ficaria bem.

Quando Grişa Semyonoviç chegou em frente ao prédio de Shura, desligou o motor.

— Muito obrigado, Grişa Semyonoviç — disse ela. — Nunca esquecerei o que está fazendo por mim.

— Cara Alexandra Verzhenskaya, se tivermos sucesso prometa-me que celebraremos juntos.

— Prometo — disse Shura, sorrindo.

— Espero que isto aconteça muito em breve.

Dessa vez, Shura entregou a ele o envelope que tirara da bolsa no cabaré. Semyonoviç pegou o envelope com um movimento calmo e o colocou no bolso interno.

— Não vai contar? — perguntou Shura.

— Não é necessário.

— Eu posso ter contado errado.

Semyonoviç sorriu e foi como se seu rosto se iluminasse.

— Acho que não — ele disse, e acrescentou: — Confio em você. Você também confiou em mim, assim como confiou em Nadejda. E ela também confia em mim, e viu que podia confiar em você. Então, resumindo, está tudo certo. Confie, querida Alexandra Verzhenskaya. Todos estamos passando por tempos muito difíceis. Temos que ajudar uns aos outros.

— Também vou lhe dar os nomes e os endereços — disse ela.

Grişa pegou o papel com a mão esquerda, sem puxar o braço direito do assento de Shura, e continuou a ouvi-la.

— O endereço de Kislovodsk veio da filial de Tbilisi há um ano. Não sei o que aconteceu desde então. Elas ainda podem estar lá ou não.

Grişa Semyonoviç leu as três linhas no papel várias vezes e o devolveu a ela.

— Precisamos começar de algum lugar. Não se preocupe. Vamos encontrá-las.

Nas mãos de Shura estava de volta o papel com o nome de sua mãe, de sua irmã e de sua sobrinha e o endereço delas.

Ela perguntou: — Não vai ficar com o papel?

— Não há necessidade — disse Grişa. — Um papel escrito é como duas pessoas tagarelas. Papel é problemático.

Shura, como se fosse avisada naquele momento, amassou o papel na palma da mão. Naquele instante, o calor do riso de Grişa surpreendeu a jovem. Ele era um homem sincero, divertido, pacífico, e ela se sentia confortável perto dele. E ainda era charmoso e sedutor.

— Divina Alexandra Verzhenskaya! — ele disse. — Você é tão doce... É realmente muito doce... — ele sorriu, mas imediatamente se tornou sério novamente. — Também é incrivelmente linda.

De repente, Shura estava a um passo de uma aventura romântica. Preocupada, disse: — Muito obrigada. É muito gentil.

— Entendo — disse Semyonoviç —, se quiser terminar essa noite...

— Obrigada por tudo. Com licença, por favor.

Ele saiu do carro, ficou do lado de Shura, abriu a porta e estendeu a mão. A jovem saiu, gentilmente deixando a mão direita na palma da mão dele. Ele a acompanhou até a porta do prédio, com uma das mãos gentilmente no cotovelo dela.

Depois de abrir a porta, Shura disse:

— Aqui está ótimo. Boa noite agora.

— Espero — disse o homem — que eu não tenha excedido os meus limites. É possível que ainda tenhamos um jantar amigável?

Shura sabia que aquele homem seria de grande ajuda para unir sua família. Olhando para ele, pensou na ideia de embarcar em

uma aventura com Semyonoviç, na necessidade de proteção que sentia de um romance em que pudesse experimentar algo novo, mas disse:

— Muito obrigada. Como sempre, você é muito gentil. Talvez uma noite dessas saiamos juntos.

Quando ela entrou no prédio, Grişa Semyonoviç estava ao lado do carro, ainda a observando.

Shura apertou o botão superior no folheado de madeira. Enquanto o elevador subia lentamente, ela pensou na estranha noite que tivera. Momentos misteriosos, tensos, emocionais, nostálgicos, repletos de perguntas. E seu futuro incerto estava voltando para casa com ela.

CAPÍTULO 18

VANGUARDA PARISIENSE

No terraço com vista para o rio Sena, Shura, com um riso nos lábios, ouvia o Concerto de piano nº 2 de Rachmaninov e assistia a Paris no outono, a época em que Paris ficava ainda mais linda, toda pintada de amarelo e vermelho, com as folhas das árvores formando um tapete sob elas. Os dias também estavam mais curtos e as noites mais longas, ocasião perfeita para quem queria sair e apreciar a cidade-luz.

Shura amava aquelas cores. Deliciava-se nos parques da cidade, onde as árvores, nas cores amarelo ou vermelho, davam cor ao outono da Europa. Naquele fim de tarde e início de noite, o vento soprava, acariciando os cabelos da bela mulher, e trazia com ele o cheiro peculiar da estação. Por um instante, ela se perguntou: será que amo Paris? Alguns minutos depois, refletindo a respeito de quão forte era esse amor, pensou que não se sentia pertencendo à cidade. Paris era magnífica, mas quando ela se despedia das pessoas e fechava as portas e as cortinas, o que a acompanhava era a solidão.

Naquele dia, ela estava em um evento social na bela residência da patrona das artes Alice DeLamar. Sentia o entusiasmo das pessoas, mas mesmo em meio à alegria, às vezes ela era tomada pelo langor que a arrastava para o mesmo lugar, a solidão, que formava um bloqueio diante dela. O que intrigava Shura é que quando estivera em Istambul, mesmo em meio a tantas dificuldades, sentia-se viva com Kurt Seyit. E aqueles dias, se comparados aos de Paris, eram dias mais difíceis do que os atuais. Shura sabia que tivera sorte como imigrante em um país onde reconstruíra sua vida.

Levava uma existência que muitos franceses invejariam: uma reputação como modelo na IRFE, uma vida elegante; tinha contato com pessoas importantes, vestia-se elegantemente de acordo com seus recursos e sobejavam os convites para festas e eventos sociais. Ainda assim, sentia solidão. Apesar de toda a agitação da vida, Shura não esquecia o passado, os anseios, as aspirações e ficava nostálgica quando o assunto era a Crimeia ou Istambul. Arrumara mais trabalho para não ter tempo de pensar. Mas Paris estava com ciúmes. A cidade e as pessoas ao seu redor queriam uma entrega total. No entanto, a Shura que muitas pessoas conheciam não seria pega assim tão facilmente e tinha a sensação de que não ficaria em Paris por muito tempo. Sabe aquela sensação de não ter encontrado ainda seu lugar de pertencimento? Shura vivia esse estado. E este não era apenas um sentimento instantâneo. Estava impregnado em sua mente, registrado em sua alma: eram sentimentos dos quais se lembrava constantemente.

No entanto, enquanto o futuro não dava uma pista mais visível ou jogava suas cartas às claras; ela trabalhava duro, economizava dinheiro e sonhava acordada, como neste exato momento em que apreciava uma canção, com o olhar perdido nas águas do rio Sena. Como já falamos, encontrava-se em mais um evento social. As pessoas ao seu redor, envolvidas com a arte, com a literatura, com a política, riam ou gargalhavam: o mundo seguia seu curso, seu progresso, e o lado intelectual da vida se aliava com isso. Eram pessoas que ela sempre ansiara por conhecer e cujas mãos, gostaria de apertar. Agora teria essa oportunidade. Como convidada de Alice DeLamar isso era mais que possível.

A casa de Alice ficava na margem esquerda do rio Sena, na Rua Gît-le-Coeur. Ali ela reunia a nata intelectual parisiense: pessoas ligadas à arte, à filosofia, pessoas de pensamento e vida livres, alguns até com vidas marginalizadas, mas que não evitavam emitir suas opiniões a respeito de tudo. Até os bailarinos do teatro imperial da Rússia, o famoso teatro Mariinsky, de São Petersburgo, estavam presentes: artistas que tiveram seus sonhos interrompidos, deixando suas carreiras no meio do caminho devido ao conflito bolchevique. Escritores, poetas, indivíduos cujas vidas estavam interligadas à magia das palavras; bailarinas aposentadas, generais do Exército Russo Branco e czaristas. Na casa de Alice DeLamar estavam a vanguarda do mundo e a parisiense.

A casa de quatro andares, pintada na cor salmão, com um cozinheiro chefe dos mais famosos em Paris, era o ponto de encontro dessa elite vanguardista. Na entrada da casa havia uma estátua de Rodin. Aquilo por si só era suficiente para tornar a casa magnífica. Os andares superiores mostravam a grandeza aristocrática e histórica do edifício. Mobiliado em estilo country de Westchester mesclado ao estilo Luís XIV, os hóspedes de Alice desfrutavam de um conforto pacífico, longe de qualquer formalidade, mas em um ambiente refinado.

Enquanto os convidados eram transportados pelo elevador para os outros andares, Alice os recebia e dizia:

— Bem-vindos! Relaxem, aproveitem o tempo e encontrem a paz. O piso superior dava para a magnífica vista panorâmica do rio Sena de tirar o fôlego. Somado à perfeição do edifício e da paisagem, às pessoas coloridas que estavam ali, ao nível das conversas, a reunião era tudo, menos convencional.

Quando Alice DeLamar tinha dezoito anos, após a morte do pai, tornou-se a única proprietária de uma imensa riqueza. Como muitas mulheres ricas, não se rendeu ao desperdício e ao gosto extravagante, mas resolveu fazer algo de bom para o mundo da arte.

Alice nasceu em Nova York, no n° 109 da Madison Avenue, filha de Joseph Raphael DeLamar e Nellie Sands. Era a única filha do casal. Os DeLamar tinham uma mansão em Nova York e uma propriedade em Glen Cove, em Long Island, chamada Pennbrook. Depois que Alice nasceu, a família se mudou para Paris. Ela tinha cerca de dois anos de idade. Seus pais se divorciaram em 1910 e o pai ganhou sua custódia, ocasião em que ela e o pai voltaram para Nova York em definitivo. Alice foi colocada na Spence School por seu padrinho, William Nelson Cromwell. Depois que se formou na Spence School, Alice e Evangeline Johnson, uma de suas colegas de escola, se ofereceram para o Corpo da Cruz Vermelha na Europa durante a Primeira Guerra Mundial. Quando o pai morreu, em 1º de dezembro de 1918, ela tornou-se herdeira de dez milhões de dólares e posteriormente foi chamada a garota mais rica e solteira dos Estados Unidos. Preferindo uma vida mais simples, trocou a mansão da família por um apartamento na Park Avenue.

Aos quinze anos, foi passar as férias de verão com a mãe em Paris. Tinha financeiramente todas as possibilidades ao seu alcance e essa facilidade que experimentou poderia tê-la destruído, tornando-a indiferente, egoísta e insensata. Mas Alice se tornou a patrona da arte, uma mulher que não falava muito de si, que desaparecia das sessões de fotos, que não mencionava seu nome nas cartas de doação. Era nobre, generosa, adorava compartilhar

toda beleza, oportunidade e elegância com todos. Tornou-se uma mulher amorosa, carinhosa e respeitosa. Talvez estivesse se vingando da falta de atenção de seus pais. Seu pai sempre fora um viciado em trabalho e a deixava sozinha, sua mãe era ausente.

Então, desde que se tornara uma das mulheres mais ricas da América, com dez milhões de dólares à sua disposição, decidira dar oportunidade principalmente à arte. Apoiava os artistas, escritores, pintores, dançarinos, etc, e dava-lhes uma família intelectual. Mobilizava amizades e inseria as pessoas em círculos em que, sozinhas, elas jamais conseguiriam entrar. Alice também gostava de fazer novas amizades. Portanto, mantinha as pessoas que conhecia e amava bem perto dela o tempo todo. Gostava de compartilhar sua vida com elas. Não só apoiava os artistas em que acreditava, mas, onde quer que tocassem um concerto ou se apresentassem em uma exposição, ela convidava um grande grupo de amigos e ia lá aplaudir o sucesso daquele a quem estendera a mão. Outra característica de Alice era nunca viajar sozinha. Apenas pelo prazer, sempre levava um grupo ou uma amiga com ela em suas viagens. Lúcia, amiga de Shura, era uma das mais presentes. Lúcia era a companheira de viagem favorita de Alice. Graças a Lúcia, Alice também tinha um relacionamento muito próximo com o mundo da arte de Paris e teve a oportunidade de conhecer os intelectuais, os artistas e escritores da Bielorrússia.

Alice vendera a mansão de Pembroke, de Nova York, deixada pelo pai, e adquiriu a magnífica casa em Bois de Boulogne, em Paris. Em troca das memórias frias e solitárias de seu passado, agora não mais vivia sozinha, mas recebia seus amigos antigos e os

mais recentes com um caloroso “olá”. Na casa de DeLamar, todos faziam parte de uma grande família e Shura fazia parte dela.

Lúcia foi até Shura e a tirou de seu devaneio. Shura estava apoiada, com os cotovelos no parapeito, olhando para Paris com uma atitude contemplativa.

— Que vista maravilhosa Alice tem de Paris, não é? — disse Lúcia.

— Sim. Divina vista — respondeu Shura.

— Você sabe que estou indo para Havana, não é, Shurochka?

Shura a olhou impressionada: — Quando?

— Alice está indo e me convidou para ir com ela.

— Estou tão feliz por você, Lúcia... Tenho certeza de que será uma viagem deslumbrante.

Lúcia, cochichando no ouvido de Shura, disse: — Você também foi convidada. Ela não quer que você pense que estão nos separando e que eu a esteja deixando muito solitária.

— Lúcia querida, espero que não tenha dito nada sobre isso para Alice.

— Não, não, não! Não falei nada sobre sua solidão crônica.

— Tem certeza? — perguntou Shura.

— Claro. Realmente ela quer que você venha também.

— Alice é muito gentil como sempre, mas não posso sair de Paris agora.

— Não faça isso, Shurochka. Quando terá uma oportunidade de ir para Havana de novo?

Embora Shura quisesse adentrar o mundo de sua amiga, sabia que ela estava de alguma forma longe disso. As possibilidades, as

responsabilidades e sonhos de Lúcia eram muito diferentes dos dela.

— Talvez isso nunca aconteça — disse Shura, sorrindo —, em minhas condições atuais, é impossível viajar.

— Você não precisará gastar um único franco. Alice nunca deixa que paguemos nada.

— Eu sei. Mas, novamente, isso não muda minhas condições, querida Lúcia.

— Você é muito teimosa.

Com sua habitual atitude calma e suave, Shura disse: — Você acha? E você, querida Lúcia, não é teimosa também? — ambas riram.

— De qualquer forma, se mudar de ideia é só dizer. Vamos, junte-se a nós agora. Para que tanta solidão? Já não a tem o suficiente?

Lúcia colocou o braço no de Shura e a levou até a mesa onde havia se instalado. Quando as duas chegaram, todos os três homens se levantaram para recebê-la. Um deles era Boris, da Coco Chanel, que costumava dizer que Shura era a irmã de Lúcia. Os outros, ela conheceu naquela noite, Glenway Wescott, um poeta, romancista e ensaísta americano. Uma figura da comunidade literária expatriada americana em Paris, abertamente gay, seu namorado Monroe Wheeler. Ambos eram amigos de Alice, de Nova York. Em torno de Alice e Lúcia, a união gay era tão comum que Shura, que nos primeiros dias ficava chocada, passara a achar aquilo normal. As pessoas podiam fazer suas próprias escolhas sem estar sujeitas às críticas de ninguém. Alice, que obviamente tinha amantes do mesmo sexo, estava cercada por homossexuais.

Paixão, amor, dor, ciúme, Alice sempre entendia muito bem esses sentimentos e sempre oferecia um ombro amigo onde as pessoas podiam colocar suas cabeças. Isso era muito diferente daquilo a que Shura estava acostumada na Rússia e em Istambul. Não apenas homossexuais, mas também heterossexuais não monogâmicos. Shura ficava espantada. Aquele conceito de família que aprendera não existia ali, perdera seu valor e por algum tempo ela assistiu a tudo aquilo com espanto. Mas agora estava começando a entendê-los. Shura imaginava que, talvez, do ponto de vista intelectual, essas pessoas pudessem ter uma sensibilidade artística diferente, uma visão muito mais ampla da vida, talvez por terem encontrado esperança em um novo começo ou simplesmente por entenderem, diferentemente dela, o significado da vida. No mesmo ambiente, casais heterossexuais ou homossexuais se relacionavam como amigos. As amantes, os cônjuges, todos estavam juntos no mesmo ambiente, se respeitavam e se aplaudiam dentro dos limites. Por outro lado, havia também ciúmes, rigidez e intolerância, pois todos eram humanos.

Shura estava em meio a esses relacionamentos caóticos. Eram pessoas lindas, talentosas e ambiciosas. As escolhas sexuais, as turbulências pessoais, eram consideradas meros detalhes. Com a indulgência demonstrada por Paris, a vanguarda permanecia no paraíso da vida.

Na mesa com Glenway Wescott, Monroe Wheeler, Boris e Lúcia, Shura se deixou conhecer e se envolver na conversa. O casal Wescott e Wheeler, de Nova York, estava numa conversa profunda.

— Você será muito feliz em Paris. Capture novas histórias. Poderá escrever um lindo romance usando esse cenário, querido

Glen.

— Sim. Estou escrevendo um novo livro. A protagonista tem 24 anos, um rosto emocional e bonito. Descrever a expressão de um homem melancólico e sensível é diferente de descrever uma mulher... — Glenway, como se estivesse falando com outra pessoa querida, continuou seu discurso. Depois de ajeitar o cabelo, a mão dele segurou amorosamente a do amante. Como se desse conta de que não estavam sozinhos, ele olhou para Shura e sorriu.

— Você daria uma linda heroína — disse ele.

— Sério?! — Shura sorriu de volta. Não estava convencida daquilo. Olhou para a expressão facial gentil, mas masculina, de Glenway, cabelos pretos, estranhamente semelhantes a Monroe. Ambos tinham uma estrutura esbelta e elegante.

— Acho que Glen tem razão. Uma heroína russa — disse Monroe. Shura sorriu de volta para o casal extremamente atencioso e elegante. Eles olhavam um para o outro com um amor profundo. Glenway e Monroe tinham se conhecido na universidade de Kago e, desde então, estavam juntos. Muito antes de Glenway chegar a Paris, antes de o poeta entrar no mundo literário, ele já vivia abertamente sua homossexualidade na América.

Shura, em meio àquelas pessoas, pensava em se algum dia voltaria a ter alguém para amar. Entretanto, embora respeitasse o tipo de amor comum à casa de Alice, sonhava com o tipo de relação tradicional e monogâmica. Naquela noite, ela também foi apresentada aos romancistas Christopher Isherwood, Somerset Maugham, Edward Morgan Forster, Barbara Harrison, artistas já famosos e que, apesar de suas reputações pelo que escreveram, não estavam ganhando dinheiro suficiente para viver

prosperamente. Todos viviam no mesmo círculo literário de Paris. No caso de Glenway Wescott e Monroe Wheeler, o casal deixou a vida americana para trás e continuou a busca pela vanguarda parisiense.

— Você leu o meu livro *A Maçã dos Olhos*? — Wescott perguntou a Lúcia.

— Sim. É fabuloso! Talvez agora você esteja levando o assunto de colocar Paris como cenário para o seu novo livro.

— Estou concluindo um romance; aliás, há um bom tempo estou trabalhando nele — disse Glenway.

— Se não for um segredo, posso perguntar o tema?

— Posso compartilhar com você, querida Lúcia: é a história de uma família do estado de Nova York, Wisconsin, em 1846.

— Você não nasceu em Wisconsin? — perguntou Lúcia.

— Bravo! — exclamou Monroe. — Como sabe disso?

Lúcia sorriu e disse: — Esqueça o que as pessoas estão dizendo.

Wescott sorriu: — Sim, sou de Wisconsin. De alguma forma, posso dizer que é a história de minha própria família.

— Eu sabia. Você já tem o título? — Lúcia sabia quão natural era um autor escrever sua própria história. Já tinha visto isso centenas de vezes e se sentiu envergonhada por ter trazido o assunto à mesa. Escrever uma autobiografia não era mérito para nenhum autor.

— Tenho certeza de que, vindo de você, qualquer história será ótima.

— Obrigado, Lúcia. Você é muito gentil.

— Espero que Paris lhe dê a inspiração que deseja e que você encontre aqui motivos para escrever muitos romances — disse Shura. As demais pessoas da mesa prestavam atenção ao diálogo dos dois e Wescott disse, olhando para Shura.

— Viemos aqui com essa esperança. Veremos. Você sabe que entre 1921 e 1922 estávamos na Alemanha e sonhávamos em vir para cá, não é, Monroe? A emoção que sentimos em estar aqui não pode ser expressa em palavras.

— Estavam na Alemanha? — a pergunta de Lúcia sobre a Alemanha era mais do que simples curiosidade. Ela expressou uma situação desesperadora. A Alemanha tinha perdido a guerra e tudo lá estava um caos. O casal homossexual apenas riu e não teve oportunidade de responder, pois Boris chegou com dois copos de Martini na mão.

Depois de dar um para Lúcia e outro para Shura, puxou uma cadeira para perto das duas e desviou a atenção de ambas para ele.

— Parece que Paris, como aconteceu a Gertrude,[19] agora é a nossa casa! — exclamou Boris, sorridente. Embora tivesse acabado de chegar, segundo ele era como se sempre tivesse pertencido a Paris. O homem, como muitos outros, tinha essa sensação, que Shura não podia possuir. Talvez algum dia eu tenha pensado assim, pensou Shura.

Gertrude chegou à mesa e Monroe exclamou: — Oh! Vamos, querida Gertrude, estávamos falando sobre você.

Gertrude Stein tinha um corpo grande e pesado. Usava uma saia aveludada longa, com babados, o que aumentava ainda mais seus quadris. Com sua jaqueta de corte largo, um colar payan e um xale, a romancista, poeta, dramaturga era conhecida tanto por sua

riqueza quanto por seu talento. Tinha mais de cinquenta anos, um nariz comprido, largo e ligeiramente adunco; olhos grandes e brilhantes sob as sobrancelhas salientes, as mãos grandes e grossas. A única coisa feminina nela era a saia e o coque de estilo clássico. Estendeu a mão para Shura:

— Minha querida *baby*. Você está aqui? — Shura riu desse reconhecimento. Era difícil evitar Gertrude Stein. Novas cadeiras foram adicionadas à mesa no terraço, onde o número de convidados só aumentava. Elevando-se com a voz controladora, Gertrude Stein se fazia ouvir. Era uma epidemia de risos. Babette Toklas, também escritora e companheira de Gertrude, estava em pé atrás da outra, como se estivesse se escondendo atrás dela. Babette parecia sentir vergonha de todos. Não se via como membro desse círculo. Seu corpo expressava o óbvio, como se estivesse procurando uma saída para desaparecer. Shura sabia que ela era amante da famosa Gertrude, mas que tinha muitos complexos: talvez se sentisse melhor se pudesse se livrar daqueles bigodes, Shura pensou. Mas o altruísmo de Babette Toklas era justamente seu bigode. Era a única coisa da qual sentia orgulho.

Apesar de toda essa postura tímida e complexa, Babette Toklas conversou com Shura. A mulher disforme de bigodes parecia interessada na bela moça russa. Olhos grandes ardiam na direção de Shura. Como Babette Toklas iniciou uma conversa com ela, Shura não sabia dizer.

— Estou esperando por todos no próximo sábado no salão — a voz de Gertrude, com um som forte de contralto, chamou a atenção de todos. Shura olhou para o enorme broche de coral que ela usava no lenço de seda e parecia hipnotizada pelo carisma da

grande mulher. Enquanto acariciava o broche com as pontas dos dedos, Gertrude continuou: — Pablo, Henry e Ernest estarão lá.

Os nomes citados por Gertrude Stein não eram de ninguém menos que Pablo Picasso, e o famoso artista francês Henri-Émile-Benoît Matisse, e Ernest Hemingway. Eles e Scott Fitzgerald, Sinclair Lewis, Ezra Pound e muitos outros faziam parte do círculo íntimo da arte moderna de Gertrude, assim como do de Alice DeLamar. A diferença entre as duas era que Gertrude assumia sua homossexualidade e Alice, não.

— Já pensou em voltar para a América, Gertrude? — alguém perguntou.

— Não há nada lá para mim — respondeu Gertrude.

— Os Estados Unidos ainda não são ricos em valores reais. São um país preconceituoso demais — disse Glen.

— O tabu está superando o talento na América — acrescentou Monroe Wheeler.

— Sim, você pode dar uma olhada nas pessoas que se refugiaram em Paris — disse Lúcia: — Os pensamentos não poderiam ser mais opostos. Parecem inimigos um do outro.

— Paris é um lar para mim desde 1903 — disse Gertrude. Não consigo pensar em outro lugar para viver.

Então, virando-se para sua amante, ela disse: — Meu bebê pensa assim também — Toklas assentiu com a cabeça, confirmando. Enquanto sorria, ela também exibia seus bigodes. Mas ninguém na mesa achava aquilo engraçado. Babette Toklas era assim mesmo e era a amante de Gertrude Stein, sua companheira de vida. Era como seu “marido”, embora não tão rica quanto Gertrude. Toklas era filha de uma família judia americana.

E Alice? Quem era sua amante? A nova amante de Alice se chamava Eva Le Gallienne, a quem conhecera nos salões de arte de Gertrude Stein, através de Picasso e de Matisse.

— Nossa casa agora também é Paris — disse Lúcia. — Não é, Shurochka?

— Parece que sim — respondeu Shura.

— Não foi uma resposta muito enfática — Boris murmurou.

— Acho que prefiro deixar que apenas o tempo decida isso — disse Shura, lançando um sorriso doce para Boris.

— Não acha o tempo gasto aqui feliz o suficiente? — perguntou Boris.

— Querido Boris — Shura virou-se para ele, dizendo: — você sabe que a felicidade tem um significado diferente para um parisiense, um americano e para um russo. Buscamos coisas diferentes em Paris.

— De fato, a felicidade não é um sentimento universalmente semelhante — disse Maxim Vinaver, um advogado e político russo que, ao se aproximar da mesa, escutou a conversa. Vinaver trabalhava como editor do The Jewish Tribune e na revista semanal The Latest News, publicação democrática russa. Ultimamente, Vinaver tinha empreendido a seção de publicação literária, com escritores como Maklakov, Miliakov, Bunin. No entanto, escritores anônimos que enviavam seus escritos para o jornal também eram publicados. Por causa disso Vinaver tinha feito muitos amigos entre os autores emergentes, aqueles que viviam de seu lápis, os apaixonados pela escrita.

O sol tinha se posto e a frescura da tarde do outono soprava pelo terraço. A conversa se tornou mais sombria.

— Concordo com Alexandra Verzhenskaya — disse Vinaver. — A felicidade para nós russos, especialmente dos russos brancos, é enigmática.

— Não é assim, não pode ser assim. O que faz de vocês bielorrussos tão especiais em relação à felicidade? — a pergunta de Gertrude não tinha a intenção de humilhá-los. Shura sabia que Gertrude era extremamente inteligente e essa mulher elaborada, enquanto conversava, procurava deixar a religião de fora desses tópicos. Ela procurava um significado mais profundo para aquilo que tinha escutado. Ainda assim, Vinaver disse: — Não me interprete mal. O que eu quis dizer, por tudo que os russos passaram, é que merecemos mais felicidade do que qualquer outra pessoa.

Todos ao redor da mesa concordaram com Vinaver. Shura olhou para ele com um sorriso. Glenway e Monroe, de mãos dadas, concordaram e Gertrude colocou o braço no ombro de seu “bebê precioso”. Alice DeLamar, sentada ao lado de Lúcia e de Boris, com sua amante americana Eva Le Gallienne, sorriu para Shura e para Vinaver, concordando.

— Nós, como a maioria de vocês, estamos nos afastando do nosso próprio desejo. Não temos pátria para onde possamos retornar quando quisermos. Nosso país foi retirado de nós. Nossas casas, jardins, infâncias, tudo isso foi nos tirado. Nossos dias, nossa juventude, os dias que compartilhamos com nossos entes queridos, nossa história... A maioria de nós nem sequer tem um álbum de memórias na mão para retornar à Rússia em pensamento, mesmo estando fora dela. Não temos a chance de nos encontrar com os nossos entes queridos. Todos nós nos dispersamos, fomos

dissolvidos e desorganizados — disse Shura e sentiu necessidade de respirar profundamente para não cair no choro.

— Estávamos conversando recentemente, eu e meu amigo íntimo Merezhkovsky, sobre como a revolução vermelha teve efeito sobre nós — disse Vinaver. — O resultado da revolução bolchevique foi a razão de tudo o que veio à tona. E, portanto, a felicidade tem um conceito diferente para uma pessoa que passou por tudo isso. A felicidade que um americano que vem para Paris procura é muito diferente da de um russo branco.

— Sim — concordou Lúcia. — Quão perfeitas eram as nossas vidas antes... Nosso país antes da revolução era maravilhoso! Não somos capazes de esquecer o passado, isso é certo.

— Você acha que pode voltar um dia? — perguntou Eva Le Gallienne.

Lúcia disse: — Acho que é mais provável que eu retorne à América — ela disse com um sorriso amargo. — A Rússia está fechada para nós — acrescentou.

Eva Le Galienne era uma atriz americana nascida na Inglaterra. Quando chegou a Nova York, aos dezesseis anos, ficou muito famosa. Com seu corpo gracioso, a beleza da pele e a expressão dramática, a Broadway abriu as portas para ela e imediatamente abriu as portas também do mundo dos filmes de Hollywood. Apesar de toda a sua beleza e feminilidade, de todos os homens aos seus pés, Eva desde muito cedo preferiu o lesbianismo. O grande projeto de Eva atualmente era ser amante de Alice DeLamar.

— Além disso, a Rússia atual não é a nossa Rússia, querida Eva — disse Lúcia. — Nada lá é o mesmo. Nada do que foi deixado

para trás estará da mesma maneira.

— E suas famílias? — Gertrude perguntou.

— Suas liberdades foram tiradas e eles podem ser executados a qualquer momento. Vivem com medo agora. Na Rússia, não há unidade familiar, só a vontade da fuga. Todo mundo suspeita de todos, ninguém confia em ninguém. Pais delatam os filhos, filhos delatam os próprios pais para os soviéticos — disse Vinaver.

— A Rússia nunca viu uma vida tão vil — murmurou Shura.

Vinaver disse: — Bem, vou lhe perguntar uma coisa: você prefere a liberdade sem a Rússia, Alexandra Verzhenskaya?

Shura refletiu sobre a resposta:

— Essa não foi a escolha de nenhum de nós; nem do restante que ficou lá.

Mas fomos divididos por ideologias. Aqueles que preferiram ficar na Rússia sem liberdade e aqueles que escolheram viver livres e têm que arder com saudades da antiga Rússia... Além disso, este não é o fim. Assim como aqueles que escolheram a Rússia perdem sua liberdade, aqueles que escolhem a liberdade e anseiam por seu país não conseguem encontrar satisfação com essa liberdade.

— Que lindo isso que você disse, Shurochka — disse Boris.

— Sim, acho que não há mais nada a acrescentar — disse Lúcia. Seu olhar estava embaçado pela primeira vez em muito tempo. A sentença de Shura terminou e no meio de um completo silêncio, Gertrude disse: — Olha quem está aqui! — o olhar de todos virou da sala para o terraço. Ivan Bunin,[20] com a maturidade de 54 anos e cabelos brancos, entrou e beijou Alice DeLamar primeiro e depois Gertrude. Cumprimentou outras senhoras e senhores, mas não se sentou.

— Peço desculpas, querida Alice — disse ele. — Estou atrasado. Você vai me perdoar?

Alice DeLamar, com um sorriso compassivo no rosto, disse:

— Não há nada o que perdoar, querido Bunin — disse ela, acariciando a mão do recém-chegado. Como representante de uma família nobre empobrecida, Bunin começou cedo uma vida independente; em sua juventude, trabalhou em jornais, chancelarias e viajou muito.

— Vamos dar uma bebida a Bunin e venha participar da nossa conversa — disse Alice. — Entramos no assunto que você queria. Nossa querida Shurochka disse há pouco que a felicidade que os russos imigrantes procuram é diferente da que procuramos — disse Alice.

Ivan Bunin era inteligente e ainda romântico. Virou-se para Shura, dizendo: — Continue, por favor, de onde parou — disse ele.

— Estávamos falando sobre viver na Rússia sem liberdade e viver livre sem a Rússia — disse Shura.

— Amigos — disse Bunin —, minhas opiniões sobre esse assunto diferem das de Gorky. Em minha opinião, a revolução bolchevique foi a pior coisa que já aconteceu nesse mundo.

Bunin estava se referindo a Maksim Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, escritor, romancista, dramaturgo e ativista político russo. Gorki foi escritor da escola naturalista que formou uma espécie de ponte entre as gerações de Tchekhov e Tolstoi e a nova geração de escritores soviéticos.

— Quando foi a última vez que encontrou Gorky? — perguntou Gertrude Stein. Bunin pegou o copo que lhe fora servido e sentou-se na cadeira vazia indicada a ele:

— Com Vera, nos invernos de 1912 a 1914, em Capim de Maxim. Estivemos em sua casa e rimos muito. Nossas conversas eram mais do que política. A arte era predominante. Mas com o tempo, o símbolo da revolução, a pata dele começou a me incomodar. Prefiro morrer de saudade da Rússia a compactuar com as ideias da revolução.

Apesar da atitude de Bunin de retornar ao país, via-se a expressão de nostalgia em seus olhos. Lágrimas brotaram dos olhos de Shura. Boris colocou o braço no ombro de Shura e a puxou um pouco mais para perto, aproximando a cadeira da dela. Shura descansou a cabeça nos ombros dele e continuou a ouvir Ivan Bunin.

— Essa revolução vem sendo costurada desde 1910, na verdade... — ele defendeu seu ponto de vista, sempre contra os bolcheviques.

— Caro Ivan — disse Gertrude. — Você é escritor famoso, vencedor de um prêmio, membro da Academia Russa. Tenho certeza de que os soviéticos ainda querem conquistar você.

— Mas eu iria querer isso? Não, querida Gertrude, não. De jeito nenhum.

— Você voltaria se o bolchevismo desabasse? — Glenway perguntou. Todos os bielorrussos na mesa esperavam pela resposta de Bunin.

— Mesmo que o bolchevismo desmorone, que tipo de detritos deixará para trás? Se pudéssemos continuar com a política moderada do governo interino não estaríamos falando sobre eles hoje. Não é? Infelizmente, eles eram muito fracos — respondeu

Bunin. — A classe trabalhadora da Rússia antes da revolução foi forte o suficiente para vencer. Quero ficar de fora da política.

— Infelizmente, ideias sensatas e preciosas como a sua nunca foram ouvidas — interrompeu Vinaver.

— Então não eram tão valiosas — respondeu Bunin com um sorriso triste e continuou: — A Rússia ignorou a vida e as condições de vida das pessoas. Com uma brutalidade inédita, derramaram sangue e destruíram a pátria...

E a noite terminou em tristeza e nostalgia.

CAPÍTULO 19

NOTÍCIAS DE GRIŞA SEMYONOVIÇ

"...É minha querida Tinosya, como você pode ver, Paris tem uma identidade própria. Os franceses são pessoas interessantes, mas a vida aqui é muito diferente da de Istambul. Eles não têm nenhum preconceito e são extremamente liberais. Esse conceito de família que aprendemos em Kislovodsk quase não existe por aqui. Pelo menos no meio em que convivo parece que isso acabou. Lamento. Sinto falta da família tradicional: pai, mãe, irmãos e irmãs. Sinto falta da fidelidade entre os casais e do conservadorismo. As pessoas aqui vivem numa atmosfera na qual podem viver sem se preocupar com nada. A coisa boa nisso é que nos aceitam imediatamente, assim como a qualquer estrangeiro. É uma cidade cosmopolita por natureza. Quando eu disse que vão aceitar imediatamente, é claro, a pessoa deve ser do mundo da arte ou da literatura. Caso contrário, não basta ser excêntrico. Sei que você ri enquanto lê essa carta. Essas pessoas estão acostumadas a nos ver como os "pobres russos brancos" que foram expulsos de seu país. E agora nossas vidas estão escondidas aqui, com muita confiança e sem complexidade. Sei que você deve estar se perguntando: mas há talento em meio à vulgaridade? As pessoas são talentosas ao extremo, elas falam sobre suas criações e não sobre suas escolhas e atitudes. Gostaria que você pudesse me visitar. Você se divertiria muito aqui e tenho certeza de que gostaria de Paris, principalmente por causa da música que tanto ama. Você me perguntou sobre a Lúcia e o Kappa. Ambos são muito ocupados e estão muito satisfeitos com suas vidas. Se eu penso muito em Istambul? No livro que você está lendo, minha querida Tinosya, eu

sou o caderno de Istambul. Mas já fechei essa página. Assim como a Rússia, o país onde minhas raízes e sonhos permaneceram, meu coração deixou raízes em Istambul, mas também é coisa do passado para mim. Quando voltaremos para a Rússia? O sonho é estreito, então, vejo Istambul tão longe quanto vejo a Rússia. A diferença é que nem no sonho me vejo indo a Istambul, pelo menos por enquanto. O único problema é ficar longe de você. Sinto tanta falta sua, Tinosya! Meu único consolo é saber que Alexander Alexandrovich está sendo gentil, atencioso e compassivo como minha querida irmã. Ele cuidará de você, cuidará e sempre estará com você, tenho certeza disso. Sabendo disso, me sinto mais confortável. Sei que não ser capaz de praticar sua profissão de engenharia deve ser muito frustrante para ele. É ruim, mas por outro lado, trabalhar com música com você é muito bom. Voltando um pouco mais, quando eu disse que não tenho o sonho de ir a Istambul não é porque todos os meus sonhos estejam mortos. Pelo contrário. Tenho muitos outros sonhos. Mas não posso ficar sonhando com algo que me traz dor. Não sou mais assim. Um sonho que tenho é tirar o mais rápido possível a nossa mãe, a nossa amada Nina e Katya daquele nosso país pintado de sangue. Também sonho com o dia em que você e Alexander Alexandrovich estejam juntos com nossa grande família. Minha querida, Alexander me contou sobre a dor em seus dedos. Você procurou um médico? Você precisa descansar seus dedos, minha querida. Dois empregos? Será que não tem como reduzir um pouco as horas de trabalho? Não negligencie a sua saúde e vá ver um médico. Você sempre me disse e agora vou repetir: nossa saúde é muito importante. Não podemos reunir nossa família, nem nos unir, mas

temos o poder de cuidar do nosso futuro. Então, lembre-se de cuidar de você em primeiro lugar. Tem recebido as cartas de Vola e Cola? Eles reclamaram de não terem recebido qualquer notícia de sua parte. Não sei o porquê de as cartas terem se extraviado, mas o que passou, passou, eles estão bem e com saúde. Claro que não são vidas fáceis. Qual de nós tem vida fácil? Vola trabalha como taxista durante o dia e Cola durante a noite. Tatyana ainda chora muito por causa de Katya. Vai ser bonito e agradável se algum dia eles puderem ver a filha novamente. Quanto a Pola, parece que não tem intenção de vir à França. Acho que encontraram com a família de Tanya na Alemanha e estão satisfeitos por lá. Embora a família de Tanya seja muito estranha e fechada, Pola suporta tudo por Tanya. A vida na IRFE é muito colorida, muito movimentada, e não se preocupe, não tenho do que reclamar. Amo o meu trabalho e amo o lugar. Os Yusupovs são pessoas maravilhosas, apesar daquela questão sobre o assassinato de Rasputin por Felix Yusupov. O príncipe continua usando roupas interessantes e tentando impressionar as pessoas. A princesa Irina é muito elegante e prefere ficar calada. Na verdade, eles precisam de nós para mostrar as roupas da IRFE. Irina Alexandrovna representa a marca. A filha deles, a pequena Irina, fez dez anos. É uma criança muito doce. Acho que os filhos da filha de Rasputin crescem como imigrantes na mesma cidade. Seria uma reviravolta se a filha de Yusupov se tornasse amiga deles. O Grão-Duque Dimitri Pavlovich está em um relacionamento com a Chanel faz um tempo. Segundo Berel, o perfume Chanel N°5 foi a ideia de Pavlovich. Eles se encontraram com Yusupov recentemente e o príncipe disse que ele já foi apaixonado por Irina e ela recusou sua oferta de casamento.

Considerando que ela se casou com o príncipe, os dois homens ainda são amigos e um incidente arriscado como o assassinato de Rasputin pairando sobre Yusupov, tudo me soa muito estranho. Parece inacreditável que eles também sejam parceiros. Mas isso é problema deles, e uma amizade é sempre surpreendente e bem-vinda. Algumas amizades não se desfazem, não importa o que aconteça. Minha querida Tinosya, gostaria de ter tempo todos os dias para escrever para você. Se eu pudesse escrever todos os detalhes, escreveria. Por enquanto, um abraço com todo o meu coração para você, um beijo e um Natal muito feliz. Por favor, transmita meu mais profundo respeito e amor a Alexandrovich e a quantos amigos ele tiver. Sua Shurochka."

Quando Shura colocou o ponto final em sua carta, já era muito mais de meia-noite. Ela se lembrou de contar a Tina sobre Boris (seu amigo de infância Bala), a reaproximação que havia começado entre eles, e pensou em colocar uma observação, mas depois desistiu. Ela não sabia como ficaria o relacionamento entre eles e queria ter certeza disso antes de contar qualquer coisa para a irmã. Não queria falar de suas frustrações e solidão. Tina sabia como ela estava triste por seu amor.

Shura olhou para a janela em frente à mesa onde escrevia sua carta e percebeu que chovia. Releu suas linhas. Eram três páginas de carta. Seus olhos a chamavam para dormir quando ela terminou.

Ela queria escrever cartas para todas as pessoas de quem sentia saudades: Ninochka, Katyoşa, seus amigos de infância, sua babá Pologea... Queria escrever cartas não apenas para as pessoas, mas também para a sua terra natal, para a casa de seu

pai, para a árvore no jardim da casa em Kislovodsk, para as estradas de Narzan... Lágrimas caíram em sua face. Quanta falta sentia de todos eles... Shura sabia que chorar não ajudaria. Se as lágrimas trouxessem seus entes queridos, ela já os teria encontrado há muito tempo; teria ido várias vezes para a Rússia... Já teria ido várias vezes visitar as pessoas, os lugares, as casas que perdera em seu país.

Tudo estava mudado e não havia nada que levasse um sorriso para lá. Como disse Bunin, não havia como destruir o czar e o czarismo, tampouco levar o prazer da vida, da liberdade, aqueles laços familiares calorosos, a confiança, a esperança no amanhã, tudo sobre o calor humano para a Rússia.

De repente, Shura percebeu que seus entes queridos moravam na Rússia e era possível haver esperança de encontrar com eles algum dia fora de lá. Mas nunca mais poderia visitar os túmulos de seus entes queridos que morreram na Rússia nem fazer suas orações por eles. Nunca mais poderia levar uma flor ao túmulo de seu amado pai.

Shura sentiu um frio tomando todo o seu corpo e sua alma. Uma sensação de vazio sem fim, que não seria preenchido com mais ninguém. Era um estado de “estar no espaço” difícil de descrever para aqueles que não experimentaram a emoção. Ela sentiu que seu espírito foi arrastado para outro ponto do universo, onde toda a sua família poderia se reunir. Esse sentimento trouxe algum consolo.

Lembrou-se de Grişa Semyonoviç. Não havia nenhuma notícia da parte dele. Ela nunca mais o encontrara. Talvez Grişa tivesse entrado na Rússia e sido morto. E Nadejda? Onde estaria? Por que

Grişa intermediava aqueles acordos? Talvez ele apenas camuflasse a verdade, talvez fosse um agente russo disfarçado.

Aquele vazio sem fim em Shura, dezenas de perguntas sem respostas em sua cabeça. Mas haveria esperanças ao nascer o dia. Com esse pensamento, Shura foi para a cama. Quando a escuridão da noite caiu sobre suas pálpebras, um suspiro profundo foi ouvido em seus lábios delicados.

Como um prenúncio de boas notícias, ao invés da chuva o sol lançou suas primeiras luzes naquela manhã. Um som acordou Shura antes que ela planejasse se levantar. Não era incomum alguém telefonar àquela hora. Ela se apressou para o telefone e disse:

— Alô.

— Alexandra Verzhenskaya?

Shura reconheceu a voz e prendeu a respiração. Ela respondeu: — Bom dia, Grişa Semyonoviç.

— Bom Dia. Espero não tê-la acordado.

— Não importa — disse Shura, sentindo um nó na garganta.

Grişa percebeu que ela estava nervosa, mas Shura continuou:

— Tem alguma boa notícia para mim?

Uma estagnação instantânea de Grişa foi suficiente para dar a Shura um sinal de que ela não iria receber as notícias que estava esperando, mas ainda esperava pela resposta dele com esperança.

— Gostaria de poder dizer que sim. Mas ainda não. Entretanto, quero dar uma explicação... Você está disponível?

Shura ficou desapontada. Mordeu os lábios ansiosamente, levou a mão aos cabelos e perguntou:

— Agora?

— Sim, se possível.

A jovem passou depressa a agenda do dia na mente e respondeu prontamente:

— Sim, sim, podemos nos encontrar imediatamente.

— Que tal um café da manhã no Café de Flore?

Shura não estava pensando em comida no momento, mas mal podia esperar para descobrir o que Grişa tinha a dizer.

— Saio assim que estiver pronta — disse ela.

— Eu poderia ir buscá-la. Mas agora estou do outro lado da cidade e se for aí, viajarei mais duas horas. Se me encontrar lá economizaremos tempo.

— Sim — disse Shura. — Definitivamente é melhor nos encontrarmos lá.

— Vejo você em breve, então.

— Até logo — disse Shura e desligou.

O tempo passava enquanto Shura corria para se banhar e se vestir, mas ela não percebia. Das perguntas que encheram sua mente uma noite antes, uma delas parecia estar atendendo à chamada. Mas, obviamente, será que receberia as notícias que esperava? O que será que Grişa queria explicar? Por que precisava se encontrar com ela? Quais seriam as novidades que ele diria?

Vindo de um extremo da Rússia, ao longo do caminho, durante a operação de fuga, que tipo de infortúnio haveria para as pessoas? Ele disse que queria dar explicações. Seriam informações sobre a Rússia?

Shura começou a sentir dor de cabeça. Seu estômago começou a se retorcer. Ela se segurava para não chorar.

Rapidamente chegou ao Boulevard Saint Germain, esquina com a Rua Benoitand. Quando saiu do táxi, em frente ao Café de Flore, percebeu que esquecera o guarda-chuva. Estava tão nervosa e emocionada... Grişa tinha chegado antes dela e a esperava à porta. Quando viu Shura, abriu o guarda-chuva e correu em sua direção. Enquanto o segurava, disse: — Bom dia! — havia certo constrangimento por trás do sorriso em seu rosto enquanto ele estendia a mão. Entraram e escolheram uma mesa. Fazia frio e a chuva havia aumentado. O dia amanhecera com sol, mas a chuva o subjugara à escuridão. Pensando em se esquentar um pouco, Shura pediu um chocolate bem quente e um croissant. Grişa fez seu pedido ao garçom:

Shura, olhando para ele, sentiu um pouco de paz. Grişa estava calmo como era de hábito e tanto quanto Shura podia ver do caráter do homem, talvez ela estivesse preocupada por antecipação.

— Desculpe novamente, Alexandra Verzhenskaya, eu teria ido buscá-la de carro se realmente não tivesse um plano de viagem.

— Não importa, por favor.

— A propósito, não pude nem perguntar por telefone: você não deu a oportunidade, indo imediatamente a sua pergunta.

Com um breve sorriso, Shura disse:

— Desculpe-me. Eu pensei na Rússia e no que está acontecendo lá ontem à noite antes de dormir e quando acordei com seu telefone pela manhã, depois que pensei, acreditei...

Grişa tirou um cigarro e o isqueiro do bolso do paletó.

— Entendo muito bem — disse ele.

Entregou um cigarro a Shura e pegou um. Shura segurou-o sob a mão do homem com um leve toque quase como uma pena.

Ela colocou o cigarro na chama. Então, como se quisesse acelerar o tempo, imediatamente suspirou e soltou a fumaça.

— Estou ouvindo você — disse ela. Comparado àquela manhã, ela se sentiu mais preparada para ouvir todos os tipos de notícias.

— A parte mais desagradável desse trabalho é fazer o que fiz essa manhã. Ser forçado a fazer — começou Grişa. Shura o deteve imediatamente e disse: — Primeiro me diga, por favor. Minha mãe e minha irmã estão bem? Nada aconteceu com elas, certo?

— Não, anime-se. Nada aconteceu com elas.

Shura soltou uma respiração profunda e jogou a cabeça para trás para evitar mostrar as lágrimas que dançavam em seus olhos. Ela precisava de tempo para digerir o que ouvira e derrubar os medos estabelecidos em sua cabeça. Obviamente, Semyonoviç estava assistindo a uma situação familiar enquanto fumava seu cigarro. Com uma expressão perspicaz, esperou Shura se acalmar.

A garçonete trouxe seus pedidos. Shura disse que Grişa não podia sorrir sem antes tomar seu café da manhã e ele disse, maroto:

— Como você adivinhou? — brincou, e Shura riu como se seus nervos exaustos precisassem relaxar. Grişa tentava descobrir qual era a graça. Ele tinha nos lábios um sorriso, enquanto aguardava Shura se explicar.

— Eu faço você rir? — perguntou, os olhos ardendo com um brilho inteligente.

— Oh, me desculpe — disse Shura. — Por favor, não me entenda mal, não estou rindo de você. Apenas meus nervos inquietos precisavam relaxar.

— Tenho coisas extremamente deliciosas no meu prato. Mas estou feliz que você ache engraçado.

— Tenho que explicar a você. Geralmente analiso as pessoas por mim e tento adivinhar o que elas pedirão. Ou o que pedirão em uma loja, qual livro escolherão na livraria...

— Ah! Compreendo. Então teve algum palpite para mim?

— Não! — disse Shura, rindo. — Eu estava muito nervosa esperando suas notícias.

De repente, ela ficou impaciente novamente e séria. Disse: — Por favor... — disse Shura. — Não se importe comigo. Estou aqui para ouvir o que você vai dizer.

Ela elevou sua xícara de chocolate e brindou como se fosse um copo de vodca. Shura estava esperando por ele com uma excitação impaciente.

— Como eu disse, precisava explicar uma jogada malsucedida. Depois da nossa reunião com Nadejda eu não poderia dar mais detalhes, mas, em qualquer caso, essa conversa teria que acontecer para explicar a você cara a cara...

— Mas você disse que eles não as machucaram, não é?

— Sua mãe e os outros estão bem. Ykaterina Nicholaevna nem está ciente ainda dessa preparação. Então não é possível que elas experimentem qualquer decepção.

Elas estão seguras.

— Então, o que aconteceu? Por que nada pôde ser feito?

— Gostaria que pudéssemos satisfazê-la com uma resposta fácil e clara. Mas isso não é possível. De acordo com os eventos em desenvolvimento, bem, pelo menos por um tempo não foi possível trazê-las ainda.

— Mas Nadejda havia prometido... disse que faria o melhor possível. Pelo menos para Katya.

Nesse momento, uma nuvem cinza apareceu nos olhos de Grişa Semyonoviç. Sua testa estava marcada e era como se algo estivesse preso na garganta. Shura viu que ele estava tendo problemas. Ela sussurrou:

— O que aconteceu?

— Nadejda não vai voltar...

Sua sentença terminou ou Grişa Semyonoviç tinha problemas para falar?

Ele estava calado, Shura não conseguia entender. Ele fora sempre tão forte... Ela conhecia suas atitudes inteligentes, alertas e agradáveis. Ficou surpresa ao ver o rosto frágil e sensível do homem a sua frente. Shura não sabia o que dizer, esperou que ele falasse.

Grişa parecia ganhar tempo ao esfarinhar o que restara de seu desjejum. Shura olhava para o homem à sua frente e não conseguia conciliar o fato de Grişa estar calado ao fracasso da empreitada.

— Você já ouviu falar de Sidney Reilly?[21]

Shura balançou a cabeça negativamente enquanto tomava um gole de seu chocolate quente.

— Espião inglês britânico. Para quem ele ainda está trabalhando?

Pensando que esses detalhes não eram necessários, Shura disse: — Não precisa me contar sobre isso.

— O que eu digo não são coisas secretas. Não se preocupe, durante o verão isso será um dos tópicos discutidos na comunidade

russa. Além disso, a embaixada soviética inevitavelmente fará declarações sobre ele.

— O que Sidney Reilly tem a ver com minha família?

— Nada mesmo. Mas existe uma distância. Reilly no outono foi para a Finlândia de Paris. De lá, os russos do rio Sestra, dois bolcheviques membros da OGPU (Trust) na fronteira, o pegaram. Sabe-se que ele continuou em Leningrado com seu passaporte russo. Mas mesmo que essa informação esteja correta, essa pessoa é realmente Reilly?

Shura ouvia falar de um mundo desconhecido e de intrigas que ela nada entendia.

— Ainda não entendo como isso tem relação com a minha família — disse ela.

— O ponto é que, sendo o verdadeiro Reilly ou não, o bolchevique que ajudou essa pessoa foi capturado e executado após investigações. Os soviéticos dizem que ele foi baleado na fronteira. Mas, em poucas palavras, a situação é que a OGPU e sua organização anti-bolchevique prefere não se destacar por um tempo.

— Ainda não consigo entender. O que todos esses nomes que você contou, os eventos, têm a ver com minha mãe e minha irmã? E quanto a Nadejda? O que aconteceu com ela?

— Antes de tudo, após o incidente vão suspender a espionagem por um tempo, mesmo para pessoas e situações mais comuns. Por outro lado, neste caso Nadejda também está na Rússia, em um canto, e precisa permanecer imóvel, escondida. Então, nosso trabalho é não entrar em contato com essas pessoas para não as prejudicar e a Nadejda também.

— Ela está bem? Vocês podem se comunicar?

— Como eu disse, todos ficarão no seu canto por um tempo. Como os bolcheviques pegaram o espião, eles ainda lutam entre si dentro e fora da Rússia.

Estão mais atentos e mais zangados. Não posso dizer que estejam sendo brutais, já que ser mais brutal é impossível...

Shura podia intuir o que estava por trás da história da fuga não realizada. Podia adivinhar as chances, na medida em que era informada. Obviamente, Grişa achava necessário ser crível. Ele explicou que eles consideravam muito necessário. Talvez Nadejda também tivesse o mesmo destino de Reilly, mas Semyonoviç não disse isso, embora Shura tivesse medo de saber a verdade. Um encorajamento e ela perguntou novamente, pois estava muito ansiosa:

— Mas Nadejda é boa, nada aconteceu com ela, certo?

Grişa, estendendo a mão sobre a mesa, segurou a mão de Shura, apertando-a suavemente:

— Não se preocupe, amor... isto é, Alexandra Verzhenskaya, Nadejda está bem. Só tem que permanecer silenciosa por um tempo e isso atrasará tudo.

— Mas quão seguro pode ser na Rússia?

— Tanto quanto possível. Mas não se preocupe, Nadejda é uma mulher muito inteligente. Ela é tão corajosa quanto inteligente. E tem boas conexões com os bolcheviques. Se necessário, usará suas conexões.

— Estou aliviada — disse Shura, respirando fundo. Ela quase esquecera sua própria família, quase esquecera a decepção de não poder se encontrar com sua mãe, irmã e sobrinha.

O rosto de Grişa desanuviou por um tempo. Com um pequeno sorriso, ele apertou a mão da jovem que ainda estava segurando.

E apertando-a um pouco mais sinceramente:

— Divina Alexandra Verzhenskaya! Divina! Vou dizer a mesma coisa novamente: você é tão doce...

Embora Shura soubesse muito pouco sobre ele, escolhera confiar em Grişa desde o início. Com um sorriso pacífico, ela olhou para seus olhos negros que brilhavam na sombra dos longos cílios e disse: — Obrigada — com uma voz envergonhada e perguntou:

— Então, quando posso esperar as próximas notícias? Pode me dar um tempo?

— Infelizmente, não posso dar tempo. Mas vou informá-la de tudo, não se preocupe. Estava me esquecendo. Devo dizer que sua família não está mais em Kislovodsk.

— Onde elas estão?

— Leningrado.

— Isto é uma coisa boa?

— Isto é uma coisa normal. Eles não deixam ninguém no mesmo lugar. Ou ninguém quer ficar no mesmo lugar.

— Você tem o endereço delas?

— Não posso dar a você. No dia em que a situação for propícia, sua mãe vai escrever para você.

— Elas estão bem? — Shura quase chorava.

— Sim, sim. Elas estão bem. Eu juro.

Embora Shura não estivesse feliz, devia aceitar a situação.

— A propósito — disse Grişa e pegou a mão de Shura novamente.

Ele tirou um envelope do bolso da jaqueta e entregou a ela.

— O que é isso? — Shura perguntou curiosa.

— O dinheiro que você me deu.

— Não consigo entender — Shura murmurou. — Ou você está desistindo?

— Não, não. Não existe desistência.

— Então? Por quê?

— Eu sei como você ganhou e economizou esse dinheiro. Guarde até que realmente precise pagar. Se a permissão for obtida, você precisará usar parte desse dinheiro novamente para pagar as taxas oficiais.

Shura estava confusa. Nadejda estava na Rússia e não precisaria do dinheiro para subornar... isto é, pagar suas conexões? De acordo com isso, o que o dinheiro estava fazendo com Semyonoviç? Talvez ela tenha sido enganada e Grişa estivesse inventando toda essa história; talvez sua consciência estivesse pesada e ele tinha decidido devolver-lhe o dinheiro. Embora todas essas dúvidas passassem pela mente da jovem na velocidade do raio, o homem esperto à sua frente entendia tudo.

Ele disse:

— Por favor, não se esqueça de que no futuro esse dinheiro será necessário.

Ela desviou o olhar, especialmente dos olhos dele. Ele queria mostrar que não tinha nada para esconder, que obviamente tudo aquilo era normal.

— Seu dinheiro está com Nadejda na Rússia — disse ele.

As coisas estavam ficando confusas para Shura. Ela não estava entendendo mais nada.

— Não me olhe assim. Acho que sei o está pensando — disse Grişa, rindo. — Você está certa. O trabalho não pôde seguir como descrito. O problema é que, como eu disse, seu dinheiro está realmente na Rússia. Quero que fique com esta soma até tudo ser resolvido. Quem sabe algo aconteça comigo. Eu não gostaria que estivesse em apuros se não pudesse me alcançar.

Quando Shura olhou atentamente para o envelope que estava segurando, percebeu que não era o mesmo que entregara. Era um envelope longo e branco, mas com melhor qualidade do que o costumeiro e que foi cuidadosamente selecionado. Shura não estava apenas surpresa com a escolha do café da manhã. Grişa Semyonoviç primeiro a surpreendeu com sua sensualidade e depois com este gesto de confiança.

— Você me surpreende. Muito obrigada. Mas...

— Mas não, Alexandra...

Foi a primeira vez que ele se dirigiu a ela pelo primeiro nome.

— Absolutamente não. Não posso aceitar — disse Shura.

Então, o olhar de Grişa brilhou: — Se me der permissão, quero continuar a surpreendê-la... — ele disse, calmamente.

Shura adivinhou para onde a conversa iria. Seria outro o motivo da reunião? Ela sentia que ainda estava avaliando a possível oferta: aceitaria ela ou não? Quando pensou, sua crença de que essa não era uma boa ideia foi fortalecida. Não sabia o porquê, mas uma voz dizia que esse relacionamento deveria ser apenas amigável. Confiaria ela em sua voz interior? Rejeitá-lo-ia sem ofensa?

Ela respondeu com seu sorriso mais caloroso:

— Acredite, mesmo que essa surpresa seja suficiente e muito agradável para mim. Você parece um homem que precisa se resolver ainda.

Mesmo que não tenha recebido uma resposta positiva à proposta, houve algo de bom em uma parte do que Shura disse.

— É um grande elogio — disse ele.

— Dependendo da pessoa — disse Shura — isso pode ser muito cansativo.

— Então você quer dizer que eu sou mal resolvido e “estou cansada, estou entediada”?

— Não, não. Eu certamente não diria uma coisa dessas. Desde o início você à procura de uma aventura e...

— Significa que você não é uma aventureira — disse ele e continuou: — Como assim, você não é uma aventureira?

— Se soubesse em quantas aventuras já me meti nessa minha pouca idade... — mas Shura engoliu as palavras.

— Por que não pode tentar comigo? — disse Semyonoviç. Ele tinha tanta certeza de que a queria quanto de seu próprio nome. Percebendo a negativa dela expressa em sua linguagem corporal, ele apenas sorriu com um sorriso que aceitava a derrota e disse.

— O homem não deve perseguir com teimosia desnecessária.

Ou seja, mudou de assunto: — Não lhe dei boas notícias esta manhã. Mas acredite, um dia farei você explodir de alegria, darei a notícia que a fará chorar lágrimas de felicidade. Como eu disse uma vez, por favor seja paciente.

O sorriso nos lábios de Shura era atormentado por uma leve dor.

— Quanto tempo levarei para passar do choro à alegria?

— Eu preciso de tempo, você sabe — disse ele.

— Esperarei pacientemente por suas notícias — respondeu Shura.

— Eu as trarei.

Parecia que ele não tinha mais o que falar.

— Muito obrigada por tudo — disse a jovem, entregando-lhe também o dinheiro. — Você é uma pessoa muito legal.

— E você, Alexandra? E você?

Quando Shura se levantou e estendeu a mão, o homem disse:

— Por favor, fique com ele.

Então ele pegou a mão de Shura e colocou em seu próprio peito, segurando-a como se estivesse segurando algo precioso.

Quando eles saíram do café, chovia ainda mais e Grişa levou Shura de baixo de seu guarda-chuva e a colocou em um táxi, depois se inclinou, pegou sua mão e a levou aos lábios.

— Quando precisar de algo, se algo acontecer, pode me ligar.

— Obrigada. Espero que você receba boas notícias novamente.

Eles se despediram com sorrisos amigáveis e ele fechou a porta do táxi.

— Por favor, para a IRFE — disse Shura ao motorista, Rue Duphot, número 10.

Uma chuva torrencial ignorava os limpadores do carro e quase nada era visível lá fora.

Embora a conversa inicial com Grişa tivesse perturbado Shura, depois de ouvir sobre a organização ela sentia uma grande paz interior. Nadejda estava à espera do momento certo na Rússia, é certo que existia perigo na busca por seus entes queridos, mas ela

acreditava estar no caminho certo. Quaisquer que fossem as condições, pelo menos elas estavam vivas. Então seus pensamentos pairaram sobre aquele homem enigmático, Grişa Semyonoviç. Interessante aquele homem. Era misterioso, elegante e agradável. Bonito, intrigante, vivia se arriscando e ainda mantinha sentimentos calorosos.

Shura tinha certeza de que, se eles não tivessem se conhecido nessa situação, e não houvesse um problema sério entre eles, a questão que compartilhavam sobre a Rússia e seus parentes, ela se envolveria com ele nem que fosse para se divertir. Confiava nele e se sentia digna dele. Talvez apenas precisasse se curar do passado. Quando um paciente encontra segurança com a proximidade de seu médico, um sentimento de que encontrou algo especial paira sobre ele. Ela estava confiando em Grişa. Seria ele seu novo médico?

Por outro lado, com seu olhar, seu tom de voz, Grişa tinha deixado sua assinatura nela. Seria uma assinatura forte ou apenas um rabisco que a qualquer momento desapareceria sem deixar vestígios? Shura não sabia.

Quando o táxi chegou à porta da IRFE, Shura, com um riso sedutor, pensava por que não respondera positivamente à oferta do homem. Claro que sua decisão fora a correta. Saiu do carro em paz. Aquele era um novo dia. Nuvens encobriam o céu de Paris, a chuva caía torrencialmente, mas não permitiria que a frustração tomasse conta dela. Ela estava indo para seu amado trabalho. Sua mãe, Ninochka e Katiosha estavam vivas. Ela iria ser paciente. Como Grişa disse, ela esperaria pacientemente.

Agora tinha que se agarrar ao trabalho e trabalhar mais. Havia muitas razões para isso; e também para aproveitar a vida.

Quando saiu do táxi, segurando o chapéu com uma das mãos, correu para a porta. Ela não se renderia às decepções; não perderia as esperanças e não se intimidaria com o medo da solidão.

Ela entrou na porta da IRFE com um sorriso nos lábios.

CAPÍTULO 20

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA RÚSSIA?

O nome da cidade havia mudado mais uma vez. São Petersburgo, a antiga e lendária cidade, fora Petrogrado e agora se chamava Leningrado. A primeira mudança de nome acontecera em 1914. Tal mudança foi consequência do início da Primeira Guerra Mundial, quando Alemanha e Rússia eram inimigas. O objetivo era retirar as influências germânicas do nome da cidade. O nome Petrogrado permaneceu até 1924, quando, em decorrência da morte de Vladimir Lênin, o governo soviético optou por trocar o nome da cidade de Petrogrado para Leningrado. A trajetória da cidade de São Petersburgo no século XX pode ser contada a partir de um evento de 1905 conhecido como Domingo Sangrento. De lá até a data atual, muita tragédia ocorreu e, atualmente, o comando bolchevique optou por cercar a cidade de Leningrado e deixá-la morrer de fome.

No Ocidente, por trás das cortinas, dizia-se que tudo isso estava relacionado à revolução bolchevique. O bolchevismo foi uma corrente política surgida de disputas, de cisões e de fusões. A palavra de ordem era a ditadura do proletariado, definida como a conquista do poder político pelo proletariado. O bolchevismo passou a ser o “mal absoluto” da Rússia, surgido também do gênio (agora demoníaco) de Lênin. Quanto a Stálin e Trotsky, passaram a ser “irmãos inimigos”, filhos legítimos de Lênin e do bolchevismo. Lênin, o semideus venerado durante 62 anos, aparece não como o guia magnânimo da lenda, mas como um tirano cínico, disposto a tudo para tomar o poder e conservá-lo. Lênin é o verdadeiro pai do terror vermelho, a causa do mal.

O partido bolchevista, que tomou o poder em outubro de 1917, em alguns meses recrutara seus membros entre as jovens gerações de operários, camponeses e soldados: a organização clandestina que tinha em janeiro, quando muito, 25 mil membros bolcheviques, contava quase 80 mil quando da conferência de abril de 1917 e 200 mil logo depois.

***

Passos rápidos e palavras ásperas que vinham de baixo da janela onde ficava a cama de Ykaterina Nicholaevna despertaram-na. Até os passos dos bolcheviques ela reconhecia. Anos antes, ouvira esses mesmos passos e vozes em Kislovodsk. De lá para cá essas vozes eram sempre ouvidas, pois os bolcheviques estavam sempre ameaçando, não importando se seus passos eram lentos ou apressados. Naquela noite, os passos estavam muito próximos e vinham de baixo dos degraus inclinados de sua morada. Era assustador. Aquilo era como o prenúncio de que os interrogatórios começariam, depois dos quais sempre ocorriam mudanças, quase sempre execuções.

Há anos Ykaterina Nicholaevna não mais dormia uma noite de sono em paz. Ela havia acabado de dar um cochilo quando foi despertada pelo barulho dos passos e vozes. Completamente esperta, sentou-se na cama e ouviu o som inconfundível do carro deles a algumas casas de distância. Ficou quieta. Pouco depois, eles pareciam estar em outro apartamento do prédio. Escutou os soluços de uma mulher chorando do outro lado do corredor: ouviu

ainda sussurros, como se alguém estivesse delatando outro alguém. Estremeceu.

Nina e Katya dormiam. Ykaterina estava com medo, muito preocupada. Ela também sabia que não havia nada que pudesse fazer. Mas ainda assim o perigo rondava do lado de fora.

Ouviu um grito. Em um instinto de proteção, correu e abraçou Nina, como se quisesse impedir que ela escutasse as vozes. Katya acordou e pulou da cama, abraçando a avó. Na verdade, ela não estava enganada, os passos estavam se aproximando do seu apartamento.

Esperou.

Esperou mais alguns minutos. Nada.

Pensou que eles tivessem desistido ou que o medo a fizera imaginar coisas. Levou a filha e Katya para suas camas e as aconselhou a dormir. Em poucos instantes, estavam dormindo profundamente.

Ykaterina Nicholaevna, cujos pés pisavam o chão frio, apressou-se também para o calor da cama e tentou esquecer a realidade do mundo exterior. Mas, como sempre, não conseguiu conciliar o sono. Levantou-se e abriu a cortina. A rua estava deserta àquela hora da manhã. Foi até a filha e a neta e espionou a cama de solteiro. As duas ainda estavam dormindo, mas Nina estava tendo um pesadelo e gritava. Lentamente, tocou o ombro de Nina e sussurrou em seu ouvido:

— Ninochka... Ninochka...

Nina pulou de repente. Sua voz estava rouca, temerosa.

— Eles vieram? Voltaram?

— Não tenha medo, querida. Talvez eles nem nos procurem. Queria lhe dizer para não ter medo.

— Está bem, mamãe. Não terei.

Nina tinha trinta e três anos, mas Ykaterina a tratava como uma criança e estava muito preocupada com ela, assim como com sua neta amada Katya, de nove anos de idade. Mesmo com sua idade e desenvolvimento corporal, Ninochka era tão vulnerável, ingênua e infantil quanto Katya, sua neta.

Ykaterina Nicholaevna cruzou para o outro lado da cama, estendeu a mão e segurou a mãozinha de Katya, enquanto a outra estava firme junto à de Nina. A pequena Katya continuou a dormir profundamente entre elas. Os ouvidos da mulher mais velha, entretanto, ainda estavam atentos a qualquer movimentação no corredor. Os sons das batidas das portas, os cochichos, os passos...

Quando os bolcheviques invadiram sua casa em Kislovodsk, ela fizera o mesmo. Lembrou-se da noite em que abraçou as filhas. Naquela ocasião, Tinochka e Shurochka ainda estavam com ela. Seus filhos estavam na frente de batalha lutando. Ouviam-se sons de tiros; as chamas iluminando o céu atrás das persianas da janela; os saqueadores bolcheviques encontravam-se à sua porta, ocasião em que os soldados do Exército Vermelho saquearam a sua casa.

Avançaram, fazendo perguntas, humilhando... Mas ela se livrou de todos eles e salvou suas filhas. Deus a amava e a tinha protegido. Ela acreditava nisso. Mas, àquela época, ela não imaginava que a Rússia só pioraria. Quanto horror! Quanto sangue inocente, quanta fome e miséria! Mas elas tinham sobrevivido até agora. A guerra havia acabado e, em tese, a revolução também. Pelo menos supostamente; contudo, era difícil acreditar naquilo,

pois eles, os malditos bolcheviques, ainda faziam o que queriam e impunham sua autoridade sobre todos. Tratavam as pessoas pobres à sua maneira. Elas não tinham nada além de um quarto, alguns metros quadrados para morar. O país inteiro estava desesperado e cheirava a sangue. O governo era tirano. Como essas pobres vítimas sobreviverão ao que lhes for ditado? Sem comida, sem água. Elas estavam cansadas. Eles diziam: “Não temos nada para lhe dar. Deixe-nos em paz. Morra, maldita burguesa, acostumada ao luxo, à mordomia!”

— Morram vocês, malditos — murmurou Ykaterina. E logo tirou a mão da de Nina e apressadamente puxou uma cruz no peito e murmurou uma oração de arrependimento. Eles não levaram tudo dela.

— Muito obrigada, meu Deus. Embora debilitadas, estamos vivas.

Nina estava com ela e Katya também estar com ela era um milagre. Ykaterina Nicholaevna lamentou sua rebelião e mais uma vez tomou sua cruz com mais orações.

De repente, de vários apartamentos do edifício ela ouviu gritos, pedidos de pessoas que imploravam por suas vidas e sons das ordens dos soldados vermelhos. Tremendo, estendeu a mão e pegou novamente a mão de sua filha. Nina segurou a mão da mãe e a beijou com amor. Mesmo quando estava com medo, ficava calada e apoiava a mãe. Nina, naquele instante, estava tentando encorajá-la com amor, o único bem que podia oferecer.

Ykaterina Nicholaevna abraçou a filha e lágrimas escorreram e molharam sua face. Ela beijou os cabelos de Nina e a acariciou. Mas não havia tempo para mostrar emotividade e amor. Sua porta

estava prestes a ser demolida. Ykaterina Nicholaevna segurou Nina com força e disse:

— Fique aqui na cama e durma. Abrace Katya e não a deixe de modo algum.

Ela saiu do quarto sem esperar que os soldados chegassem ao corredor.

Homens da OGPU[22], a maioria jovens, a faixa etária que o levante bolchevique preferia, que agiam impiedosamente, mergulharam dentro de seu apartamento.

— Identidade — um gritou, descomunal. O pior é que Ykaterina sabia que eles não sabiam o que era misericórdia e suas ações eram impossíveis de se prever. No mesmo batalhão, havia aqueles que tratavam todos com mãos de ferro e aqueles que podiam ter algum resquício de respeito pelos mais velhos. Muitos deles viam aquilo como o trabalho deles e era óbvio que se sentiam importantes por massacrar o povo. Sentiam-se diferentes e atiravam nas pessoas sem contar até três.

Ykaterina Nicholaevna já tinha visto cenas de horror em demasia para duvidar de qualquer coisa. Um soldado loiro, com cara de zangado, bateu o calcanhar da bota com força para mostrar que ele era o juiz daquele lugar no momento. Falando com autoridade, abriu a cortina que dava para o quarto e entrou. Ykaterina se jogou na frente dele e, com uma voz suave e calma, disse:

— Por favor — ela pediu. — As crianças estão dormindo. Se quiser as nossas identidades, trarei agora.

— Crianças? Quem estava neste apartamento?

Outro soldado que estava próximo ao outro, encontrou alguma coisa e mostrou ao colega.

— Eu sou Ykaterina Nicholaevna Verjenskaya. Aquelas são minhas filhas Andrenina Dimitriovna Lissenko e Katya... — ela não conseguiu mentir. Não podia citar o sobrenome de Katya. Depois de escapar, seu filho Cola e sua esposa deixaram a neta aos cuidados dela, que tivera seus papéis reorganizados com seu próprio sobrenome.

Os bolcheviques estavam enviando as crianças sem pais para orfanatos e a data de nascimento de Katya não coincidia com a morte de seu marido. Ela nascera após a morte de Zhulien Verzhensky. Não tinha pensado naquilo, mas nunca um oficial a tinha questionado sobre a neta. No entanto, ela não precisava falar precisamente a data da morte de Zhulien. Bastasse saber que era viúva.

No entanto, Ykaterina sabia que tinham sido denunciados. Eles sabiam que Katya era sua neta e não sua filha. No momento em que pensassem que ela não era boa para cuidar da garotinha, a levariam dela. Sabia disso. Por esse motivo, seu coração acelerou. Mas ela tentou parecer o mais calma possível.

— Não há nenhum homem em casa? — perguntou o loiro bolchevique com insistência. Procurava documentos na gaveta, espalhando todos os pertences de Ykaterina pelo chão frio e sujo, devido às botas enlameadas.

Ykaterina respondeu lentamente enquanto pegava seus pertences:

— Não, não.

— Você não tem um homem na família? — o oficial da OGPU insistia. Eles gritavam, intimidavam, insistiam, repetiam, até a pessoa se confundir e se entregar. Faziam de tudo para ela desistir

e entregar alguém, encurralavam-na de todas as formas. Com este método, eles geralmente conseguiam o que queriam. Estavam acostumados com o fato de medrosos confessarem, mas Ykaterina tinha muito a perder e manteve-se aparentemente calma. Por dentro era um vulcão em erupção, mas sua fisionomia não mostrava isso.

— Aonde os homens foram? — o oficial perguntou.

— Há anos nós três vivemos sozinhas. Você tem isso em seus registros. Não temos mais ninguém — disse Ykaterina.

Os bolcheviques já tinham feito muitas incursões a Kislovodsk, pilhagem, tudo com essa atitude de legalidade. Ykaterina tinha apenas uma chance de salvar a si mesma e às meninas: ser agradável e educada, responder às perguntas de forma calma e gentil.

— E seu marido?

— Meu marido está morto.

— Ele estava no exército branco?

— Não, não. Meu esposo não era um soldado. Ele morreu de câncer.

Agora é hora de meus filhos e filhas, pensou Ykaterina. Ao mesmo tempo, ela ouviu gritos de um dos apartamentos vizinhos, onde outra equipe estava investigando. O bolchevique loiro correu de volta para onde as meninas dormiam e acendeu a luz. Nina, assustada, estava com uma das mãos sobre o coração e abraçava Katya. Mantinha os olhos fechados, pois não sabia o que aconteceria se abrisse os olhos. A maioria das pessoas, no lugar de Nina e Katya, começaria a chorar.

No entanto, o homem apagou a luz e saiu do quarto, pois não havia lugar para se procurar um homem naquele minúsculo

aposento. Fora do quarto havia uma mesa de café posta. O soldado olhou para aquela direção. Atrás da mesa, havia uma cortina que separava a pequena sala do local onde Ykaterina guardava suas roupas. Havia uma corda esticada e cabides pendurados, imitando um guarda-roupa. Era um local que não comportaria alguém escondido. Por esse motivo, Ykaterina Nicholaevna viu na sua pobreza extrema uma bênção. Se eles entrassem no apartamento de luxo de Ivanovna, quem sabe o que se passaria? Talvez Ivanovna tivesse fugido com algo precioso que escondera dos homens. Nesses ataques em que os antirrevolucionários são procurados em todo lugar, visível ou invisível, é melhor não ter nada de luxo.

Embora Ykaterina morasse em um local que não era adequado para ninguém se esconder, os bolcheviques estavam atrás de qualquer correspondência com o mundo exterior, com traidores revolucionários. Eles quebravam quadros, junção de gavetas, baús; tudo era arremessado no chão pelos ambiciosos, arrogantes e ásperos soldados do exército vermelho. Na casa de Ykaterina, os colchões foram furados com uma faca e buscas foram feitas. Quando eles pegaram os documentos e saíram do apartamento, Ykaterina Nicholaevna fechou a porta atrás deles o mais silenciosamente possível.

Não queria chamar a atenção deles de volta para si mesma. Ela precisou colocar as costas na porta por um momento e respirar fundo. Agradeceu a Deus por mais esse livramento, por elas terem sobrevivido e não serem agredidas.

Nina sentou-se na cama e esperou por ela.

— O que aconteceu? — ela perguntou. — O que está acontecendo lá em cima?

— Não sei, querida. Não sei. Sei que estamos bem.

— Está bem — a inocente Nina respondeu.

— Vamos lá, você pode voltar a dormir agora. Nós defendemos a nossa vez.

Ela beijou a filha com ternura na testa e voltou para a cama. A manhã estava gelada e ela tremia. Ainda vinham barulhos dos andares superiores do edifício, pois os soldados vermelhos eram incansáveis no causar dor e horror.

De repente, ouviram-se passos pelas escadas e uma pessoa chorando no corredor superior. Então, uma porta bateu bruscamente, depois mais uma. Lentamente, Ykaterina ficou de joelhos na beira da cortina. Ela parecia fora do alcance da visão dos agentes da OGPU. Ela viu um homem sendo levado. Quem era ele? Não sabia, mas obviamente era um de seus vizinhos. A OGPU estava atrás de seus oponentes, mas aquele pobre homem realmente era um revolucionário? Quem saberia...? Talvez fosse um inimigo do regime, talvez não. Talvez fosse apenas alguém que queria um trabalho digno. Talvez um parente tentando assumir uma tarefa, cuja esposa estava tentando obter um secretariado ou um ministério. Quem teria feito a denúncia?

Ykaterina não parava de pensar no pobre homem a caminho, possivelmente, de seu fim. Talvez realmente ele fosse um antirrevolucionário. Mas isso era um crime? A revolução havia derramando uma imensidão de sangue inocente e continuava a derramar, e isso significava que se aquele homem fosse um

antirrevolucionário, era na inocência. Ele era apenas contra algo que estava errado. Como seria punido?

Ykaterina Nicholaevna era incapaz de entender o bolchevismo. Mas não queria pensar mais em dor. Quando o dia terminasse de clarear, ela iria trabalhar na linha de pão e carvão. Precisava acreditar que um dia o mundo voltaria a ser melhor, que um dia ela estaria com todos os seus filhos, como em uma das noites musicais no jardim da casa de Kislovodsk. Precisava dormir para poder sonhar com aquela vida. Forçou-se a sonhar. Embora acordada, sonhou com Tina tocando piano. Com Cola, doce, brincalhão e animado. Pensou em sua pequena Shura, com cabelos loiros, macios como os de um anjo, seus delicados cachos. Sonhava com seus lindos filhos, Pola e Vola... Como eram todos bonitos, saudáveis e cheios de vida! Onde estariam todos agora? Foi tudo tão estranho... Quantos anos se passaram? Nenhum deles havia crescido em sua memória, apenas Nina e Katya, e ela mesma que estava mais velha. Os outros, longe de seu campo de visão, estavam congelados em sua mente: continuavam com as mesmas idades e suas fisionomias eram iguais.

Entretanto, os sonhos apenas machucaram seu coração e lágrimas jorravam e molhavam sua cama sem travesseiro.

Enquanto isso, os bolcheviques deslizavam como morcegos na escuridão à procura de sangue.

CAPÍTULO 21

O SALÃO DE GERTRUDE STEIN

Era o último sábado antes do Natal. Um dia de sol, porém gelado. Era um daqueles dias em que, embora o céu estivesse claro, azul, o solo estava branco, tomado pela neve. Em frente ao número 27 da Rue de Fleurus, carros estavam alinhados em frente ao prédio de dois andares. Era também um dos dias habituais do salão de sábado de Gertrude Stein e ninguém queria ficar de fora desse evento. Uma diferença é que aqueles que vieram daquela vez receberiam convites para o jantar da festa de Natal.

O termo “Salon” foi criado em 1667 pela Academia Francesa de Belas- Artes.

As obras escolhidas para o Salon Carré, no Palácio do Louvre, tiveram seu prenúncio em exposição semelhante. O tempo da academia, uma ou outra das escolhas cada vez mais conservadoras, as tendências inovadoras, tudo partiu de salões semelhantes aos de Gertrude. Em eventos assim, os artistas parisienses tinham oportunidade de exibir suas obras para o público que mais entendia de arte da cidade.

Gertrude e Alice Toklas tinham criado esse espaço, onde se podiam discutir os problemas comuns avançados ligados à arte. Não importava qual fosse o endereço, quem apoiava a organização, o nome desse espaço permanente para exposições permanecia sendo “Salon”.

A casa de Gertrude Stein era uma das mais elegantes de Paris. Até o corredor da casa respirava arte. Todas as paredes possuíam quadros de entusiastas da arte: do chão ao teto, era uma profusão de obras-primas.

Leo Stein foi o primeiro a chegar a Paris em 1902. Era um colecionador e crítico de arte americano. Nasceu em Allegheny City e era o irmão mais velho de Gertrude. Tornou-se um influente promotor de pinturas do século XX. Leo Stein entrou no sangue desta cidade com museus, oficinas de artistas e desistiu de voltar para a América. Gertrude chegou em 1903 e se juntou ao irmão e os dois se fortaleceram. O retorno do dinheiro investido foi rápido: com isso eles ficaram ricos e investiram ainda mais em arte.

As primeiras compras foram exibidas em uma galeria das pinturas de Cézanne, Renoir e Gauguin. Participaram também Pablo Picasso, Henri Matisse e outros pintores radicais modernistas desse período.

Quando foram exibidos naquela época, a maioria do público desacreditava de seus talentos. Muitos desses artistas, que estavam ainda longe de ser famosos, viam o salão dos irmãos Stein como um oásis. Leo e Gertrude investiam nesses jovens artistas. Eles pegavam algumas das pinturas, antes de a tinta secar, como se dizia, e levavam para a exposição. Muitos artistas estavam cansados de lutar sem apoio e totalmente descrentes do sucesso.

De acordo com as notícias, os irmãos Stein tinham investido oito mil dólares em obras de colecionadores. *Os girassóis*, de Gauguin; a pintura dos *três taitianos*; *The Bathers*, uma pintura a óleo do artista francês Paul Cézanne; Renoir, Matisse, as obras de Toulouse-Lautrec, todas estavam penduradas nas paredes da Rue de Fleurus, número 27.

Depois de muito pouco tempo, os dois irmãos, além de Alice Toklas, tinham criado o que era considerado um centro de arte em Paris, um salão sem outro exemplo no mundo. Artistas que eram os

criadores e os pioneiros de novas tendências; colecionadores; intermediários; intelectuais que queriam segui-los; grupos artísticos que aceitaram a revolução pela crítica de arte dos anos de 1900, todos eles enchiam o salão de Gertrude.

Com sua excelente educação, eles eram qualificados em três ou quatro idiomas, e tinham uma vida financeira confortável e amplas visões de mundo; juntos, os Stein, que não acharam a América suficiente para viver, acamparam em Paris e fizeram da França o seu lar.

Quando jovens, eles viajavam com suas babás, suas professoras particulares. Mas não estavam satisfeitos em Viena, onde cresceram; desse modo, escolheram Paris e aí se estabeleceram. Juntos começaram uma tendência que marcaria o mundo da arte de Paris.

Quando Leo decidiu se estabelecer na Itália, em 1914, eles separaram suas coleções. Leo escolheu as obras de Renoir e Picasso. Gertrude, em vez de escolher uma “obra-prima”, adicionou os “geniais” às suas coleções. Gertrude Stein e Alice Toklas começaram a oferecer suas críticas a jovens escritores em Paris, suporte financeiro, um ambiente onde pudessem se juntar escritores e editores. Fez com o mundo da literatura o que havia feito com o mundo da arte. Elas sugeriam os autores para as editoras, organizavam o lançamento e seguiam os escritores como abraçavam os pintores nos quais ela apostara.

Seu fluxo de arte moderna e literatura só crescia. Para descobrir talentos, Gertrude Stein era um gênio. Ela sentia o cheiro do sucesso, isso era certo. Mesmo aqueles que zombavam do estilo literário de Gertrude tinham de reconhecê-la como patrona da

literatura, certificando-se de que o futuro era certo para quem Gertrude Stein aprovava. Todos lhe tinham respeito nessa área e admiravam sua força infinita.

Gertrude Stein acertava. Bastava ver as pinturas em exibição no Stein Hall. Todos os dias, a cada hora, muitas pessoas se reuniam lá. No final, Gertrude declarou o local público aos sábados, salvando os outros dias da semana.

Sendo assim, o salão funcionava todos os sábados à noite, depois que os expositores participavam da reunião geral e os convidados especiais ficavam para o jantar.

Ela organizou um encontro pessoal com o pintor Matisse (Henri-Émile-Benoît Matisse). Os convidados, concorrentes, admiradores podiam lhe fazer perguntas e Henri as respondia; também estava autorizado tirar fotos com ele, o gigante irreligioso, radical e clássico. Eles entravam em discussões cheias de expressões. Era o Salão de Gertrude. A vida era cheia, a criatividade reinava e as pessoas eram livres para pensar, falar e criar.

Após a dispersão da multidão em geral, recomendou-se que os convidados fossem para a sala particular de Gertrude, onde Shura, Lúcia e Boris ficaram admirando as pequenas esculturas em frente à lareira decorada com um vaso de lírios. Os outros convidados incluíam Alice DeLamar, Glen Wescott, Monroe Wheeler, Pablo Picasso, Henri Matisse, Ivan Bunin, Paul Cézanne, F. Scott Fitzgerald, Sinclair Lewis, Renoir e, é claro, a hóspede permanente de Gertrude, Alice Toklas. Agora em um ambiente muito mais íntimo do que antes, eles continuaram a noite.

Shura não se cansava de admirar aquela casa-museu, com as magníficas pinturas penduradas nas paredes. Sentia cada vez mais vontade de explorar a casa, com paredes inteiras com as assinaturas de Pablo Picasso e outra com a assinatura de Matisse. Enquanto olhava para o retrato de Gertrude Stein, que Picasso havia desenhado com suas linhas modernas, Shura pensou em como uma pessoa podia se tornar bonita na tela de um pintor.

— Não é formidável? — perguntou Boris.

— Eu acho maravilhoso. Picasso conseguiu tirar o melhor de Gertrude. Quanta vida ele colocou em seus olhos! — admirou-se Shura. — É como se a pintura estivesse contando a história dela, sua trajetória frente à luta para promover cada pintor, cada escultor. Você consegue ver o mesmo que eu, Boris? — perguntou Shura.

— Sim. Consigo. E quão magra ele a deixou! — e os dois riram da brincadeira de Boris.

— Devo lhes contar uma coisa interessante? — Lúcia sussurrou: — Gertrude posou para esse retrato por cerca de três a quatro meses. Todos os dias ela deixava o conforto de sua casa e ia à oficina de Picasso em Bateau-Lavoir e passava horas lá, imóvel. E o estúdio de Picasso é gelado, sujo, bagunçado, uma pura miséria. Podem imaginar uma coisa dessas? E ainda assim sair bela na pintura? Eu iria sair toda encolhida e muito mal-humorada se o retrato fosse meu — Lúcia soltou uma bela gargalhada e Boris concordou.

Lúcia não fez essa observação em sinal de mexerico e nem porque estava esperando uma resposta, Shura sabia disso. Então Lúcia continuou: — O estúdio é tão frio que um resíduo de chá no fundo da xícara se transforma em gelo. Depois de tudo o que

Gertrude viveu lá, com todas as xícaras de chá geladas, aliás, congeladas, ainda assim a arte compensou. Mas que Gertrude teve que ser forte, uma verdadeira heroína, isso é certo e para isso teve que se esforçar muito — Lúcia sorriu para seus vizinhos e tomou um gole de sua vodca.

— Quem vê um belo quadro não imagina o esforço de quem posou e sobretudo de quem pintou. Porque Picasso também sente frio, como todos nós — disse Shura.

— Com certeza — concordou Boris.

— Dizem que a namorada de Picasso, Fernande Olivier,[23] lê em voz alta as histórias de La Fontaine enquanto o retrato dela está sendo pintado.

Lúcia deve ter pensado que o que ela estava dizendo seria percebido como um conto de fadas, como as histórias de La Fontaine, e imediatamente acrescentou:

— Acredite, tudo o que eu disse é verdade.

— É claro que acredito em você, Lúcia — disse Boris, obviamente se divertindo como era de seu estilo. Boris gentilmente tocou o cotovelo de Shura e depois passou o braço em volta do ombro dela. Shura e Boris continuaram a ouvir sua amiga tagarela pacificamente. Lúcia cumprimentava os transeuntes que passavam pelo grupo deles e, por outro lado, continuava conversando com os dois, aos sussurros.

Um pouco à frente deles estava Pablo Picasso, conversando com Gertrude. Eles disseram:

— Shurochka, estas são as pessoas que mudarão essa cidade, acredite — disse Gertrude, interrompendo a conversa deles com um sorriso. Gertrude Stein tinha se aproximado deles e ria com

aquele doce som do contralto. Tinha uma voz animada e cumprimentava a todos, desejando um Feliz Natal antecipado.

— Estávamos conversando sobre o seu retrato pintado por Picasso — disse Lúcia.

Gertrude virou a cabeça e olhou para a pintura na parede, soltando sua risada suave e agradável, que se espalhou pelo salão.

— Ah! Sim... Quando a pintura chegou, meus amigos que viram meu retrato disseram a Pablo: “Mas essa não é a Gertrude”.

Gertrude não conseguia falar sem rir. — De fato, como sempre se diz pelas minhas costas, ele conseguiu me dar aquilo que eu não tenho — gargalhou. — Mas fiquei feliz por ele me enxergar dessa forma. Como diz aquele ditado, “a beleza está nos olhos de quem vê”, não é isso? Seja como for — Gertrude riu antes de terminar sua narração —, ele me fez muito melhor do que a realidade e só tenho que ser grata. Quem quer ver uma coisa feia estampada na parede?

Foi o suficiente para fazer os outros rirem. Ela continuou:

— Qual vocês acham que foi a resposta de Pablo? O que vocês acham que ele falou? — aqui, novamente ela se interrompeu com um sorriso, aquele fluxo quente que iluminava o salão.

Eles esperaram pela resposta de Gertrude. Ela virou-se para a mesa onde o próprio Picasso estava sentado e depois voltou seu olhar para o reflexo na tela e acrescentou: — Pablo disse que à medida que as pessoas me olhassem na pintura e eu própria o fizesse, tanto as pessoas como eu começaríamos a me achar parecida com o retrato — então ela se virou para olhar para os convidados e perguntou:

— Como? Não sei. Mas ele afirma isso de forma categórica.

Shura olhou para a pintura de Gertrude Stein, feita em 1906, e após vários anos, pois estavam em 1925, percebeu que o genial artista Pablo Picasso havia, de fato, refletido na tela a imagem da poderosa mulher que ela se tornou e seu respeito por sua arte aumentou bastante. A personagem na tela era vista sob o ponto de vista do pintor genial, que pensou lá na frente, como um astrólogo que sabia o segredo de olhar para humanos e desenhar seu futuro. Como o retrato de Picasso que foi concluído em 1906 trazia a identidade da proprietária do retrato de 1925?

Enquanto Shura pensava sobre isso, Alice Toklas chamou por Gertrude. Ela tomou seu lugar ao lado da amante e Shura e todos os outros juntos perceberam como Alice era influente na vida de Gertrude. Todos percebiam que ela tinha um lugar importante. Por trás de Gertrude, Alice, com seu silêncio envergonhado, controlava a vida de sua amante, as relações de amizade e as relações comerciais. Tinha o poder de dirigir e administrar a vida de Gertrude sem objeção. Ser sua namorada não era suficiente para ela. Disciplinada e intransigente, Alice também atuava como uma gerente. Em tudo o que tinha relação com Gertrude, ela era meticulosa, organizada e bem-sucedida.

Naquela noite também, da mesa aos pratos da festa, tudo havia sido preparado por Alice. Mas Gertrude estava de dieta devido ao excesso de peso. Quanto a Alice: era uma mulher pequena e muito fraca.

Mas quem era Gertrude Stein? Era a mais nova dos cinco filhos de um casal judeu de classe média alta, Daniel e Amelia Stein. Seu pai, com o tempo, tornou-se um empresário rico com propriedades imobiliárias. Inglês e alemão eram os idiomas falados

em casa. Aos três anos de idade, Gertrude e a família mudaram-se para Viena, e, depois, Paris. Acompanhados por governantas e tutores, os Stein esforçaram-se para imbuir seus filhos das sensibilidades cultas da história e da vida europeia. Após um ano de permanência no exterior, retornaram para os Estados Unidos em 1879, estabelecendo-se em Oakland, na Califórnia, onde seu pai tornou-se diretor da linha de bondes de São Francisco, a Market Street Railway, em uma época em que o transporte público era uma iniciativa privada.

Como já perceberam, Gertrude tinha o dom de fazer amigos e seu círculo era apreciável: Pablo Picasso, Matisse, Georges Braque, Derain, Juan Gris, Apollinaire, Francis Picabia, Ezra Pound, Ernest Hemingway, James Joyce e muitos outros.

Gertrude Stein cada vez mais se tornaria uma autora genial. Escreveria sua autobiografia com Alice B. Toklas, livro fundamental que retrataria a vanguarda dos anos 1910 a 1930 de Paris. Com estilo muito próprio, a narrativa contava como jovens artistas e escritores, vindos das mais diversas partes do mundo, se encontravam em Paris, onde criaram novos caminhos para a arte. Picasso viera da Catalunha, Joyce da Irlanda, ela própria vinha da América; Nijinsky[24] era russo. Havia vários franceses, como Cocteau,[25] Apollinaire,[26] Matisse. É bom lembrar que, apesar do nome, o livro foi escrito por Gertrude Stein, tendo como porta-voz Alice B. Toklas, sua companheira durante vinte e cinco anos. Compondo um interessante painel das três primeiras décadas deste século: *“Gertrude Stein e o irmão visitavam frequentemente os Matisse, que constantemente retribuíam as visitas. De vez em quando, Madame Matisse convidava-os para almoçar, o que*

acontecia principalmente quando recebia alguma lebre de presente. Lebre estufada feita por Madame Matisse à moda de Perpignan era algo fora do comum. Tinha também vinho de primeira, um pouco pesado, mas excelente". Durante esse tempo, Gertrude Stein e sua companheira Alice viveram no número 27 da Rue de Fleurus. Este endereço se tornaria lendário e um importante ponto de encontro desses "gênios".

Gertrude Stein seria a primeira a pendurar em sua parede pinturas de Juan Gris,[27] Matisse e Picasso. Mais tarde romperia com muitos deles, inclusive com Picasso, por quem manteve grande afeição. Antes, porém, posaria noventa e três vezes para que o artista malaguenho desse por finalizado o seu retrato: *"Mas em nada se parece comigo, Pablo"*, dissera ela. *"Mas certamente vai parecer, Gertrude, certamente..."*, respondeu o pintor. O rompimento dos dois se daria apenas em 1927, por ocasião da morte de Juan Gris. Gertrude acusou Picasso de não ter estimado o pinto o bastante; ele retrucou e os dois tiveram um belo histórico de contendas.

Miss Stein, como era conhecida, adorava fazer provocações. A palavra *gênio* exercia mesmo uma influência considerável em sua vida. Afinal, era uma escritora de estilo bastante peculiar e engenhoso, a inventora da escrita automática. Assim, os intelectuais de seu tempo perguntavam se ela era mesmo gênio ou se não passava de uma impostora. Ela dava o troco: *"Ser gênio exige um tempo medonho, indo de um lugar a outro sem nada fazer"*, ou então: "*um gênio é um gênio, mesmo quando nada faz".*

Com a Primeira Guerra Mundial, Gertrude Stein e Alice viveram sua aventura alistando-se no F.A.F.F., um Fundo de proteção aos americanos que viviam então na Europa, dando folga

a seus embates artísticos e literários: a aventura é narrada na autobiografia. Após a guerra, a vida voltou ao normal, mas tudo já estava transformado para sempre, inclusive — e principalmente — Paris. Não tanto a fachada e a arquitetura da cidade, mas as pessoas e o ritmo de vida.

Já Alice B. Toklas, que nasceu em São Francisco, Califórnia, e foi para Paris, também era uma escritora que fazia parte da vanguarda parisiense. Nascida Alice Babette Toklas, também numa família judia de classe média (seu pai fora um oficial do exército polonês e seu avô paterno um rabino), frequentou escolas em São Francisco e estudou música na Universidade de Washington.

Alice Toklas conheceu Gertrude Stein em Paris em 8 de setembro de 1907, no dia que chegou à cidade vinda de São Francisco, ainda devastada pelos efeitos do sismo de 1906. Junto com o irmão de Gertrude, criaram um salão literário que atraiu vários escritores americanos expatriados, tais como Hemingway, Paul Bowles,[28]Thornton Wilder[29] e Sherwood Anderson,[30] assim como pintores de vanguarda, tais como Braque[31] e os já citados.

Atuando como confidente, amante, cozinheira, secretária, musa, editora, crítica e organizadora de Gertrude Stein, Alice Toklas tornou-se uma figura de bastidores, basicamente vivendo na sombra de Stein, até a publicação, por Gertrude, das memórias *de Toklas em 1933, sob o título* A autobiografia de Alice B. Toklas*.* O livro tornou-se o maior best-seller de Stein*.*

Em 1946, W. G. Rogers[32] escreveu em suas memórias a respeito de Toklas: *“Era um pouco curvada, algo retraída e apagada. Ela não se sentava em uma cadeira, escondia-se atrás dela; não olhava para você, mas por cima de você; ela sempre estava meio*

passo para fora do círculo". James Merrill[33] escreveu que, antes de se encontrar com Toklas, *"sabia de sua pequena estatura, usando sandálias, do bigode, dos olhos",* mas que não antecipara *"o encantamento de sua voz — que era como uma viola ao entardecer".* Alice Toklas e Gertrude Stein permaneceriam juntas até a morte de Stein, em 1946.

Ainda que Gertrude Stein quisesse destinar muito de seu patrimônio a Alice Toklas, inclusive a coleção conjunta de arte (que contava com alguns Picassos), a relação do casal não era legalmente reconhecida. Como muitas das pinturas eram de grande valor, os parentes de Stein logo agiram para se apossar delas, retirando-as da casa de Toklas enquanto ela viajava, pretendendo colocá-las num cofre de banco. Dali em diante, Alice Toklas passaria a depender de ajuda dos amigos, assim como da literatura, para conseguir se manter. Os anos finais de Alice Toklas foram difíceis por causa da saúde debilitada e dos problemas financeiros. Ela se tornou católica na velhice. Morreu na pobreza aos 89 anos e está enterrada junto a Stein no Cemitério Père-Lachaise, em Paris: seu nome está gravado no verso da lápide de Stein. Alice *Toklas* deixou um legado enorme que mais tarde se transformaria em filme, como seu livro *I Love You.*

***

Na casa de Gertrude Stein, Shura era uma amiga assídua. Boris e ela estavam sempre presentes nos encontros de sábado à noite, assim como Lúcia Davidova. Eles se divertiam e brincadeiras com relação a Alice surgiam:

— Ela deve ter ciúme de você com Gertrude.

— O quê? — Shura disse com um sorriso doce. — Sentir ciúmes de mim com Gertrude? Francamente, Lúcia, isso é um absurdo. Você não deve se deixar dominar por essas besteiras.

— Eu afirmo, Shura, Alice Toklas sente ciúmes de qualquer mulher que se aproxima de Gertrude — Lúcia virou as costas ligeiramente para as proprietárias, a fim de evitar ser ouvida.

— Gertrude come carne de cabeça pelos ciúmes e loucura de Alice. Acho que Gertrude gosta dessa versão monopolista — continuou Lúcia.

— Do que vocês estão falando? — eles voltaram para Alice DeLamar. Shura era sensata com relação àquele tipo de assunto e pensou em não revelar para DeLamar, mas Lúcia falava o que lhe vinha à cabeça.

Shura deu um sorriso doce e disse:

— Não era nada importante, querida. Estávamos apenas falando amenidades. Mas Lúcia disse:

— Eu estava dizendo dos ciúmes que Toklas tem de Shura.

Alice DeLamar trocou de mão o cigarro que segurava para afastar a fumaça dos rostos do grupo e disse: — Oh, nunca tinha percebido isso, mas eu soube de uma coisa, ela não tolera Hemingway.

— Não ficarei surpreso se essa relação terminar logo — disse Boris. — Quero dizer, entendam-me, isso pode acontecer se uma mulher sentir um oponente em cada um que se aproxima de seu parceiro ou parceira, não acham?

Alice DeLamar falou: — Marquei uma entrevista para Annette, uma senhora americana que enviei a Paris para conhecer Gertrude.

Ela veio, mas se vocês souberem o que aconteceu... — Alice DeLamar aspirou fundo o cigarro e continuou, depois de soprar a fumaça como um homem: — Annette é uma mulher muito bonita, aliás, estonteante. Para vocês terem uma ideia, quando ela desceu do táxi para me visitar em Nova York, vários carros bateram, pois os motoristas ficam olhando para ela.

— Lembro-me dessa história — disse Lúcia, rindo.

Boris rolou o cigarro entre os lábios e disse: — O que ela fez? Alice a envenenou para ela não ver Gertrude ou para Gertrude não a ver? — perguntou ele e todos riram juntos.

— Annette pretendia ficar um pouco mais em Paris — Alice DeLamar obviamente se divertia muito com a história. — Não foi tão mortal, Boris, mas a questão é que Alice Toklas recebeu Annette e a trouxe para este salão e lhe ofereceu chá... — aqui, olhando para Boris, ela acrescentou uma nota: — Não estava envenenado.

Então continuou sua história: — Enquanto Annette tomava chá, ela estava na ponta do assento oposto, com as mãos nos joelhos, sem falar, medindo Annette da cabeça aos pés. Annette ficou esgotada. Você pode adivinhar como isso drenaria as forças de qualquer um. Naquela hora Gertrude também veio. O que você acha que Toklas fez?

Por um tempo, todos ficaram na expectativa da conclusão da história. Depois de um suspense, Alice DeLamar continuou: — Toklas apagou a luz para que Gertrude não admirasse a beleza de Annette.

Eles não conseguiam se segurar, suas gargalhadas chamaram a atenção dos demais, que se aproximaram do quinteto. Antes

disso, Boris sussurrou: — Se ficarmos no escuro, então, já saberemos o motivo.

Coincidência ou não, Paris toda ficou no escuro naquele momento e as risadas iluminaram o negro salão, cheio de exilados.

CAPÍTULO 22

UM SONHO, UMA ORAÇÃO E UM REENCONTRO

Quando se entra na Avenida Les Ternes, em Paris, depara-se com o Parc Monceau, um dos parques mais aristocráticos da cidade. Foi construído em 1778 quando a região ainda não fazia parte da capital francesa. Em 1861, durante as grandes obras de Haussmann, ele foi reformado e fechado com grades e belas portas de ferro dourado. Quando se sobe, descobre-se a Catedral Alexandre Nevsky, uma catedral ortodoxa russa localizada à Rua Daru, número 12. Foi estabelecida e consagrada em 1861, tornando-se o primeiro local de culto ortodoxo russo na França. Foi construída em parte por meio de uma doação de 200.000 francos do Czar Alexandre II.

Para manter sua importância para a Paris moderna, em 12 de julho de 1918 deu-se o casamento de Pablo Picasso com a bailarina russa Olga Kokhlova nessa catedral, tendo Max Jacob, Jean Cocteau e Guillaume Apollinaire como suas testemunhas.

Shura, sete anos depois do casamento de Picasso, caminhava pela mesma via por onde andejaram Picasso e Olga Kokhlova, sem se sentar em nenhum dos espaços vazios à esquerda ou à direita. Praticamente não havia ninguém na catedral além de alguns idosos sentados como se estivessem enterrados nos bancos pela escuridão da catedral. Ela caminhou até a frente, sentindo o ar gelado em suas narinas. No altar, as velas e incensos emitiam o cheiro tão peculiar às catedrais: o perfume selado da fé creditada às pinturas religiosas dos afrescos daqueles que iam às igrejas para reivindicarem santidade. Via-se também rostos misteriosos que

pareciam dar abrigos, e a expressão da Virgem Maria com sua paciência e sinceridade.

Shura, à espreita nas cúpulas, escutava os murmúrios das orações, as confissões sussurradas. Ela havia se separado completamente de sua essência. Essa era a verdade atual. Mas naquela manhã acordara chorando por causa de um pesadelo que tivera à noite e veio à sua mente que deveria buscar a fé. No pesadelo, sua mãe, Nina e Katya tinham sido arrastadas pelos bolcheviques pelas ruas e praças da Rússia. Algo aterrorizante.

Shura costumava sonhar, aliás, estava afeita a ter esses pesadelos. Neles, sua mãe era interrogada e torturada, enquanto ela própria olhava aterrorizada através de uma porta. Em desespero, ela assistia ao que estava acontecendo e apenas chorava e suas lágrimas eram como sangue. Também via Nina e Katya abraçadas em uma cela imunda, escura e suja. Elas estavam chorando muito e soluçando. Shura acordava com a respiração entrecortada, com todo o corpo suado e estava sempre gritando muito. E depois de acordar, não conseguia mais dormir. Chorava até o dia clarear.

Quando se levantava de manhã, por mais que quisesse e se esforçasse, não conseguia se livrar das imagens e das sensações do pesadelo. Sua influência a impregnava como uma religião. Esse pesadelo agora se repetia todas as noites, motivo pelo qual Shura decidira ir procurar ajuda espiritual.

Ela se sentou na primeira fila da igreja quase vazia. Ficou ali por vários minutos meditando, até decidir pôr-se de joelhos. Juntou as mãos e se ligou em espírito à Virgem Maria. A dor da saudade, da ausência, da perseguição veio sobre ela e Shura pensou que o

mal não teria limite. Chorou e implorou por sua família, pelas demais pessoas que estavam sofrendo perseguições. Milhares de pessoas vivendo na Rússia estavam na miséria, sofrendo todo tipo de dor. Mentalmente, contou à Virgem Maria o sonho tão real que tivera com a mãe, os suspiros, os gritos, os soluços da irmã e da sobrinha. Os gritos de sua mãe na sala de interrogatório ainda ecoavam em seus ouvidos, e ela ainda podia sentir o cheiro de terra queimando. Shura implorou a Deus que protegesse sua família, que protegesse Grişa Semyonoviç e que boas notícias chegassem aos seus ouvidos. Ela estava desesperada por novas notícias da Rússia. Não podia mais suportar viver constantemente com aquela dúvida e esses pesadelos eram reflexos de seus pensamentos durante o dia.

Shura não sabia se Grişa Semyonoviç estava em Paris ou na Rússia. Quando ligou para ele numa madrugada em que acordara desesperada, a ligação não fora concluída. A linha telefônica tinha sido cancelada e o único contato com Semyonoviç tinha sido extinto. Tudo o que Shura queria agora era encontrá-lo e conversar com ele. Aquilo era uma necessidade. A falha na comunicação com Semyonoviç e os pesadelos a tinham levado a se refugiar na catedral para aliviar suas preocupações. De alguma forma, ela fora atraída para aquele lugar. Sentia que ali haveria resposta para suas perguntas. Além disso, precisava estar longe do mundo exterior e entrar naquela atmosfera mística.

O lugar lhe trouxe uma paz diferente. Muitas pessoas iam ali para orar e buscar por uma resposta. Pessoas sofridas que não suportavam mais lidar com suas dores e desesperanças sem a benção divina. Quanto tempo se passou desde que chegou, Shura

não saberia dizer, mas sentia que o desespero que a prendia, motivo pelo qual ela procurara alívio espiritual, havia diminuído.

Após orar e sentir a leveza que a oração traz, Shura se levantou e procurou pela saída. Enquanto permanecera dentro da catedral, uma neve havia começado a cair suave, quase como algodão ao vento. Chegara sem pressa e estava caindo em harmonia. Shura levantou a gola do casaco de pele e ajeitou o cabelo, puxando a chapka russa rapidamente até a testa. Começou a caminhar em direção à rua principal, descendo os degraus à procura de um táxi. Sempre foi difícil encontrar um táxi em Paris. Ela acenou para um, mas seu aceno não foi muito esperançoso. Embora houvesse uma boa margem de tempo para seu desfile na IRFE, Shura jamais gostava de chegar em cima da hora e sempre contava com algum imprevisto.

Olhou para o lado e havia um homem caminhando muito próximo dela. Ela sentiu medo e pensou que seria muito bom entrar no calor e na segurança do seu local de trabalho o mais rápido possível.

Depois de alguns táxis vazios que passaram rápido demais, ela estava prestes a desistir quando um táxi se aproximou e parou. Shura abriu a porta e se jogou dentro dele o mais rápido que pôde.

— Rue Duphot, número10, por favor — informou ao taxista.

— Alexandra Verjenskaya?

Quando Shura voltou o olhar para o motorista, ficou surpresa.

— Gaito Gazdanov! — Shura exclamou. — Desculpe-me, não olhei o seu rosto. Estava desesperada com a neve que caía e um estranho que andava muito perto de mim. Além disso, nenhum

taxista tinha parado — Shura riu: — Mas você parou mesmo assim — ela acrescentou, rapidamente.

— Esse é o meu trabalho. O que eu faria sem parar?

— Não sei quantos táxis passaram antes de você. Mas era como se eu fosse invisível, eles nem me perceberam.

— Perceberam, mas provavelmente estavam indo buscar algum passageiro — explicou Gaito.

— Estou tão feliz em vê-lo! — disse Shura, sorrindo ainda mais, aliviada por um taxista ter parado e por ser Gaito. A presença daquele estranho caminhando tão perto dela a tinha deixado com muito medo. E na última vez em que vira Gaito naquela estação de trem, ficara sabendo que ele era um sem-teto. Encontrara-o da primeira vez em um momento miserável que ela jamais pôde esquecer e estava muito feliz agora, feliz de verdade, sabendo que ele tinha pelo menos um emprego digno.

Enquanto Gaito Gazdanov dirigia, Shura continuou falando:

— Estou muito feliz em vê-lo! — repetiu ela, não percebendo que dissera aquela mesma frase minutos antes.

— Estou muito feliz em vê-la também, Alexandra Verjenskaya. O que estava fazendo na chuva com toda essa neve?

— Estava na Catedral Alexander Nevsky.

— Espero que suas orações se tornem realidade, que sejam atendidas...

— Ah, também espero muito por isso — respondeu Shura e intuitivamente colocou as duas mãos em oração. Shura pensou que deveria voltar à sua vida normal agora. Esperava deixar para trás o motivo de ter ido à catedral, seu pessimismo, a ansiedade pelo amanhã. Ela desviou o assunto dela:

— Há quanto tempo está neste negócio?

— Há pouco tempo. Na verdade, já fui motorista de táxi antes, então podemos dizer que voltei para casa...

Shura não entrou em detalhes, porque ouvira pelo seu irmão o que estava se passando com ele. Ela disse:

— Você sabe, Vola e Cola também estão trabalhando em um táxi, em Nice.

— Que bom! Quando nos encontramos daquela vez, recordo-me de que disse que estava indo vê-los, mas não sabia o que eles estavam fazendo. Como está Vola?

— Está bem... Quero dizer, levando-se em conta tudo o que aconteceu e as atuais circunstâncias, meus irmãos estão bem.

— Sei exatamente o que quer dizer.

— Eles trabalham no mesmo táxi, um trabalha de dia e o outro à noite — explicou Shura.

— Eles já vieram a Paris? Gostaria muito de ver o Vola.

— Infelizmente não pudemos nos encontrar novamente depois da minha ida lá. Eles e suas esposas trabalham muito.

— Minha situação é a mesma. Mas como você é sócia da IRFE, deve ter um bom retorno, não é? Deve ser um bom ambiente de trabalho.

Shura riu com entusiasmo e respondeu:

— Divino, Gaito! Amo o meu trabalho e só tenho a agradecer a Deus por ele, mas não sou sócia, sou uma funcionária.

— Lúcia Davidova me disse que você era dona de lá e que amava seu trabalho — disse Gaito um tanto timidamente.

— Ela tem razão sobre eu amar, mas não sou sócia e nem dona da IRFE. Trabalho lá como empregada do príncipe Félix e da

princesa Irina. Eles é que são donos da marca. Você deve ter entendido errado o que Lucia falou.

Gaito disse com vergonha: — Sinto muito.

Shura riu e fez um gesto como se quisesse dizer “deixa pra lá, não importa” e continuou:

— Não tenho queixas de meu trabalho. Eu realmente o amo.

Depois, pensando no jantar de Natal a ser comemorado na casa de Lucia, disse:

— Tem algum programa para esta noite? — perguntou. Seria divertido e importante se Gaito Gazdanov pudesse passar o Natal com elas. Como ele tivesse ficado em silêncio, Shura continuou:

— Oh, sim, é claro que já tem um programa. Tudo bem, então.

Ele olhou para trás pelo espelho retrovisor, encarou o rosto de Shura, e disse:

— Estou trabalhando.

Shura ficou desapontada:

— Sinto muito — disse ela —, caso contrário eu o convidaria para se juntar a nós.

— Muito obrigado. Você é muito gentil, como sempre, mas não é possível. Ficou decidido há várias semanas que eu trabalharia no Natal.

— Não há alguém com quem possa trocar de lugar por algumas horas? — insistiu Shura.

— Tem. Essa pessoa sou eu — disse Gaito com um sorriso. — A maioria tem família ou amigos. Como não tenho nenhum dos dois, ofereci-me para trocar com eles.

— Compreendo — respondeu Shura. Ela ficou um tanto triste por Gaito não considerá-la uma amiga, mas ele era amigo de seu

irmão e não dela. Dela ele era apenas um conhecido. Mas para Shura, na situação deles, todos os russos brancos deveriam se unir, se apoiar e ser amigos uns dos outros.

Ele estacionou em frente à IRFE. Shura abriu a bolsa e Gaito a interrompeu:

— Não faça isso — ele disse. — Não, Alexandra — ele insistiu quando Shura se mostrou contrária à ideia de não pagá-lo.

— Não posso aceitar, Gaito. É seu trabalho.

— Mesmo que isso seja verdade, você achar que eu lhe cobraria por uma corrida? Não me machuca, por favor.

— Mas Gaito...

Gazdanov saiu do carro, imediatamente abriu a porta de Shura e a ajudou a sair do carro, estendendo-lhe a mão. Shura ainda estava com a bolsa aberta, pensando em como pagar sua dívida sem feri-lo.

— Gaito, não posso aceitar isso.

— O assunto está encerrado, Alexandra — disse ele, muito decidido.

— Muito obrigada. Você me deixou muito envergonhada.

O homem permanecia parado como um herói bonito, posando em uma pintura russa antiga, debaixo da neve que lhe caía nos cabelos e no rosto.

— Então agradeço, meu bom e velho amigo — disse Shura sem tirar a mão da dele.

— Não fiz nada para que você me agradecesse.

— Você pode pensar que sim. No dia em que nos encontramos na estação, o seu calor, o seu carinho para comigo fez toda a

diferença para que aquele dia ficasse marcado em meu coração — disse Shura.

— Eu é que devo agradecer a você o convite para o jantar de Natal — disse ele e Shura percebeu que a voz de Gaito estava meio rouca de emoção. — Este convite foi muito importante para mim... Obrigado, Alexandra Verjenskaya.

Apesar da neve, o rosto de Shura começou a esquentar e a corar. Ela sabia que Gaito podia perceber e puxou lentamente a mão que ainda estava presa à de Gaito.

— Eu que agradeço a sua gentileza. Espero que o veja muito em breve.

— Também espero. Agora entre, ou vai congelar.

Shura saiu sorrindo. Parou na porta da IRFE e voltou correndo para ele.

— Feliz Natal, Gaito Gazdanov!

Gaito estava prestes a entrar no táxi, mas voltou-se animado e apertou a mão dela novamente.

— Feliz Natal, Alexandra Verjenskaya!

Mais uma vez, compartilharam seus desejos de voltar a se encontrar um dia, mas nenhum dos dois perguntou ao outro telefone nem endereço.

Se você pensa que Shura achou estranha essa situação, está enganado. Quando ela entrou na IRFE, foi imediatamente apresentada à cliente que se adiantara em uma hora e já havia provado muitas roupas, pois estava com pressa.

Shura não apenas atendeu àquela cliente, mas outras que chegariam naquele dia em cima da hora. Eram russas ortodoxas e não ortodoxas, que compravam seus vestidos para a cerimônia de

Natal em 25 de dezembro, e para a data de 7 de janeiro, quando o Natal seria comemorado para algumas delas. O dia todo foi de doces emoções. Todos trabalhavam com um prazer diferente: costureiras, arrumadeiras, modelos, com suas belezas e nobrezas quase flutuando, como se tivessem natureza para tal, tamanha a alegria que pairava no lugar.

No dia 25 de dezembro, o dia do Natal de fato, o príncipe Feliz Yusupov fecharia a IRFE por alguns dias. Ele chamou aquilo de um bom feriado de inverno. A princesa Irina, em meados de dezembro, havia levado para o local requintadas decorações de Ano Novo e a IRFE, que já era um espaço caloroso e convidativo, ganhou uma atmosfera de celebração.

O príncipe Yusupov, depois do sucesso da IRFE em Paris, após as férias na cidade da Normandia voltou com a ideia de abrir uma filial em Touquet. O gerente, é claro, seria o Grão-Duque Gavriil, um nobre russo branco, primo da princesa Irina.

O príncipe queria ir para os preparativos de abertura. Além disso, a princesa queria usar travestis como modelos. Quando ele soube disso, ficou surpreso com o estilo de vida excêntrico do lugar e deve ter gostado muito disso.

CAPÍTULO 23

UM NOVO ANO EM PARIS

Shura ficou sentada numa banheira de espuma por um longo tempo. Estava sentindo a complacência de que sentira tanta falta. As melodias que saíam do rádio no corredor, apesar de suas notas melancólicas não lhe causavam nenhuma tristeza. Ela tivera um ótimo Natal naquele ano, o seu próprio Natal, e estava cheia de expectativa pela festa de Ano Novo. O ano de 1925 ficava para trás e, naquela noite, os russos ortodoxos dariam as boas-vindas ao ano de 1926.

Da porta aberta do banheiro, ela olhou para a cama e sorriu, encantada ao ver o vestido que havia provado. Havia uma excitação estranha crescendo nela, como se uma mudança importante em sua vida estivesse para chegar e ela tivesse que estar preparada para recebê-la.

Embora fosse assim desde a infância, quando todos em sua família se vestiam lindamente para festejar um ano novo que chegava, Shura ainda via a data com uma sensação especial.

No último Ano Novo em Kislovodsk, no dia seguinte, sua vida mudara para sempre. Mas, naquela noite, Shura não queria se recordar de coisas tristes. Mandou aquele pensamento para um canto remoto de sua memória e se concentrou nas esperanças trazidas pela inovação, fazendo das celebrações um bálsamo de distração. No ano que se passara, por diversos períodos parecia que ela estava perdendo o entusiasmo, mas agora para 1926 almejava uma vida diferente e sentia que algo muito bom para ela estava a caminho. Os movimentos que conhecia muito bem já tinham começado dentro de sua alma, as asas de pequenas

borboletas no estômago estavam prestes a se mover. Shura podia sentir. Sem saber o porquê, isso a tornou ainda mais alegre. Ela sentia que um presente-surpresa iria chegar a qualquer momento, de onde nunca concebera.

Era uma sensação tão forte que Shura, inclinando-se na borda da banheira, pegou a taça no chão e brindou ao seu futuro. Seus dedos pequenos seguravam a taça de vinho branco e ela sorria de prazer, sentindo seu corpo relaxado na água quente, o sabor seco das uvas espalhando-se pelo palato e de lá tomando todo o seu corpo. Shura estava muito leve e feliz, talvez pelo vestido que usaria naquela noite, talvez porque estivesse de férias e pudesse ir rever os irmãos e cunhadas em Nice, talvez porque sua intuição lhe dissesse que era chegada a sua hora de ser feliz de verdade.

À lembrança dos elogios de Boris, Shura riu de si mesma. Há quanto tempo estava vestindo aquele tipo de roupa? Se ele gostava ou não de seus gostos, pouco lhe importava. Mas a jovem gostava muito de sua admiração e dos seus elogios. Tinha de admitir. Já fazia um tempo que ela, Boris e Lúcia estavam sempre juntos em muitos lugares, e seu interesse e admiração por Shura não era algo que escapasse à percepção de qualquer um. Elogios, convites, uma bebida, único a se permitir a oportunidade de tirá-la para dançar, acompanhá-la em casa, nunca deixando de envolvê-la com o braço em volta dos ombros.

Shura e Boris se conheciam há muito tempo. A aproximação em Paris era natural para qualquer imigrante russo e Shura nunca sentiu nada por ele a não ser amizade. Isto é, até agora. Agora talvez pudesse ser diferente. Será que era isso o que dizia sua voz interior?

Um momento de relaxamento e Shura pensou que seu relacionamento com Boris seria quase uma desgraça. O pensamento de que ele poderia tomar uma direção diferente da dela deu-lhe um frio na mente. Por quê? Por quê? Por quê? Eram tantas perguntas sem respostas que, inconscientemente, Shura tinha suas ressalvas.

Tomou outro gole de vinho. Seria realmente com Boris que ela teria um relacionamento? Com o Bala de sua infância? Que começo diferente ele teria desencadeado? Ela o conhecia desde a infância em Kislovodsk, tal como conhecia Lúcia. Suas famílias estavam sempre se encontrando, pois eram muito próximas. Como crianças, tinham brincado juntos. E estiveram juntos com frequência no último ano em Paris.

Ela e Boris tiveram muitas conversas sozinhos. Mas à primeira vista, seu coração não batia como se fosse sair do peito. Boris não fazia sua cabeça vibrar como se estivesse de ponta-cabeça, não fazia suas bochechas corarem, não se sentia flutuar quando ele estava por perto, tampouco sentia vontade de beijá-lo. Não havia traço desse grande amor que despertavam as borboletas do estômago.

Era impossível não comparar Boris com Seyit, com quem ela sentira cada uma das coisas mencionadas. Será que é porque com Seyit ela era muito jovem? Quem sabe?... Também não amara Alain. Nunca mais sentira aquele amor cego e louco. Shura achava que nunca mais sentiria algo assim tão forte, embora acreditasse que amaria de novo. E ela estava pronta para isso.

A simples constatação daquilo fez uma emoção pulsar seu coração. Talvez pudesse sentir por Boris algum tipo de amor. Enfim,

deixaria toda doce emoção para a noite de celebração da chegada de 1926. Ela se entregaria e desfrutaria de cada minuto daquela noite. O mundo cintilante de Paris...

Shura colocou o vestido, cujos ombros eram um fino e o outro como uma cachoeira, com uma tira mais grossa de um chiffon grudado em um pedaço de tecido, trabalhado nos quadris, que descia assimétrico, envolto em um cinto. Enquanto ajeitava o vestido de seda na frente do espelho, não conseguia parar de olhá-lo e admirá-lo. Prendeu o cabelo com um coque, passou um blush leve no rosto e colocou um colar de pérola. Nada mais era necessário, pois ela trazia um brilho emocionante no rosto e nos olhos que a coloria, deixando-a esplendorosa. Parecia diferente. O corte transversal girando em torno de si, as costas decotadas e o longo pedaço de chiffon voando. Shura estava magnífica e tudo tinha saído exatamente como ela queria naquela noite: o vestido, o cabelo, o olhar... Ela brilhava. Shura colocou os brincos pendentes e uma fileira longa de pulseiras. Quando colocou o xale que Irina lhe dera de presente nos ombros, ficou feliz com a harmonia de tudo e sorriu, feliz.

Estava pegando a bolsa da noite quando pensou ter escutado alguém batendo à porta. Eram oito horas e Boris chegara bem a tempo. Shura colocou um sorriso nos lábios e foi atender a porta. Quando a abriu, o jovem estava com um buquê de rosas vermelhas nas mãos. O cabelo preto estava penteado para trás com brilhantina e os olhos traziam um sorriso que terminava nos lábios. Boris tinha a mania de sempre ter um ar malicioso e Shura não o levava a sério. As maçãs do rosto destacadas num colorido avermelhado

eram as únicas coisas que tornavam sua expressão séria. Assim que vê Shura, ele a elogia:

— Shurochka! Você está de tirar o fôlego... — Boris deu um beijo de leve em sua bochecha quando entrou e entregou as flores para ela. Então a agarrou por uma mão, girou-a e repetiu: — Você está linda! Linda... Está como sempre, na verdade, mas há uma diferença hoje à noite. O que é eu não sei.

Shura deu uma risada acanhada, porém feliz, que refletiu suas emoções. Ela disse:

— Que estranho, querido Bala, também me sinto assim. Algo diferente do que não sinto há muito tempo, mas não sei o que é.

O homem parecia querer segurá-la em seus braços, mas a jovem, com o buquê de flores, afastou-se com um movimento suave.

— Muito obrigada pelas rosas maravilhosas. Vou colocá-las imediatamente na água. Já volto.

Shura seguiu em direção à cozinha para colocar as rosas no vaso, mas perguntou:

— Vamos sair agora ou você quer tomar alguma bebida?

— Eu adoraria, mas Lúcia está lá embaixo esperando no carro.

— Lucia está no carro? Por que não falou? Por que ela não veio?

— Ela quis que eu viesse sozinho — disse Boris de forma enigmática.

— Ah, já estou pronta — Shura deixou o vaso na mesa e correu para o quarto. Colocou o casaco sobre o xale e voltou. Boris a agarrou pelos ombros e olhou nos olhos dela.

— Você não sai da minha cabeça, Shurochka... Assim como aconteceu antes...

— Como? — e Shura se lembrou de que havia decidido aproveitar a noite, mas ainda não estava pronta para se render ao amor.

— Vamos lá — disse ela com um sorriso doce e amigável. — Não vamos deixar Lúcia esperando.

As outras celebrações do ano foram na casa de Lúcia, mas aquela noite seria comemorada no La Closerie des Lilas.

O La Closerie des Lilas, no Boulevard de Montparnasse, bem como muitos outros restaurantes históricos no lado oeste do Sena, era um lugar que os intelectuais procuravam. Dizem que os mais fervorosos defensores do dadaísmo na década de 1920 haviam escolhido o La Closerie des Lilas quase como seu clube desde a primeira abertura, em 1847. Eles se opunham à guerra, à burguesia nacionalista e ao colonialismo.

Para ter um lugar no La Closerie des Lilas seu nome tinha que estar na lista. Ao mesmo tempo, a migração em Paris fez do La Closerie des Lilas o restaurante dos escritores e artistas exilados, que novamente estariam unidos naquela noite. O local estava lotado. Todas as mesas tinham sido reservadas com antecedência.

Shura, Lucia e Boris compartilhariam a mesma mesa. Quando Shura entrou no carro, soube que Lúcia estaria desacompanhada, pois seu marido estava cometendo adultério. Shura já tinha percebido que Lúcia estava aceitando convites sozinha ou com amigas há um tempo. Ela conhecia Lúcia apenas pelo olhar e sabia que a amiga estava tendo problemas com o marido. Sentia-o pela

atitude de Lúcia, pelo seu olhar, pelo que estava pensando em comer. Mas Lúcia estava bem.

Quando chegaram ao La Closerie des Lilas, a melodia que saía das teclas do piano estava relativamente alta. Shura imaginou Valentine no lugar do pianista. Ela era quem tocava durante horas para os clientes nos Rejans em Istambul. Sua irmã deveria ficar cansada e entediada: “Talvez ela nem fosse notada”, pensou Shura olhando para o músico, tentando parecer divertida. “Ninguém para a conversa para olhar para o piano. Apenas olhariam se ele silenciasse a música. Se a música cessasse, ninguém convidaria ninguém para dançar, ouviria o tilintar dos talheres, o riso... Se o pianista parasse de tocar os garçons teriam que pegar a louça mais silenciosamente, e quando a peça terminasse, ninguém se levantaria para aplaudir. Ela aplaudiria.”

Naquela noite, o pianista do La Closerie des Lilas ouviu os aplausos e eles suprimiram as vozes pela primeira vez. Ele ficou surpreso e feliz.

Shura talvez tenha identificado naquele pianista a sua querida Valentine. Antes era uma expressão bem triste, mas após os aplausos a expressão de seu rosto mudou. Mas Shura ficou triste. Boris, que nunca saía do seu lado, imediatamente percebeu isso.

— O que aconteceu? Você está bem? — perguntou, com curiosidade.

— Estou bem, estou bem — Shura se despojou da melancolia em que mergulhara e sorriu: — Apenas me lembrei de Tinochka. O piano me trouxe minha irmã à mente. Sinto tanto a sua falta...

Boris passou o braço em volta do ombro de Shura e disse:

— Venha, aproveite esta noite, Shurochka.

Shura se lembrou de sua promessa a ele e, apesar de tudo, apreciaria aquela noite. Depois de beber no bar, foram para a mesa, onde se juntaram ao grupo Igor Stravinsky, George Balanchine e Serguei Diaghilev e falaram sobre seus contatos e projetos conjuntos. Um dos melhores amigos de Lúcia, Pavel Tchelitchew[34] era uma das figuras mais interessantes do grupo. Pavel havia nascido em uma família importante de Moscou e tinha vinte e sete anos. Trabalhava com Aleksandra Ekster[35] em Kiev, com obras no estilo construtivista e futurista. Então, em 1921, foi para Berlim. Exatamente quando Glenn Wescott, Monroe Wheeler, Gertrude Stein e muitos outros estavam lá, e ele os apresentara à vida boêmia de Berlim. Naqueles anos, Berlim estava de portas abertas para qualquer artista ousado e marginal e Pavel estava vivendo na riqueza tanto quanto Gertrude Stein em Paris. É por isso que este período foi chamado de Golden Times. Teatros, óperas, cabarés trabalhavam, um após o outro, exibindo uma extraordinária riqueza. Eram espetáculos teatrais e todas essas interpretações malucas e marginais. Ele deu oportunidade a Le Coq e Savonarola, encenado pela Ópera de Berlim. A decoração de seus quartos também foi encomendada a Pavel Tchelitchev. Quando Pavel Tchelitchev se mudou para Paris, ele pôde promover sua arte no salão em 1925. Era o nome certo para o lugar certo. A caçadora de talentos Gertrude Stein se apaixonou por uma das pinturas de Tchelitchev e o tomou sob sua proteção a partir daquele dia.

Agora o assunto à mesa era a amizade íntima entre Pavel Tchelitchev e o famoso coreógrafo George Balanchine. A partir daí, começaram a falar da relação rompida de Diaghilev, para quem Balanchine e Vaslav Nijinsky[36] trabalhavam:

— Se Vaslav Nijinsky soubesse que o casamento arruinaria sua vida, casar-se-ia? — perguntou Lúcia para Pavel.

— Vi Romola[37] com Nijinsky em dezenas de lugares. Onde quer que ele estivesse, nos navios, nos hotéis, ela estava...

— Evidente que ela não lhe dava espaço — Lola Kuplenski interveio. Então, sorrindo, continuou:

— Se uma mulher deseja tanto um homem, ele nada poderá fazer senão se entregar a ela.

— Talvez Nijinsky não tivesse rompido com Diaghilev e fosse mais feliz se tivesse tornado seu casamento secreto — disse Lucia. Então acrescentou:

— Não seria?

A resposta era óbvia e ninguém a levou a sério.

— Quem aprovaria que seu marido se casasse com outra pessoa? — perguntou Pavel.

Shura percebeu que naquele momento Lúcia cerrou os dentes. O rosto estava vermelho e os olhos brilhavam de raiva. Ela falou com a intenção de mudar de assunto:

— E o que aconteceu com Nijinsky na garra da esquizofrenia? Ele deve ter sofrido muito: logo ele, o deus do balé. É uma pena que todo esse talento esteja perdido.

Nijinsky era dotado de uma técnica extraordinária. Por isso, foi chamado por muitos de *o deus da dança*, *a oitava maravilha do mundo* e *o Vestris do Norte* (referência ao bailarino francês Auguste Vestris, que revolucionou o balé no início do século XX, conciliando sua técnica com um poder de sedução da plateia: os seus saltos pareciam desafiar a lei da gravidade). Vestris viveu a dança desde muito cedo, pois era filho de bailarinos poloneses, que se

apresentavam em teatros e circos. Dançando nas apresentações de seus pais, atuou desde os quatro anos de idade. Após seu pai ter abandonado a família, mudou-se com a mãe para São Petersburgo. Aos dez anos de idade, iniciou seus estudos de dança na escola de balé do Teatro Imperial. Aos dezoito anos, foi o par da bailarina Anna Pavlova. No ano seguinte, em 1909, viajou para Paris com a companhia de balé de Sergei Diaghilev, com a qual obteve reconhecimento internacional. Como coreógrafo, Nijinsky era considerado ousado e original. O relacionamento com Diaghilev ficou bastante abalado quando Nijinsky se apaixonou pela bailarina Romola e se casou com ela, em 1913, em Buenos Aires. Por uns tempos, foi afastado do grupo, voltando a fazer parte da companhia em 1916, nos Estados Unidos. Em 1919, aos 29 anos, acometido por distúrbio mental (esquizofrenia), abandonou os palcos. A esquizofrenia do bailarino caracterizava-se, sobretudo, pela desordem de pensamento.

— Diaghilev é uma boa pessoa, mas quando quer uma coisa e não pode obtê-la, torna-se muito doloroso — a resposta de Pavel Tchelitchev não justificava as ações de Diaghilev. Mas Shura achou que com essa atitude Pavel estivesse defendendo o homossexualismo, as paixões e os ciúmes do outro.

Boris disse:

— Aconteceu com Diaghilev o mesmo que aconteceu com Tamara Geva. Lembram-se?

Quando Boris perguntou, Shura e Lúcia balançaram a cabeça confirmando e Boris continuou e usou a definição de “extraordinário e déspota” para Diaghilev.

— Ele é Jekyll e Hyde.[38] Ora é um irresistível bondoso e ora é maldoso — disse Boris e continuou: — Não se deve esquecer que por mais Dr. Jekyll ou Mr. Hyde que seja, ele é o que coleta mais talentos no mundo da arte. Une sua loucura e oferece um banquete tremendo.

— Sim — concordou Pavel Tchelitchev. — Exatamente assim. Ele reuniu os maiores, os mais criativos, os mais inovadores pintores, compositores e escritores ao seu redor. Não funciona com nada além das melhores bailarinas e bailarinos. É o mesmo que ter ao lado dele Stravinsky, Balanchine, Satie, Picasso, Leon Bakst, Michael Fokin, Massene, George Baque...

Enquanto ouvia Pavel Tchelitchev, Shura acrescentou:

— Matisse, Giorgio De Chirico.[39]

— Sim, sim. Claro, Chirico me inspira, obrigado — respondeu Pavel.

Pela primeira vez em algum tempo, a voz de Lúcia foi ouvida:

— Claude Debussy, Maurice Ravel, Richard Strauss.

— Sergei Prokofiev — adicionou Lola Kuplinsky.

Boris assumiu o nome do quebra-cabeça:

— Jean Cocteau, André Gide.

— A história de Sergei Diaghilev é divertida, mas estou pensando em comida — Pavel sorriu e Shura ficou satisfeita e aliviada de que Pavel não defendesse o ciúme doentio de Diaghilev pelo casal heterossexual que se apaixonou. Tudo o que foi dito era passado. De fato, a voz enérgica de Lúcia foi ouvida novamente:

— E não vamos esquecer... Coco Chanel. Os figurinos do balé Blue Train, em 1920, foram a colaboração dada por Picasso e Coco,

e foi incrível. “Ele reinventou a Rússia para iniciantes” — disse Coco, sobre Diaghilev.

— Seja o doutor Jekyll ou o Sr. Tchelitchev Hyde, seja o que for, o homem que reinventou a Rússia, não importa o que digam, basta para explicar o que ele realizou. Diaghilev e assim por diante... — disse Boris.

— Se Diaghilev e os afins vissem os russos como nós em Paris, reconheceria apenas os bielorrussos como “imigrantes pobres” — Pavel Tchelitchev colocou um ponto final naquele tópico aquela noite.

Lucia, por outro lado, deve ter concordado que ninguém mais notou que Shura, por algum motivo, mudou a conversa:

— Você está certo, querido Pavel. Conte-nos um pouco sobre seu último trabalho extraordinário. Que místico, que impressionante! — exclamou Shura.

Mas havia outro tópico para Lola adicionar. Ela sussurrou:

— Bem, já ouviu falar de Tamara Geva? — perguntou: — Eles estavam separados ou ele estava prestes a deixar Balanchine...

Desta vez que o nome de Tamara Geva foi mencionado, Shura sabia que o rosto de Lúcia mudaria. Felizmente, graças ao garçom que veio à mesa, a conversa de Lola foi interrompida. O garçom havia trazido os pratos e ela disse:

— Que felicidades! Estou faminta.

E os nomes de Tamara Geva e Balanchine não voltaram às fofocas ou o que todo mundo sabia era o suficiente para todos.

Os sons habituais da noite de La Closerie des Lilas, a melodia do pianista que não recebeu mais aplausos, desapareceu entre os

sons de talheres. Com taças de vinho e sentimentos nostálgicos, repetidamente aplaudidos, a noite tomou outro rumo.

Após a refeição, o grupo pretendia ir à taberna russa. Quando se tratava de Shura, não era fácil convencê-la a esticar a noite. Embora tivesse prometido a si mesma aproveitar a noite, percebeu que não queria multidões e barulho. Queria ir para sua casa ficar com sua música, seu livro e talvez suas cartas.

Quando se despediu e disse que ia embora num táxi, Boris foi atrás dela e disse:

— Vou deixar você em casa.

A respiração do jovem deixou uma brisa estranha, como um beijo no vento, no ouvido de Shura. De repente, ele pensou que poderia insistir que ela se rendesse ao seu espírito embriagado:

— Não há necessidade. Não interrompa a sua noite. Posso ir sozinha — disse Shura, que naquele momento não queria a companhia de Boris.

Mas Boris não podia acreditar no que saíra da boca de Shura. Como ele apreciaria aquela noite sem ela?

Shura percebeu que Boris estava ficando com raiva:

— Eu sei que pode ir sozinha, mas não vou deixar você.

— Por favor... — Shura acrescentou educadamente neste momento para mostrar que não aceitaria um apelo.

Lúcia tomou uma posição ao lado de seu irmão:

— Shurochka, Bala vai levá-la, querida. Depois se juntará a nós. Ele sabe para onde estamos indo.

— Bem, então... Mas não posso deixar você estragar sua diversão.

— Não permitirei que vá embora sozinha, Shurochka — disse Boris, decididamente.

Os dois continuaram por todo o caminho falando sobre tópicos a respeito dos quais estavam conversando no jantar. Quando chegaram em frente ao apartamento de Shura, Boris a levou até a porta com sua bondade habitual. Quando estava prestes a se despedir dele, sentiu que ele tomaria alguma atitude que mudaria a amizade deles. Mas Shura não queria deixar de ser a amiga de infância de Bala. Mas a voz dele se tornou suave, seus olhos cheios de amor. Shura olhou para aquele rosto bonito e atraente, que até a atraía, mas a quem não amava. Disso tinha certeza.

Boris queria uma relação duradoura, queria que ficassem juntos por um longo tempo, mas Shura não via futuro na relação deles. Ela foi capaz de dizer apenas “muito obrigada”. Mas Boris não deixou seu beijo na bochecha daquela vez. Agarrou os ombros de Shura e perguntou, olhando nos olhos dela:

— Não vai me convidar para tomar uma bebida?

Shura riu. Chamar um homem para beber àquela hora? Ela sabia para onde tudo estava se movendo e não queria perder seus amigos íntimos, pois Boris era irmão de Lúcia e se a relação entre eles desse errado, certamente perderia também a amizade de Lúcia.

Talvez fosse um convite extremamente inocente e tudo estaria certo. Mas e se não fosse? Tudo isso passava pela mente de Shura na velocidade da luz.

— Se deseja mesmo uma bebida, posso oferecer uma bebida, é claro.

Logo os copos de conhaque estavam em suas mãos e eles estavam sentados no sofá um de frente para o outro e conversando. Shura colocou Tosca de Puccini no gramofone e a canção irradiou pelo apartamento. As luzes da cidade e da torre Eiffel, por trás da neve que caía, davam à cidade um quê de irreal. O batedor estava piscando na noite de Paris e já passava da meia-noite. Para poder se sentar ao lado de outra pessoa e conversar com um amigo a uma hora daquela era porque ela gostava muito da pessoa.

— Amo sua amizade, Bala — disse Shura.

Boris esticou o braço e acariciou os cabelos dela.

— Eu também. Aprecio sua amizade, Shurochka...

Por um momento, parou indeciso, e depois continuou:

— Podíamos ir um pouco mais longe e mudarmos um pouco...

Shura observou que seu coração estava começando a bater mais rápido. Boris havia chegado ao momento que tanto esperava. Uma voz dentro de Shura lhe disse aquilo. A mão dele segurava a dela e ele a beijava de leve. Os olhos dele brilhavam com esperança. Boris prosseguiu e quis abraçar Shura, inclinou-se sobre os braços da poltrona, mas Shura recuou.

— Não posso — disse ela.

Shura segurou a mão do homem entre as suas e disse: — Bala, querido. E se deixarmos isso com o tempo?

— Para quê? Para nos conhecermos melhor? Há quantos anos já conhecemos um ao outro, Shurochka?

— Sim. Sempre fomos vizinhos, amigos.

— E a amizade não é tão importante para um bom relacionamento? — disse ele.

— Claro, claro. A amizade é muito importante para um bom relacionamento, mas nem todos os bons amigos têm um bom relacionamento nesse sentido.

— Você tem dúvidas sobre nós? — perguntou Boris.

— Não, não tenho dúvidas sobre nós. Tenho dúvidas a respeito do tempo. O tempo muda tudo, Bala.

— Sim... às vezes sim, mas não é sempre que acontece.

— Eu não posso.

— Shura, por favor, fale de uma forma que eu possa entender.

— Estou falando que o tempo divide e leva as nossas vidas para caminhos diferentes daqueles que planejamos para nós.

Boris olhou para ela, esperando que ela se explicasse.

— Nem você nem eu temos uma solução para o que acabamos de viver, de passar, nada foi resolvido. Vivemos um dia de cada vez... com o que viveremos no futuro, não sabemos. Vamos nos estrangular.

— Por quê? Por que devemos nos estrangular? Não apoiaríamos um ao outro?

Enquanto Shura estava conversando com Boris, tentava convencer a si própria a se interessar por ele. Apesar de seus sentimentos calorosos, que era muito bom para ela, como o amaria uma vida inteira? Ela estava começando a perceber que não podia entrar naquela relação, tampouco sair dela tão facilmente. Depois da última frase de Boris, pensou que se ambos permanecessem de mãos dadas, um ajudando a luta do outro, se o fizesse dessa forma será que poderia dar certo?

— É claro que nosso amor requeria apoio. Tenho toda a boa vontade em apoiá-la, Shurochka. Nós deveríamos tentar ficar juntos,

tenho certeza disso.

— Acredite em mim, querido Bala, não daria certo. Isso não está acontecendo conosco — Shura se desesperou e levou as mãos no rosto.

— Você fala como se soubesse que daria errado — disse Boris com um ligeiro sorriso, como se tivesse fé na inexperiência da personalidade ingênua de Shura.

Shura ignorou este comentário e continuou:

— Por exemplo, você daria aulas de tênis por toda a vida? E eu? Serei modelo para sempre?

O jovem mordeu o lábio, com uma atitude relaxada, e respondeu:

— Por que não? Não está satisfeita com seu trabalho? Pensei que estivesse feliz na IRFE.

— Sim, estou feliz. Por hoje... Mas não sei como será daqui a um tempo... Eu vou envelhecer, Bala, e quem quererá uma modelo velha e cheia de rugas, fora de forma? O mundo da moda é ingrato e injusto. Quando você não serve mais para eles, chutam você como um cão sarnento ou coisa pior.

Shura não conseguiu rir de seu desabafo sincero. Mas Boris deu uma risadinha suave.

— O que é tão engraçado? — ela perguntou.

— Não é engraçado, é legal...

— Você é tão doce, querido Bala! Aceita a vida de uma forma mais divertida do que eu.

— Temos outra escolha?

Shura pareceu pensar por um momento:

— Você está certo — ela disse —, está certo para você mesmo. Mas não consigo olhar a vida dessa forma. Sim, estou feliz agora, mas tenho pensado que não poderei fazer isso ao longo da vida. Além disso, como já falei, isso não pode ser feito ao longo da vida de uma mulher. Isso não é uma profissão. Se eu não a largar, ela me deixará alguns anos depois.

— O mesmo vale para o ensino do tênis — disse Boris.

— Não, como modelo é muito pior. Você pode durar um pouco mais.

Eles riram.

— Olha, Bala — disse Shura —, você vê quanto tempo? Estamos nos divertindo juntos. Mas acredite em mim, somos queridos nos dias de hoje e rimos juntos, mas se ficarmos juntos isso nos dará dor de cabeça. Começaremos a perturbar nossa unidade. Você não leva a vida a sério, e eu desejo uma vida pragmática. Começaremos a perturbar um ao outro com nossos argumentos, nossas razões. Vamos estragar a nossa bela amizade. Só haverá ressentimentos depois. Para que perder todas essas belezas, a nossa amizade, as nossas conversas? Para que trocar isso pelo casamento? Não quero perder sua amizade.

— Também não quero perder a sua, é claro. Mas acredito que temos uma chance de fazer dar certo. Acredito que podemos ter sucesso se você me der uma chance, Shurochka.

Shura já argumentara sobre essa relação que ela, de fato, não acreditava que pudesse dar certo. Já errara com Alain e não queria errar de novo. Ela tinha certeza de que não haveria um final feliz para eles, de que a união deles não chegaria a lugar algum, isso porque não era apaixonada por Boris, como nunca fora por Alain.

Até alimentara a ideia em sua mente inconsciente por um longo tempo de se casar com Boris, mas, de repente, foi como se tivesse caído em si: aquilo seria um erro tremendo. Ela estava na iminência de cometer o mesmo engano que cometera com Alain, estava vivendo a mesma situação. Por tanto tempo os elogios de Boris a encantariam? Porque ele sempre fazia suas ofertas com palavras amigáveis. Mas, na verdade, Shura sempre soube que seria errado para eles serem amantes. Não, ela não conseguia listar os motivos da rejeição de maneira tão confortável. Boris era um amigo querido e pronto.

Mas Boris achava que Shura estava pensando em aceitar sua proposta e insistiu em convencê-la a aceitar sua oferta:

— Por favor, arrisque-se, Shurochka. Talvez meu palpite esteja certo. Não será tão difícil quanto você diz. O tempo é intermediário... Eu também não vivo esperando por dificuldades. Quero estar pronto para quando você estiver pronta. Será que não podemos enfrentar os desafios juntos?

— Nossos sonhos e expectativas são diferentes, Bala. Um de nós terá que desistir de seus próprios sonhos ou quebrar os sonhos do outro para fazê-lo feliz.

Era óbvio que Boris estava decepcionado.

— Do que está falando? — perguntou ele —, você está falando tanto que é como se estivesse pensando em uma mudança de vida radical. O que você fará?

— Não — Shura murmurou. — Não vou viver nenhuma mudança por esses dias. Mas quero estar livre para abrigar qualquer mudança de vida que eu desejar. Eu desejo isso.

Boris se aproximou dela um pouco mais e passou o braço em volta dos ombros de Shura, perguntando com uma voz amigável:

— Bem, pelo menos me diga no que está pensando...

Shura riu e Boris continuou: — O que está voando em seus pensamentos, Shurochka?

— Exatamente, há borboletas em meus pensamentos, estão voando... ou meus pensamentos estão voando sozinhos.

— Onde acha que eles pousarão?

— Se eu soubesse...

— Mas como seus pensamentos disseram “não” para o nosso relacionamento, quando tudo era tão incerto?

— Porque, querido Bala, tenho uma forte sensação de que não ficarei em Paris.

— Para aonde você pode ir?

— Não sei, mas um dia, um dia que está se aproximando, sinto que deixarei este país e navegarei novamente.

— Está pensando em voltar para Istambul?

Shura balançou a cabeça.

— Não... não. Istambul foi deixada para trás. Vivi o meu tempo lá e terminei o que havia deixado por lá.

— Como é terminar com uma cidade?

— Isso significa que o que ela fez por mim, Bala, acabou. Vivi em Istambul e não há nada lá mais para mim. Voltar não vai me fazer experimentar uma Istambul diferente da que me resta. Assim como a costa da Crimeia e de Kislovodsk são coisas do passado, Istambul também faz parte da minha vida passada, é uma cidade com uma página virada.

— Então para onde você quer ir daqui para frente?

— Ainda não tenho certeza. Tudo o que sei é que Paris não é minha última parada. Não tenho nenhum sentimento de pertencer a Paris, por mais que eu goste daqui, não me entenda mal. Mas Paris não é o meu lar.

— Por exemplo, se você estivesse escolhendo agora para onde pensaria em ir? — perguntou Boris, cada vez mais intrigado e curioso.

— Depende das oportunidades que vão surgir. Mas a América pode estar chegando.

Boris se mexeu excitado. — O quê? Meu sonho é migrar para a América um dia. Se eu me instalar em um lugar quente, poderei dar aulas de tênis o ano todo. Por exemplo, a Flórida ou a Califórnia.

Shura riu.

— Você viu? — ela disse. — Você não está determinado a se estabelecer ainda.

— Que estranho! Eu tinha pensado, mas como era algo distante, não foi um pensamento que levei a sério. Bem, mas nós dois temos sonhos de ir para a América. Por que não nos casamos e vamos?

— Bala, querido. Como viveremos lá? Isso está apenas em nossos pensamentos e pode ser decepcionante. Não sabemos o que se seguirá. Primeiro porque não podemos conhecer antes de vivermos, não devemos colocar hipotecas sobre o futuro um do outro. Veja, você está falando da Flórida, da Califórnia. Se eu fosse para os Estados Unidos, iria para Nova York.

— Nova York é muito confortável para mim Shura, você sabe. A casa de Lúcia está pronta lá.

— Isso significa que você encontrará aulas de tênis para o ano todo?

— Pelo menos não ficarei entediado e poderia fazer isso até colocar minha vida em ordem. Além disso, os amigos americanos de Lúcia têm um alto padrão de vida e isso nos proporcionará grande comodidade para começar a vida.

Tomando cuidado para não feri-lo, Shura indagou:

— Se você se sente pronto, por que não vai logo para Nova Iorque?

— Mencionei irmos os dois juntos.

— Eu só irei quando estiver em condições.

Boris sabia que não podia convencê-la.

— Então — disse ele —, quero que saiba muito bem que se eu for antes de você, vou esperá-la lá. Encontro-a quando você chegar...

Shura estendeu a mão, tocando os lábios de Boris com as pontas dos dedos, como se quisesse silenciá-lo:

— Bala... por favor... — ela disse — Por favor, não vamos fazer promessas para os tempos distantes.

— Você não pode prometer. Digo que vou esperar por você, Shurochka.

— Bala, você é louco. Não está claro quando irei. É apenas um sentimento, um sonho... é tudo tão nebuloso ainda...

— Mas já que você tem um sonho, não me dará uma chance aqui, pelo menos de eu ter uma esperança?

Shura foi incapaz de rir de sua teimosia infantil.

— Divino, Bala — disse ela —, nunca o vi tão teimoso.

— Amo-a, Shurochka... Eu a amo...

Shura viu a necessidade de esperança nos olhos dele. Ela queria correr dali. Não era capaz de dar a resposta que ele queria agora, que desejava, mas ela teria que cortar suas esperanças, não podia se envolver em um relacionamento em que alguém era deixado para trás e outro enviado. Não era apenas por lógica, aquilo nunca daria certo, pois não havia da parte dela amor a fim de ter a força suficiente para se esforçar em fazer dar certo. Já ele tinha tanta certeza de sua voz interior... Tomar o coração de Boris seria um erro. Quanto tempo ela levaria ainda em Paris? Não podia viver um amor de mentira, mas não sabia como dizer tudo isso a Boris sem ferir seus sentimentos. O motivo de ela permanecer em Paris era sua mãe, a incerteza de que ela, Nina e Katya pudessem sair da Rússia. As notícias poderiam ir e vir em algum lugar sem chegar de fato. Ela não pretendia compartilhar aquilo com ninguém. Guardara aquele segredo com ela até ali e permaneceria assim.

— Eu também o amo, Bala — disse ela suave e sinceramente com certo tom e olhar. — Talvez não da forma como você me ama. Ser amada por você é muito bom. Mas entrar numa aventura, eu e você... Estou determinada a não jogar mais com as pessoas e nem comigo mesma. Não posso entrar nessa relação sem quebrar nossos sonhos. Um dia, talvez, eu possa dizer “sim” para você, mas não agora.

— Então vou esperar por esse dia.

— Por favor, não me prometa nada. O que a vida pode trazer para você na América? Não sabemos. Com quem você vai se deparar e com o quê? Você não sabe dizer hoje, mas nenhum de nós pode prever o futuro. Não feche as portas, querido Bala.

Boris sabia que a jovem estava fugindo de um compromisso. Estava ciente de que ela colocava a hipótese de ele conhecer outra mulher e se apaixonar, mas na verdade ela não o amava com o mesmo amor que ele nutria por ela, e Shura estava à espera de seu amor definitivo.

— Tudo bem — disse ele. — Sem promessas. Somente se os nossos sentimentos forem os mesmos, no dia em que nos encontrarmos de novo, chegaremos a um acordo para tentar a sorte juntos. Está bem para você? — Boris perguntou.

— Está bem. Acordado — Shura sorriu aliviada.

Boris esticou o braço por cima do ombro dela e disse: — Bem, agora pelo menos será que você pode dar um abraço no seu muito bom amigo?

Shura, sorrindo, deixou-se envolver pelos braços de Boris. Ele se moveu um pouco e se aproximou mais dela. A palma da mão dele estava quente sobre os ombros de Shura e o amor fluía dele. Shura prometeu a si mesma apreciar o afeto. Não precisava temer um homem que a amava.

Eles ficaram sentados, olhando a neve que caía no parapeito da janela, assistindo às luzes da torre Eiffel se esvaindo, na medida em que as primeiras luzes de 1926 se despontavam no horizonte.

— Obrigada — disse Shura em um sussurro.

— Por quê?

— Por sua compreensão.

— Acredite em mim, foi muito difícil. Mas eu a amo o suficiente para suportar.

— Pelo menos agora sabemos muito bem que na nossa amizade existe o amor e, se um dia formos por caminhos diferentes,

isso não vai doer — disse Shura.

“Doerá em mim”, pensou Boris, mas se consolou com o sentimento caloroso que Shura lhe dava naquele momento.

Ela deixou a cabeça no ombro de Boris.

CAPÍTULO 24

A LUTA PELA VIDA EM LENINGRADO

Ykaterina Nicholaevna, com Nina e Katya a sua frente, quase prendendo a respiração, entrou pela porta da casa grande, passando por poças de sangue, com Nina segurando um balde e uma vassoura para a limpeza e ela carregando uma bolsa com seus poucos pertences. O barulho das vozes dos soldados era tão alto que impedia que o som dos seus passos ao caminhar fossem ouvidos. Era como se estivessem num pesadelo e flutuassem sobre uma terra desolada.

Katya carregava uma trouxa como uma criança abraça seu brinquedo. Estavam indo para seu novo acampamento. Na bolsa de mão de Ykaterina havia pão, batatas e farinha. Era apenas o que elas tinham para sobreviver por alguns dias.

O novo endereço para o qual foram enviadas pelos líderes da revolução era uma grande casa com sete quartos onde, no passado, vivera uma família outrora muito rica. O quarto que coube a elas ficava no terceiro andar. Lá ficariam ela, Nina e Katya. Ykaterina percebeu que aquele casarão já tivera melhores dias na Rússia. Ela podia adivinhar que futuro seus donos tiveram. De outra forma, o edifício não teria sido tomado pelos bolcheviques: não tinha nada a ver com o modo como seus antigos proprietários usavam-no. Não havia fechaduras na entrada principal ou nas portas dos quartos. O mármore dos pisos e dos degraus estava quebrado e sujo; a maioria dos corrimãos estava faltando. O gesso das paredes havia desaparecido e a cor estava esmaecida: tampouco havia algo de ornamental na construção.

Tudo ali estava negligenciado. A água da chuva e a neve desciam pelo telhado e escorria pelas escadas, havia uma degradação devastadora em todos os andares. Repolho e cebola estavam espalhados pelo chão e o cheiro de alimento deteriorado, junto às fezes e à urina, além da umidade e do mofo, tornavam o edifício pouco habitável. Mas era ali o seu novo “lar”.

Ela e Nina começaram a limpeza. Esfregaram até obter o mínimo de clareza.

Ykaterina e Nina subiam as escadas, cansadas de tanto esfregar o chão e, embora estivessem quietas, as outras portas ainda se abriam e pessoas as encaravam. Muitos olhares curiosos, de pessoas que colocavam suas cabeças para fora e logo depois desapareciam novamente. Pessoas desacostumadas de viver com cada som, cada respiração, tinham vidas desconfortáveis e inimagináveis. Naquele estado de tensão, quando os soldados tinham acabado de deixá-las e partido, até o barulho de uma asa de mosca era alarmante.

Mas o pior aconteceu quando elas retornaram ao terceiro andar. Como não havia fechadura na porta dos apartamentos, qualquer um podia entrar e fazer o que quisesse e a qualquer momento. No entanto, os quartos deveriam, em tese, ser espaços pessoais. Acontecia de soldados aparecerem a qualquer hora da noite e do dia e, por qualquer denúncia, o morador poderia ser exilado. A pessoa, então, tinha que deixar seu quarto pronto para inspeção a qualquer momento. Essas eram as regras: viver constantemente com medo, viver cautelosamente, segurando-se para não entrar em grande desespero. Além dessas visitas inesperadas dos soldados, quando quase sempre ocorriam roubos,

havia os ladrões que moravam ao lado. Afinal, esse era o novo modo de vida animal, isso não era humano, na opinião de Ykaterina era profano.

A pessoa não podia ter mais do que pudesse carregar em suas mãos. Tinha que ser uma pessoa desapegada de tudo, tomar cuidado e esterilizar seu quarto, as prateleiras que pertenciam ao governo, e jamais ter desejo de acumular objetos de valor. Aquilo era um tipo de prisão, embora eles dissessem que não.

Mas, apesar do roubo ser amplamente conhecido, não era suficientemente proibitivo para que a pessoa tivesse vergonha de pegar o que não era dela.

Ykaterina Nicholaevna, conforme avançava para a parte em que elas estavam alojadas, depois de limpar a casa, segundo a ordem dos soldados, viu no corredor do lado de seu quarto algumas batatas, um pão e um par de luvas na porta de um dos quartos. Quando viu a mulher abraçando um bule de chá, imaginou que a inquilina acabara de roubar seu vizinho. Mas não havia nada a fazer. Além disso, ela era nova na casa e não podia se meter na relação daqueles que se estabeleceram lá antes dela. Também não sabia que ordem eles haviam estabelecido. Talvez a mulher apenas pegasse emprestado de seu vizinho, talvez não fosse roubo, ou o vizinho a tinha roubado e ela estava apenas pegando de volta. Tudo era um enigma e Ykaterina fingiu ignorar.

Elas avançaram e chegaram à frente de uma sala dos fundos, que o soldado apontara como seu quarto definitivo. Elas não tiveram a oportunidade de entrar no aposento. A ordem é que cada novo morador deveria fazer a limpeza de toda a área comum do casarão e elas chegaram e começaram a faxina. Ao chegar em frente à

ponta do quarto, um jovem casal, vestido de acordo com o frio lá fora, carregava apressadamente duas malas pequenas e duas maiores. Enquanto passaram por elas, eles saudaram Ykaterina com olhares tímidos.

— Estamos saindo agora — disse o jovem loiro, em tom de desculpas.

— Pedimos desculpas — disse Ykaterina. — Eles disseram que estava vazio.

Ykaterina olhou para a moça, cujos cabelos eram como penugem branca, e sentiu muita pena ao ver seus olhos de um azul-profundo inchados de tanto chorar. A jovem que ainda chorava, e cujas lágrimas escorriam-lhe pelas pálpebras, disse:

— Obrigada. Estamos um pouco atrasados — ela murmurou. — Deram-nos quarenta e oito horas apenas...

— Por favor, não se preocupe. Não precisa se apressar. Podemos negociar. Viemos para a limpeza.

Mas a ansiedade e o medo no olhar do casal não desapareceram. Ykaterina, no entanto, viu um quê de esperança nos olhos do rapaz. Boas abordagens intencionais e compreensão, que tornavam as pessoas confortáveis, era coisa rara na Rússia. Isso era sinal de desobediência ao sistema. O sistema queria identificar aqueles que decifravam o idioma, reclamavam e denunciavam. Esses eram bem vistos. Os misericordiosos, não.

A ideia de que aquilo fosse uma armadilha, pois a benevolência não era mais praticada, aumentou seus medos. O casal se desculpou novamente, levou seus fardos com as cabeças baixas como gado que vai para o matadouro. Aquilo cortou o

coração de Ykaterina, pois ela imaginou que aquela moça poderia ser uma de suas filhas e o rapaz, um de seus filhos.

Nina imediatamente entrou no aposento. Quando a mãe, desculpando-se com o casal, foi atrás para chamá-la, encontrou-a num canto parecido com uma sala com instrumentos musicais. Ykaterina Nicholaevna parou e voltou-se para o jovem casal, que já estava saindo pelo corredor.

Quem sabe por que e para onde estavam indo? Mas para Ykaterina era óbvio que tinham sido expulsos, como ela o fora de seu antigo apartamento e, outrora, de sua amada casa em Kislovodsk. Tão jovem, assim como sua Shura no passado, e ter que suportar tanta dor no começo de sua vida... Ykaterina estava sofrendo por dentro por jovens que não tiveram a chance de viver qualquer beleza a que tivessem direito na vida. Mas havia também duas pessoas sob sua proteção, Nina e Katya, e não havia nada para se fazer contra aquele regime cruel. Quando estava prestes a entrar novamente, percebeu que na porta do vizinho havia uma pequena brecha e que ela estava sendo observada. Parou e ficou olhando, sem ação, quando a porta da vizinha se abriu e ela viu uma mulher de cabelos brancos, encolhida com a claudicação[40] de muitos anos. Como se protegesse seu corpo, ela ficou com a porta entreaberta e depois sussurrou para sua nova vizinha:

— Vasilyevler... Médicos... Nomeados em algum lugar da Sibéria... eles eram... Acho que foram exilados... — disse a idosa, numa tentativa de explicar o jovem casal que havia desocupado o quarto para ela.

Ykaterina cumprimentou a mulher com a cabeça, pediu licença, e lentamente fechou a porta do quarto. Estava preocupada

com Nina sozinha dentro do aposento. Ela tentou fechar a porta. Existiam duas barras deslizantes, enormes e enferrujadas, mas que não funcionavam mais. O lugar era dividido em dois pequenos cômodos, ligados um ao outro por um corredor com um guarda-roupa do lado direito e um do lado esquerdo. Os dois compartimentos obviamente possuíam uma cama que um dia pertencera ao verdadeiro dono da casa.

O médico que saíra havia feito alguma melhoria. No passado, ele ou a família deviam ocupar um local importante naquela sociedade. Pareciam recém-casados: talvez nem fossem casados, talvez fossem irmãos. Mas sendo marido e mulher ou sendo irmãos, tinham recebido um lugar para ficar que, pelo padrão atual da Rússia, seria considerado muito alto.

Ykaterina e Nina limparam os cômodos, trocaram sobretudo a roupa de cama.

Estava muito frio e o aquecedor estava com problemas, sem manutenção das câmaras frias. Também não havia lenha a ser queimada. Leningrado sofria com aquele inverno rigoroso.

No final do corredor havia um banheiro único para todos os que moravam naquele andar, uma pia com os tubos congelados e as paredes imundas. Os ladrilhos de arte, que antes enfeitavam o local, estavam quebrados. As torneiras da banheira esmaltada foram removidas e estavam com vazamento de água. Nicholaevna viu que ela estava completamente enferrujada por dentro, um dos pés de leão de bronze estava quebrado, não era usada há anos e parecia que nunca fora limpa. O banheiro, que obviamente não estava funcionando, perdera completamente a funcionalidade, refletindo o que acontecera com a Rússia. Enquanto olhava com

nojo para aquilo tudo, Ykaterina pensou no grande império chamado “igualdade e justiça” pregado pelo comunismo. A tal igualdade e justiça apenas beneficiava aqueles que comandavam. O restante do povo vivia na miséria, em condições deploráveis de higiene e fome. A maioria da população tinha sido destituída de seus bens e era igualmente pobre. Vivia em meio aos destroços.

Ykaterina não podia compartilhar com Nina e com Katya aqueles pensamentos dolorosos. Não queria assustá-las ainda mais. Guardava para si os pensamentos e seria ridículo passar toda aquela amargura para as meninas. No entanto, o sentimento de repúdio estava estampado em seus olhos, por mais que ela tentasse dissimular, fingindo que aquela vida precária era normal. A fome algum dia seria normal?

Como se quisesse se livrar daqueles pensamentos mórbidos, Ykaterina balançou a cabeça. Tentou encontrar as batatas que havia trazido. Não havia necessidade de procurar muito, pois o local era pequeno e levaram poucas coisas com elas. A casa era relativamente calma, pois estavam em horário comercial. Em alguns quartos, ouviam-se passos leves, como os de alguém muito doente para ir trabalhar ou de alguém muito velho, como sua vizinha.

Quando Ykaterina Nicholaevna entrou na cozinha, encontrou-a como tinha encontrado o banheiro, mas ainda em uma condição mais lamentável. O local e o pouco mobiliário enferrujado estavam com gordura estratificada transbordante. Armários velhos e quebrados com puxadores manchados e gordurosos.

Ela foi em direção ao fogão. Embora soubesse que todos os moradores compartilhavam o local, ainda assim se sentiu como se estivesse entrando em uma cozinha particular. Aquilo teria que ser

limpo. Seus dedos congelavam pela água fria, mas ela não conseguia se manter em um ambiente tão sujo. Depois de ela e Nina, com a ajuda de Katya, conseguirem limpar um pouco aquele local, Ykaterina foi procurar uma cafeteira. Não achou. De repente, ouviu um movimento no canto escuro da cozinha, perto do que parecia ser um armário de alimentos, e ficou assustada. Uma mulher altiva, enorme, com as mãos na cintura, falou:

— Olá, camarada! Você deve ser a novata.

Ykaterina Nicholaevna não se acostumaria com aquelas inovações no tratamento entre as pessoas. Uma dessas era esse tratamento de “camarada” para pessoas que não se conheciam, pois a ideia de igualdade vinha com grosseria. Ela não entendeu por que aquela mulher a tratava com tanta rispidez, já que aquele era um lugar comum aos moradores. Respondeu apenas:

— Olá.

A rude mulher usava um vestido sem forma e um colete quase como um cobertor. Levou seu corpo grande um passo adiante e tirou as mãos da cintura.

— É melhor você não usar este fogão. Já temos morador suficiente aqui, não há espaço para você.

— Mas podemos usar em conjunto... Eles disseram.

— Eles dizem, mas não pode. Eu disse que não e está terminado, camarada.

— Mas como farei a comida das crianças?

— Crianças? — a mulher olhou com desprezo para Nina e depois para Katya. —Faça um fogão improvisado no seu quarto. Não há espaço aqui para você, camarada.

Quando Ykaterina saiu do quarto e foi até a cozinha, também havia levado consigo vários alimentos e itens na mão. Quando saía do lugar e levava seus alimentos, a mulher ocupou o vão por onde Ykaterina passaria.

— Para onde vai com esses alimentos? — perguntou a mulher.

— São meus. Eu os trouxe.

— Largue-os aí mesmo, camarada. Você precisa aprender as regras. Acabou de se mudar, é uma estranha aqui...

— Mas são os únicos alimentos que tenho para minhas...

A mulher se virou e cumprimentou outra mulher que tinha acabado de chegar. Pareciam parentes. A recém-chegada perguntou:

— O que está acontecendo aqui?

— Ela é novata — respondeu a primeira mulher.

— Camarada, qual é o seu nome? — a segunda perguntou.

— Nicholaevna...

A mulher gorda continuou:

— A camarada Nicholaevna acaba de se mudar e expliquei como as coisas funcionam por aqui.

A outra mulher pegou as batatas e os pães da mão de Ykaterina e separou metade para cada uma delas.

Ela disse: — Cozinhe em meia hora — ela disse. A segunda mulher foi para o fogão com as batatas restantes. A outra metade, a outra colocou em uma sacola de pano e colocou na prateleira, acomodando-se novamente na cadeira no canto.

Ykaterina Nicholaevna percebeu que se quisesse usar o fogão tinha que passar pelo sistema de pagamento. Se quisessem

sobreviver, ela e as meninas, teria que se sujeitar a lidar com aquela pobre criatura simples e ignorante.

Ela viu a mulher colocar suas batatas em uma panela de pressão. Quando saiu da cozinha, ouviu que falavam dela em voz alta para que ela escutasse:

— Eles não se misturam com pessoas como nós.

— E eu não sei dessas coisas? — respondeu a outra. Tenho certeza absoluta de que essa mulher aí é uma antirrevolucionária. Vamos ficar atentas, pois é assim que todos temos problemas.

Ykaterina viu que sua vida e a de sua filha e neta podiam acabar a qualquer momento e sem aviso prévio. Ela estava ciente de quão cautelosas elas deveriam ser para viver entre aquelas pessoas. Seu endereço havia mudado, mas as condições de vida eram iguais, talvez piores. Depois disso, até seus pensamentos teriam que ser censurados, pois podiam ser lidos em seu rosto.

Mãe, filha e neta voltaram em silêncio e com fome ao quarto. Katya chorava silenciosamente. Não havia essa de chorar alto, até o choro tinha que ser silencioso. Não havia mais o que comer e Ykaterina decidiu ir ao trabalho de sua sobrinha, Olga Barkasova, embora aquilo fosse muito arriscado.

Olga trabalhava no departamento de arquivo de uma biblioteca. Estava sentada a uma das mesas, abrindo os livros, trabalhando. Era uma mulher ainda jovem, mas, assim que a viu, a expressão séria em seu rosto mudou. Ela sorriu, abraçou e beijou Nina e depois Katya. Parecia feliz em vê-las. Disse, com uma voz sussurrada:

— Tia Ykaterina, seja bem-vinda!

Abraçaram-se e beijaram-se. Havia momentos e pessoas cuja falta eles sentiam. Olga apontou para uma mesa e disse:

— Vamos, deixe-me oferecer uma xícara de chá.

— Obrigada, querida Olga, não quero incomodá-la. Você tem seu próprio fardo pesado para carregar, mas...

— Minha querida tia Ykaterina, como vocês estão?

Ela olhava para Katya e possivelmente via marcas de choro.

— Venha, por favor, descanse um pouco.

— Obrigada, querida Olga.

— O que aconteceu? — Olga sabia que algo tinha acontecido, pois a tia não costumava procurá-la.

— Tiraram-nos de nosso antigo apartamento e nos levaram para uma casa de habitação conjunta. Eu tinha levado alguns alimentos e...

Ykaterina estava muito constrangida de levar mais aquele problema para Olga.

— Amanhã de manhã irei para a fila do chá e irei procurar Tatyana Petrovna e perguntar se posso fazer algo em troca de pão... Tomaram nossos alimentos...

— Eu tenho pão e batata em casa, tia. É melhor deixar as meninas em casa e dar uma passada lá — disse Olga.

— Como você é boa, querida.

— Temos que ajudar uns aos outros, tia, e ter paciência.

— Sim, querida —Ykaterina disse com um sorriso doce.

— Você tem paciência, você sabe. Sou da geração mais velha, acho que somos um pouco diferentes.

— Não, não é toda a sua geração, você é muito diferente. A senhora é um anjo lindo, tia Ykaterina.

Ykaterina Nicholaevna carinhosamente acariciou o ombro da sobrinha e disse:

— Vamos lá, não negligencie seu trabalho. Obrigada pelo chá. Deixarei Katya e Nina no quarto e irei até seu apartamento. Pegarei apenas duas batatas...

— Não, tia. Pegue batatas também para a senhora. Não pode ficar sem comer. Eu sou jovem e aguento...

— Não tirarei suas provisões, minha querida. Posso suportar a fome, mas as crianças não entendem...

Olga colocou um caderno sobre a mesa e começou a andar junto da tia, dizendo: — Deixe-me levá-la até a porta, tia.

Ykaterina gostaria de dizer mais alguma coisa a ela, mas percebeu que Olga estava sendo observada. Então, fez um sinal para as meninas e elas foram andando em direção à saída. Enquanto Nina ajudava Katya a vestir seu casaco puído, elas chegaram à porta. Olga falou em um sussurro:

— Tenho que lhe dizer uma coisa, mas aqui é perigoso.

— O que aconteceu? — Ykaterina Nicholaevna já havia levado a mão ao coração antes de saber o que havia acontecido.

— Acalme-se, tia — disse Olga. — Não consigo pensar em um lugar melhor para conversarmos.

— Cara Olga, se não falar um pouco mais, meu coração vai parar. O que aconteceu, cordeiro?

— A resposta de minha mãe à carta que ela escreveu para Tinoçka — Olga sussurrou.

Ykaterina levou a mão à boca para não gritar e olhou ansiosa para o ambiente. Ela lutou para não cair, seu coração batia com

muita força e ela tremia. Enquanto as lágrimas caíam-lhe dos olhos, ela tirou o lenço da bolsa. Depois de enxugá-las, perguntou:

— Você tem certeza, Olga querida? Não é uma armadilha?

— Não, não é. Obviamente, as cartas foram abertas e verificadas.

Nina estava segurando a mão de Katya e voltou para onde estavam sua mãe e sua prima. Ykaterina Nicholaevna tentou se recompor limpando as lágrimas, mas a empolgação da notícia impediu que sua respiração voltasse ao normal.

— Minha mãe não conseguiu mandar seu endereço para ela porque não tinha certeza. Mas acho que a senhora pode entrar em contato com Tinochka depois disso.

— Ainda não posso acreditar nisso! Está tudo bem com minhas filhas? Há notícias dos meus filhos? — Ykaterina estava ao mesmo tempo empolgada e nervosa.

— Acho que elas estão confortáveis, tanto Tinoçka quanto Shurochka. Minha mãe escreveu os detalhes para a senhora, mas está esperando o endereço para postar a carta. Na verdade, ela estava esperando por sua orientação — Olga pegou um pequeno pedaço de papel do bolso interno da jaqueta e o apertou na palma da mão de Ykaterina.

— A senhora lerá quando voltar para casa — disse ela. — É o endereço de Tinoçka, em Istambul.

Ykaterina sentiu como se abrisse uma cortina mágica que trouxesse seus filhos de volta para ela um a um. Deu de ombros e voltou ao mundo real. Agora, ela queria ir para casa o mais rápido possível para escrever para Tina, Shura e os filhos. Queria escrever uma carta para cada um deles.

— Minha querida Olga, você me deu um presente, e Deus lhe enviará as melhores notícias que você estava esperando.

— Também devo lhe dizer que Tina se casou novamente.

— Tina? Minha Tina se casou de novo?

— Sim, com Alexander Alexandrovich.

Olga viu que Ykaterina parecia um pouco desamparada e deu um beijo na bochecha dela e um sincero sorriso.

— Não se preocupe, tia Ykaterina. Minha mãe e eu estamos felizes por ela. Todos nós gostávamos de nosso querido Kostya, mas ele está morto. Temos certeza de que a pobre Tina tem direito de refazer a vida. A vida é muito dolorosa para uma mulher bonita e sozinha, tia. Ela está certa em arrumar alguém para protegê-la. Deverá estar feliz agora. Todos nós aceitamos seu novo casamento e esperamos por sua felicidade. Enviamos a ela as nossas orações. Não se preocupe, tia.

— Não se preocupe comigo, por favor — disse Ykaterina. Os olhos dela estavam lacrimejando, pois ela pensava em Konstantin. Mas ele havia morrido. Ela balançou a cabeça, como se concordasse com o novo casamento de Valentine. Estava prestes a chorar de novo, mas se dominou e abraçou Olga. Permaneceram assim por um tempo sem falar, depois se despediram.

No caminho de volta para o novo “lar”, Ykaterina tinha em mente apenas rrumar alimento para cada um dos seus e escrever para suas filhas e filhos.

“Oh, meu Deus, obrigada por ouvir minhas orações!”

Suas emoções estavam tumultuadas e ela era incapaz de responder às perguntas de Nina e de Katya. Havia também muita coisa a ser feita, mas, em sua mente, só pensava em suas filhas e

filhos, que eram felizes e viviam em lugares pacíficos. Ela iria escrever para Tina e mandaria cartas para os outros, para que Tina as despachasse para onde quer que fosse. Será que as cartas chegariam com segurança? Será que Tina lhe responderia? Era importante colocar algumas mentiras nas cartas, pois seriam abertas e lidas pelos bolcheviques. Ela também não queria preocupar seus filhos, contando que ela e as meninas passavam fome. Isso não. Até agora nada aconteceu com elas de sério e não havia sentido em perturbá-los. Se algum dia se encontrassem novamente, aí sim, contaria toda a verdade. Ela escreveria palavras que levassem alento e fé.

Ykaterina Nicholaevna sentia o coração cheio de uma extrema emoção. Estava muito cansada, mas contente. Depois de pegar uma metade de um pão e duas batatas na casa de Olga e comer o pão, sentou-se um pouco. Como estava exausta... Ela precisava ser paciente. Andando devagar, elas voltaram para seu novo *lar*. Nina e Katya logo adormeceram. De repente, esqueceu-se de ir à casa de Tatyana Petrovna. Pobres Nina e Katya! O que comeriam no outro dia? O mundo era cruel... Pensou nas filhas e em seu novo genro e um pouco de paz veio disso. Ela sentou e escreveu cartas para Tina, Shura, Pola, Vola e Cola. Depois orou a Deus e agradeceu pelo dia de hoje e sentiu paz. Elas estavam vivas.

CAPÍTULO 25

GRIŞA REAPARECE

Shura era arrastada pelo ritmo frenético de Paris. Mesmo que não quisesse sair, os habitantes daquela cidade não permitiam que se isolasse. Ela, então, era moldada como uma raquete, era inevitável.

Não era mais a filhinha da mamãe que fora um dia em Kislovodsk; nem a amante apaixonada de Moscou; nem a amada de Alushta, nem a Shura insegura de Istambul, tampouco a inexperiente e confusa moça de quando veio para Paris. Ela agora era uma jovem mulher que vivera a solidão profunda e que lutara com afinco e podia sentir o quanto havia se fortalecido. Não importava mais quão incertas eram as preocupações com o futuro, e eram excessivas, ela fingia que estava tudo bem e seguia em frente. Toda dificuldade era passível de ser superada, mais cedo ou mais tarde, Shura passara a acreditar nisso. Sobretudo, confiava em que encontraria um amor na vida.

O ambiente em que Shura vivia há tanto tempo em Paris exigia um modo de vestir elegante e atencioso, um menu refinado quando se visitava e recebia amigos, um bom vinho, fosse qual fosse a casa para a qual fosse convidada ou quando era ela a anfitriã. Shura tinha o cuidado, ao presentear um amigo ou amiga, de escolher um presente com requinte. Entretanto, não poderia ir além de suas possibilidades materiais, mas aprendera boas maneiras e cultura social desde a infância, o que a ajudava a “criar pelo menor valor a melhor qualidade”.

Dessa forma, ela estava vivendo em Paris. Quando sozinha, vivia com muito mais simplicidade, não gastava com despesas

desnecessárias. Com engenhosidade, tinha acesso às roupas mais bonitas e, na moda, ao custo mais econômico possível. Mandava uma costureira copiar os modelos das grifes, mas jamais gastava seu dinheiro suado pagando pela etiqueta. Shura, de todas as formas, encontrava uma maneira de reservar algum dinheiro. Sua mãe e as meninas poderiam escapar da Rússia a qualquer momento e seus irmãos ou Tinoçka poderiam precisar dela. E todos os meses, economizava uma pequena parte do dinheiro para seu projeto de ir para a América.

Shura criara o seu próprio mundinho e, sem abrir mão de ninguém, conseguia viver bem. Estava em harmonia com o ambiente que frequentava. Não se podia dizer que a língua turca era útil em Paris, pois o principal idioma era o francês, do qual ela era uma excelente conhecedora. Desde cedo, havia aprendido francês e inglês. Também conhecia música, seu conhecimento de literatura era muito bom e ela até conseguia se passar por uma intelectual entre os intelectuais. Shura poderia viver uma vida muito rica se quisesse, mas ela não queria esbanjar. Toda prudência era pouca para aquela moça que vivia sozinha num país que não era o dela.

Ela fora convidada para posar especialmente para fotografias para cartões postais e ganhou um bom dinheiro. Isso sem atrapalhar as horas dedicadas à marca IRFE. Por meses, ela ia ao estúdio fazer essas fotos e sentiu o que queria dizer com ser “especial”. Lá ela fez novos amigos em meio aos outros modelos. Era um ambiente diferente do meio intelectual em que vivia e mesmo que eles não dissessem isso na sua cara, supunha que eles a achassem “estúpida”. Mas ela não se importava. Claro, estava naquele trabalho pelo dinheiro. Havia também homens que queriam se

aproximar, acreditando que modelos poderiam ser compradas. Para afastar esses homens, ela virava as costas e nem se dava ao trabalho de ser educada.

Na IRFE, passou a ter problemas com as mulheres que, antes clientes, tornaram-se sócias em potencial da marca. Fora culpada pela rejeição de seus maridos e exigiram que ela deixasse a casa de moda.

Ela deveria ter gritado, mas a marca não tolerava esse tipo de escândalo. Seria uma grande vergonha para os apoiadores. Shura, então, foi empática com seus chefes, já que a situação era tão sensível. Como lidar com isso?

O príncipe e a princesa decidiram dar uma chance a ela. Shura havia aprendido que naquele lugar era necessário ter um noivo ou marido ou dizer que tinha. Os homens casados estavam sempre em busca de uma aventura e ela queria representar um obstáculo ético para eles, porque a estavam perseguindo e seu emprego estava em jogo. Como último recurso, na rota da migração, dizia sofrer de uma doença incurável e ninguém poderia ajudá-la a não ser ela mesma. Havia uma suposta confissão que ela não queria passar adiante.

Sua situação começou a mudar: não houve nenhum reconhecimento e seu patrão foi subitamente honesto. Embora essas situações não ocorressem com muita frequência, as meninas e os homens se divertiam. Shura descobriu que as modelos desta ou daquela casa de moda ganhavam vida com essas conexões. Eles também eram conhecidos por protegê-las. Então, entendeu o que se passava com ela. As “sócias em potencial” da marca, as melhores clientes, pensavam que Shura fizesse o mesmo tipo de programa com seus maridos e começaram a persegui-la.

Depois que Shura descobriu todo o esquema, de forma desesperada procurou uma colega modelo com outra desculpa, e no meio da conversa pediu que ela lhe contasse tudo. Segundo essa colega, um dos aristocratas europeus que tentou a sorte com ela, apenas desistiu no dia em que recebeu a informação de que esta tinha uma doença desconhecida. Somente dessa forma ele desistiu.

— Você pode acreditar, o homem era um barão — contou sua colega. — Ele procurou o príncipe Yusupov e contou que eu estava doente.

— Meu Deus! Não fiquei sabendo de nada — disse Shura.

— Pois é. O príncipe foi discreto e esse assunto foi divertido por alguns dias.

— Está me dizendo que devo falar que tenho uma doença?

— Eu posso soltar, assim como quem não quer nada, na frente delas.

— Mas elas poderão exigir minha demissão. E se pensarem que essa doença é contagiosa? — perguntou Shura.

— Tive uma ideia — disse a outra.

— Qual? — Shura ria, pois via na cara de sua colega que era algo bizarro.

— O que acha de eu dizer que você e Gertrude Stein são...

— Ai, meu Deus! Alice já me detesta com ciúmes de Gertrude. E se essa história vazar?

— Você simplesmente nega. O que mais existe em Paris são fofocas e boatos falsos.

As duas riram e Shura manteve seu trabalho, pelo menos por enquanto.

Sim, Shura vivia uma vida elegante, agradável, mas, para se proteger, precisava criar alguns artifícios. A vida era uma guerra constante. Em casa, ela era ela mesma, mas, na rua, tinha que colocar seu disfarce e lutar muito. Era preciso lidar com pessoas de todos os tipos, mulheres invejosas e homens obscenos. O que será que aquele mundo iria adicionar à sua vida sem engoli-la?

Ao avaliar sua vida, passado e futuro, um sinal orgulhoso de sua identidade acendeu dentro de Shura. Ela estava se perdendo dela mesma? Viver fechando-se a tudo o que era provável? Não se mostrar uma mulher esbelta, delicada e graciosa para não despertar inveja? Fingir ser uma pessoa que não era? Tinha uma casca ao redor de si e essa casca a estava ferindo. Tinha um trabalho que escondia a pérola que ela era dos caçadores. Era como um molusco. Estaria feliz com sua vida? Shura só sabia que estava se preparando para uma grande jornada e que um dia chegaria a hora de partir. Mas ainda não sabia o que o destino havia planejado para ela.

Com a chegada da primavera, chegara novamente o seu aniversário. Shura abraçou aquele momento com a sensação de que algo de bom iria acontecer. Ela sentia que seus pés estavam caminhando e que viria uma inovação gratificante no final. Shura gostava de experimentar a emoção da antecipação.

Lucia continuava insistindo em dar uma festa para ela e Shura se esquivava, dizia que talvez fosse para Nice novamente. Havia planejado isso. Mas, por enquanto, tudo era incerto. Mesmo que ela gostasse da coisa programada, aquela incerteza de alguma forma a agradava. Era como se a surpresa aumentasse a probabilidade de desenvolvimento.

Shura estava prestes a sair de casa para o trabalho e voltou à sala para atender ao telefone.

— Alô — disse Shura.

— Bom dia, Alexandra Verjenskaya.

Shura, de repente, sentiu a respiração parar. Engoliu em seco.

— Grişa Semyonoviç? Que surpresa!

Shura estava feliz com aquela ligação, embora não soubesse o que Grişa traria. Apenas ouvir essa voz ao telefone era o suficiente para excitá-la e fazer seu coração bater como louco.

— Desculpe-me. Faz muito tempo. É que eu não podia ligar — a voz confortável de Grişa repentinamente encheu seu coração de esperanças.

— Estou realmente curiosa. Mas eu não sabia como falar com você, embora tenha ligado várias vezes para o número que você me deu — disse Shura.

— Eu não estava aqui, Alexandra. Cheguei há pouco.

— Seja bem-vindo e que venha com boas notícias!

Enquanto Shura agarrava o aparelho com as duas mãos, sentiu a necessidade de se sentar. Sem dizer nada, continuou a ouvir. Semyonoviç fornecia as informações, certo de seu nervosismo, não alimentando mais sua excitação.

— O procedimento para a saída de Katya está prestes a começar.

Shura não aguentou mais. Ele tentava esconder os soluços. Fechou a boca e engoliu o choro, embora fosse impossível impedir as lágrimas.

Shura se levantou e enviou suas orações a Deus. Grişa permanecia do outro lado da linha, mas se estivesse na frente dela,

ela o teria abraçado e beijado repetidamente. Longe, podia apenas enviar seus sentimentos de gratidão.

Ela foi capaz de dizer:

— Muito obrigada.

O amigo misterioso estava ciente da doce emoção que ela experimentava e, obviamente sorrindo, continuou conversando:

— Posso esperar para você se acalmar antes de continuar a falar. Posso também ligar depois, se quiser relaxar um pouco — disse ele.

— Não, não! Diga-me o que aconteceu e o que acontecerá. Como foi? Como vai ser? Onde? Como isso vai acontecer? Quando ela virá? — Shura estava eufórica.

Grişa, lentamente, disse que não tinha as respostas para todas essas perguntas.

— Não quero deixar você mais curiosa — disse ele.

— Mas Katya sairá da Rússia com o procedimento oficial? Ou numa fuga descontrolada ou algo assim?

— Sim. Exatamente.

— Mas como? Não entendi.

— Depende de você — disse ele.

— O que for preciso!

— Será necessário um convite através das informações da mãe e do pai dela e do desfalque de seu país. Eles estão aqui?

— Sim, estão em Nice.

— Conseguiram a cidadania francesa?

— Acho que não. Você sabe...

— Sim, eu sei, eu sei... Mas eles podem ter essa cidadania?

— Perguntei a eles. O que ambos sabiam era que o governo francês os via como imigrantes. Por enquanto, apenas aloca um documento especial em vermelho aos russos — explicou Shura, muito temerosa em passar informações sobre seus irmãos. Mas ela precisava confiar nele, era sua última esperança de salvar sua mãe, irmã e sobrinha da sangrenta e mortal Rússia.

— No entanto, a cidadania é fácil para famílias com meninos. Afinal, os homens são os soldados franceses do futuro. Além disso, os homens poderão trabalhar virando as rodas das fábricas. Se forem intelectuais, enriquecerão o mundo da arte e da literatura — disse Grişa.

— E se o intelectual for solteiro, sem filhos ou tiver apenas meninas? — perguntou Shura.

— Ele será um apátrida[41]por essa causa, e não poderá tolerar sua existência e seu trabalho. Conversaremos sobre os detalhes pessoalmente. Vou contar a você o passo a passo de Katya. Mas sinto muito por sua mãe e Nina.

— Por favor... Mesmo essa notícia é suficiente para fazer toda a família feliz. O encontro de Katya com a mãe e o pai será uma coisa incrível. Eu estava prestes a cortar minha esperança completamente.

— Eu disse a você para confiar, lembra-se? — disse ele.

Para Shura, a palavra “confiança” realmente não funcionava na antirrevolução.

A organização produzia mercadorias e Grişa simbolizava essa palavra.

— Lembro-me, é claro, e confiei em você, Grişa Semyonoviç. É só porque não confio na Rússia devido ao que aconteceu lá.

— Conversamos mais uma coisa, lembra-se?

— Conversamos? Sobre o quê? — ela perguntou.

— Que quando eu trouxesse boas notícias comemoraríamos juntos.

Shura sentiu que não tinha como escapar dessa vez. Também jantar com Grişa não poderia ser um problema.

— Sim — ela respondeu. — Também me lembro disso.

— Então continuaremos essa conversa no jantar desta noite.

Era tão natural aceitar o convite para jantar com Grişa que Shura disse “com prazer” sem nem pensar.

— Estou muito satisfeito. Às oito e meia está bem para você?

— Está ótimo — disse Shura, embora quisesse dizer: “Você não pode vir mais cedo? Mal posso esperar tanto”. Isso passou pela cabeça dela, mas é claro que ela não diria uma coisa dessas.

— Ótimo. Pegarei você nesse horário. Até logo, Alexandra — ele se despediu.

O que era preciso para Katya deixar a Rússia? Shura estava ansiosa para saber. Estava cansada de esperar. Havia esperado oito anos e meio e não tinha mais o que fazer.

Para Shura o dia foi longo; as horas, compridas; as conversas, entediantes e a estrada, angustiante. O dia não terminava nunca. Ela contava as horas e os minutos para falar com Grişa sobre todos os detalhes. Queria saber exatamente o que estava acontecendo e o que estava para acontecer.

Ela estava ansiosa e angustiada e não podia compartilhar com ninguém ainda. Tinha uma sensação estranha ao se preparar para a noite. Sair para jantar fora com um homem como Grişa era uma coisa diferente para ela. Shura estava morrendo de medo e ciente

disso, da sua fragilidade naquele instante. Por outro lado, tudo teria valido a pena se Cola e Tatiana pudessem ter a filha com eles novamente, a filha que não viam desde a infância. Essa seria uma alegria sentida por toda a família. Quem dera pudesse dividir suas esperanças com eles.

Quando eles se encontraram à noite, Shura percebeu que se sentia confortável mais do que nunca ao lado de Grişa. Mesmo quando as coisas começaram a dar errado, ela manteve a confiança nele. Além de seu relacionamento comercial, eles tinham uma relação amigável.

Dessa vez, Grişa Semyonoviç escolheu o La Dôme Café. Embora o costume do restaurante fosse abrir durante os finais de semana, estava tendo uma de suas noites coloridas bem no meio dela. Depois de se sentarem e pedirem uma bebida, Semyonoviç, bebendo um gole, entrou no assunto sem perder tempo:

— Agora — disse ele —, a primeira coisa a fazer é ver os pais de Katya e preparar os documentos provando que eles são os pais dela. Vou apresentar isso à embaixada, que será acompanhado por um veterano. Seria melhor se eles conseguissem a cidadania francesa, mas vamos dar a entrada sejam quais forem as nossas possibilidades.

Shura ficou animada:

— Então?

— A saída mais fácil é através da Alemanha. Você tem um parente na Alemanha?

— Meu irmão mais velho, Pentelêmona Dimitrievich Lissenko, o Pola, mora em Koenisberg com a esposa.

— Prússia? Isso é ótimo, Alexandra! Isso é ótimo! Então, se o convite partir de seu irmão na Prússia, creio que tudo se sairá bem, vamos adicioná-lo aos outros formulários. Isso vai ser muito bom. Informe a sua mãe que os formulários chegarão à Rússia. O período que será dado, o tempo que precisa para ser ativado, no entanto, não tenho como afirmar. Você não deve ter expectativas de prazo, pois tudo é demorado na Rússia. Eles não informam datas. As intenções são águias, o poder voa.

— Sim, sim. Este é o lugar exato e o momento para o nosso provérbio — disse Shura. — Mas pela sua experiência, sem me causar qualquer expectativa, para quando podemos esperar na melhor das hipóteses?

— Alguns meses... um ano, dois anos... não sei. Eles podem encontrar uma desculpa e paralisar o processo. Enquanto a Rússia viver a política do Partido Comunista a direção não muda e se mudar é sempre para pior, não podemos saber, não há nada a fazer. Eles podem fechar todas as saídas. Podem também dar uma permissão de saída para sua mãe e irmã. Tudo é possível.

— Minha mãe não vai querer arriscar a sorte de Katya com uma petição assim. Essa é a verdade — disse Shura. — Ou sairão as três juntas ou ninguém.

— Se você for escrever cartas, por enquanto não coloque essas questões no papel e mantenha uma cópia de todos os documentos enviados para Ykaterina. Eu recomendo.

— Compreendo.

— Então devemos beber e brindar em homenagem aos belos dias? — perguntou ele, otimista.

Por enquanto eles estão apenas tocando suas taças de vinho tentando reunir a família Shura. Mas ela olhava com gratidão para o homem que estava sendo o instrumento desse encontro.

E, depois de dar um gole:

— Está indecisa. Não é? — perguntou ele sem tirar os olhos de Shura.

— Em relação a quê?

— Em relação a mim.

Shura entendeu muito bem o que ele quis dizer. Olhou para ele, mas escondeu seus pensamentos. No entanto, Grişa havia trabalhado bem até ali.

— Como eu poderia estar indecisa com relação a você? Se estamos falando sobre a confiança na chegada de Katya...

Grişa riu e seus olhos negros queimavam com algo a mais. Ele disse:

— Não é disso que estou falando e você sabe muito bem. Sei que você confia em meu trabalho para tirar sua família da Rússia. Caso contrário, não estaríamos aqui. Trata-se de mim. Você está indecisa quanto a querer estar perto de mim.

Shura achava difícil falar com ele. Estava ciente disso. Mas o olhar de Grişa criou a necessidade de dizer a verdade.

— Caro, Grişa Semyonoviç — começou Shura, pensando que se protegeria com esse apelo amigável e meio formal. Estou o mais perto possível de você agora. Comemos e bebemos vinho.

— Mas se pensarmos em um relacionamento mais próximo do que isso?

— Grişa, eu nem o conheço. Não sei nada sobre você, de onde veio, onde morou, aonde vai. No que trabalha? Você sabe

praticamente tudo sobre mim, mas é um mistério para mim.

— E você quer me conhecer, Alexandra? Saber essas respostas?

— Não... não quero saber. Não se preocupe. Seja qual for o seu trabalho, você entende que isso requer privacidade. E não tenho curiosidade quanto ao resto.

Grişa ficou um pouco surpreso com esta resposta.

— Estou surpreso. A curiosidade não é uma característica feminina típica? — perguntou, sorrindo.

Shura o acompanhou com um sorriso. O jovem acrescentou:

— Talvez não seja apenas curiosidade. Talvez eu seja irrelevante para você.

— Tenho que ser curiosa primeiro para me interessar?

É certo que Grişa estava se divertindo com o jogo de palavras entre eles. Seus olhos tinham um brilho agradável e nos seus lábios havia um riso sensual.

— Qual é a sua curiosidade, então? — ele perguntou.

— Coisas que me interessam.

Grişa não conseguiu conter a risada.

— Está bem, está bem. Desisto. Não posso lidar com Alexandra Verjenskaya. Você é realmente linda e esperta e sabe do meu interesse por você — aproximou seu corpo para perto do dela na mesa, inclinando-se, e sussurrou como se compartilhasse seu segredo:

— O quê? — perguntou Shura.

— Eu disse, desde o início, que estou interessado, e você me pergunta o quê?

Então acrescentou, sério:

— Posso lhe dar as respostas para todas essas perguntas. Talvez nem tudo, mas parte disso. Podemos ficar juntos, então?

Shura também estava ciente de que era hora de falar com ele com mais seriedade.

— Grişa, não pergunto nada que não me seja dito. Não que eu não precise das respostas e não as queira, mas por causa do respeito à pessoa na minha frente.

Mas o mistério em particular era mais do que ele compartilhar as coisas com ela, ter um relacionamento mais próximo com um homem não era o que Shura queria naquele momento.

— À medida que nosso relacionamento avança, sinto-me mais confortável com você. Tenho certeza de querer compartilhar minha vida com você, Alexandra. Exceto algumas outras coisas, é claro...

— Vivemos em mundos separados, Grişa. Sua liberdade está em uma vida complexa e secreta. Da mesma forma, a minha é simples e transparente.

— Não existem mistérios, segredos, coisas que você não compartilhou com ninguém?

— Não acho que exista algo muito complicado nessa minha nova vida. Só porque não contei a respeito do nosso acordo com ninguém... Pode haver lembranças ou emoções...

— Mas se eu estivesse curioso com alguma coisa, por exemplo, você me diria?

Shura riu.

— O que você está se perguntando? Acredite em mim. Não tive uma vida tão colorida e secreta aqui em Paris.

Uma expressão séria nos olhos de Grişa é um sorriso nos lábios de Shura.

— Por exemplo — disse Grişa. — Como você foi de Kislovodsk para a Crimeia e onde ficou na Crimeia? Pode me dizer?

Shura tentou responder calmamente, mas prendeu a respiração.

— Eu não era muito diferente de centenas de milhares de bielorrussos. Não posso dizer que tenha sido muito original. Mas foi especial para mim. Significou muito...

— Mas se eu disser que estou especialmente curioso sobre algo?

Shura ganhou tempo a pretexto de tomar um gole de vinho. Ela tentou pensar. Era estranho olhar para os olhos cor de carvão de Grişa. Ele era um homem bonito à luz das luzes da noite: um rosto quadrado, uma imagem tão bela quanto a de uma estátua. Ele não esperou Shura falar e continuou:

— E se eu perguntar a respeito de sua vida em Alushta, em Sinop, em Istambul?

Shura, de repente, sentiu como se todos os seus músculos estivessem congelados, como se o sangue tivesse sido retirado de suas veias. A taça que ela estava prestes a colocar sobre a mesa ficou no ar por um momento. O último gole de vinho estava em sua língua e ela quase se engasgou com ele. Sentiu como se seu coração estivesse batendo nos ouvidos. Ela engoliu lentamente. Shura sabia que o homem à sua frente a estava lendo como a um livro aberto. O busto de um belo hino da antiguidade havia sido drenado.

Ela leu sua mente, leu seu coração com olhos cansados, olhando através do tempo. Virou o álbum de suas memórias página

por página, assistindo às fotos. Não tinha desculpas para o homem sentado à sua frente. Agora estava ciente dele. Ela se sentiu nua.

— Acho, Grişa Semyonoviç, que você não tem que me perguntar nada. Tenho certeza de que você sabe de tudo, talvez saiba mais sobre mim que eu mesma.

Sua voz era tão fria e desconfortável que chamou a atenção do outro.

— Sinto muito — disse ele. E sentia mesmo. — Por favor, me perdoe.

Mesmo Shura não tendo terminado a comida no prato, colocou a faca ao lado do garfo à espera do garçom para recolhê-lo. Estava muito triste. Grişa respondeu também com tristeza:

— Eu apenas queria lembrá-la de seus mistérios — disse ele. — Por favor, me perdoe.

— Veja, Grişa, você não precisa me explicar nada, tampouco me fazer qualquer pergunta. Toda a informação que você precisa sobre mim, tenho certeza absoluta de que já a tem. Eu, por outro lado, sei apenas o que me disse. Se foi verdade ou não, resta-me acreditar ou não.

— Tudo bem então. Não tentarei convencê-la nem prendê-la a mim.

Então ele olhou para o rosto de Shura com uma expressão pensativa e disse em um tom cheio de desculpas:

— Alexandra, quero que saiba que nunca vou machucá-la, antes vou protegê-la sempre que você precisar.

— Obrigada.

Shura relaxou um pouco.

— Bem, pode me dizer, você e eu... esta é a minha pergunta... por que você diz que não somos adequados?

Shura estava tão surpresa que respondeu sem pensar.

— Nadejda.

Grişa começou a rir com espanto: — Nadejda? Nadejda significa...

Ela estava rindo tão agradável e suavemente, como a pequena Shura de sempre, que a tensão que eles sentiam se esvaiu.

— Por que riu tanto? — a jovem perguntou. — Veja bem, você está escondendo Nadejda também.

— De fato?

— Sim. Não me interprete mal, somos apenas muito bons amigos agora. Como você adivinhou?

— Eu não tinha adivinhado nada. Pensei que vocês pudessem se entender, ser mais do que amigos... Além disso, não conheço mais ninguém ao seu redor. Exceto nosso amigo de Billancourt que nos apresentou.

— Parabéns para você. Você viu o passado, não o futuro, mas é ainda mais difícil.

O esforço de Grişa funcionou. Shura sentiu-se aliviada. Quando a noite terminou e ela voltou para casa, sentia-se entranha. Embora Grişa conhecesse sua própria história, ela não deveria estar errada sobre ele. Esse era o seu trabalho. Que importância tinha a família dele? Certamente lhe era usual aprender a história de alguém que ele quer tirar da Rússia.

Shura frequentemente sofria com suas preocupações e havia encontrado um motivo para isso agora. Aquilo lhe dava uma sensação tão grande de desamparo. Agora podia entender. O

assunto era Seyit. Ele sabia de seus detalhes com Seyit e sabia que ela não queria compartilhar com ninguém, nem mesmo Tina sabia uma parte significativa da história. Seyit fora o herói muito especial de um período muito especial da sua vida. As memórias que conservava eram como uma joia que ela não usava mais, mas que guardaria para sempre como um tesouro. Ficou desconfortável ao saber que um estrangeiro sabia de tudo. Mas novamente eles se separaram de forma amigável: misteriosa, mas ainda assim amigável.

Ela ainda confiaria em Grişa Semyonoviç? Shura não queria analisar essa pergunta. Era estranho, ora ela estava contra ele, dominada por ele, ora se sentia protegida.

Foi para a cama pensativa. Na mente, o rosto bonito e impressionante de Grişa Semyonoviç. Shura pensou em seus olhos, seus olhos brilhando com jogos de luz.

Surpreendeu-se dizendo “Não” ou “Quem sabe?”.

Quando estava com a cabeça enterrada no travesseiro, disse:

— Talvez um dia eu diga o contrário e será uma surpresa.

Naquela noite, foi dormir sorrindo.

***

Shura agora estava pronta para dar a notícia para Nicholas e Tatyana.

No entanto, não havia telefone na casa deles. A primeira coisa que fez pela manhã foi enviar-lhes um telegrama marcando uma hora para eles ligarem para ela.

À noite, pegou sua bebida preferida e se sentou ao lado do telefone à espera de que ele tocasse e de que ela escutasse a voz do irmão. Mal se continha ao pensar na alegria deles ao receber aquele grande presente.

Mas o telefone não tocava.

Em dado momento, Shura se colocou no lugar do irmão e da cunhada e recebeu a notícia como se fosse eles. Com o entusiasmo, seu coração começou a bater de forma acelerada.

O telefone tocou e era uma ligação de Nice para Paris. Com gritos de alegria e lágrimas mútuas, eles bradavam com uma alegria inesquecível.

— Shurochka, você é um anjo! — gritou Tatyana, obviamente engolindo as lágrimas. Nicholas, embora Shura não o visse, estava preso ao lado da mulher, abraçado a ela, enlouquecido de alegria. Shura podia vê-lo ao capturar seus soluços.

— Eu te amo muito, minha querida — escutou a voz do irmão. Ela esperou que ele se acalmasse, pois chorava. Então, acrescentou:

— Minha querida Tatya, meu querida Cola... tenho que dizer que esse procedimento levará tempo.

— Entendemos, entendemos — disse Nicholas. — Não importa, pelo menos há esperança.

— Sim — disse Shura, segurando-se muito para não chorar. — Tatyana, há tanto tempo com incertezas, mas isso é uma novidade para nós.

— Shurochka, querida, você nos trouxe de volta à vida. Só Deus sabe como sofremos sem nossa filha...

Eles continuaram a falar sobre o passado até se acalmarem. Shura disse-lhes brevemente o que deveria ser dito, transmitindo a eles todos os passos, com toda cautela, como se eles fossem bandidos e tentassem roubar algo de grande valor da Rússia.

— Vamos esperar — disse Nicholas. — Vamos esperar pacientemente, querida. E quando Katya estiver junto conosco, celebraremos com uma boa garrafa de vinho.

— Vola e Gula também vão enlouquecer quando souberem das boas notícias! — gritou Tatya ao telefone.

— Cuide-se. Quando tudo estiver pronto, avise-me — disse Shura. — Vocês terão que vir para Paris. Mas vamos continuar nos comunicando. Eu amo vocês — disse Shura.

Quando eles desligaram, Tatya estava com os olhos inchados de tentar chorar, mas dessa vez um choro de alegria e esperança. Colocou a cabeça no ombro do marido e Nicholas a abraçou e beijou a cabeça da esposa. Tatya podia adivinhar que ele também estava chorando, mas, como ela, de alívio. Há muitos eles, embora não falassem, já tinham perdido as esperanças de algum dia rever a filha, sobretudo, Ykaterina Nicholaevna e Nina.

Depois de tanto entusiasmo, eles se sentaram no sofá e choraram juntos. A vida do casal vinha sendo cheia de estresse, medos, lutas que atravessaram os meses e viraram anos, preocupações que eles apenas suportaram porque um tinha o apoio do outro. Tatya se sentia como uma náufraga que nadara durante horas, noite e dia, talvez, sempre encontrando forças para continuar lutando pela vida, mas, ao avistar a praia, sentia todo o cansaço e não era capaz de dar nem mais uma braçada. Ela deixou a cabeça cair no colo do marido e se regozijou com a esperança da areia da

praia que avistava a sua frente e que conforto sentia depois de tantos anos de desconforto...

CAPÍTULO 26

UM NOVO TEMPO, UM NOVO AMOR?

Com a janela aberta, as cortinas sacudiam loucamente e Shura podia ver, de onde estava deitada, a chuva de primavera que caía sobre Paris. Os pingos eram tão grossos que o som causado pelo impacto da água nos telhados chegava-lhe aos ouvidos como milhares de pequenos tambores que tocavam em harmonia, deixando no ar uma sinfonia que, no caso de Shura, trazia paz e conforto. Seu rosto tinha uma expressão feliz. Não somente por causa da chuva, que amava, mas principalmente porque não se sentia mais sozinha, solitária. Seu coração e sua alma estavam aquecidos.

Ela olhou para o homem que acabara de entrar em seu quarto. Tudo acontecera tão rápido, isto é, o relacionamento deles, contando do período em que se conheceram até ali... Na verdade, o amor demorara a bater à sua porta. Quanto tempo ela passara presa a um passado e a um amor impossível? Levara tempo para sarar. Ela fora ferida na alma e as feridas da alma demoram a cicatrizar. Mas um belo dia o doente de amor acorda e percebe que a dor não está mais latejando e a vida se abre como a primavera. Shura tinha passado seus verões, seus longos invernos e agora estava vivendo a sua primavera com Pavel.

Embora fizesse pouco tempo que estivessem juntos, tinha sido muito intenso. Shura olhou feliz para o rosto do jovem e pensou nas muitas emoções que tinham compartilhado. Além disso, havia uma expressão diferente no rosto dele. Como se estivesse realizando o maior sonho de sua vida e tivesse ganhado o seu maior presente. Pavel estava dormindo como uma criança. Seu lindo rosto com

ossos finos, seus lábios, tudo parecia sorrir e ele parecia embalado por um lindo sonho.

Shura nunca tivera medo de se relacionar com Pavel. Se tinha sido uma decisão repentina entrar em um relacionamento com ele, se ela se arrependeria um dia, não podia prever. Que graça teria a vida se todos pudessem ler seus futuros? Ela se entregara àquele caso de amor, que poderia ou não se tornar um vínculo forte para a vida toda, mas ela não queria se preocupar com isso agora. Sua crença no passado era uma desculpa para enfraquecer essa vontade. Ela jamais poderia prever que sua relação com Kurt Seyit fosse acabar daquela maneira. Então, com Pavel, iria se deixar levar até onde a vida a levasse.

Shura estava cansada de sua vida, cuja solidão fora sua companhia mais teimosa. Seu relacionamento com Pavel trouxe uma sensação de volta, que ela reconheceu como paixão e de que gostou. No início, Shura imaginou que poderia amá-lo como a um bom amigo. Mas Pavel não queria ser apenas seu amigo. Não havia oportunidade para serem amigos. Quando ela percebeu, já eram mais que amigos. Tudo tinha acontecido rapidamente. Ela nem teve oportunidade de pensar, não sentiu necessidade de refletir muito. O que foi aquilo? Ele se aproximou rápido e preciso, quebrando a casca dura que ela colocara ao redor de si para se proteger. Como isso ocorreu, não sabia. Não sabia por que sequer quis perguntar a si mesma. Pavel fora tão hábil que não deu a ela a oportunidade de questionar o que eles experimentaram. Mas Shura sabia que poderia amá-lo como a um amante e estava muito feliz.

Com as pontas dos dedos, acariciou lentamente a testa de Pavel, retirando uma mecha de seus cabelos ruivos que lhe caía

sobre os olhos. Pavel mexeu a cabeça. Shura estava preocupada em não fazê-lo se atrasar. Já estava um pouco atrasado. O jovem virou a cabeça, abraçou-a e a puxou para si, beijando-a nos lábios.

Shura já havia se desacostumado a amar há muito tempo, até negara a existência dessas emoções, que evitara por medo de sofrer. Mas decidira dar-se uma nova oportunidade e entregou-se mais uma vez ao amor de Pavel, ao calor cuidadoso dele, enquanto compartilhava sua linguagem corporal. Estava feliz de uma maneira tal que jamais imaginara ser possível. Sua alegria ao sentir que ele a desejava insanamente era muito grande. Então, em vez de demolir suas esperanças e crenças no amor, abria as portas, pela primeira vez desde que sairá de Istambul, à felicidade.

Ela estava apaixonada, vivendo uma paixão de corpo e alma. “Meu Deus!”, pensou. “Como aquilo era possível?” Ela queria fazer amor com Pavel, entregar-se aos braços dele. “Que estranho!”.

Shura achava que isso nunca mais ocorreria, não com aquela intensidade. Chegou a pensar em se casar sem amor com Boris ou envolver-se com Grişa, mais por eles do que por ela mesma; mais pela solidão do que por qualquer sentimento semelhante ao que sentia por Pavel. Mas Pavel soubera como tocar alguma corda em seu coração. Shura se recordou do que sentira na Rússia, quando Seyit a despertara. Ela vivia algo semelhante com Pavel, mas desta vez era uma mulher mais madura, não a inocente jovenzinha de Moscou. “Que aconteça o que tem de acontecer, que seja...”, pensou ela.

***

Paris tinha deixando seu rosto ainda mais bonito. Desde que chegara à cidade, foi como se a menina despertasse como uma mulher, e a Shura mais madura era ainda mais bela. Pela primeira vez, sentia que estava vivendo intensamente a “cidade do amor”. A Paris que um dia doeu, agora sorria. O tempo tinha feito sua parte nessa dor. Ela tinha um trabalho que tanto amava, um bom círculo social de amigos, um homem que a amava e que ela também amava muito. Agora podia escrever para Tinoçka e dar essas notícias. Sua irmã ficaria muito feliz em saber que ela estava em paz e feliz. Tinoçka um dia lhe dissera que ela amaria de novo e Shura, na época, não acreditara que aquilo fosso possível. Ela sorriu. Como Tina poderia prever que aquilo fosse acontecer? Shura achava que fosse por causa das experiências diárias de sua irmã. Tina era mais velha, amara e perdera seu amor e reconstruíra a vida com Alexandre. Pensando bem, Valentine sofrera mais que ela, refletiu Shura.

Numa extensa carta para a irmã, Shura relatou as notícias sobre Katya e contou sobre as pessoas que conheceu em Paris recentemente. No entanto, não contou que ela e Pavel estavam juntos. Pensou em escrever uma nota na parte inferior da carta e falar sobre ele, mas seria inapropriado. Uma notícia tão séria não podia ser dada numa nota no fim de uma carta. Será que poderia ir como um telegrama? Aparentemente, Shura decidira deixar para a próxima carta. Depois de selar o envelope e colocá-lo em cima mesa, foi ao quarto se arrumar. Abriu o guarda-roupa e sorriu ao ver as roupas de Pavel nos cabides. Sua camisa, a calça, o terno e o robe, provas da noite em que o jovem ficou ali. Shura passou os dedos sobre elas com carinho. Era a primeira vez após Seyit que ela

dividia um armário com um homem. Pensou em Alain, mas as roupas dele nunca tinham ficado junto às dela. Cheirou a camisa de Pavel e, de repente, percebeu que gostava de ter as roupas dele ali. Shura sentiu como se estivesse abrindo as persianas do luto e deixando a luz entrar. Entendeu que estivera se escondendo até Pavel entrar em sua vida.

Shura estava ligeiramente atordoada por essas emoções estranhas. Sentou-se na ponta da cama e obrigou-se a ser racional. Começou a se questionar, enquanto seus olhos vagavam pela abertura da janela: por que ainda não podia contar sobre Pavel a Tina?

Ao refletir sobre isso, perguntas maiores lhe vieram à mente: “O que eu tenho?”, sua voz interior perguntou. “O que está acontecendo comigo? O que eu quero? Eu não sou feliz? Amo-o, sou amada? Estou feliz ou não? Devo buscar ser feliz”. Ela mesma respondeu fazendo o papel de Tina: “Tudo bem, quanto tempo você ficou sozinha? Deseja compartilhar sua felicidade com alguém? Isso a fará feliz? Você se sentirá confortável dividindo seu espaço com outra pessoa? Ou prefere ficar com a solidão? O que é mais importante para você: ter seu espaço, sem ninguém para incomodá-la, ou dormir sozinha, sentindo-se abandonada?

Shura se fez todas essas perguntas e pensou nas respostas. Por que questionar tudo com Pavel? Indagou-se. Era difícil compartilhar uma vida sem abrir o máximo de espaço possível para a outra pessoa. O que a estava impedindo de se entregar àquele relacionamento? De repente, ao se lembrar de que veria Pavel novamente naquela noite, sorriu. Estava feliz com aquele encontro. Eles iriam se encontrar para jantar e tomar vinho e ela estava

ansiosa por aquelas horas em que estariam juntos novamente, em que se abraçariam e se amariam.

Shura ficou animada ao pensar que eles iriam para a cama, mas... mas... mas... houve uma interrupção em toda aquela magia. Talvez ela estivesse tentando se proteger para não sofrer novamente. Shura então decidiu deixar que as coisas acontecessem. Ela fizera a análise interna e sentiu que estava feliz com Pavel. Tão feliz como estivera quando estava morando com Seyit. Ela se sentia tão apaixonada quanto o estivera então: aquilo a assustava e ela não sabia o porquê.

Shura colocou a carta que despacharia para Tina na bolsa, vestiu seu casaco e se olhou no espelho enquanto colocava o chapéu. Parecia muito feliz. Disse para si mesma:

— Estou viva e feliz! Sim, estou feliz! Estou amando de novo e isso é quase um milagre!

O romance com Pavel livrou Shura daquela rigidez de manter a mente ocupada para não pensar. Ainda trabalhava, mas não se matava mais de trabalhar. Estava vivendo um momento muito bonito de sua vida. Dera a si mesma a oportunidade de brincar, paquerar e com isso aquela tensão que a mantinha o tempo todo preocupada a deixara e ela vivia uma vida quase perfeita. Ela sorri, ao recordar os flertes de Pavel com ela. Ele fora persistente como água corrente. Contornou todos os obstáculos e, de repente, foi como se uma placa de neve congelada tivesse amolecido. Inesperadamente, quando Shura deu por si, a barreira tinha se dissolvido e ela estava completamente envolvida por ele.

Até aquele momento sua mente tinha estado trancada, mas Pavel fora hábil em contornar as preocupações. Todas as pessoas

bonitas e entusiasmadas que não querem ser capturadas, quando são tomadas pelo amor, se entregam completamente. Talvez por isso Shura temia se entregar.

Lembrou-se das emoções. Os momentos vividos juntos lhe vieram à memória. Eles tinham experimentado uma doce embriaguez. Gostavam de se livrar de seus próprios tabus. A lembrança dos dois trouxe uma sensação de calor e Shura sorriu por se ver livre das suas próprias regras. A entrega a um amor trazia aquela sensação de liberdade. Shura já vivera um amor e agora queria dar uma chance ao segundo. Esse amor não lhe permitiu pensar quando começou nem ela não sabia nada a respeito de sua continuação, mas não ficaria pensando em seus medos, livrar-se-ia de suas memórias do passado; se seria feliz ou se a infelicidade viria novamente. Não! Ela não pensaria em nada e apenas seria feliz. Sua nova vida havia começado naquela primavera, sua nova vida com Pavel. Se eles conseguissem manter a mágica daquela primeira noite, a magia da surpresa daquela maravilhosa noite de 16 de abril...

***

Uma semana antes da sexta-feira, 16 de abril.

A indecisão de Shura sobre seu aniversário não foi muito longa. Lúcia, além de preparar uma festa de aniversário em sua própria casa, ligou para seus irmãos em Nice e, quando Cola e Vola disseram que não podiam obter uma licença no trabalho, Lúcia interviera e de alguma maneira conseguira essa liberação.

Shura pretendia ir a Nice, pois estava especialmente interessada nos detalhes do assunto de Katya. Depois de sua insistência em ir, ela ficou surpresa com as respostas evasivas dos irmãos, como se não quisessem que ela fosse.

Em 15 de abril, Lúcia ligou mais uma vez e a lembrou de seu dever habitual.

— Estou te esperando às oito e meia em ponto, Shurochka. Não se esqueça e nem se adiante e tampouco se atrase.

— Sim, Lúcia querida, você disse isso muitas vezes. Não me esquecerei e nem chegarei antes das oito e meia.

Shura tinha certeza de que sua amiga estava lhe aprontando alguma surpresa.

Não se preocupou, pois gostava de surpresas. Mas Lúcia era ansiosa e mal podia se conter. Ela não conseguia esconder as coisas de Shura e ligou novamente para a amiga;

— Você virá sozinha? — Lúcia perguntou.

— Com quem gostaria que eu fosse? — Shura respondeu, rindo.

— Quero dizer, por favor, só perguntei por perguntar.

Shura riu enquanto conversava com ela. Lúcia deveria estar preparando algo para ela e esse algo a tocaria profundamente. Shura sentia.

— Há alguém que quer conhecê-la — disse Lúcia.

— Lúcia, esse não é um dia especial para se passar entre amigos? Quais são as pessoas que não conheço que estarão aí?

— Não importa, Shurochka. Ele quer muito conhecê-la.

— Ele, quem? E será essa a ocasião adequada, Lúcia?

— Lógico que sim. Também quero que você e ele se encontrem — disse Lúcia, misteriosa.

— Diga logo, Lúcia. Quem que você quer juntar comigo? Você e essa sua mania de querer me casar — brincou Shura.

— Pavel — respondeu Lúcia.

— Pavel Fyodorovich Tchelitchew, o pintor? — perguntou Shura, surpresa, pois eles já se conheciam. — Já o vi na casa de Gertrude uma vez. Mas ele não é da Alemanha? — perguntou Shura.

— Não é aquele Pavel, é outra pessoa. Trata-se de Pavel Adolfovich — frisou Lúcia.

— Está bem. Levei até um susto — Shura riu.

— Pavel Adolfovich acabou de chegar em Paris. É um rapaz muito bonito e inteligente e quer conhecer você.

— Tem certeza disso, Lúcia?

— Lógico. Ele me falou e acho essa oportunidade perfeita.

— Lúcia, você é tão doce! Mas...

— Nada de “mas”, Shurochka. Estou dizendo isso especificamente para que não traga outro alguém e estrague a surpresa.

— Isso significa que há outras surpresas?

— Quando você vier, verá. Mas não venha antes das oito e meia.

— Você já me disse isso antes dez vezes.

— Ah, claro que disse. Enfim, um grande beijo. Vejo você amanhã à noite.

Na sexta-feira à noite, 16 de abril, Shura saiu de casa. A cidade ainda estava banhada pelas luzes quentes do sol noturno.

Apesar de ter chovido mais cedo, também era possível sentir o cheiro da primavera fresca no ar.

A jovem mulher vestida de musselina cor creme, com seu broche e brincos de pérolas, cabelos presos em um coque bem feito, tinha toda a beleza e frescura da primavera. Ela caminhou com seu corpo delicado, quase saltitante, pela doce emoção que se apossa das pessoas em dias especiais.

Após as notícias sobre Katya, sempre era um novo dia de esperança e alegria para Shura. Ela sabia que notícias especiais estavam chegando e era como se o destino estivesse sorrindo novamente para ela, que se encontraria com toda a família. Com o mesmo peso com que coisas ruins tinham lhe acontecido, com a mesma medida proporcional, coisas boas estavam prestes a acontecer, aliás, já estavam acontecendo. Ela se lembrou de Katya e sorriu. Era nisso que acreditava.

Quando Shura entrou no prédio onde Lúcia morava, eram exatamente oito e meia. O carro de Alice DeLamar estava estacionado em frente ao prédio. Shura conhecia o Rolls-Royce dela. Ainda no elevador, Shura já ouvia risos e vozes vindas do apartamento. Mas quando chegou ao hall, de repente houve um silêncio. Eles deviam ter escutado o barulho do elevador. Em frente à porta, Shura parou por um tempo e depois foi até a campainha. Tocou. Não houve resposta, mas a porta estava aberta.

Adivinhando que havia um jogo agradável preparado para ela, Shura empurrou a porta devagar e escutou uma música ao piano, alguém estava tocando ao vivo. Ela foi recebida com a música “Parabéns pra você”. No corredor, sob dois castiçais gigantes, estava uma mesa de café repleta de guloseimas. Além das luzes

das velas nos castiçais, a casa estava escura. De pé bem na frente dela, Shura viu a multidão, mas não pôde identificar ninguém. Quando a luz se acendeu, Shura gritou de alegria. Bem na sua frente estavam Vola e Cola com suas esposas. Enquanto os irmãos a abraçavam, Lúcia veio até ela e os observou com prazer.

— Lúcia, minha querida, que surpresa agradável você me preparou... Muito obrigada, minha querida. Como conseguiu trazê-los de Nice? — perguntou Shura.

— Não aceitei que não viessem — respondeu Lúcia. — Você sabe que não sei lidar com negativas — ela riu e os outros também.

As luzes foram acesas, os champanhes estouravam, os copos estavam cheios e se erguiam em homenagem a Shura. Ela abraçou e beijou Lúcia, Alice DeLamar, Glenway Wescott e Monroe Wheeler, Boris, George Platt Lynes, Gertrude Stein e muitos outros.

Havia várias outras pessoas da América, da Itália, artistas, um escritor da Alemanha que viera a Paris a negócios ou turismo e, embora não tivessem nada a ver com Shura, Lúcia os convidara como seus amigos. Apenas uma delas também conhecia Shura. Era a escritora americana Mary, que ela conhecera antes. Kappa novamente não estava ali. Embora Lúcia também sentisse sua falta, não parecia ceder.

Shura falou com todos e, de repente, avistou um homem estranho parado na porta de entrada, deveria ser o tal de Pavel. Shura o achou muito belo. Ele começou a andar em sua direção e Lúcia logo apareceu ao lado dela.

Pavel era alto e magro. Tinha um espesso cabelo castanho-avermelhado que lhe caía na testa. A boca era bonita e se destacava em seu rosto de ossos finos. Suas características faciais

eram duras, mas a expressão séria suavizava quando ele sorria, dando-lhe um contraste quase infantil. Ele era muito bonito e se vestia de forma elegante e luxuosa. Sua postura, sua aparência, seu estilo, passavam uma linguagem corporal de um homem muito seguro de si. Talvez fosse mais correto dizer que ele tinha um físico certo que agradava Shura.

Desde o momento em que percebeu o estranho, Shura segurou no braço de Lúcia e foi até ele. Os olhos de Pavel estavam presos em Shura, quase como se a queimassem, criando pequenas vibrações no coração dela. Quando estavam um de frente para o outro, Lúcia ficou entre os convidados e disse:

— Shurochka, este é Pavel Adolfovich. Pavel, esta é a minha querida amiga, Alexandra Verjenskaya, a nosso Shurochka.

— É uma grande honra conhecê-la — disse ele.

Shura se sentiu um pouco intimidada pelo olhar dele preso ao dela.

Pavel pegou a mão de Shura, abaixou-se e encostou seus lábios nela.

— Estou honrado, Alexandra Verjenskaya — repetiu ele e sua voz profunda era um toque quente nos ouvidos da jovem. Por um instante, Shura se viu em Moscou. Era como se ele tivesse saído de um álbum de fotografia da Rússia. Tinha a sensação de ter encontrado um homem nobre em Paris. Quase esqueceu as pessoas da vanguarda ao seu redor. Viu a si mesma em um dos bailes da Rússia. O jovem homem levantou a cabeça e olhou atentamente para os olhos de Shura e ela entendeu por que estava tão impressionada com ele. Havia um brilho em seus olhos que competiriam com os de Grişa. A diferença era que eram azuis. Não

era um azul do mar profundo como os de Seyit. Mas eles, definitivamente, estavam pegando fogo sob a ação de uma paixão que absorvia o homem.

Shura disse: — Estou satisfeita — e sentiu suas bochechas queimarem de vergonha. O que estava acontecendo com ela? Estava quase se atirando sobre o rapaz? Era como se já tivesse vivido aquele momento. Por instantes, Shura se tornara uma jovem ingênua e sem dignidade ao lado do estranho. Lúcia estava separada deles, ocupada com outros convidados, e Shura torceu as mãos nervosamente, sorrindo timidamente para Pavel.

— Aqueles que disseram que você era bonita foram injustos. Você é deslumbrante — disse Pavel, seus olhos mergulhados nos de Shura. Esta, aliviada por ele não a ter achado uma idiota provincial, subjugou o constrangimento que sentia e sorriu com o elogio:

— Obrigada. É muito gentil.

Então, na pressa de não parecer uma colegial, ela sentiu a necessidade de dizer algo.

— Você acabou de chegar a Paris, não foi? — Shura perguntou. Ela não sabia por que havia feito aquela pergunta, mas a estranha sensação de já ter vivido aquele encontro a perseguia.

— Sim. Acabei de chegar.

— Parece que já o vi antes — disse ela.

— Se já tivéssemos nos encontrado eu nunca te esqueceria — disse Pavel.

Shura pensou em como sua fala fora estúpida e corou, pensativa. O que estava acontecendo? Ela era uma adulta, uma mulher madura e confiante, por que aqueles rompantes infantis,

aquelas perguntas estúpidas e desnecessárias? Não conseguia entender.

Ela viu que Boris os observava do outro lado do corredor e se sentiu impotente. Era como se Boris cobrasse dela uma dívida, que não precisava ser mencionada. Vendo-se sob a influência de outro homem, ele a olhava questionador, como se ela fosse dele. Aquilo era um incômodo para Shura. Tatyana e Margarita, que vieram para a cidade, tornaram-se sua salvação. Shura as apresentou a Pavel e expressou sua alegria novamente:

— Minha querida Tatya e minha querida Gula, quão feliz vocês me fizeram... Que surpresa agradável!

— A organização foi toda de Lúcia e foi muito difícil, Shurochka — disse Tatya. — Ela fez reservas no hotel e fez de tudo para que você não descobrisse.

— O pior de tudo foi fazê-la não ir para Nice — Gula sorriu. — Os rapazes quase morreram de culpa por você pensar que não a queríamos em nossa casa.

Shura sorriu abertamente e percebeu que Pavel olhava para ela. Envergonhada, levantou o copo para Lúcia e foi lhe dar um beijo. Lúcia conversava com Glen Wescott e outros e a beijou na bochecha, em troca.

— Eu sou muito boa mesmo — brincou Lúcia.

— Muito obrigada, muito obrigada — disse Shura.

— Nenhuma palavra — respondeu Lúcia. — Eu é que agradeço, minha querida, por nos dar um motivo tão bonito para nos reunirmos.

Naquele momento, Nicholas e Vladimir também se juntaram a elas.

— Vocês poderão ficar uns dias em Paris? — Shura perguntou. — Passar o fim de semana.

— Infelizmente não, meu anjo — disse Tatyana, desanimada. — Amanhã temos que voltar no primeiro trem. Os cavalheiros têm trabalho.

— Oh, eu gostaria que pudessem ficar — disse Shura.

— Vamos voltar, querida. Contanto que tudo dê certo...

Então, o tom na voz de Tatyana chamou a atenção de Shura. Pavel estava no meio de uma reunião de família e Shura, habilmente, afastou-se com ele e iniciou uma conversa com outros grupos de amigos. Tatyana poderia soltar algo e o assunto de Tatya era confidencial.

Mesmo que Shura se afastasse de Pavel, ele estava sempre em uma posição em que podia vê-la. Ela estava passando e seus olhos se encontravam inevitavelmente. Seria coincidência ou eles estavam vivendo uma atração muito poderosa? Quando isso foi repetido várias vezes, Shura percebeu que era uma força mútua muito grande que a puxava, como se uma corda estivesse esticada e fosse puxada para perto dele ou ao alcance de seu olhar.

Da mesma forma que Shura era atraída por Pavel, observava o olhar de Boris entre eles. Ela foi capaz de detectar a dor nos olhos dele e aquilo lhe partiu o coração.

Ela mudou de lugar com uma desculpa e virou as costas para Pavel. Shura havia encontrado uma maneira de parar de olhar para Pavel, mas a imagem dele não saía de sua mente. Os garçons circulavam com os aperitivos em bandejas de prata, recolhiam as taças de champanhe vazias e voltavam com outras cheias. Em uma

hora de festa os convidados estavam relaxados e Shura se sentia levemente embriagada.

Lúcia chamou a atenção de todos e os fez se calarem para conhecer dois jovens recém-chegados, dois irmãos artistas italianos. Eles deveriam ter entre oito e dez anos de idade. Shura olhou para a cabeça da garota e quando viu o cabelo loiro e grosso da trança, corou. Lembrou-se de si mesma naquela idade e uma onda de tristeza passou por seu coração. Ela olhou para o casal de irmãos. Será que eles não pensam que sentirão tal nostalgia um dia? O garoto colocou o violino no ombro e fechou os olhos. Os longos cabelos espetados se derramaram na testa. Delicadamente, ele tocou o arco com os dedos longos; a voz da garota subiu como cristal e O Mio Babbino de Puccini foi interpretado divinamente. Uma avalanche de emoções veio dos quatro cantos do corredor. Até o começo foi suficiente para emocionar as mulheres.

O mio babbino caro
Mi piace, è bello, bello
Vo' andare in Porta Rossa
A comperar l'anello!
Sì, sì, ci voglio andare!
E se l'amassi indarno,
Andrei sul Ponte Vecchio,
Ma per buttarmi in Arno!
Mi struggo e mi tormento!
O Dio, vorrei morir!
Babbo, pietà, pietà!
Babbo, pietà, pietà![42]

Uma paixão, um amor proibido. Um pai não permitiu o casamento de dois jovens e eles não poderiam usar o anel de noivado. Ele diz que se jogaria no rio Arno, implora por ela e percebe quanto será em vão.

Shura ouviu aquela canção, história muito semelhante acontecera em sua vida. Embora não mais sentisse dor, experimentou uma grande tristeza. Ela passara os últimos dias de vida de seu pai ao lado de seu leito de morte, ocasião em que Zhulien Verzhensky foi fazer a cirurgia em Moscou: foi quando conheceu Seyit. Ela amava seu pai, amara Seyit, mas o pai dele não quis o casamento deles e ela nunca tivera um anel.

Sentiu que as lágrimas iriam lhe cair pelo rosto e Margarita viu o quanto ela estava emocionada e veio em seu auxílio. Ela puxou o marido e ambos abraçaram Shura, apoiando sua cabeça no ombro de Vola.

De repente, uma taça de champanhe estava estendida numa mão à sua frente e lá estava Pavel. Shura pegou a taça da mão dele com um sorriso de gratidão. Pavel olhou para a jovem com o rosto triste e os olhos prontos para chorar e sorriu. Ele havia presenciado sua emoção. Enquanto os aplausos eram ouvidos cada vez mais alto, uma mão segurou a de Shura e a apoiou num gesto silencioso.

Os irmãos cumprimentaram os convidados, agradeceram pelos aplausos e passaram para o segundo número. Cantaram as mais belas músicas clássicas, que foram derretendo o gelo do coração de Shura. Pavel, que não tinha soltado Shura, gentilmente tocou em seu cotovelo e fez um sinal com a cabeça, mostrando-lhe o céu. Um luar jovem adornava o céu de Paris. A sensação causada pela

música, o cenário e a frescura da noite de primavera arrepiaram a pele de Shura. Mas ela não queria entrar. Apesar do frio, ela estava ao lado de um homem de quem não sabia quase nada, mas estava satisfeita com a sua existência.

— Quer entrar? — Pavel perguntou, educadamente.

Shura olhou para ele por um momento e sussurrou: — Não — mas não conseguiu separar imediatamente seu olhar do olhar do homem. Uma força poderosa e invisível os havia tocado e unido suas pupilas. Pavel retirou a jaqueta e gentilmente colocou nos ombros de Shura. A jovem estava aquecida e seu corpo sabia que aquela jaqueta, que circundava sua pele, tinha o cheiro dele. Shura sentiu como se tivesse se aberto para alguém que não conhecia e novamente sua face assumiu as cores do constrangimento. A Rusalka Aria tinha terminado. Aproximando-se dos ouvidos de Shura, Pavel deu sua própria interpretação da canção:

— A lua está no mais profundo céu, sua luz se vê de longe, ela viaja ao redor do mundo, vê dentro das casas das pessoas. Lua, fique parada um pouco e me diga onde está a minha querida. Diga a ela, lua prateada, que eu a quero abraçar. Pelo menos momentaneamente deixá-la lembrar-se de ter sonhado comigo. Ilumine-a de longe e diga-lhe, diga-lhe quem a espera! Se sua alma humana está de fato sonhando comigo, que sua memória desperte! Luar, não desapareça, não desapareça!

A voz dele era como um sol quente em seus ouvidos. Shura sentiu que seu coração disparava. Sentiu que amaciava e se entregava a ele, que ele a aquecia com seus braços e ela queria ser abraçada por ele. Sentia-se como uma adolescente no corredor do colégio. Enquanto os convidados de Lúcia aplaudiam os artistas,

Shura sentiu o hálito de Pavel subindo em seus cabelos. O beijo, que era incerto, era apenas um toque de emoção. Shura sentia uma onda de sensações. E, embora tudo estivesse indo rápido demais, ela estava em paz.

Queria que os aplausos nunca terminassem e ninguém se virasse e olhasse para eles no corredor. Queria ficar mais tempo sozinha com aquele estranho, que ousava encostar a boca em sua cabeça. Queria aproveitar esse momento. Mas os aplausos cessaram. Os jovens artistas se curvaram. Shura tirou a jaqueta e a entregou a Pavel:

— Muito obrigada — disse ela. — Tenho que parabenizar as crianças e agradecer a elas.

O jovem suave e apaixonado, não era mais um estranho para ela.

— Posso esperar — disse ele, sorrindo com um olhar. O som espalhou o significado da frase por um longo período de tempo. Em resposta, Shura entregou a taça na mão dele e foi falar com Lúcia, mas como a amiga estivesse envolvida com os convidados, Shura foi em direção aos irmãos. Parabenizou ambos e beijou-lhes as bochechas. Então voltou-se para Lúcia.

— Minha querida, que lindas surpresas você preparou hoje à noite para mim! Muito obrigada.

— Estou feliz que esteja feliz. Tenha um ótimo ano, Shura.

Alguns dos convidados se aproximaram de Shura, entre os quais Boris.

Ele perguntou:

— Quer uma bebida, Shura?

Shura espiou por cima do terraço. Pavel ainda está lá à espera dela. Havia deixado suas taças sobre a mesa da varanda. Conversava com um dos convidados, mas Shura, com um instinto feminino, sabia que ele esperava por ela. Ela tinha certeza absoluta. Não respondeu à pergunta de Boris. Pensou que entendia que nenhuma explicação seria necessária devido à sua expressão facial. Ele era doce, mas estava claro que não o queria e sim a Pavel.

— Ok, querida — disse Boris.

Shura sentiu que ele a olhou com rancor, embora suas palavras soassem doces. — Não vou abraçá-la, não se preocupe — então tomou-lhe a mão e deu uma mordida em sua bochecha. — Feliz aniversário, Shurochka. Quando precisar de um homem de verdade, que a conhece como você é, procure- me.

Shura o ouviu, mas continuou conversando com Lúcia, a irmã mais velha de Boris. Ele estava morrendo de ciúmes.

Seus irmãos e cunhadas também estavam se preparando para ir para seus hotéis. O estado pálido e cansado de Tatyana não passou despercebido desde o início da noite para Shura. Ela queria uma oportunidade de falar com a cunhada a sós. Puxou-a gentilmente para um canto da sala:

— Querida, você está bem?

Tatyana estava obviamente tentando mostrar que estava bem.

— Estou bem, anjo, estou bem. Acho que é a emoção da expectativa de me encontrar com a Katya. E somando a isso a bebida, acho que foi um pouco demais para mim.

— Cuide-se, minha querida. Seu verdadeiro trabalho vai começar quando Katya chegar. Você precisa se manter saudável e

cheia de energia. Talvez esteja trabalhando demais... — disse Shura, preocupada.

— Não é tão fácil. Quando Katya chegar, ela precisará de mais... Ela não deve sentir falta de nada. Precisamos nos preparar.

— Tatya, antes de tudo, Katya está sem nada na Rússia. Não exigirá nenhum conforto. Ela não sabe o que é isso. Tenho certeza disso. Nice será um tipo de paraíso para ela. Além disso, acima de tudo e o mais importante, ela vai morar com os pais. Que presente mais importante e que bênção maior poderia haver?

— Você está certa, querida. Você sabe, eu também sei, mas não podemos esperar que a garota pense da mesma forma madura que nós. Mesmo que pense assim, depois de um tempo ela será afetada por seu ambiente e certamente suas demandas aumentarão.

— Você está certa — disse Shura, pensativa. — Mas ainda assim não deve se preocupar com isso a ponto de deixá-la doente.

Os olhos de Tatyana estavam lacrimejando. Para ninguém notar, ela secou as lágrimas dos olhos com as pontas dos dedos.

— Ah, Shurochka, nosso anjo! Não sei como agradecer a você. Especialmente a você, especialmente a você, minha querida. Mas entenda, nessa luta não posso deixar Cola trabalhar sozinho. Mas chega de problemas e infelicidade. Katya está voltando para nós.

— Entendo, mas, por favor, não fique doente. Se você cair de cama, quem vai criar Katya como você gostaria. Ela e Cola vão precisar de você.

Tatyana abraçou Shura com carinho e disse: — Obrigada pelo seu interesse. Vou me lembrar do que disse — então acrescentou,

rindo: — Às vezes esqueço essas coisas, você pode acreditar.

Shura parecia ter recebido um sinal de alarme depois dessa última frase. Sentiu a necessidade de perguntar algo para seu irmão, mas outros estavam prestes a dizer adeus. Ao levá-los até a porta, Shura seguiu Tatyana com um olhar ansioso atrás dela. No corredor, como se Tatya sentisse que era observada, virou-se sorriu para Shura. Era como se dissesse “não se preocupe comigo”.

Shura se despediu deles e ficou acenando até entrarem no elevador. Depois que fechou a porta, ela voltou para o corredor. Sabia para onde ir. Pavel Adolfovich estava à sua espera sozinho e fumando. Shura sabia que ele estava esperando por ela. As duas taças de champanhe ainda estavam sobre a mesa. Quando Shura pisou no terraço, ele pegou os óculos,

— Quer entrar? — perguntou, mas Shura estava se sentindo quente naquele momento.

— Este lugar está muito bom — disse ela, envolvendo o xale no pescoço.

Shura o deteve enquanto ele agia para tirar sua jaqueta.

— Obrigada, não há necessidade agora.

— Agora não está mais quente do que estava — disse ele.

— A tristeza me fez sentir frio enquanto ouvia aquelas árias.

— Entendo... você fuma?

— Sim. Por favor.

As letras do nome Pavel estavam gravadas na cigarrilha prateada. Quando Shura tirou os olhos do isqueiro, não se separou dele. Shura estava ao lado dele, seus ombros quase se tocando. Era uma noite mágica: algo estava acontecendo, ela estava ciente disso. Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se viva. Tudo

naquele estranho que entrara gratuitamente em sua vida e em suas emoções era um mistério. Exatamente como Grişa Semyonoviç... A única diferença é que Pavel lhe fora apresentado por Lúcia. Era tão fácil falar com Pavel agora... Nada como foram aqueles primeiros momentos constrangedores. Shura pensava que Lúcia podia ter lhe contado mais sobre ele. Pavel não estava dizendo nada, não esmagava Shura com suas perguntas. Ele a estava ouvindo calmamente. Cortesia, elogios, risadas. Era extremamente natural, longe de fingir o que quer que fosse.

Quando a noite acabou, Shura parecia conhecê-lo há anos. Ela podia sentir.

Quando Pavel se ofereceu para levá-la em casa, a jovem sentiu que as borboletas iriam voar de seu coração. Mas não poderia sair com ele naquela noite. Eles tiveram uma ótima noite de aniversário e isso era tudo. A noite terminaria quando chegassem à porta do seu apartamento.

Mas isso não aconteceu... Pavel levou Shura para casa e ficou...

Aquilo deu a ela uma sensação de atitude. Ela queria viver aquela paixão ao máximo. Queria dar uma chance a ele. A primavera lhe tinha chegado com um novo amor. Será que Pavel ficaria para sempre? Não seria possível viver sempre com primavera, não é? Mas ela podia aproveitar ao máximo aquela estação. Se eles conseguissem segurar a mágica, sim... desfrutaria de sua felicidade até que a infelicidade viesse. E ela fez isso.

Até que a frustração chegasse...

CAPÍTULO 27

DO PESADELO À FELICIDADE

Shura tinha a sensação de voar. Era como o bater de asas de uma gaivota, uma sensação de fluir e deixar-se levar pelo vento. Seu corpo parecia planar por longo tempo, embora ela não se movesse, sequer respirasse. Via as nuvens e se movimentava no meio delas, misturando-se às cores do céu. Ela estava presa a um redemoinho de emoções e não tinha escolha a não ser voar entre o presente e o futuro, no vasto céu. De repente, estava em algum lugar no oceano profundo, como se estivesse caindo na água. Sentiu frio e logo depois perdera a clareza. Era como se fosse um sonho sobre o futuro, mas tinha certeza de que estava acordada. Não, ela não podia estar acordada.

Por que seu corpo estava tão cansado? Era como se carregasse pedras. Ela se arrastava e não conseguia entender que lugar era aquele em que estava. Levantou-se um pouco e olhou para os lados, mas uma nuvem espessa cobria tudo, qual uma nuvem de carvoaria. Ela não se lembrava de ter alguma vez na vida estado em uma carvoaria. Desceu um buraco estreito e pessoas cavavam lá dentro, elas pareciam machucadas. Shura chorou ao ver o sofrimento delas.

Ela não sabe o que fez, mas conseguiu encontrar consolo no sonho. Alguém a consolava, mas ela não conseguia ver-lhe o rosto, por mais que tentasse. A pessoa estava suja e uma névoa cobria suas feições. Mas parecia bonita e feliz em vê-la. A voz parecia a de Kurt Seyit, mas não poderia ser ele. O que Seyit estaria fazendo naquele lugar inóspito? Ele não estava mais nos Cárpatos e lá

também não havia carvão, e sim neve, pensou Shura, defendendo-se do absurdo de seu sonho.

De repente, foi como se acordasse em um lugar paradisíaco e estivesse assistindo ao pôr do sol de uma grande varanda de uma casa de verão na praia. A última vermelhidão do sol quase a fez chorar. Era belo demais, o mais lindo pôr do sol que já vira na vida. A espuma das ondas atingia a praia e o sol beijava, com seus raios vermelhos, a água. Uma penumbra tomava a profundidade das ondas. Elas estavam espalhadas pela praia como finas rendas brancas.

Era uma beleza de tirar o fôlego e uma vontade imensa de chorar tomava seu corpo: ela soluçou. Shura achou que era injusto para com a paisagem derramar lágrimas e fez um esforço para se conter, embora as lágrimas ainda jorrassem de seus olhos.

Pavel lhe trouxe uma taça de vinho tinto e se sentou ao seu lado. Ela tomou dois goles seguidos. Logo Pavel, que estava ali para distraí-la, levantou-se e se misturou às outras pessoas que também se encontravam ali. Shura não sabia quem eram, mas tinha consciência de que eram muitas. Ela não se importou, queria ficar sozinha assistindo àquele pôr do sol e tomando vinho. Já não chorava mais.

Embora soubesse que atrás dela na casa havia mais pessoas com quem Pavel se encontrava, talvez Lúcia e os amigos de Lúcia, a areia da praia estava completamente deserta. Um homem caminhando na praia chamou sua atenção. Usava uma camisa de linho branco e a calça estava enrolada até os tornozelos. Uma de suas mãos estava no bolso da calça e seu andar era o de uma pessoa de atitude. Mas estava pensativo. Os pés estavam

descalços e molhados e ele deixava pegadas na areia, como se desse um beijo doce em cada grão, pois mais parecia que ele flutuava, tamanha a leveza com que pisava. Shura se levantou como uma princesa de branco de uma cena de balé e correu para perto do homem. Ela o conhecia. Primeiro viu os olhos azul-escuros do estrangeiro. Mas ele não deu por sua presença e retirou um cigarro do bolso, acendeu-o e tragou. A fumaça pairou sobre ele e se misturou ao vermelho do pôr do sol. Ele semelhava uma aparição para Shura. De repente, o homem virou-se em sua direção lentamente, deu um passo e parou novamente. Shura estava sem fôlego. A taça de vinho lhe caiu da mão. Seus sapatos brancos de cetim cor de creme, suas meias de seda pareciam ensopadas de sangue.

— Seyit — ela tentou dizer, mas sua boca parecia amordaçada.

— Seyit — murmurou com uma voz que parecia levada pelo vento e que desapareceu no oceano.

— Seyit — ele não a escutava. Talvez as palavras nunca tenham existido em seus lábios. Talvez Seyit, cujo nome queimando em sua garganta ela engolia, não a enxergasse. Shura não sabia. Mas sabia que estava tendo uma visão dele e que sentia cada emoção que aquela aparição lhe proporcionava.

Seu sentimento enquanto o observava foi mais terrível que o vazio de quando ele desapareceu.

O homem estava virando e parecia que iria embora. Ela correu atrás dele gritando seu nome, mas Seyit continuava caminhando como se não se desse conta de sua presença.

— Seyit!

— Seyit, por favor, espere por mim — Shura soluçou.

Agora ele parou e estava olhando para ela de onde estava. Tragou o cigarro profundamente e respirou como se compartilhasse a respiração novamente.

— Seyit — ela disse de novo

Mas Seyit não vinha em sua direção, ao contrário, estava indo embora. Shura ficou ofendida e a amargura tomou seu rosto. Ela limpou as lágrimas de frustração do rosto com as costas da mão e pensou: “Meu Deus! Quanta falta sentia dele!”.

E agora ele estava ali, na sua frente. Shura sentiu necessidade de se jogar em seus braços e abraçá-lo com força... Talvez fosse diferente daquela vez. Não, ela não poderia perder essa chance, não perderia. Respirou profundamente e foi até ele, caminhando da ampla fachada da casa para a faixa de praia. Atrás dela, através do vidro da sala, uma multidão conversava, mas ninguém estava olhando para ela e Seyit, exceto uma pessoa, Pavel, que tinha saído para a varanda e, com o ombro contra a viga, assistia a Shura caminhar para outro homem.

Depois que a jovem o notou, voltou a cabeça para a praia e viu que Seyit estava indo embora. Olhou de volta para Pavel, ficou parada, indecisa entre os dois, mas disse baixinho:

— Perdoe-me, Pavel — foi quase um murmúrio.

Ela desceu uma escada de madeira, que separava a praia a partir do pátio, e começou a correr atrás de Seyit.

— Seyit, Seyit!

Os saltos curtos de seus sapatos estavam enterrados na areia. Ela puxou os pés. Certamente, desta vez, Seyit escutava seu chamado. Ele parou quando a voz de Shura soou em seus próprios

ouvidos. Ela não sabia, mas, por um momento, teve a sensação de que Seyit a olhou decepcionado. Ela parecia sentir dor. Shura teve a sensação de que até respirar lhe causava muita dor.

Mas continuou correndo em sua direção, a faixa de seda na testa foi levada pelo vento, seus cabelos se soltaram e o vestido de musselina voava com o vento costeiro. À sua frente, o homem a olhava e dessa vez caminhava em sua direção.

Sim! Sim! Era Seyit! Ela não estava enganada. Obviamente, pretendia ignorá-la e não estava contente. Ela o conhecia bem e sabia quando ele estava aborrecido e infeliz. Um sorriso feliz, porém preocupado, veio aos lábios de Shura.

— Seyit — disse ela e sentiu necessidade de tocá-lo para ver se ele era real. Shura percebeu que os profundos olhos azul-escuros de Seyit haviam mudado, estavam desbotados, e ele não parecia mais ele mesmo. Como isso mudou? Como aconteceu essa mudança? Parecia velho e doente. Enquanto ela o analisava, espantada, ele ficou ali parado, parecendo ofendido e sem graça. Apesar de tudo pelo que passaram durante a vida deles, agora ele estava mais machucado e sem graça do que antes, como se uma cortina que antes era linda, bonita e colorida tivesse se desbotado. Seu rosto não era o mesmo. Ele parecia usar uma máscara que se lhe assemelhava, mas não era ele mesmo.

— Sinto sua falta, Seyit — disse Shura, com voz suave e amorosa.

Kurt Seyit não disse nada em resposta a sua confissão.

Ela se aproximou dele. Shura prendeu a respiração, o coração palpitando. Ela podia sentir sua voz, como ouvia o murmúrio do Mediterrâneo. O sangue corria em suas veias com uma velocidade

assustadora. Ela sentia cada emoção daquele reencontro, que tinha como testemunhas as ondas que espumavam aos seus pés.

Seyit estava agora a certa distância. Ele se afastara ao invés de tomá-la em seus braços. Shura queria seus corpos colados, e sentiu que isso estava cada vez mais perto. Mesmo a certa distância, ela escutou a respiração de Seyit e ficou assustada. Era como se seus pulmões estivessem arranhando. Respirava com muita dificuldade e seu esforço para respirar se via em seu rosto. Ele estava muito pálido.

Shura sentia o vento em seu rosto, como uma carícia, ela podia sentir como um hálito quente em seus cabelos e em sua pele. Fechou os olhos e esperou o próximo passo dele. Abriu os olhos para entender o que estava acontecendo. Seyit estava no mesmo lugar, não tão próximo, mas também não tão distante. Naqueles instantes, que lhe pareceram eternos, ela sentiu todo tipo de emoção. Ele a olhava, ora com amor, ora com... ela não queria nem pensar naquela possibilidade. De repente, olhava fixamente para a barriga de Shura. Em sua mente, ela entendeu do que se tratava. Levou as mãos ao ventre.

Seyit se aproximou e tocou sua barriga, sussurrando:

— Proteja bem o bebê...

Ele puxou a mão, virou-se e continuou andando. Shura não conseguia falar, pois uma emoção imensa tomou sua garganta, como se a segurasse com duas mãos e apertasse.

A excitação do sonho a abandonou e ela sentiu o gosto amargo das memórias que foram derramadas sobre ela, virando-a de cabeça para baixo. Permaneceu incapaz de se mover e desabou de joelhos na areia, soluçando.

De repente, onde a mão de Seyit acabara de tocar, ela sentiu uma espécie de cãibra, como se uma faca entrasse em seu útero e o cortasse. Uma dor imensa a fez se contorcer e ela caiu no chão abraçando os joelhos. Um segundo profundo... mais profundo, desta vez como se algumas facas a ferissem. Abraçada à barriga, gemendo de dor, ela se inclinou para frente, viu que as manchas de vinho em seu vestido tinham se transformado em sangue. Não somente suas roupas estavam embebidas em sangue, mas também as pernas e cada parte de seu corpo. Uma poça havia se formado na areia e, por um instante, Shura pensou que o sangue brotasse do chão. Mas não era a areia que sangrava, era ela. Tentou se levantar, mas não teve forças suficientes. Ficou deitada na areia onde estava. Não havia ninguém que a ajudasse. Embora a dor terrível que vinha do seu ventre houvesse cessado, ela não tinha mais nenhuma força.

Lágrimas se misturavam à areia sulcada de vermelho do sangue que ainda lhe escorria pelas pernas. Ao se dar conta de que morreria ali, Shura gritou de terror e de medo.

— Socorro! — mas sua voz morria em seus lábios novamente.

O sol poente estava se transformando em noite e nuvens negras cobriam o céu. Estava acontecendo de novo, seu passado viera para atormentá-la. Seu filho... o filho de Seyit... ela perdia novamente... Fez um último esforço para levantar a cabeça e viu a silhueta de Seyit ficando cada vez menor na praia. Era como se um príncipe branco estivesse atravessando a paisagem, desaparecendo na praia, e levasse com ele as últimas cores do pôr do sol, mas logo depois entrasse numa nuvem escura. O sol se pôs, o mundo era o mais escuro possível, era negro.

Seyit parecia ter sido arrastado para um canto daquela escuridão e na outra ponta estava ela. De repente, o som das ondas cessou. Agora, existia apenas seu ventre e o sangue que fluía por suas pernas. Shura podia sentir o cheiro pungente do sangue, que vinha com uma brisa trazendo o cheiro das algas e do sal. Ela estava no interior de um profundo buraco negro e podia sentir o corpo frio, exceto pelas pernas, aquecidas pelo sangue.

O cheiro das algas e do mar acabou naquele canto escuro do universo. Apenas o odor do sangue permaneceu. Por trás das pálpebras que estavam se fechando, ela viu Pavel agachado ao lado da cama olhando para ela. Seria este o homem de quem Grişa estava falando? Ele era como um pássaro. O som vinha das profundezas.

De repente Shura estava sendo atraída para um poço onde ouvia a voz de Pavel.

— Socorro — ela gritou com uma voz que desapareceu sem ser ouvida.

— Socorro. Salve meu bebê, socorro...

Ela queria gritar e chorar, mas não tinha como. Sua voz não saía. Seu corpo não tinha forças e ela era tragada para a escuridão. Ela estava lutando... estava morrendo, ela sabia... podia sentir isso.

Não havia mais praia nem príncipe ao seu lado. Ela não tinha nenhuma ajuda. Havia apenas o bebê que perdera e o sangue. Ela morreria naquela cama assistindo ao pôr do sol. Shura percebeu por que as cores vermelhas a deixavam triste. Sentiu o terrível fim que teria, sob as cores do pôr do sol. Ela moveu suavemente o braço e a mão e a colocou sobre a barriga onde estivera seu bebê e soluçou. Não havia dor maior do que perder um filho.

Alguém estava chamando seu nome.

— Shura, Shurochka!

Sentiu o corpo tremer. Alguém esfregava suas bochechas e a chamava para a vida:

— Shurochka, querida...

Quando Shura abriu os olhos soluçando, a luz de uma lâmpada iluminava a noite. Pavel estava ao seu lado acariciando-lhe o rosto e beijando-lhe a testa, enquanto a assistia com olhos ansiosos.

— Você teve um pesadelo, minha querida — disse ele. — Eu não conseguia te acordar.

Shura chorou e o abraçou. Os horrores do sonho que tivera, a infelicidade, sua decepção, tudo intensificado pelo sonho, ainda a acompanhava. Olhou à procura do sangue em suas pernas, pois ainda sentia as dores, como se realmente tivesse vivido aquilo. Era como se houvesse grãos de areia sob seus pés. Como se o Mediterrâneo estivesse ali e o vento estivesse em seu rosto. Ela sentia como se Seyit, de fato, tivesse acabado de sair dali. Ela estava em sua casa, no quarto e nos braços de Pavel. Percebeu que tinha tido um estranho pesadelo.

Shura, os olhos cheios de lágrimas, olhou para o rosto de Pavel e ele era diferente do Pavel de seu sonho. Ali havia amor, ansiedade e proteção, mas no sonho havia quase um desprezo. No sonho, não houve toque de pele nem declaração de amor.

Nenhuma afinidade visual e sensual. No sonho, ela ainda estava chorando por Seyit.

— Shhh — disse Pavel. — Shhh... foi um pesadelo, acabou, querida. Estou com você agora...

Shura, com o rosto no peito do amante, apenas chorava.

— Por que se desculpou comigo no sonho? — ele perguntou. Pavel abraçou Shura ainda mais apertado. Ele beijava sua testa e seus olhos. Pavel beijou o rosto de Shura, deslizando para seus lábios, secando suas lágrimas com beijos. Ele a puxou para seu colo e a abraçou com ainda mais força. Era como se quisesse salvar Shura de seu terrível sonho.

Shura se deixou levar pelas emoções. Seyit não era mais real, a própria praia, como ela sonhara, havia mudado. Pavel estava ali, bem ao lado dela. Estava segura. Ele era tão forte, tão amoroso e apaixonado! Seria estúpido questionar o que o pesadelo significa, pensou Shura. Fora apenas um sonho. O sonho de uma mulher emocional, cujo passado guardava seus segredos, que volta e meia vinha atormentá-la. Shura pensava que havia superado o passado, mas ela sabia que não era assim tão fácil. Sua história, sua jornada, a perda do filho quando chegara a Paris. O filho dela e de Seyit, o fruto da última noite de amor deles. Ela sabia que era dele, o sonho viera para confirmar isso.

Pavel continuou acariciando-a. Shura ainda estava no vácuo em algum lugar entre o sonho e a realidade. Pavel a olhava e sentia que não queria perder essa mulher linda. Ele estava pronto. Queria que ela ficasse em sua vida para sempre.

Shura, que ainda estava em silêncio, volta e meio soluçava. Pavel, com amor, abraçou seu corpo delicado e a consolou, com a cabeça nas ondas de seus cabelos. Ele sussurrou no ouvido dela:

— Case comigo... case comigo...

Shura afastou o rosto e olhou para ele, assustada.

— Meu Deus! Como você é linda! — disse Pavel. O sonho mais terrível havia se transformado. Enquanto falava, o jovem acariciava seu rosto, seus cabelos. Shura realmente se sentia cansada, como se tivesse vivido cada cena daquele sonho terrível. Ela sabia que o pesadelo tinha deixado marcas em seu rosto e nos olhos, que não deveria estar em seus melhores dias, mesmo assim Pavel olhava para ela com amor, como se uma emoção oculta e ilimitada o levasse a pedi-la em casamento. Ele tocou em seu rosto mais uma vez e olhando nos olhos dela, repetiu o pedido:

— Diga sim — pediu.

— Sim, vou me casar com você — respondeu Shura.

O bebê havia desaparecido de sua existência, o cheiro de sangue, os grãos de areia, a solidão, a frieza e o desamparo. Não havia mais trevas, lembranças de fadiga, nada mais. Shura deixou aquela praia que nunca conheceu e se lançou a uma nova jornada. Havia um horizonte à sua frente. Que tipo de realidade seria essa vida, ela não sabia, mas jurou que seria feliz, até que a infelicidade chegasse e a atingisse.

Um novo tempo estava começando. Ela abraçou o pescoço de Pavel e sussurrou mais uma vez, olhando em seus olhos apaixonados:

— Sim, sim, sim...

Ao mesmo tempo...

O príncipe Felix Yusupov estava em sua famosa Boulogne-sur-Paris de Paris, na região do Sena, na casa da Rue de la Tourelle. Escrevia suas memórias na sala de estudo. À luz da lâmpada, sua escrita elaborada parecia uma obra de arte estampada com tinta em papel branco. Ele registrava o que se passara às onze horas da

noite na distante Rússia. “Tudo parecia calmo no porão subterrâneo, bem iluminado e confortável. O local tinha perdido sua expressão pessimista e o bolo e os doces favoritos de Rasputin estavam em cima da mesa. O samovar estava rodeado de pratos. Numa bancada lateral, vários tipos de bebidas e copos estavam à espera. Penduradas no teto, lanternas antigas de vidro colorido estavam acesas; nas janelas, os pesados tecidos de seda vermelha estavam abaixados. Na lareira, um pedaço enorme de madeira estava queimando. O lugar era isolado e o que acontecer ficará enterrado nessas grossas paredes.

Bateram à porta. Os que vieram foram Dimitri e meus outros amigos. Levei-os para a sala de jantar. Por um tempo, eles observaram silenciosamente o lugar onde Rasputin se encontraria com seu último instante de vida. Peguei a caixa com veneno do armário de ébano e coloquei na parte superior. O doutor Lazovert usava luvas de borracha e esmagou os cristais de cianeto de potássio. Então, levantando a parte superior de cada bolo, aspergia o veneno que disse que era suficiente para matar todos nós. Estávamos assistindo a isso com entusiasmo. Não coloquei o veneno nos copos até o último minuto para que não perdesse o efeito. Quando tudo ficou pronto, coloquei o casaco e escondi o rosto. Enrolei-me em uma capa de pele que cobria meus ouvidos. O doutor Lazovert, vestido com o uniforme de motorista, dirigiu o carro.

Quando chegamos à casa de Rasputin, ele parou para me deixar sair do carro. Subi as escadas de trás e alcancei o círculo sem acender a luz. Quando encontrei a aldrava pelo tato, bati à porta do apartamento. O som foi ouvido. Ouvi Rasputin andando pelo corredor. Comecei a tremer:

— Grigory Efimovich — chamei. Vim por você.

O ferro pesado da porta foi puxado. Fiquei muito inquieto...”

Por outro lado, em algum lugar de Paris, Maria Rasputin também escrevia suas memórias:

“A mãe russa era um barril de pólvora e todas as pessoas, aristocratas, camponeses, aqueles que não eram fãs do czar Nicholas estavam todos neste barril de pólvora. Ainda assim, na noite de 16 de dezembro de 1916, um sentimento de desastre pairava pelo ar. As ruas vazias estavam silenciosas, mas uma enorme limusine preta tinha quebrado o silêncio da noite e parado em frente à casa de meu pai. Em um dos bancos traseiros, uma silhueta foi vista. A gola do casaco de pele estava alta e era impossível reconhecer seu rosto. Um chapéu de pele estava sobre as orelhas. Tive uma sensação desagradável. Era assim toda vez que eu via algo semelhante, a sensação de que um demônio do gelo viria me abraçar. Um homem bateu à porta. Ouvi o discurso deles sem me preocupar. Era o príncipe Felix Yusupov. Eu o achava delicado e bonito e confiava nele. Naquela noite, ele usava roupas de noite muito elegantes, visíveis sob seu lindo casaco. Meu pai disse: ‘Felix, como você pode ver, estou muito cansado. Fiquei doente por um tempo. Isso tem que acontecer hoje à noite? Não pode esperar?’

‘Não, ela não pode esperar. A princesa Irina sofre de uma daquelas dores de cabeça terríveis e não suporta a dor’, disse o príncipe. ‘Você não pode poupar suas forças e minha esposa sofrer, não é? Se me ama, deixe-me levá-lo até ela’.

Maria Rasputin parou por um momento. Era tão claro, tão vívido... Ela se lembrou do que seu pai havia dito pela última vez e

isso doía. O pai estava se preparando para sair e entrou no quarto dela para se despedir. Ela havia implorado ao pai e as lembranças eram nítidas, como se tudo tivesse se passado ontem:

“Pai, pai... não vá. Não quero ficar sozinha”. Eu não conseguia colocar a suposição fria em minhas palavras. Não consegui falar de meus medos. Como eu poderia colocar meus medos, minha intuição de que alguma coisa não estava bem em palavras? Era apenas uma certeza em minhas emoções. Como eu podia falar com confiança quando se tratava de um sentimento? Mas meu pai entendeu o que se passava em meu coração. Ele respondeu: ‘Se for um sentimento da parte de Deus, nenhum mal me acontecerá’. Ele passou o braço em volta dos meus ombros e me levou de volta para a cama, me segurou contra seu peito e me beijou. Senti aquele profundo amor de pai pela última vez. Fiquei tão impressionada com a gentileza que ele mostrou naquele dia... Percebi que o amava mais do que imaginava. Foi um momento em que lágrimas caíram das minhas bochechas. Mas ele me beijou mais uma vez e limpou meu rosto com as pontas dos dedos.

‘Não tenha medo, Marochka’, disse ele. ‘Sem a permissão de Deus nada acontece’.

O carro partiu da calçada onde havia parado e desapareceu rapidamente do outro lado do rio.

‘Oh papai’, rezei, murmurando, ‘volte para mim’.

Esperei muito tempo, mas infelizmente ele nunca mais voltou. Minha mente estava girando em um vórtice e eu não conseguia mais pensar em nada transparente, a não ser quando o momento chegou e eu gritei: ‘Adeus, papai’.

A jovem terminou as anotações das lembranças daquela noite com soluços silenciosos.

***

Lucia Davidova estava sentada na sala de estudo e escrevia uma carta para Igor Stravinsky. Ela ainda era chamada de esposa de Kappa, embora seu marido tivesse uma amante e todos soubessem disso. Por quanto tempo o embate continuaria?

Ela não sabia. Talvez já tivesse terminado e Kappa ainda não tivera coragem de lhe dizer. Mas ela não seria a pobre mulher que foi abandonada. Não, isso ela não poderia ser. Se essa tragédia ocorresse, ela não sabia o que faria da vida. Ou sabia?

Lucia levava uma vida de aparência, mas fizera seus planos. Usaria seu próprio conhecimento intelectual, seu relacionamento com os ricos, com os artistas e os gênios da arte e criaria o seu próprio negócio. Então poderia se separar de Kappa. Ela faria isso.

***

Tatyana estava sentada em sua casa em Nice. Tentava terminar um vestido de seda que tinha nas mãos. Estava costurando e pensando no futuro de Katya. Há quanto tempo não tinham notícias? Eles continuavam com os preparativos à espera de que houvesse a tal oportunidade. Mas quando essa tal oportunidade surgiria? Que tipo de atrativo haveria para ela naquele casebre? Ela não conversava sobre isso com as outras pessoas da casa. Eles ainda não tinham separado sua casa da de Vladimir e Margarita.

Dividiam todas as despesas. Quando Katya chegasse, pensava em preparar um espaço para ela dormir no canto de costura. Poderia separá-lo com uma cortina. Eles também tinham um pequeno escritório e a pobre Katya também poderia ficar lá. Quando ela saísse da Rússia eles teriam que ajustar suas vidas. Mas ela sairia da Rússia? Quando?

Com a agulha na mão, Tatyana pensava na chegada da filha. Ao contrário da linha e da seda que tomavam forma em um vestido, todas as perguntas em sua mente ficavam sem resposta. De repente, ela sentiu uma forte dor na têmpora. Retirou a agulha e deixou o tecido cair em seus joelhos. De repente, tudo à sua volta ficou embaçado, como se uma névoa cobrisse tudo. Esfregou os olhos, mas nada mudou. Talvez ela se recuperasse se levantasse e lavasse o rosto. Seus olhos deveriam estar cansados. Colocou a agulha no tecido, apoiou-se na mesa de café e fez força para se levantar. Novamente sentiu uma dor terrível na cabeça e caiu no sofá. Era uma dor que ela não conhecia até agora. O que estava acontecendo? Não conseguia pensar, não podia raciocinar, não conseguia se levantar. A dor estava desaparecendo ou ela estava morrendo? Não sentia mais as mãos e não sentia mais os pés.

— Cola — gritou.

— Cola, socorro — ela foi arrastada para um vazio profundo.

***

Nicholas viu que os limpadores não conseguiam dar conta de tanta água que caía no para-brisas do táxi. Ele havia deixado um passageiro no Hotel Negresco e estava indo buscar outro para levá-

lo para casa. Estava sendo o mais cauteloso possível, mas mesmo com cautela, não estava enxergando nada. Tinha que parar. Seu cliente ficaria furioso, pois o estava esperando. Mas o que ele poderia fazer? Brigar com a natureza?

Lentamente, parou o táxi na primeira vaga que encontrou e desligou a ignição. Pegou o cigarro e fumou. Enquanto tragava e jogava a fumaça para trás, tentou se lembrar dos temporais em Kislovodsk. Tudo havia acontecido há muito tempo e era como se nunca tivesse acontecido. Era como se fosse a vida de outra pessoa.

Ele pensou em sua filha. Eles não a reconheceriam quando a viessem. E ela olharia para eles dois e seriam estranhos para ela também. De repente, assustou-se com aquela realidade. Quão doloroso seria para ela viver com estranhos! Será que eles seriam capazes de fechar aquela lacuna? Talvez a chegada de Katya não lhes trouxesse felicidade. Quem Sabe? Perguntas, perguntas e uma dor profunda e uma gota de lágrima caindo de seus olhos.

Pela primeira vez em muito tempo, Tatyana e Vola, marido e mulher, estavam passando algum tempo sozinhos. Vola quis fazer uma agradável surpresa para a esposa. Eles tinham saído para um fim de semana num modesto lugar. Estavam tomando bebidas em um bar de hotel, com o sentimento romântico de poder viver a vida em meio à multidão. Pareciam ter voltado aos velhos tempos e o amor se lia em seus olhos.

***

Ykaterina Nicholaevna tinha escrito uma carta para cada um de seus filhos para serem enviadas para o endereço de Valentine. Mas de alguma maneira ela não podia dobrá-las e colocá-las nos envelopes. Lia uma por uma repetidamente, procurando nelas algum motivo que pudesse incriminá-la ou inculpar Nina, Katya e seus filhos. De fato, todos eles, os bolcheviques, estavam interessados em saber onde seus filhos estavam para capturá-los. Ela não conseguia encontrar nada que pudesse delatá-los, até porque ela mesma não sabia de seus paradeiros e, com exceção de alguns detalhes pessoais, não havia nada comprometedor nas cartas. Já não havia nada mais a dizer e ela se perguntou por que não envelopava as cartas e ia dormir? Tinha medo de saber o que eles estavam vivendo, o que estava acontecendo, teve que admitir aquilo para si mesma. Não saber era menos dolorido do que ter certeza.

Ela estava aterrorizada. Como as pessoas pecam em ressuscitar o anonimato... Pensou. Era aterrorizante que todo mundo vivesse como um inseto em sua concha. Todo mundo sentia falta de alguém, ausência, centenas de milhares de pessoas de pele e osso sentiam o mesmo que ela. Ela sentia o coração partido e com a articulação doendo fez um esforço para se mover do lugar. As primeiras luzes da manhã já despontavam no horizonte, uma manhã escura e gelada, em que a neve caía e se acumulava em todos os recantos.

Ela não tinha fogão, então como fazer pão?

Poderia escrever dizendo que os estava esperando? Que Katya precisava de seus pais? Que brincava alinhando pequenos soldados de chumbo? Que achava o comunismo normal? Poderia

contar que estava louvando Lênin e Stalin? Pois era isso que aprendia na escola, a adorar o comunismo. Poderia escrever isso? Obviamente que não. Ykaterina Nicholaevna sentia como se estivesse traindo seus filhos. Mas o que ela poderia fazer? Como poderia lutar contra um sistema? Eles lhe tomariam Katya e a levariam para um orfanato se ela ousasse falar mal de Lênin. Ah, sua neta tinha aprendido a cantar músicas a favor de Lênin, do comunismo, e ainda as ensinava para Nina.

Além da censura por que sua carta passaria, ela, a filha e Katya estavam desamparadas e longe de todos e ela não gostaria que Cola e Tatyana ficassem chateados. Mas não conseguiu fechar a carta.

No momento, parecia que eles estavam todos sentados a sua frente conversando com ela.

— Ah! Minha querida Tinosya... meu bebê Shurochka e meu querido Cola... meu querido Vola... e meu querido Pola... meus queridos...

Ela não poderia enviar aquelas cartas.

***

Valentine, depois de cumprir seu horário no Rejans em Istambul, voltou para sua casa, pensando em seus entes queridos que estavam longe. Como gostaria de escrever para cada um deles e também receber suas cartas... Tinha acontecido tantas coisas que ela queria contar para eles... a surpresa de Leningrado, a carta da mãe de Konstantin, a carta de consentimento de Sergei, que partira seu coração e a fizera chorar. Aquela carta foi como uma pomada

em sua ferida. Anna Clodt Von Jurgenzburg havia escrito para ela. Tina suspirou ao se lembrar do que sua sogra lhe escrevera:

“Eu ainda te amo e me lembrarei de você ternamente, Valentine. Saúdo você e seu marido em meu coração que te ama. Desejo que sejam felizes e que tenham longos anos de saúde, amor, paz, alegria e amizade. Minha querida Valentine, eu abençoo sua escolha para uma nova vida”.

Aquela carta fora um bálsamo para Valentine, tendo em vista a primeira carta desrespeitosa de Sergei, em resposta à qual replicou que não entendia as palavras do cunhado e que estava muito surpresa ao ler que Kostya poderia estar vivo. Se isso era verdade, por que ele nunca escreveu para seu irmão? Por que nunca escreveu para sua mãe? Para ela? Havia tantas pessoas de sua família para quem poderia ter escrito se estivesse vivo, mas Kostya estava... ele estava... ele tinha atravessado para o outro lado e nunca mais ela o veria.

Valentine tinha decidido não se aborrecer por causa da carta de Seryoja. Ela viveria confortavelmente com seu esposo, que lhe dava amor e compreensão...

“Querido bebê, eu te abraço e beijo três vezes”, pensou ela ao se lembrar de como Alexandre a tratava. Coisas que a perturbavam deveriam ficar longe deles. Valentine sentiu que havia sido liberta da culpa. Levantou-se, abraçou o pescoço do marido e o beijou.

***

Shura vivia uma vida tranquila entre os braços de Pavel. Há quanto tempo ela não sentia tanta paz? Estar amparada no calor de

um amor, ter uma vida tranquila com um homem que fazia com que ela se sentisse bem era um sonho. Ela estava gostando de sua nova existência.

Até pensou em resistir a se entregar tanto, tentou se manter afastada, mas foi subitamente capturada e se rendeu a Pavel. Não podia reclamar da surpresa e da felicidade sem espera que a vida estava lhe dando. Mas ainda assim isso não seria suficiente para conectá-la a Paris. Havia também um sentimento de não pertencimento àquela cidade. Ela iria se casar com Pavel, ele queria se casar com ela, mas uma voz interior sempre lhe sussurrava a mesma coisa sobre o futuro.

“Você não está permanente aqui! Paris não é sua cidade. Você não será parisiense. Você voltará ao mar de novo, estará aberta à novas terras, vai viajar para novos países. Paris é apenas outra parada intermediária, uma ligação entre você e o tempo”.

Quase o fim...

CONCLUSÃO

Shura engravidou de Pavel e teve um aborto espontâneo. Ficou internada por dois meses e quase morreu. Depois que recuperou a saúde, quis se separar de Pavel e decidiu que era a hora de se mudar para a América. Foi nessa ocasião que escreveu a seguinte carta para Seyit:

“Querido Seyit,

Não sei se minha carta vai encontrar você. Vou tentar, de qualquer forma.

Ouvi das últimas pessoas que chegaram aqui em Paris que você ainda está em Istambul. Há tantos russos brancos em Paris que, às vezes, penso que vejo você em um deles.

Logo depois que cheguei aqui tive um bebê, porém morto. Fiquei muito doente. Mas estou bem agora. Separei-me do meu marido. Sinto que não há mais nada para me conectar aqui em Paris. Inscrevi-me no escritório de imigração para ir para a América. Estou à espera de novidades.

Seyit, eu sei, já faz muito tempo, mas sinto que ainda podemos fazer isso. Se quiser começar uma nova vida, esperarei por você. Acho que estarei em Paris por mais dois meses. Se você vier, meu endereço novo poderá ser obtido no escritório de imigração russo em Nova York, pois não sei para onde estou indo agora.

Sinto tanto sua falta, Seyit...

Sua Shura, que o ama”.

Conforme lemos em *Kurt Seyit & Murka*, Seyit não respondeu a carta de Shura.

Shura e Pavel ficaram casados por dois anos. Não há nenhuma informação sobre a ruptura do casamento no livro, mas levando-se em conta a carta acima, é provável que ela não amasse Pavel. Sobretudo, o pesadelo descrito no último capítulo nos passa a impressão de premonição. Ela vê o futuro de Kurt Seyit, doente; vê a perda de seu filho com Pavel e sua quase morte, assim como Shura enxergou no sonho a frieza do tratamento de Pavel para com ela. No pesadelo pode estar a resposta do fim de sua união com Pavel. Shura, portanto, emigrou para os Estados Unidos. Foi recebida em Nova York por Boris, irmão de Lúcia, a socialite russa amiga de Shura que tinha um apartamento na 5ª Avenida. Boris era um típico esbanjador charmoso, que ganhava a vida dando aulas de tênis. Os dois tiveram um breve relacionamento. Em Nova York, Shura continuou a trabalhar como modelo em casas de moda e teve vários relacionamentos com homens diferentes até conhecer Franklin Aubrey Nash, o homem que tornar-se-ia seu marido, com quem se casaria muitos anos depois de chegar a Nova York e que lhe daria sua única filha. Depois de casar-se com Aubrey Nash, mudou-se para o sul da Califórnia, estabelecendo-se na comunidade de Brentwood, na cidade de Los Angeles. Sua última residência conhecida foi a cidade de Pasadena, na Califórnia, no oeste dos Estados Unidos.

Mas a vida de Shura sempre fora marcada por tragédias e grandes acontecimentos. No intervalo que precedeu seu casamento com Franklin Aubrey Nash, Shura teve alguns casos de amor, um dos quais acabou em uma grande tragédia, quando seu namorado

morreu em um acidente de Hindenburg, um dirigível (avião) construído pela empresa Luftschiffbau-Zeppelin GmbH, na Alemanha. O namorado era irmão do poeta Ogden Nash, de uma família americana muito eminente. O mais notável é que ela foi consolada pelo irmão do namorado morto, o homem com quem se casou, um empresário.

Segundo as cartas de Shura para sua irmã Valentine, Franklin Aubrey era um homem muito gentil e amoroso, que tivera seus altos e baixos nos negócios. O casal passou anos vivendo no luxo e depois houve uma queda no padrão de vida deles, após a falência de Aubrey Nash. Mas parece que eles tiveram um casamento muito amoroso. Aubrey Nash adorava Shura, mas tinha o mesmo problema de Kurt Seyit com o álcool. Ele não conseguiu parar de beber depois da morte de Shura, em 1964. Shura morreu, aos 62 anos, de câncer de pulmão. Ela era fumante. Segundo a carta de Franklin Aubrey para Valentine, Shura morreu em paz, sem dor nos últimos momentos. Franklin Aubrey Nash, dois anos mais velho que ela, morreu em 1980, aos 75 anos. Kurt Seyit, dez anos mais velho que Shura, suicidou-se em 1945, aos 52 anos.

Shura passou a maior parte da vida longe da família.

Uma matéria num jornal *The Los Angeles Times*, de 03 de março de 1958, trouxe a seguinte manchete: “*Mulher russa vê filha após 40 anos”* e traz uma imagem de Shura, e seu nome Alexandra de Vergensky Nash (de casada) ao lado de Yekaterina Nicholaevna e a filha de Shura, Sandrochka. A matéria diz que Yekaterina Nicholaevna, 92 anos, tinha vindo de Paris para Los Angeles.

Yekaterina Nicholaevna, embora tenha tentado obter a permissão dos soviéticos inúmeras vezes para sair da Rússia, desapontava-se a cada tentativa. Ela só obteria o visto quarenta anos depois de ter se separado de Shura. Katya, filha de um dos filhos de Ekaterina, o Cola, que ficou para trás com a avó quando ele e a esposa fugiram da Rússia, pensando que tal aventura seria perigosa para uma criança, recebeu permissão dos soviéticos para se juntar aos pais em Nice, na França, quando tinha 8 anos.

Tina e Alexander Alexandrovich Taskin ficaram em Istambul. Eles se apresentavam em boates e restaurantes à luz de velas; ela como pianista e ele como violinista. Alexander Taskin também era de uma família aristocrática russa. Seu padrinho foi o czar Alexandre III, pai do último czar Nicolau II. Depois que Alexandre morreu, em 1960, Tina começou a viver junto com seu “amour”, como disse a autora, Todori Negroponti, de origem grega, nascido em Istambul. Ele era um guitarrista e cantor. Eles viveram juntos por 47 anos até Valentine morrer. Após a morte dela, em 1992, Todori Negroponti deixou Istambul para se juntar ao filho em Atenas. Segundo a autora, Todori estava muito infeliz lá. Nascido e criado em Istambul por gerações, sentiu-se um completo estranho na Grécia.

Vamos aos destinos dos irmãos de Shura por parte de mãe, do casamento de Yekaterina Nicholaevna com um cidadão da linhagem do Conde Stragonof: Pola (Pentelêmona), depois da Alemanha, estabeleceu-se em Bruxelas, na Bélgica, com a esposa Eustalia (Tanya) e tiveram um filho. Nina, embora fosse uma pessoa muito lenta e ingênua, casou-se com um eletricista na Rússia, um jovem de alma muito gentil, e foi muito feliz por um tempo. Entretanto, na

Segunda Guerra Mundial, ela foi atingida por um tanque alemão e morreu. Cola (Nicholas) e Vola (Vladimir) continuaram em Nice, na França, com suas esposas. Cola teve dois filhos além de Katya. Vola teve uma filha chamada Katia. Todos os irmãos de Shura eram casados com mulheres russas brancas.

Alguns meses após a morte de Kurt Seyit, na primavera de 1945, Shura foi a Istambul. Na época, pretendia se encontrar com a mãe, que deveria receber a permissão das autoridades para deixar os soviéticos. Mas, como tantas vezes ao longo dos anos, ela foi recusada novamente. Shura se hospedou na casa de Valentine e visitou Yahya, parente de Seyit. Através de Yahya, Shura descobriu que Seyit havia cometido suicídio e fora enterrado muito recentemente. Ela ficou arrasada. Yahya entregou a ela a última carta escrita por Kurt Seyit para sua amada, no caso Shura, uma carta de um homem que iria morrer. A carta, cheia de amor e confissões, era a declaração de um homem que não tinha nada a perder:

“Shura... Meu amor… O ar que eu respiro...

Minha pequena mulher, cujo nome significa todas as coisas que eu amo.

Você é minha amante, ou foi. É minha eterna amada.

Sinto tanta falta de você, Shura, como sinto do céu da minha Crimeia, das ondas do Mar Negro... Sinto tanta falta da minha cidade natal que não quer que eu volte...

Ah, quando respiro sinto uma imensa dor!

Digo adeus a você, Shura, digo adeus à minha casa de família para a qual nunca mais voltarei. Digo adeus a todos que um dia me

pertenceram...

Meu coração começou a bater com o seu nome e vai parar de bater com o seu nome...

Estas são as últimas palavras que nunca vou enviar para você. É meu destino morrer enforcado e não em um campo de batalha. Eu era um soldado, não tinha medo da morte. Só tinha medo de perder você, Shura. Eu estava com medo porque não podia te defender... Eu só estava com medo de te machucar, meu amor...

Agora me consolo com o fato de que você mora longe do perigo. Valeria a pena viver apenas para amar você. Vou sempre amar você…"

Kurt Seyit Eminof.

Kurt Seyit não morreu enforcado, como ele possivelmente pretendia ao escrever essa carta. Uma pequena reportagem no jornal Cumhuriyet, em Istambul, datada de 25 de outubro de 1945, trazia notícias da cidade.

"Na rua Ortaköy Üçyıldız, uma pessoa chamada Seyit Gürçınar cometeu suicídio cortando os pulsos e morreu no Hospital Zükur, para onde foi removido".

Shura nunca mencionou seu amor do passado, sequer o nome de Kurt Seyit para sua família americana. A filha de Shura descobriu tudo sobre o passado da mãe através da autora Nermin Bezmen. Quando Sandrochka soube do caso de amor que sua mãe tivera com Kurt Seyit, foi exatamente isso o que ela disse: "Minha mãe e meu pai tinham um relacionamento muito amoroso e compassivo.

Mas não era um caso de amor com paixão. Agora estou muito feliz em descobrir que ela teve esse tipo de amor em sua vida, uma paixão tão forte. Estou feliz por ela”.

Shura: (1902 a 1964).

Kurt Seyit: (1893 a 1945).

Franklin Aubrey Nash: (1904 a 1980).

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2021 *by* Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Margaretha Freimann
Revisão: Paula Berinson
Ilustração da capa: Raquel Castro

B574s Bezmen, Nermin, 1954 -.
Shura / Nermin Bezmen . – Vitória, ES : Pedrazul Editora, 2021.
Título original: Şura
1. Literatura turca. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título. II. Freimann, Margaretha.
CDD – 890

Reservados todos os direitos desta tradução e produção.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da
Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
www.pedrazuleditora.com.br
www.clubedeleitorespedrazul.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

---

[1]. Cidade russa situada no Krai de Stavropol. Kislovodsk em russo significa “água amarga”. O nome é oriundo das diversas fontes naturais existentes ao redor da cidade. [N.T.]

[2]. Sergei Vasilievich Rachmaninoff (1873-1943) foi um compositor, pianista e maestro russo, um dos últimos grandes expoentes do estilo Romântico na música erudita ocidental. [N.T.]

[3]. Invenção do alemão Emil Berliner de 1888, que servia para reproduzir som gravado utilizando um disco plano. [N.T.]

[4]. A família imperial russa dos Romanov (czar Nicolau II, sua esposa a czarina Alexandra e seus cinco filhos: Olga, Tatiana, Maria, Anastásia, e Alexei) e todos aqueles que escolheram acompanhá-los no exílio, foram baleados em Ecaterimburgo, em 17 de julho de 1918. O czar e a sua família foram mortos por tropas bolcheviques lideradas por Yakov Yurovsky sob as ordens do Soviete Regional do Ural. [N.T.]

[5]. Princesa Irina Alexandrovna nasceu em Peterhof na Rússia e foi a filha mais velha e única menina nascida do grão-duque Alexandre Mikhailovich e da sua esposa Xenia Alexandrovna. Era também a única sobrinha de Nicolau II e casou-se com o príncipe Félix Yussupov, um dos assassinos de Rasputine. [N.T.]

[6]. Pele feita com pelos de cordeiro encaracolados e macios, muito apreciada como agasalho e também usada para enfeitar certas peças do vestuário. (N.T.)

[7]. Anton Pavlovitch Tchekhov foi um médico, dramaturgo e escritor russo, considerado um dos maiores contistas de todos os tempos. [N.T.]

[8]. Noites do Leste. [N.T.]

[9]. Grigori Yefimovich Rasputin, um místico russo e autoproclamado homem santo que se aproximou da família do czar Nicolau II e tornou-se uma figura politicamente influente no final do período imperial. [N.T.]

[10]. Escritor norte-americano Ernest Miller Hemingway (1899-1961), autor de várias obras famosas, entre elas *Por Quem os Sinos Dobram*, *O Sol Também se Levanta* e *Paris é Uma Festa*. [N.T.]

[11]. Serguei Pavlovich Diaguilev ou Diaghilev, também conhecido como Serge, foi um empresário artístico russo e fundador dos Ballets Russes, companhia de bailado a partir da qual muitos famosos dançarinos e coreógrafos surgiram. Nasceu em Perm, na Rússia, em 1872. De origem nobre, teve uma educação privilegiada. [N.T.]

[12]. George Balanchine, coreógrafo nascido em São Petersburgo. [N.T.]

[13]. Tamara Geva foi uma atriz russa, bailarina e coreógrafa. Foi a primeira esposa do dançarino/coreógrafo George Balanchine. Nasceu em São Petersburgo. [N.T.]

[14]. Aleksandra Dionisyevna Danilova era uma famosa bailarina russa que se tornou cidadã americana. [N.T.]

[15]. Vera de Bosset Stravinsky era uma dançarina e artista russa. Era mais conhecida como amante e, finalmente, segunda esposa do compositor russo Igor Stravinsky, que se casou com ela em 1940. [N.T.]

[16]. Igor Fiódorovitch Stravinsky foi um compositor, pianista e maestro russo, considerado por muitos um dos mais importantes e influentes do século XX. Foi o arquétipo do russo cosmopolita, escolhido pela revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes do século. [N.T.]

[17]. Primeira esposa de Igor Stravinsky. Eles eram primos, se conheciam desde a infância e foram prometidos em 1905. Apesar da oposição da Igreja Ortodoxa ao casamento entre primos em primeiro grau, eles conseguiram se casar em 23 de janeiro de 1906. Tiveram dois filhos: Fyodor e Ludmilla, em 1907 e 1908, respectivamente. [N.T.]

[18]. Pyotr Lazarevich Voykov era um revolucionário bolchevique e diplomata soviético conhecido por seu papel na execução da família Romanov. O papel exato que Voykov desempenhou nos assassinatos tem sido motivo de controvérsia. [N.T.]

[19]. Gertrude Stein foi uma escritora e poetisa estadunidense que adotara Paris como sua cidade. (N.T.)

[20]. Ivan Alekseyevich Bunin foi um escritor russo. [N.T.]

[21]. Sidney George Reilly, conhecido normalmente como “Ás dos Espiões”, era um agente secreto a serviço do governo britânico. Acredita-se que ele espionou para pelo menos quatro países. Nasceu em 1874, em Odessa, na Ucrânia, e morreu em 1925, na União Soviética. [N.T.]

[22]. Polícia secreta da União Soviética de 1923 a 1934. Seu nome oficial era “Diretoria Política Estatal Conjunta sob o Conselho dos Comissários do Povo da URSS”. [N.T.]

[23]. Fernande Olivier era uma artista e modelo francesa conhecida principalmente por ter sido a modelo do pintor Pablo Picasso e por seus relatos escritos de sua relação com ele. Picasso pintou mais de 60 retratos de Olivier. [N.T.]

[24]. Bailarino e coreógrafo russo Vaslav Nijinsky (1889-1950) revolucionou a arte no século XX. [N.T.]

[25]. Jean Maurice Eugène Clément Cocteau (1889-1963) foi um poeta, romancista, cineasta, designer, dramaturgo, ator e encenador de teatro francês. [N.T.]

[26]. Guillaume Apollinaire (1880-1918) foi um escritor e crítico de arte francês, possivelmente o mais importante ativista cultural das vanguardas do início do século XX. [N.T.]

[27].Juan Gris, pseudônimo de Juan José Victoriano González (1887-1927), foi um dos mais famosos e versáteis pintores e escultores cubistas espanhóis. [N.T.]

[28]. Paul Frederic Bowles (1910-1999) foi um escritor, compositor e viajante norte-americano. [N.T.]

[29]. Thornton Niven Wilder (1897-1975) foi um escritor estadunidense. [N.T.]

[30]. Sherwood Anderson (1876-1941) foi um escritor norte-americano, principalmente de contos. [N.T.]

[31]. Georges Braque (1882-1963) foi um pintor e escultor francês, que fundou o cubismo juntamente com Pablo Picasso. [N.T.]

[32]. Autor norte-americano (1896-1978) que escreveu *When This You See Remember Me;* Gertrude Stein in Person. [N.T.]

[33]. James Ingram Merrill (1926-1995) foi um poeta norte-americano, vencedor do Prêmio Pulitzer de Poesia. [N.T.]

[34]. Pavel Fyodorovich Tchelitchew (1898-1957) era um pintor surrealista nascido na Rússia, cenógrafo e figurinista. [N.T.]

[35]. Aleksandra Aleksandrovna Ekster foi uma pintora e designer franco-russa dos movimentos cubista e futurista. [N.T.]

[36]. Em 1913, Nijinsky casou-se com a húngara Romola de Pulszky durante uma turnê com uma empresa na América do Sul. O casamento causou um rompimento com Diaghilev, que logo demitiu Nijinsky da companhia. [N.T.]

[37]. Romola de Pulszky (nome de casada Nijinsky (1891-1978) foi uma aristocrata húngara, filha de um político e de uma atriz. [N.T.]

[38]. *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (*O Médico e o Monstro)*: *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde (O médico e o monstro*) é uma novela gótica, com elementos de ficção cientifica e terror, escrita pelo autor escocês Robert Louis Stevenson e publicada originalmente em 1886. Na narrativa, um advogado londrino chamado Gabriel John Utterson investiga estranhas ocorrências entre seu velho amigo, Dr. Henry Jekyll, e o malvado Edward Hyde. A obra é conhecida por sua representação vívida do fenômeno de múltiplas personalidades, quando em uma mesma pessoa existe tanto uma personalidade boa quanto má, ambas muito distintas uma da outra. O impacto do romance foi tal que se tornou parte do jargão inglês, com a expressão “Jekyll e Hyde” usada para indicar uma pessoa que age de forma moralmente diferente dependendo da situação. [N.T.]

[39]. Giorgio de Chirico (1888-1978) foi um pintor italiano. Fez parte do movimento chamado Pintura metafísica, considerado um precursor do Surrealismo. [N.T.]

[40]. Claudicação é o nome dado à condição física em que o fluxo de sangue, ocasionado pelo repouso excessivo nas pernas, não é normal, o que o torna insuficiente para irrigar os músculos e tecidos nas extremidades, devido a alguma obstrução em uma ou várias artérias. [N.T.]

[41]. Aquele que, tendo perdido sua nacionalidade de origem, não adquiriu outra; ou se encontra oficialmente sem pátria. (N.T.)

[42]. Livre tradução do italiano: “Ai meu querido papai. Eu gosto dele, ele é lindo, lindo. Eu quero ir para a Ponte Vecchio... Para comprar o anel! Sim, sim, quero ir para lá! E se eu a amei em vão? Eu iria para a Ponte Vecchio, mas para me jogar no Arno! Eu anseio e me atormenta! Ó Deus, eu gostaria de morrer! Pai, tenha misericórdia, tenha misericórdia! Pai, tenha misericórdia, tenha misericórdia! Estou sofrendo, estou torturado! Oh Deus, eu gostaria de morrer. Pai, tenha piedade, tenha piedade! Pai, tenha piedade, tenha piedade!” [N.T.]